

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA COMUNICAÇÃO
DOUTORADO INTERINSTITUCIONAL – UNISINOS/UFPI

REIA SÍLVIA RIOS MAGALHÃES E SILVA

**CORRIDA DE RATOS? - A INSCRIÇÃO DE DOCENTES E DISCENTES EM
PROCESSOS MIDIÁTICOS: percepções dos agentes educacionais
sobre usos e interações na produção acadêmica em redes digitais**

TESE DE DOUTORADO

SÃO LEOPOLDO – RS

2013

REIA SÍLVIA RIOS MAGALHÃES E SILVA

**CORRIDA DE RATOS? - A INSCRIÇÃO DE DOCENTES E DISCENTES EM
PROCESSOS MIDIÁTICOS: percepção dos agentes educacionais sobre usos e
interações na produção acadêmica em redes digitais**

Tese apresentada à Universidade do Vale do Rio dos Sinos, como requisito a obtenção do título de Doutora em Ciência da Comunicação no Curso de Doutorado Interinstitucional-DINTER/UNISINOS/UFPI.

Área de concentração: Processos Midiáticos

Linha de Pesquisa: Mídiação e Processos Sociais

Orientador: Prof. Dr. Jairo Ferreira

SÃO LEOPOLDO – RS

2013

REIA SILVIA RIOS MAGALHÃES E SILVA

"CORRIDA DE RATOS? - A INSCRIÇÃO DE DOCENTES E DISCENTES EM
PROCESSOS MUDIÁTICOS: percepções dos agentes educacionais sobre usos e
interações na produção acadêmica em redes digitais"

Tese apresentada como requisito parcial
para obtenção do título de Doutor, pelo
Programa de Pós-Graduação em
Ciências da Comunicação da
Universidade do Vale do Rio dos Sinos -
UNISINOS.

Aprovada em 13 de janeiro de 2014

BANCA EXAMINADORA




Prof. Dr. Eduardo Andres Vizer – UFSM



Prof. Dr. Ricardo Zimmermann Fiegenbaum – UFPEL



Prof. Dra. Christa Berger – UNISINOS



Prof. Dr. José Luiz Braga – UNISINOS



Prof. Dr. Jairo Getúlio Ferreira – UNISINOS

FICHA CATALOGRÁFICA

Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí
Biblioteca Comunitária Jornalista Carlos Castello Branco

S586c Silva, Reia Sílvia Rios Magalhães e.
Corrida de ratos? – a inscrição de docentes e discentes em processos midiáticos : percepções de agentes educacionais sobre usos e interações na produção acadêmica em redes digitais / Reia Sílvia Rios Magalhães e Silva. – 2013.
214 f.

Tese (Doutorado) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, 2013.

“Orientador: Prof. Dr. Jairo Ferreira”.

1. Tecnologias. 2. Miatização. 3. Internet. 4. Mídia.
I. Título.

CDD 004

Catálogo na Publicação:
Bibliotecária: Francisca das Chagas Dias Leite - CRB 3/1004

Aos meus ascendentes: meu querido pai, Joaquim Magalhães, homem culto e inteligente por quem sou totalmente apaixonada e a minha querida e saudosa mãe, Alzira – que, na sua simplicidade, me ensinou com sabedoria a importância da educação formal, lutando com toda garra e dedicação para oferecer aos nove filhos essa oportunidade.

Aos meus descendentes: filhos, Acácio Jr, Anne e Aianna e netas, Pietra e Pilar –. Amor incondicional a me estimular.

Aos meus parentes em linha colateral: tios, sobrinhos, primos e, em especial, as minhas seis irmãs, Maria do Socorro, Zízima, Isabel, Glória, Mary e Fernanda – fiéis companheiras, amor verdadeiro, sempre por perto, prontas para me ajudar e aos meus dois irmãos, Joaquim e Robert, também sempre a postos.

Aos meus aderentes: alunos, ex-alunos, colegas e amigos que a vida me deu – de quem recebi apoio, incentivo, solidariedade e palavras de carinho. E a ele, para sempre.

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador, Prof. Dr. Jairo Ferreira, agradeço pela orientação às vezes dura, mas segura, às vezes perturbadora, mas sem deixar de aquietar, às vezes amuada, mas animada, prazenteira. Foi nesse movimento que aprendi, cresci e me tornei menos ansiosa. Em alguns momentos precisei de coragem para enfrentar os desafios... Mas em vez de olhar adiante com medo, olhei para cima com esperança. E sabe de uma coisa? Deu Certo! Obrigada, meu mestre!

As Instituições de Ensino Superior, UFPI e UNISINOS, por fomentar o doutorado. Sem esse apoio tudo seria impossível!

Aos Coordenadores do DINTER/UNISINOS-UFPI, Profa. Dra. Christa Berger (UNISINOS) e Prof. Dr. Gustavo Said (UFPI) pela forma atenciosa, competente e amiga com que conduziram as atividades ao longo do processo. Vocês foram admiráveis!

Aos demais professores do DINTER, especialmente, Efendy Maldonado, Fausto Neto, Fabrício Silveira, Ronaldo Henn, Denise Cogo, Jiani Bonin, Beatriz Marocco e Susana Kilpp, por terem despertado em mim, além da gratidão, um grande respeito pela postura culta, humilde, alegre, e dedicação acadêmica demonstrada. Foi bom conhecer, conviver e aprender com vocês!

A Profa. Dra. Maria do Socorro Rios Magalhães pela forma solícita, minuciosa e competente que fez as correções gramaticais e a revisão geral deste trabalho. Valiosa contribuição!

Ao Acácio Veras, pai dos meus filhos e avô das minhas netas, pela gentileza de me ajudar na elaboração dos gráficos e ao meu adorado sobrinho Rafael Magalhães, que gentilmente fez o Abstract. Para vocês, meu reconhecimento sempre!

A amiga Vera Aguiar e a sua filha Laísa, agradeço de forma especial pela carinhosa acolhida nessas idas e vindas entre Porto Alegre e Teresina. Amparo fundamental!

A Deus pela força que me deu para enfrentar os diversos problemas de ordem pessoal que a vida me impôs exatamente durante esse tempo difícil do doutorado. Ainda que as dificuldades me afetassem, Ele me deu o conforto de sua presença, não permitindo que eu perdesse a esperança e a coragem para seguir em frente, com destino ao meu sonho.

Aos meus familiares por me apoiar, me entender, incentivar e, principalmente, por ser parte fundamental da minha vida, da minha história. Agradeço de modo especial a Maria do Socorro Rios Magalhães, minha grande inspiradora – e Zízima Rios Magalhães, minha protetora, mais do que irmãs, elas sempre me trataram como filha. E também a minha querida irmãzinha caçula, Fernanda Rios Magalhães, pela preocupação de pagar para mim um curso de inglês, só para eu pudesse realizar com sucesso meu exame de proficiência. Família, meu porto seguro!

As professoras do Departamento de Serviço Social da UFPI e aos alunos que, embora ocupados, cheios de atividades, gentilmente anuíram participar desta pesquisa. As percepções de vocês foram imprescindíveis na concretização desta tese!

Ao César Moura Fé, que estive comigo em muitas horas difíceis dessa trajetória e, com compreensão, firmemente segurou minha mão, me acompanhou, me encorajou, me incentivou, torcendo e vibrando na superação de cada obstáculo. Valeu, e para sempre valerá!

Enfim, agradeço aos meus queridos companheiros de jornada, cada um de vocês, Arnaldo, Ana Beatriz, André, Achillys, Iônio, Monalisa, Nilsângela, de alguma forma, ampliaram horizontes de solidariedade, me abriram caminhos, me confrontaram com as minhas limitações, imperfeições e a necessidade de pensar, questionar, argumentar, inventar, reinventar, lutar. De modo especial, Lívia e Marta, pela intensa e sadia convivência, pelos momentos de cumplicidade, estudo, tensão, angústia, diversão, alegria, choros e gargalhadas. Foi, assim, amigas, exercitando o dom da partilha, que construímos verdadeiras parcerias!

Ah, agradeço também a vocês amigos, recentes e aos mais antigos, que, de uma forma ou de outra, participaram dessa trajetória rumo ao meu aprendizado e a minha formação acadêmica, cujos nomes não puderam ser aqui indicados.

*Saber seguir,
junto com outros sendo
e noutros se prolongando
e construir o encontro
com as águas grandes
do oceano sem fim.
Mudar em movimento,
mas sem deixar de ser
o mesmo ser que muda.*

(Thiago de Melo)

RESUMO

Este trabalho, que tem como fio condutor as tecnologias e o processo de midiaticização da sociedade contemporânea, busca cruzar as concepções teóricas sobre o ambiente das tecnologias para a construção do social com as percepções de docentes e discentes, participantes de grupos e núcleos de pesquisa do Curso de Serviço Social da Universidade Federal do Piauí - UFPI, acerca dos usos, interações (inscrição) com dispositivos midiáticos e contextos para inferir sobre as práticas desses agentes educacionais com a Internet na produção acadêmica. As tecnologias da atual sociedade, dentre as quais, a Internet, permeadas por dinâmicas variadas, se fazem presentes em todos os setores da vida humana, impondo mudanças na sociedade, na cultura, na política, na economia, enfim, nas atividades mais simples do cotidiano. No campo da educação, a exemplo dos demais, a cultura midiática se mostra com evidência, suscitando novas alternativas de ensino, de pesquisa, ampliando as possibilidades interacionais. Em virtude do seu caráter de interface, o presente estudo fundamenta-se tanto nas concepções de teóricos da comunicação, como nas concepções de teóricos da educação. Recorre-se a respeitados autores brasileiros, como Braga (2002, 2006, 2007, 2008), Fausto Neto (2006), Ferreira (2006, 2010a, 2010b), – bem como a autores estrangeiros, tais como o teórico francês, Miège (2009), Levy (1999, 2000), Lahire (2002), Silverstone (2002), Castells (2003) e outros autores que fazem da temática, objeto de estudo e de reflexão. Foram evocados também autores, como Moran (2000, 2012), Ramal (2002), Nascimento (2003) e outros que, embora voltados para a educação, estão preocupados com as novas configurações midiáticas e suas implicações na educação e na construção do conhecimento. A partir dos dados, coletados por meio de entrevista semiestruturada, da técnica da observação e do questionário semiaberto, foi possível inferir que a Internet, em particular, na sua evolução, traz novos e instigantes desafios, ganhando força entre os agentes educacionais, que passam a viver num novo ambiente vigorizado por um ininterrupto e interativo fluxo comunicacional, o que, por consequência, impele a inscrição desses agentes nos processos midiáticos. Entretanto, a ocorrência de transformações das práticas está vinculada ao modo de inscrição desses agentes nos processos midiáticos, ou seja, nos modos de usos e interações com a internet na produção acadêmica. Nesse sentido, a “reificação tecnológica”, que é a percepção das tecnologias como um amontoado de recursos técnicos, isolados, descontínuos, sem relação com a realidade social, impede os agentes de alcançar novas perspectivas de práticas. Por isso, docentes e discentes precisam estar abertos à incorporação dessa nova realidade. O uso das tecnologias na educação e na pesquisa exige competências, tanto prática, para o manuseio da ferramenta em si, como teórica, para integrar harmoniosamente essas técnicas às atividades de ensinar, de aprender e produzir conhecimento. Assim, verificamos que em qualquer circunstância, devemos evitar a alienação e a reificação tecnológica. Da mesma forma que potencializa, a Internet paralisa. As informações que disponibiliza, nem sempre, trazem respostas convincentes às demandas e anseios dos agentes educacionais.

PALAVRAS-CHAVE: Tecnologias. Midiaticização. Internet. Usos. Interações.

SUBMISSION OF TEACHERS AND STUDENTS IM MEDIA PROCESSES:
perceptions of educational agents on contexts, uses and interactions in academic
research on digital networks

ABSTRACT

Having as thread the technologies and the mediatization process of contemporary society, it was attempted to cross the theoretical conceptions of technological environment for the construction of the society with the perceptions of teachers and students who participate of research center groups of the Social Work Course of the Federal University of Piauí - UFPI , about the uses, interactions (registration) with media devices and contexts to infer about the educational practices of these agents with the Internet in academic production. The technologies of today's society , among which the Internet, permeated by varied dynamics, are present in all sectors of human life , imposing changes in society , culture, politics, economics , finally , in the simplest activities of everyday. In education, like the other fields, the midiatic culture is shown in a evident way, raising new alternatives for teaching, research, expanding the possibilities of interaction. By virtue of its interface character, the study is based both on theoretical concepts of communication, as well as in educational theorists. Respected Brazilian authors such as Braga (2002, 2005, 2006, 2008), Fausto Neto (2006), Ferreira (2006, 2010a, 2010b) were taken in consideration- as well as foreign ones, such as the French theorist, Mi ge (2009) , Levy (1999, 2000), Lahire (2002), Silverstone (2002), Castells (2003) and other authors that make the theme an object of study and reflection. Moran (2002, 2012), Branch (2002), Birth (2003), and others that, although focused on education, they are also concerned about the new media settings and their implications in education and knowledge building. From the data collected through semi-structured interviews, the technique of observation and semi-open questionnaire, it was possible to infer that the internet, in particular, in its evolution, brings up new and exciting challenges and it becomes stronger among educational agents, who start to live in a new endless and interactive communicative flow, which consequently drives the registration of these agents into the media processes. However, the occurrence of transformations of practices is linked to the manner of these agents application in media processes, ie, ways of uses and interactions with the internet in the academic production. In this sense, the "technological reification", which is the perception of technology as a heap of technical resources, isolated, discontinuous, unrelated to social reality, prevents agents to achieve new practice perspectives. Therefore, teachers and students need to be open to incorporate this new reality. The usage of technology in education and research requires skills, both practical for handling the tool itself, as theoretical, to seamlessly integrate these techniques to the activities of teaching, learning and producing knowledge. Thus, it is possible to assert that in all circumstances, alienation and technological reification should be avoided. The information it provides, not always, brings up convincing answers to the demands and desires of educational agents

KEYWORDS: Technologies. Mediatization. Internet. Uses. Interactions.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

	Pág.
GRÁFICO 1 - Conceito de Mídiação na Perspectiva de Véron.....	66
GRÁFICO 2 - Relações Possíveis para o Estudo da Mídiação.....	70
GRÁFICO 3 - Conexões, Engrenagens e Desdobramentos dos Processos midiáticos.....	72
GRÁFICO 4 - Processo de Mídiação da Produção Acadêmica.....	88
GRÁFICO 5 - Esquema Simplificado de Interpretação do Método de Pesquisa Empregado.....	93
QUADRO 1- Núcleos e Grupos de Pesquisa. Ativos no Departamento de Serviço Social da Universidade Federal do Piauí.....	110
FIGURA 1 - Situação de Exclusão Digital no Brasil.....	125
GRÁFICO 6 - Intensidade de Uso de Uso da Internet na Produção Acadêmica.....	145
GRÁFICO 7 - Habilidades/Inabilidades para o Uso da Internet na Produção Acadêmica.....	146

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BC – Biblioteca Central

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CCA – Centro de Ciências Agrárias

CCE – Centro de Ciências da Educação

CCHL – Centro de Ciências Humanas e Letras

CCN – Centro de Ciências da Natureza

CCS – Centro de Ciências da Saúde

CD – Conselho Departamental

CERN – Centro Europeu de Pesquisas Nucleares

CGP – Coordenadoria Geral de Pesquisa -

CNPq – Conselho Nacional de Pesquisa

CT – Centro de Tecnologia

DSS – Departamento de Serviço Social

EMBRATEL – Empresa Brasileira de Telecomunicações S.A

FGV – Fundação Getúlio Vargas

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

ICV – Programa de Iniciação Científica Voluntária

IES – Instituição de Ensino Superior

INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação

NTI – Núcleo de Tecnologia da Informação

MEC – Ministério da Educação e Cultura

MCT – Ministério de Ciência e Tecnologia

PIBIC – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica

PIBITI- Programa Institucional de Bolsas de Iniciação em Desenvolvimento Tecnológico e Inovação

PINTEC – Pesquisa de Inovação Tecnológica

PRAD – Pró - Reitoria de Administração

PRAEC – Pró - Reitoria de Assuntos Estudantis e Comunitários

PREG – Pró- Reitoria de Ensino de Graduação

PREX – Pró - Reitoria de Extensão – PREX

PROPLAN – Pró- Reitoria de Planejamento e Orçamento – PROPLAN

PRPPG – Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação

RNP – Rede Nacional de Pesquisa

SS – Serviço Social

SIGAA – Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas

SIGRH -- Sistema Integrado de Gestão de Recursos Humanos

SIPAC – Sistema Integrado de Patrimônio, Administração e Contrato

TCLE – Termo de Consentimento Livre Esclarecido

TCP/IP – Transmission Control Protocol – Protocolo de Controle de Transmissão) e o IP - Internet Protocol

TIC – Tecnologia de Informação e Comunicação

UF – Unidade Federativa

UFES – Universidade Federal do Espírito Santo

UFPI – Universidade Federal do Piauí

UFRN – Universidade Federal do Rio Grande do Norte

UIT – União Internacional de Comunicação

UNISINOS – Universidade do Vale do Rio dos Sinos

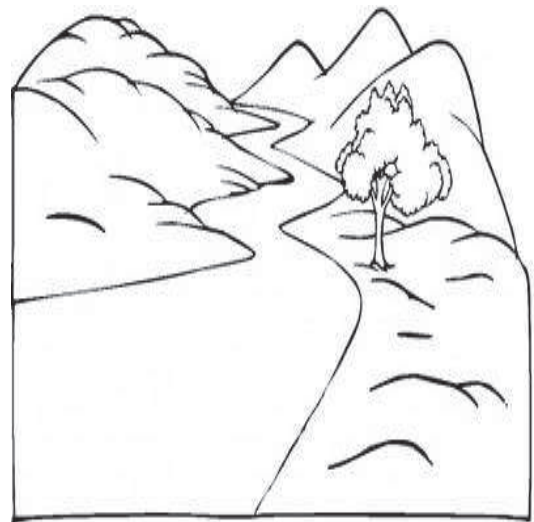
SUMÁRIO

	Pág.
CAPÍTULO I- CONSIDERAÇÕES INICIAIS: encaminhamento da pesquisa.....	15
1.1 Questões e Proposições.....	16
1.2 Estrutura do Texto.....	24
CAPÍTULO II- CONSIDERAÇÕES BÁSICAS SOBRE USOS E INTERAÇÕES DOS SUJEITOS COM A INTERNET NA REALIDADE EDUCACIONAL: situações que permearam a construção do objeto.....	27
2.1 Usos e Interações com a Internet no espaço da educação: o estado da arte.....	28
2.2 Internet: da origem do dispositivo técnico à construção de um novo dispositivo interacional.....	32
2.2.1 Breve contexto reflexivo sobre a rede.....	34
2.2.2 Plataformas.....	37
2.3 A Internet na Área da Educação: o virtual num espaço real.....	40
2.4 A Internet e a Questão da Confiança: perspectiva requisitada na análise dos dados.....	48
CAPÍTULO III - CONSIDERAÇÕES REFLEXIVAS SOBRE TECNOLOGIAS E PROCESSO DE MIDIATIZAÇÃO: por um olhar teórico.....	54
3.1 Tecnologias e Mdiatização: da passagem dos meios a emergência da midiatização.....	55
3.1.1 Em torno de uma compreensão da cultura midiática em redes digitais.....	60

3.2	O Ambiente das Tecnologias para a Construção do Social: o avanço da midiatização sobre a sociedade.....	63
3.3	Processos Midiáticos e os Desafios do Estudo dos Meios na Sociedade Contemporânea: crítica ao tecnodeterminismo.....	71
3.4	Midiatização e Espaço Acadêmico: interações, práticas sociais e competências.....	75
3.4.1	Vigilância crítico – epistemológica.....	75
3.4.2	Especificidades.....	82
CAPÍTULO IV - CONSIDERAÇÕES DECISIVAS NO ENCALÇO DO OBJETO: aportes metodológicos.....		91
4.1	Métodos e Metodologias.....	92
4.2	Estudo de Caso como Estratégia Metodológica.....	95
4.3	Instituição Seleccionada para o Estudo.....	97
4.4	Instrumentos Metodológicos.....	98
4.5	Sujeitos da Pesquisa.....	100
4.6	Análise e Interpretação dos Dados.....	102
4.7	Categorias de Análise.....	103
CAPÍTULO V - CONSIDERAÇÕES CONTEXTUAIS DO CASO PESQUISADO: condições concretas.....		104
5.1	Ambiente Institucional das Tecnologias do Diretório dos Grupos de Pesquisa da UFPI e dos Grupos e Núcleos de Pesquisa do DSS para o Uso da Internet na Produção Acadêmica: descrições do contexto.....	105
5.1.1	O Diretório dos Grupos de Pesquisa da UFPI: observações da realidade local.....	106
5.1.2	O Ambiente dos Grupos e Núcleos de Pesquisa do DSS para o Uso da Internet na Produção Acadêmica: percepções dos agentes investigados.....	119

CAPÍTULO VI- CONSIDERAÇÕES EXPLORATÓRIAS DE SITUAÇÕES DE INTERAÇÕES POR MEIO DA INTERNET NA PRODUÇÃO ACADÊMICA: por um olhar empírico.....	135
6.1 Usos e Interações em Dispositivo Midiático no Espaço não Midiático da Educação: significados atribuídos a Internet no processo educacional e na construção do conhecimento na produção acadêmica.....	136
6.2 Usos e Interações em Dispositivos Midiáticos na Perspectiva de Inscrição dos Agentes Educacionais em Redes Digitais: inabilidades e resistência versus confiança e inovações.....	144
6.3 Usos e Interações em Dispositivos Midiáticos na Perspectiva de Inovações de Práticas: modos efetivos de usos da Internet na produção acadêmica por meio da Internet.....	160
CONCLUSÃO- CONSIDERAÇÕES CONSUBSTANCIADAS SOBRE USOS, INTERAÇÕES E CONTEXTOS NA PRODUÇÃO ACADÊMICA POR MEIO DA INTERNET: por um olhar alternativo.....	178
REFERÊNCIAS	194
APÊNDICES	203
ANEXOS	211

CAPÍTULO I: CONSIDERAÇÕES INICIAIS: encaminhamento da pesquisa



O real não está na saída nem na chegada. Ele se dispõe para gente é no meio da travessia.

(Guimarães Rosa)

1.1 QUESTÕES E PROPOSIÇÕES

A nossa investigação parte da seguinte questão central: que transformações são observáveis nos usos e interações de docentes e discentes inscritos na produção acadêmica em redes digitais? Derivadas dessa questão - argumentando em torno da sua validade para a pesquisa - levantamos dois conjuntos de questões. Um conjunto que tem um corte com questões construídas num percurso ascendente, e outro, num movimento descendente, que foram sendo construídas e reconstruídas, ao longo do processo da pesquisa empírica. Tentamos verificar como e em que circunstâncias esses dois conjuntos de questões, teórico e empírico, poderão se encontrar a partir dos materiais observados.

Indagando nossos sujeitos sobre as suas habilidades com o computador, achamos muito marcante um dizer da literatura lembrado, oportunamente, por uma das docentes entrevistadas: “Em relação as minhas habilidades com o computador eu me sinto muito bem. (...) Porque eu não corro atrás. (...) Por que sempre vão aparecer coisas novas para eu aprender. Sempre tenho tido o cuidado de não me colocar nessa corrida de ratos sem fim (...)”.

Os desafios decorrentes do processo de mediação da sociedade e do avanço das redes digitais exigem da UFPI e das universidades brasileiras, em geral, a incorporação constante de novas tecnologias. Por conseguinte, as universidades, impõem aos seus agentes esforço individual e coletivo, no sentido de adquirirem domínio das técnicas para o uso cotidiano da Internet no ambiente de ensino e pesquisa.

Diante dessas observações, a questão posta no título desta tese “CORRIDA DE RATOS?” nos parece uma metáfora pertinente, na medida em que buscamos investigar como ocorrem os usos e interações (inscrição) com dispositivos midiáticos e contextos para inferir sobre as práticas dos agentes educacionais com a Internet na produção acadêmica.

Optamos por realizar o estudo mobilizando as perspectivas de análise dos processos de mediação, que, identificados em contínuo crescimento, vêm estabelecendo referências para a inteligibilidade das transformações em todos os campos da sociedade contemporânea. Nesses processos, o tecnológico emerge

como potência, que não pode ser ignorado pelos agentes sociais, que, incitados, de uma forma ou de outra, acabam por penetrar nesse mundo das redes digitais.

Uma proposição transversal é de que os usos e interações alteram práticas (ideias e significados antes regularizados) que os agentes educacionais desenvolveram até então, em termos de processos comunicacionais, quando envolvidos na produção acadêmica. Se esses processos estariam, com as redes digitais, em mudança, nossa inferência é de que isso será observável nos modos de comportamento cotidiano e nas experiências vivenciadas no espaço institucional e, nesse sentido, há uma transformação dos usos, mesmo que esses não estejam, ainda, estabilizados enquanto práticas.

Seguindo esse rastro de questões e proposições iniciais, nos voltamos para a compreensão dessas transformações, focando em indivíduos que possuem simultaneamente determinadas condutas de trabalho, que se constituem em técnicas e rotinas de pesquisa. Nesse sentido, são duas as processualidades que estariam afetando essas técnicas e rotinas de pesquisa: a processualidade, que é de produção e consumo de conhecimento, e a de produção e recepção em termos comunicacionais, que se cruzam no mesmo objeto.

Vale ressaltar que estamos preferencialmente nos detendo, como recorte, nessa última processualidade, na medida em que buscamos desvendar as transformações dos usos, possíveis estabilizações em práticas, que são observáveis a partir das percepções dos receptores sobre suas interações com dispositivos midiáticos. A intenção é, portanto, verificar em que medida essas percepções indicam que os usos e interações estão sendo acompanhadas de transformações das práticas nos dispositivos midiáticos em redes digitais, mais precisamente na Internet, quando o objeto é a produção e consumo de conhecimento.

Trata-se, portanto, não de um estudo da produção ou de recepção, mas sim, de percepções que os agentes que são produtores e receptores, no campo educacional, sobre usos e interações com dispositivos midiáticos na perspectiva de práticas, verificando em que medida esses usos e interações são percebidos por eles como produtores de credibilidade, a ponto de transformar suas práticas, considerando a possibilidade de que eles possam ser utilizados também como espaço de produção de objeto de conhecimento.

A literatura da área fala sobre isso, apontando questões, problemas, tensões. É evidente que, com algumas resoluções já definidas na própria literatura, mas também sinalizando para algumas dificuldades e lacunas, a partir das quais buscamos desenvolver nossas reflexões. Nosso recorte valoriza o estudo de novos padrões de interação e comportamento social, conforme detalhamos no desenvolvimento da tese.

A pretensão, portanto, apresentada nesta tese, é analisar as percepções dos nossos agentes¹ sobre usos, relacionando-os aos contextos, para inferirmos, no plano analítico, sobre a incidência dos usos e das interações nas práticas, considerando essas como tendências de longo prazo que estão em negociação.

Quer dizer, estamos acreditando que a construção social de novas práticas (que pode estar ocorrendo agora) encontra-se em negociação e pode ser identificada nos usos e nas percepções sobre os usos.

Sabemos, evidentemente, que uso e interação são respostas a partir de determinados estímulos, sinais e informações, através de esquemas não estabilizados, esquemas que estão lá, são registráveis, são observáveis, se repetem, mas não são necessariamente estabilizados, porque a estabilização desses esquemas depende de toda uma transação social em curso.

Nossas reflexões estão, dessa forma, tecidas em quatro direções: 1) para o contexto (caracterização); 2) para a inscrição (em usos e interações); 3) para as percepções dos teóricos e dos agentes educacionais sobre usos e interações e, 4) para Inferências relacionais sobre as transformações que ocorrem a partir das

¹ “A obra sociofilosófica de Pierre Bourdieu pode ser entendida como uma teoria das estruturas sociais a partir de conceitos-chave. Nas suas investigações, Bourdieu erige uma variante modificada do estruturalismo. Ele se esforça para encontrar tramas lógicas ou problemáticas que evidenciem a presença de uma estrutura subjacente ao social. Segue a tradição de Saussure e de Lévi-Strauss, ao aceitar a existência de estruturas objetivas, independentes da consciência e da vontade dos agentes. Mas deles difere ao sustentar que tais estruturas são produto de uma gênese social dos esquemas de percepção, de pensamento e de ação. Que as estruturas, as representações e as práticas constituem e são constituídas continuamente” Sobre o conceito de agente ver THIRY-CHERQUES, Hermano Roberto. Pierre Bourdieu: a teoria na prática/Pierre Bourdieu: the theory in practice. In: *Rev. Adm. Pública* vol.40 n.1 Rio de Janeiro Jan./Fev. 2006. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-76122006000100003.

rotinas de usos que os agentes fazem da Internet, tensionando e talvez² transformando as práticas.

Os contextos demarcam lugares dos produtores, lugares dos receptores, em relação. Isto vale para a comunicação e vale também para a produção do conhecimento. Na verdade, temos três contextos que estão inscritos nos dispositivos: um contexto que é socioantropológico - instituições, indivíduos, condutas etc. - outro contexto, que é semiodiscursivo - que são os discursos dos agentes sobre o que estamos investigando - e um terceiro contexto, tecnotecnológico - que são as condições concretas do ambiente tecnológico: suas salas, suas bibliotecas, seus recursos materiais e tecnológicos para a construção do conhecimento na produção acadêmica em redes digitais.

Tencionamos, portanto, na medida do possível, empreender nossas análises valendo-nos dessas três dimensões conforme a visão de matriz triádica e relacional do dispositivo de Ferreira (2010b). O dispositivo é, aqui, a inscrição (instituições, indivíduos) em contextos discursivos, técnicas e tecnologias em redes digitais.

Quanto aos usos, privilegiamos não exatamente uma demarcação de posicionamento dos interlocutores, sejam eles interlocutores docentes e discentes, sejam eles simultaneamente emissores ou receptores, mas buscamos valorizar as formas de interações que são passíveis de descrições e de relatos de como elas efetivamente ocorrem.

Afinal, quando eles se inscrevem no ambiente tecnológico, conscientemente ou inconscientemente, eles suspendem as suas práticas? O que significa essa suspensão das práticas? Que problemas, de usos e interações, surgem aí? Significa dizer que os agentes estão fazendo usos das tecnologias mesmo que sua prática diga: “eu que não posso confiar nas informações da Internet”, ou “eu não acredito numa solução pedagógica de conhecimento via redes digitais”, e ainda assim, eles estão usando o E-mail, estão na lista, estão fazendo os arquivos digitais, estão realizando uma série de atividades que paulatinamente incorporam elementos dessas novas configurações midiáticas da atualidade?

² Aqui, pela primeira vez, utilizamos o "talvez transformando". Sugere-se, nesse enunciado, que nossa inferência sobre a transformação deve ser suspensa e investigada.

Em outras palavras, a intenção é investigar como se caracteriza e como ocorre, em caso concreto, essa inscrição nos modos efetivos de usos (de curto prazo), que nos permita fazer inferências sobre a negociação das práticas, ou seja, nas incidências visíveis (de longo prazo), incluindo transformações contextuais, culturais, políticas, econômicas e institucionais.

Isso, certamente, considerando os conflitos, as tensões e os paradoxos, mas, ao mesmo tempo, atentando para os movimentos provocados pela ampliação do circuito de circulação midiática. Dessa forma, na perspectiva singular, mas sempre na intenção de inscrever nosso estudo no conjunto mais amplo do contexto da sociedade, o esforço é no sentido de “desentranhar” o comunicacional de dentro do movimento de outros contornos e contrastes dos diversos objetos. Nessa perspectiva, mobilizamos o processo matricial (dedutivo, abduutivo e indutivo), destacado em diversos estudos de Ferreira (2006), para quem, cada forma de argumento, mesmo quando constituído em hipótese de uma investigação, está sempre em relação com os outros e é uma resultante de conclusões dos outros dois. Quer dizer, para o autor, não existe um tipo de argumentação que ocorra de forma desobrigada em relação aos outros dois.

Diante dessas observações, trabalhamos com dados expostos, não somente empiricamente, mas também nas várias dimensões do marco teórico escolhido, buscando condições para realizar a pesquisa, a partir de um olhar teórico, de um olhar empírico e de um olhar alternativo. Lutando com uma situação problema “viva”, em termos de sua potência vital, de suas riquezas e possibilidades. Os dados foram, pois, investigados dentro de um contexto concreto, coisas que vivenciamos ao longo da nossa prática profissional como professora da educação superior.

Assim, nos voltamos para a singularidade posta pelo caso em observação, buscando pensá-lo não genericamente, mas onde ele aparece concretamente. Considerando, pois, as redes digitais como possível lugar de condensação em dispositivos midiáticos, elegemos quatro questões precisas que orientam a busca de inferências a partir daquilo que é observado:

1 - Quais são as principais características contextuais (condições concretas) do Diretório de Pesquisa da UFPI e dos grupos e núcleos do Departamento de Serviço Social (DSS) para o uso da Internet?

Essa questão está diretamente relacionada à origem da escolha do tema. Refletindo sobre ela, inferimos que tal escolha nunca surge do acaso, mas sim das nossas experiências, preocupações, inclinações, vontades. Assim, podemos dizer que o interesse pelo assunto emergiu de situações reais de trabalho e de vida.

Enquanto Assistente Social, professora do departamento de Serviço Social da UFPI, centrada na tarefa de ensinar e preocupada com a missão de construir conhecimentos e formar profissionais também construtores de conhecimentos dentro de uma sociedade cada vez mais midiaticizada e, conseqüentemente, cada vez mais complexa, a temática conquistou lugar de destaque no momento atual da nossa trajetória acadêmica, puxando-nos para assumi-la criticamente, atribuindo-lhe o estatuto de objeto de pesquisa da nossa tese de doutorado.

Nosso trabalho de pesquisa, podemos dizer, encontra-se nos estudos de interface - Comunicação e Educação. Entretanto, é importante esclarecer que nosso objeto, antes de tudo, se encontra voltado para o campo da comunicação, uma vez que estamos vigilantes quanto aos processos propriamente comunicacionais, que se referem mais de perto aos modos de interações, mediados pela Internet, manifestados nas percepções de usos dos atores da educação.

Os fenômenos comunicacionais estão, pois, como protagonistas das nossas reflexões e os fenômenos educacionais apenas como coadjuvantes. Desse modo, tivemos que entrar em contato com conhecimentos fornecidos pelos demais campos acadêmicos, mesmo que tais conhecimentos não tenham como centro a questão do ponto de vista comunicacional.

Buscamos fazer isso sem correr o risco de nos afastar da área específica da realidade social investigada, buscando mobilizar os contextos educacionais (determinante de práticas também midiáticas, como as estabilizadas no uso e interações conversacionais e com o livro, por exemplo) nos contextos propriamente comunicacionais (relacionados aos usos efetivos focados nas interações com os dispositivos midiáticos).

A investigação acontece, portanto, dentro do ambiente acadêmico e tecnológico do Diretório dos grupos de pesquisa da Universidade Federal do Piauí – UFPI, mas especificamente, dos núcleos e grupos de pesquisa em atividades no curso de Serviço Social, no qual atuamos como docente, desde 2008. Isso,

certamente, implica uma vantagem, no sentido de que já temos um conhecimento, uma aproximação, uma experiência, um acompanhamento de vários anos.

Por outro lado, não podemos deixar de esclarecer que se trata de uma pesquisa em que o Serviço Social se constituiu apenas num lugar de observação, ou seja, nossa preocupação não está em estudar a produção acadêmica dos professores e alunos do curso de Serviço Social. Esse contexto é só um espaço para buscar como isso acontece, a fim de ser generalizado.

Nesse âmbito, considerando as condições concretas do espaço social onde essas práticas são produzidas, investigamos:

2 – Que tipo de inscrição os agentes educacionais realizam nos seus núcleos e grupos de pesquisa na esfera das redes digitais?

3 – Que percepções³ os agentes educacionais mantêm sobre usos e interações na perspectiva de práticas construídas em redes digitais, especificamente por meio da Internet na produção acadêmica?

4 – Em que medida esses usos e interações vêm transformando as práticas dos nossos agentes no sentido de construção de novas rotinas onde se observe a consolidação de credibilidade a Internet como um lugar pertinente para produção desse conhecimento acadêmico?

Por meio desse conjunto de questões, buscamos verificar, dentro do pensamento dos indivíduos investigados, as relações que se estabelecem entre os contextos onde eles estão inseridos e os usos que eles desenvolvem. Nossa pretensão é relatar aquilo que os agentes observam naquilo que eles fazem. Quer dizer, procuramos descrever e analisar como os agentes se DIZEM em relação aos usos que FAZEM da Internet, para pesquisar, produzir os trabalhos de pesquisa dos grupos e/ou núcleos. É isso que constitui o nosso estudo e que está alinhando todo o processo de investigação.

Para conduzir o trabalho de pesquisa e dar conta dos fenômenos descritos e analisados, buscamos nos apoiar numa bibliografia rica e atualizada, capaz de trazer

³ Estamos chamando de percepção o processo pelo qual os indivíduos tomam conhecimento de si mesmo, dos outros e do mundo que o cerca, provocando, assim, reflexões críticas e aguçando a necessidade de reavaliarem suas crenças, postura e atitudes. Construindo, conseqüentemente, mecanismo de preservação da qualidade de vida e de suas identidades pessoais e profissionais.

esclarecimentos significativos acerca dos principais aspectos presentes nesse estudo: tecnologias (Internet) na educação e na produção acadêmica, crítica ao tecnodeterminismo, e processo de mediação da sociedade.

Assim, lançando um olhar teórico, refletimos sobre o significado das tecnologias no processo educacional e na produção de conhecimento científico. Em torno disso, sabemos que existe todo um debate questionando se as tecnologias se constituem em um determinante ou se elas não podem ser o único determinante na construção do social. Estamos nos referindo à perspectiva de autores como a de Lévy (1999, 2000), que vai colocar as tecnologias de informação e comunicação como centrais na construção do social, bem como à perspectiva de outros teóricos, que, como Miège (2009), se posicionam a favor da crítica a esse tecnodeterminismo. São perspectivas tensionais e é, nesse espaço de tensionamento, que estamos nos colocando.

Ao buscar, a partir das concepções de diversos estudiosos do assunto, compreender o ambiente das tecnologias para a construção do social, de certo modo, tentamos dar conta das bases principais do pensamento comunicacional relativo a esse processo de mediação da sociedade contemporânea. Nesse sentido, pretendendo obter uma visão teórica do fenômeno, refletimos sobre tecnologias e processo de mediação, elementos fundantes do nosso estudo.

Sabemos que os usos das tecnologias e das mídias interativas vão se alastrando progressivamente por todos os campos e, da mesma forma que todos os outros, o campo da educação vem sendo atingido e marcado por grandes alterações no ambiente educacional. Todo agente participante do espaço pedagógico, em relação com a Internet, está situado dentro de um contexto mais amplo de uma sociedade em mediação. Podemos dizer, então, que propomos capturar essa tensão do ponto de vista bibliográfico, mas também em discursos sociais do ponto de vista empírico, que está na cabeça, na mente dos indivíduos, agentes da nossa pesquisa. Buscamos investigar, entre os anos de 2012 e 2013, como é que os agentes enxergam isso, que comportamento mantém que ideias manifestam e que significados lhe atribuem. Trata-se, portanto, de um discurso social sobre. Trabalhamos, com base nas percepções que estão na cabeça dos teóricos e as que estão na mente dos agentes educacionais, que estão fazendo pesquisa. Isto é,

buscamos pegar essa tensão não só na literatura, como também nos usos efetivos da Internet na produção de trabalhos acadêmicos.

1.2 ESTRUTURA DO TEXTO

Quanto à estrutura, o trabalho de tese, além da conclusão e das referências, consta de seis capítulos. Após este capítulo de considerações iniciais, no qual apresentamos o encaminhamento da pesquisa, destacando nossas questões e proposições, tecemos, num segundo capítulo, considerações básicas acerca dos usos e interações dos sujeitos com a Internet no espaço educacional. Buscando evidenciar as situações que permearam a construção do objeto, falamos, preliminarmente, do estado da arte sobre usos e interações, mostrando outros estudos realizados nesse âmbito. Seguindo, nos voltamos para o fenômeno da Internet, refletindo desde a origem do dispositivo técnico à construção de um novo dispositivo interacional, destacando um breve contexto reflexivo sobre a rede, e também falamos das plataformas. Continuando, a ênfase recai na discussão sobre a Internet na área da educação – o virtual num espaço real. Em se, abordamos, dentro do movimento proposto, teoria – empiria e empiria – teoria, a questão da confiança na Internet - bastante presente na nossa investigação empírica.

No terceiro capítulo ressaltamos considerações reflexivas sobre tecnologias e processo de midiatização. Por um olhar teórico, apresentamos, ainda que de forma sucinta, os pontos considerados importantes no trajeto da passagem dos meios a emergência da midiatização. Seguindo, refletimos em torno de uma compreensão da cultura midiática em redes digitais. Em outro item buscamos evidenciar alguns aspectos que ilustram o ambiente das tecnologias para a construção do social, analisando o avanço da midiatização sobre a sociedade contemporânea e seus desafios. Na sequência, fixamos a atenção nos processos midiáticos e nos desafios do estudo dos meios na sociedade contemporânea, trazendo para o plano da visibilidade teórico-reflexiva a crítica ao tecnodeterminismo. E, finalizando esse capítulo, atentamos para a midiatização e espaço acadêmico ao levantarmos algumas questões que envolvem as interações, as práticas sociais e competências, enfatizando dois subitens, um direcionado à vigilância crítico – epistemológica e o outro, às especificidades.

No quarto capítulo, destacamos considerações decisivas para o encaixe do objeto, indicando, os métodos e metodologias, o estudo de caso como estratégia metodológica, a instituição selecionada para o estudo, os instrumentos metodológicos, os sujeitos da pesquisa, análise e interpretação dos dados e as categorias de análise.

O quinto capítulo traz considerações contextuais do caso estudado, revelando suas condições concretas. Assim, expomos o contexto do ambiente institucional das tecnologias do Diretório dos Grupos de Pesquisa da UFPI e dos Grupos e Núcleos de Pesquisa do DSS para o uso da Internet na produção acadêmica, desvelando as observações da realidade local e o ambiente desse Diretório e Grupos de Pesquisa, valendo-nos das percepções dos agentes investigados.

No sexto capítulo – por um olhar empírico – descrevemos e analisamos, inicialmente, as situações de interações por meio da internet na produção acadêmica. Dando prosseguimento a esse último capítulo, em consonância com as categorias construídas no percurso, procuramos apreender a abrangência das interações. Destacamos, pois, um item sobre as percepções dos agentes investigados sobre as interações midiáticas no espaço não midiático da educação, desvendando os significados atribuídos por esses agentes às tecnologias no processo educacional e na construção do conhecimento na produção acadêmica. No item seguinte, destacamos as percepções de usos e interações em dispositivos midiáticos na perspectiva de inscrição dos agentes educacionais em redes digitais: inabilidades e resistência versus confiança e inovações.

Por fim, enfatizamos usos e interações em dispositivos midiáticos na perspectiva de inovações de práticas, fazendo uma análise que se propõe crítica dos modos efetivos de usos da Internet e possibilidades de transformação de práticas por meio da relação com a Internet na produção acadêmica.

Concluindo, tomamos como referência o cruzamento entre os dois conjuntos de questões - teóricas e empíricas - apresentamos, a partir de um olhar alternativo, considerações consubstanciadas sobre usos, interações na produção acadêmica via Internet. A ideia é finalizar este estudo apontando, dentro da discussão sobre as interações sujeitos e Internet na produção acadêmica, possíveis proposições para que continue ativo o debate em torno dessa rica e instigante temática.

Sem a presunção de estarmos, aqui, exibindo um trabalho pronto, definitivo, que se exaure na nossa interpretação, cabe-nos a esperança de ter desenvolvido um estudo que traga contribuições significativas para o cabedal de conhecimento na área, podendo servir de referências para novas pesquisas. Foi essa a nossa aspiração. E são os resultados dessa investigação que apresentamos a seguir.

CAPÍTULO II: CONSIDERAÇÕES BÁSICAS SOBRE USOS E INTERAÇÕES DOS SUJEITOS COM A INTERNET NA REALIDADE EDUCACIONAL: situações que permearam a construção do objeto



*Quanto mais interações
apuramos, mais conhecemos o
objeto em causa.*

(John Dewey)

2.1 USOS E INTERAÇÕES NO ESPAÇO EDUCACIONAL: o estado da arte

Sabemos que, quando iniciamos uma pesquisa, é importante conhecer o estado da arte. Saber o que já existe sobre o nosso problema. Saber qual é a força desse problema, qual é a sua fecundidade e o que podemos construir, reconstruir ou desconstruir a partir do que estamos questionando.

Assim, ao eleger usos e interações com a Internet na realidade educacional como tema central de nossa tese de doutorado, buscamos inicialmente averiguar outros estudos realizados nesse âmbito. Para isso, pesquisamos a partir de palavras-chave, como: usos e interações com a Internet, comunicação e educação; trabalhos de natureza acadêmica, ou seja, teses, dissertações, artigos em digitais, através de sites de instituições de ensino de pós-graduação em comunicação, como também publicações científicas disposta nas bibliotecas eletrônicas (indexadores), como: Scielo e INTERCOM.

Nesse levantamento, obtivemos uma listagem significativa de produções na área, com abordagens e perspectivas distintas. Dentre estas, localizamos trabalhos voltados para a questão da interação com a Internet, como a dissertação de Mestrado realizada no PPGCC-UNISINOS, de Lylia Caroline Maciel Rodrigues (RODRIGUES, 2008), “A Construção de Conhecimento em Dispositivos Midiáticos: investigação em escolas públicas”, que, seguindo uma perspectiva similar a nossa (processos midiáticos), reflete sobre as relações entre os campos da comunicação e da educação, sendo o eixo de problematização: como o conhecimento é produzido pela mídia, considerando um lugar próprio que não o da instituição escolar, que é o espaço fundamental para o aprendizado em sociedade?

Da mesma forma, a dissertação de Rosita Félix Delmondes, realizada na UNED-FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE DO TOCANTINS (DELMONDES, 2009), “Uso Da Ferramenta Blog como Rede de Interação para Socialização e Construção de Conhecimento”, busca analisar sobre o uso dessa ferramenta no ambiente educacional enfatizando a sua importância para o desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem através da comunicação e interação dos alunos por meio da Internet.

Encontramos também a dissertação “Juventude e a Era da Internet: integração e interação” de Valéria Calipo, titulada na UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO (CALIPO, 2008), que teve como objetivo refletir, a luz dos debates trazidos pelos pensadores das áreas de Comunicação e Psicologia Social, sobre o processo cognitivo comportamental dos jovens, imersos em tecnologias contemporâneas como a Internet.

Seguindo a mesma perspectiva, tivemos acesso à dissertação “O Uso do Blog como Ferramenta Educacional de Comunicação e Interação”, de Thereza Christina Friche Sanna. O trabalho traz interessantes reflexões sobre o uso do blog como ferramenta educacional de comunicação e interação, enfatizando a sua relevância para a construção do conhecimento e analisando a contribuição do computador e suas tecnologias para o processo de aprendizagem e para novas possibilidades de interação através da construção de blogs educacionais.

A tese “O Uso da Internet na Comunicação Comunitária”, de Bruna de Lima Silva, do curso de da UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA (SILVA, 2010), tem como objetivo analisar o Projeto Índios Online e, através dele, avaliar como a Internet e seus recursos de mídia podem ser utilizados na comunicação comunitária, Além disso, avalia os meios usados para interação com o público fora das comunidades indígenas,

O artigo, “A Internet criando espaço digital de aprendizado no ensino superior”, de Neivaldo Lucio Rosa de Oliveira, discute como um grupo de professores universitários atua utilizando novas tecnologias aplicadas ao campo educacional, destacando o uso da Internet como meio auxiliar de aprendizado e de mudanças positivas na prática pedagógica.

No site, <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2011/resumos/R6-2516-1.pdf>, encontramos o artigo de Dandara F. Aranguiz, Daiane dos Santos Costa, Carolina M. Silva e de Liliane Dutra Brignol, que tem como título, “Usos da Internet na Experiência Migratória: análise de Web-diaspóricas”, buscando entender de que maneira a Internet está sendo utilizada no contexto das migrações contemporâneas, discute como o sujeito migrante cria relações entre produção e consumo na Internet, a partir da análise dos usos sociais de sites, blogs e outros ambientes comunicacionais criados com vinculação à experiência da diáspora, entendidos como web-diaspóricas.

De autoria de Amanda Medeiros e Diana Coelho, encontramos no site, <http://www.intercom.org.br/sis/2010/resumos/R5-1398-1.pdf> o artigo “Conferências de Comunicação do RN: uma análise do uso da Internet em seus processos de construção” (MEDEIROS e COELHO, 2013) que visa investigar o uso da internet em práticas de cidadania e democracia da comunicação, a partir da análise das conferências de comunicação do estado do Rio Grande do Norte ocorridas em 2009.

“A Internet e seu Impacto nos Processos de Recuperação da Informação” (SCHIEL, 2013), artigo publicado por Cenidalva Miranda de Sousa Teixeira Ulrich Schiel, , trata do assunto, analisando as diversas formas de interação na Internet e os principais serviços existentes atualmente referentes à recuperação bibliográfica. O trabalho busca ainda compreender como as tecnologias da informação, em particular, a Internet, estão provocando uma globalização das atividades de recuperação de informação e pesquisa bibliográfica.

Trabalhando a mesma temática pelo viés da inclusão social dos indivíduos na realidade das novas tecnologias, localizamos, entre outros trabalhos, a dissertação de Luciano Simões de Souza (SOUZA, 2006). “A Educação pela Comunicação como Estratégia de Inclusão Social: o caso da escola interativa”. A pesquisa teve como objetivo central, a partir da experiência de educação pela comunicação vivenciada por doze escolas da rede pública de ensino da cidade de Salvador–Bahia, descrever criticamente as lógicas comunicacionais presentes em relação ao desenvolvimento de competências de leitura crítica das mensagens midiáticas, ou seja, à vivência de produção midiática e à participação em processos interativos via uso das tecnologias de comunicação.

Também no mesmo foco da cidadania, encontramos o artigo de Cristina Pontes (PONTES, 2013), “Jovens e Internet: discutindo divisões digitais”. O texto, a partir de depoimentos de adolescentes e jovens (15-24 anos), recolhidos no âmbito de um Projeto de Investigação transnacional em curso sobre inclusão e participação digital, analisa os tipos de uso das tecnologias, a sua qualidade e a sua eficiência, suscitando a discussão dos conceitos divisão digital, geração digital, diferenciação digital, participação digital.

Encontramos também o texto “Eles Não São Classe Média: a informação como fator de distinção entre as classes”, de Natália de Andrade Rocha (ROCHA, 2013), O artigo foi apresentado no XVII Congresso de Ciências da Comunicação na

Região Sudeste e tem por objetivo compreender o papel da informação e do uso dos meios de comunicação, inclusive a Internet, enquanto fator de distinção entre classes, discutindo a questão da informação como redentora do mundo.

Na perspectiva da educação a distância, nos deparamos com diferentes trabalhos acadêmicos que abordam a questão dos usos e interação. Dentre estes, está o artigo “Educação a Distância na Internet: abordagens e contribuições dos ambientes digitais de aprendizagem”, de Maria Elizabeth Bianconcini de Almeida (ALMEIDA, 2012). A pretensão do trabalho é discutir as abordagens usuais da educação a distância, destacando o uso das TIC para o desenvolvimento de um processo educacional interativo, que propicia a produção de conhecimento individual e grupal em processos colaborativos favorecidos pelo uso de ambientes digitais e interativos de aprendizagem, os quais permitem romper com as distâncias espaço-temporais e viabilizam a recursividade, múltiplas interferências, conexões e trajetórias, não se restringindo à disseminação de informações e tarefas inteiramente definidas a priori.

Por fim, nos deparamos, ainda, com o trabalho de Vicente Henrique de Oliveira Filho (OLIVEIRA, 2011), “As Novas Tecnologias e a Mediação do Processo Ensino Aprendizagem na Escola”, que busca investigar até que ponto o computador e a Internet são utilizados como ferramentas pedagógicas e de que forma é feita a incorporação dessas tecnologias à prática do professor. O estudo aponta que o computador está sendo mal utilizado ou subutilizado no processo ensino-aprendizagem, uma vez que seu uso ocorre, na sua maioria, na dimensão de máquina de escrever, sem a clara compreensão dos professores sobre esse recurso enquanto ferramenta de aprendizagem.

Vale destacar que nossa pretensão era a de realizar um levantamento mais extenso do estado da arte sobre usos e interações com as novas tecnologias. Entretanto, devido a limitações advindas da grande quantidade de trabalhos e da dificuldade de acesso a muitos deles, além da questão de tempo, não foi possível alcançar a proposta inicialmente assumida. Mas podemos afirmar que, embora já existam diversas pesquisas enriquecedoras sobre a temática central do nosso estudo, cada uma tem o seu mérito na medida em que trazem abordagens diferenciadas, sob um ponto de vista específico e particular.

Acreditamos, assim, que os trabalhos acima apresentados não diminuem a originalidade do nosso estudo de tese, uma vez que reconhecemos seu ineditismo e a importância dos seus resultados para a área, considerando a forma como aconteceu a nossa trajetória de investigação, a postura metodológica adotada, a organização, a sistematização dos dados coletados e o rigor das análises empreendidas.

2.2 INTERNET: da origem do dispositivo técnico à construção de um novo dispositivo interacional

A Internet⁴, conjunto de redes globais, que interconecta o mundo inteiro, teve sua origem atrelada também a um contexto marcadamente político - o contexto do governo norte-americano no apogeu da Guerra Fria, no final dos anos de 1960. Porém, suas fontes estão no imaginário constituído em torno de uma nova utopia, presente no projeto de Norbert Wiener, no qual a comunicação passa a ser designada como fundamento da sociabilidade. Nesse projeto, o ruído, a entropia e a desordem são inimigos a serem neutralizados pela circulação das informações mediadas por máquinas. Com esse projeto, conforme Proulx (2002), Wiener ia além da localização antropológica da comunicação feita pelo interacionismo americano (Mead, Bateson), da sociologia de Gabriel Tarde e do funcionalismo (onde a comunicação ocupa lugar central no jogo estratégico).

A apropriação das redes no sentido estratégico é visível na Arpanet (de Advanced Research Projects Agency, ou Agência de Projetos de Pesquisa Avançada), a primeira rede fora criada para que fosse imune aos bombardeios, evoluiu até tomar a forma muito próxima à da Internet dos dias atuais, Conforme Lévy (1999), embora tenha sido construída para fins políticos e de banco de dados, a rede passou a ser constituída também para fins sociais, permitindo às pessoas ficarem interconectadas formando uma grande comunidade virtual.

⁴ O termo Internet é oriundo de Internet working (ligação entre redes). Apesar de ser normalmente pensada como sendo uma rede, na verdade se constitui no conjunto de todas as redes e gateways que usam protocolos TCP/IP usados para transporte de informação. A Web é apenas um dos serviços da Internet, e as duas palavras significam a mesma coisa (LÉVY, 1999).

A Arpanet, como foi batizada no projeto do governo americano, cresceu, deixando para trás o simples objetivo de interligar universidades e instituições de pesquisas militares. Ao longo do tempo, foi ganhando novas feições à medida que agregava outras redes comerciais e acadêmicas, tornando-se a Internet como a conhecemos hoje, uma grande rede que potencializa um forte elo de troca de informações entre os diferentes sujeitos sociais.

Ainda que tenha uma história consideravelmente curta, grandes são os impactos da Internet na sociedade. Em sua evolução, além de armazenamentos de todos os diversos tipos de informação e globalização de produtos, se revela também como poderoso fator de comunicação e interação social. Essa interatividade foi potencializada a partir dos anos de 1990, com a criação do World Wide Web, ou WWW, pelo cientista Tim Berners-Lee e pelo Centro Europeu de Pesquisas Nucleares – CERN, localizado em Genebra, Suíça.

A criação do World Wide Web, parte gráfica da rede hipertextual e com suporte multimídia, é considerada, portanto, o marco da Internet e do seu avanço na sociedade. Com a Internet cresceu o interesse do público leigo que passou a ter acesso rápido a diversos dados, que vão desde simples texto a músicas, filmes e também a bibliotecas virtuais, em que se encontram variadas e atualizadas fontes de informação, grandes aliadas dos sujeitos educacionais, hoje, na tarefa da produção acadêmica.

O primeiro navegador, chamado Mosaic 1.0, surgiu em 1993 e no final do ano seguinte o interesse público pela Internet já era visível. Em 1995, com 85%, a NETCAPE NAVIGATORS é líder no mercado de navegadores. E a Microsoft, no mesmo ano lança a INTERNET EXPLORER.

Assim, o número de usuários e computadores conectados foi progressivamente ampliado, até que, em 1996, a sua popularidade estava em alta. A Internet e seus diversos recursos, aliados ao sistema econômico, já incorporava o cotidiano das pessoas, de modo especial, nos países desenvolvidos, produzindo poderosos efeitos no atual contexto da sociedade.

No Brasil, até ao final da década de oitenta, a Internet era reservada, praticamente, ao uso da comunidade científica e acadêmica, sem objetivos comerciais. Entretanto, com o processo de abertura comercial da rede, em poucos

anos, a Internet passou a ter dezenas de milhões de usuários. No ano de 1991, a RNP (Rede Nacional de Pesquisa) através de uma operação acadêmica subordinada ao MCT (Ministério de Ciência e Tecnologia), foi a responsável pela inserção da Internet no nosso país.

Pouco mais tarde, precisamente, no dia 20 de dezembro de 1994, a EMBRATEL, buscando conhecer melhor a Internet, lança o serviço experimental. Mas, somente no ano seguinte, 1995, por iniciativa do Ministério das Telecomunicações e Ministério da Ciência e Tecnologia, foi possível a abertura ao setor privado da Internet para exploração comercial pelos brasileiros.

2.2.1 Breve contexto reflexivo sobre a rede

Segundo Castells⁵ (2003, p. 47): os primeiros usuários de redes de computadores criaram comunidades virtuais, que se tornaram fontes de valores, moldando comportamento e organização social, o que veio proporcionar que a rede seja identificada como um meio de comunicação que estimula muitos sentidos do homem e impulsiona uma interatividade que os meios de comunicação não ofereciam até então.

A popularidade da Internet viabilizou a comunicação entre as pessoas. E a partir desta possibilidade de comunicação no espaço virtual, é possível identificar um novo ambiente e uma nova forma de uso e apropriações dos sujeitos das redes digitais. Seus impactos sociais nos levaram a falar em processos midiáticos, que, ao longo do tempo, vêm contribuindo substancialmente para a formação de novas sociabilidades e consumo de informações.

Apesar do precário processo de inclusão digital e do acesso ao computador ainda ser restrito, ou seja, embora o uso livre e constante seja considerado privilégio de uma minoria que detém melhores condições culturais e econômicas, a Internet se tornou em pouco tempo um meio hegemônico. Atualmente, a Internet abarca os

⁵ Conforme Miège (2009, p.66) uma leitura atenta da obra do sociólogo Manuel Castells – A sociedade em rede – permite constatar “que a informação está quase sempre associada às técnicas que são seus suportes materiais, e até mesmo que estas se confundem com a difusão da informática, automatização comunicadora e a informática em rede, sendo finalmente pouco abordadas, salvo a propósito da mundialização das trocas de capitais, de fato na vanguarda do funcionamento em rede”.

mais distintos grupos sociais e faixas etárias, potencializando, assim, grandes modificações nas trocas comunicacionais e gerando diversas possibilidades interacionais.

A interconexão de computadores trouxe possibilidades jamais pensadas no conjunto de circunstâncias das telecomunicações. Potencialmente, a Internet permite a qualquer usuário conhecer o que acontece no mundo e interagir com todos. Por exemplo, através de ambientes coletivos reúne inúmeros usuários independentemente da localidade. As interações no campo virtual possibilitaram, assim, a ampliação dos contatos que dificilmente seriam travados no mundo físico. Essa reconfiguração consolidou um processo de construção cultural e social baseado nas novas tecnologias, trazendo como questão importante a influência da tecnologia computacional na mediação das relações pessoais (D'ANDRÉA; PUGAS e SANTOS, 2012).

A Internet desenvolvida como dispositivo técnico para interligar as instituições de pesquisa militar norte-americana durante a Guerra Fria ganhou, com o passar do tempo, inúmeras ferramentas, não obstante a desigualdade de acesso e de uso permanente, ainda presente na atual realidade. Contudo, não podemos ignorar as grandes inovações que acarreta, tornando-se, hoje, um importante dispositivo de interação social para dezenas de milhões de usuários.

Conforme Miège (2009), ainda falta muito para a Internet *stricto sensu* reunir ou resumir todas as inovações relativas às Tic muitas vezes apresentadas como aquelas da era digital. Para o autor, a Internet é justamente a rede das redes, o protocolo que permite conectar todo um conjunto de redes de comunicação cada vez mais eficientes. Com a multiplicação dessas redes e o aumento do poder dos fluxos, a partir de agora é possível trocar cada vez mais mensagens e transportar arquivos cada vez mais pesados. Então, o que se produz é uma ampla internacionalização da comunicação tanto profissional quanto pessoal, permitindo o uso de diversos dispositivos (constituídos a partir das Tic) (MIÈGE, *op. cit.*).

A abertura da Internet ao público, a partir de meados dos anos 1990, impulsionou as trocas, favoreceu as indústrias de redes, mas não somente elas: igualmente as indústrias de materiais de informática, as novas redes de indústrias da informação e as outras redes de indústrias culturais (Google etc.). Atualmente, os principais atores e beneficiários dessas inovações ligados à Internet são as

indústrias mundializadas da comunicação: ferramentas e produtos de informática, telecomunicações. Em quase todas as partes, os usuários-consumidores foram levados a gastar somas substanciais dos seus orçamentos nesses âmbitos. Esse é o grande fenômeno da primeira década deste século, na comunicação.

Serge Proulx, entretanto, destaca que não se trata de uma rede a serviço do capitalismo em suas formas clássicas. Não está, portanto, nem a serviço da forma primeira, a produtivista, nem da segunda, a consumista. Vai caracterizar uma terceira forma, a informacional ou do conhecimento. Essa terceira fase já transformou as formas de produção (do taylorismo ao pós fordismo), a gestão informacional na indústria (da produção de medicamentos ao midiático), e, agora, se inscreve na cultura da contribuição (onde os usuários ordinários ativam as redes em plataformas colaborativas) (PROULX, 2010). Na sociedade contemporânea, contamos com diversos dispositivos interacionais disponíveis na Internet que vêm modificando sensivelmente os modos dos sujeitos “de se comunicarem, se relacionarem e construírem conhecimentos. Somos hoje praticamente vividos pelas novas tecnologias!” (NOVA E ALVES, 2012).

Na realidade, a comunicação é o grande atrativo da Internet. A velocidade e objetividade com que as informações são veiculadas é o grande diferencial no que se refere à Internet como meio de comunicação. Com suas múltiplas possibilidades, abrem, pois, novos espaços de relações comunicacionais, espaços virtuais que suscitam a formação de grupos, de comunidades e de redes sociais de relacionamentos e de aprendizagem.

No que se refere a esses espaços, encontramos rede de banda larga ‘de integração de serviços’, redes de satélites, redes a cabo, redes hertzianas, e até mesmo rede comutadas. O importante é lembrar que a maioria delas está conectada entre si, através de protocolos técnicos (entre os quais, TCP/IP, que permitiu o início da Internet) e de normas (por exemplo, as normas que asseguram as transmissões telefônicas). Toda uma gama de indústrias participa da indústria da rede: operadores de telecomunicações, indústrias técnicas (cabos, servidores, etc..) e provedores de acesso. Os portais - assim como as plataformas técnicas - são de certa forma a porta de entrada para o novo domínio midiático.

As chamadas redes sociais têm como característica central a interatividade em tempo real. Essa interação se torna intensa em alguns tipos de comunidades

virtuais e redes digitais, espaços capazes de agregar, ao mesmo tempo, através de um computador conectado, um grande número de indivíduos de diferentes partes do mundo com condições propícias para discutir qualquer tipo de assunto, trocar mensagens, partilhar interesses e objetivos comuns.

Castells traz a concepção de rede como:

Estruturas abertas capazes de expandir de forma ilimitada, integrando novos nós desde que consigam comunicar-se dentro da rede, ou seja, desde que compartilhem os mesmos códigos de comunicação (por exemplo, valores ou objetivos de desempenho). Uma estrutura social com base em redes é um sistema aberto altamente dinâmico suscetível de inovação sem ameaças ao seu equilíbrio (CASTELLS, 1999, p.498).

2.2.2 As plataformas

Muitos são os tipos de redes sociais, caracterizadas pelo compartilhamento, pelo estar junto, conectado, estabelecendo pontes entre o virtual e o real. A seguir, comentaremos, sucintamente, sobre as mais conhecidas socialmente.

Orkut – considerado o primeiro portal de rede social, onde qualquer indivíduo pode se cadastrar para troca de informações, formando uma rede de contatos interligada por diversas pessoas que se conhecem entre si. Nessa ferramenta, utilizada como meio de comunicação, também podem ser criadas as comunidades direcionadas por assunto, faixa etária ou interesse social. Por exemplo, “Meio ambiente”, “Sou professor”, “Eu faço Serviço Social”, “Eu amo sorvete”, “Meu namorado é um gato”, dentre outras inúmeras possibilidades. Foi superado pelo Facebook. O Google afirma que seu futuro será definido pelos usuários⁶

Facebook – é uma ferramenta semelhante ao Orkut, tendo como diferença básica a variedade de aplicativos não existente no Orkut. O Facebook tem também mais usuários estrangeiros, facilitando a expansão de redes de amigos do mundo inteiro. Além disso, possui um visual mais leve, atraente e mais seguro, conta com

⁶ Google: usuários determinarão futuro do Orkut no País. Disponível em <http://tecnologia.terra.com.br/google-usuarios-determinarao-futuro-do-orkut-no-pais,29cb380b8f04c310VgnVCM500009ccceb0aRCRD.html>.

álbuns mais organizados e oferece liberdade para seus usuários configurar a página de forma fácil e sem nenhum tipo de código. Hoje, através do Facebook, professores e alunos trocam mensagens, estabelecem diálogos, participam de grupos de interesse comum organizado pela instituição educacional da qual fazem parte.

Twitter – é uma rede social e servidor para micro blog, que possibilita aos usuários enviar e receber informações e atualizações pessoais de outros contatos. As atualizações do Twitter são exibidas no perfil de um usuário em tempo real e também enviadas a outros usuários seguidores, que tenham assinado para recebê-las. Embora não permita anexar artigos ou notícias sobre algum tema, é o caminho mais rápido para obtenção de dados sobre tudo que acontece no mundo todo. Através do Twitter, podemos manter uma conversa, emitir comentários sobre temas e links publicados, receber links, pedir, perguntar, ajudar, ser ajudado e conhecer muita gente, o que pode viabilizar novas fontes de informação, facilitando a troca de conhecimento.

Instagram – é considerada uma rede social que pode ser utilizada para a postagem de fotos, permitindo os membros seguir outros e serem seguidos também. As fotos postadas possuem a opção “Curtir” e “Comentar”, para que os demais usuários manifestem suas opiniões sobre a imagem. Esta rede social, inicialmente era restrita apenas para usuários de Iphone, já que o aplicativo só era compatível com o sistema iOS, da Apple. Posteriormente, porém, foi lançado o aplicativo do Instagram para Android e, mais recentemente, o seu conteúdo foi expandido para além dos sistemas móveis, estando disponível também em computadores pessoais, nomeadamente com sistema operativo Windows. O Facebook comprou, há pouco tempo, o Instagram por um bilhão de dólares e, com isso, a quantidade de usuários da rede social cresceu exponencialmente, tornando-se, o Twitter, juntamente, com o Facebook, a “febre” do momento das redes sociais.

Youtube – é um site que permite que as pessoas carreguem e compartilhem vídeos na Internet. Devido a sua capacidade de hospedar quaisquer vídeos não protegidos por copyright, é o site mais popular do tipo. O material encontrado pode ser disponibilizado em blogs e sites pessoais. No espaço educacional, pode ser utilizado para baixar vídeos interessantes para sua exibição em sala de aula.

Games em Rede – São chamados games em rede os jogos eletrônicos jogados via Internet. A combinação entre games e Internet potencializou a criação

de diversos tipos de jogos que tem características de redes sociais, como a interação com diversos indivíduos que se encontram em outros locais do país ou mesmo do mundo, troca de ideias e experiências e diversão em grupo. Os jogos online, geralmente, disponíveis para iOS, Androide, Xbox 360 e outras plataformas, também pode ser acessado pelo Facebook, proporcionando que um jogador conectado à rede possa jogar com outros sem que ambos precisem estar no mesmo espaço ambiental. Tudo em tempo real, sem sair de casa, como se o outro estivesse lado a lado. Esta categoria de jogos vem atraindo cada vez mais o público, abrindo novas perspectivas de diversão, tornando-se “febre” também na Internet no atual momento da realidade.

As redes sociais, portanto, se manifestam de diferentes formas e vêm ganhando relevância crescente na sociedade em midiatização. Afinal, elas têm como intuito conectar pessoas dos mais diversos locais do mundo, proporcionando a comunicação. Devemos, pois, pensar essas redes buscando compreender todas as dimensões presentes nas suas formas organizativas.

Além das redes sociais, temos muitas ferramentas de consultas na Internet que podem auxiliar professores e alunos na execução da pesquisa científica, como, por exemplo, os blogs, wikis, chats, fóruns de discussão, etc. Dentre essas, não podemos esquecer, é claro, do famoso site denominado Google, que faz uma varredura nos demais sites de pesquisa, facilitando o rápido acesso às informações procuradas.

O Google é o site mais utilizado pela grande maioria dos indivíduos do mundo inteiro, inclusive, nós, sujeitos educacionais, empenhados na tarefa de ensinar, de aprender e de construir conhecimentos. Mas, para isso, o simples uso do Google não garante a capacidade de abstração e de reflexão dos sujeitos – qualidades imprescindíveis ao pensamento crítico e ao processo educacional.

Cada autor aqui estudado fala sobre as novas configurações midiáticas, seguindo um ponto de vista próprio, determinado. Entretanto, com base nas assertivas dos diferentes teóricos, consideramos, para este trabalho, a Internet com o seu caráter midiático-interacional e seu papel decisivo na emergência da “cultura midiática”, produtora de novos sujeitos, novos atores sociais, capazes de gerar novas possibilidades de interação e insculpir nos diferentes espaços a diversidade de interesses existentes na atual realidade social.

Por fim, podemos dizer que, nos últimos tempos, a potencialidade das redes digitais dispensa nosso deslocamento físico, viabiliza a obtenção de informações rápidas e em tempo real, produzindo efeitos em todos os campos sociais, inclusive na educação, diversificando e potencializando o processo de apropriação de conhecimentos por meio das suas inúmeras ferramentas, dentre elas, a Internet.

Dito isto, achamos necessário refletir a seguir, ainda que sucintamente, sobre o papel da Internet no espaço educacional.

2.3 A INTERNET NA ÁREA DA EDUCAÇÃO: o virtual em espaço real

No processo educacional, as redes digitais, com destaque para a Internet, reúnem um conjunto de elementos facilitadores do processo de ensino – aprendizagem e ao incremento da produção científica na área educacional. A Internet, com suas inúmeras possibilidades, já está incorporada ao cotidiano das instituições educacionais, trazendo inúmeros desafios à atuação dos seus agentes, dos quais se cobram condições de transitar no novo ambiente e de adaptarem-se à velocidade das suas transformações.

Paradoxalmente, a velocidade do avanço tecnológico não é compatível com a velocidade da democratização do acesso. Isto porque, tão importante quanto à presença e o uso das tecnologias no espaço educacional é a necessidade de luta para o efetivo acesso de todos à nova realidade das tecnologias. Há de se, portanto, vincular essa luta às demais lutas sociais, exigindo a igualdade social substantiva.

A midiática da educação tem desse modo como principal desafio não apenas adaptar as instituições ao atual contexto das tecnologias, mas, sobretudo transformá-las num espaço inclusivo, onde todos possam, sem nenhuma distinção, ter igualdade de acesso às configurações midiáticas veiculadas pela Internet.

Só num espaço assim, rico, potente, fecundo, é possível formar de fato, cidadãos do mundo, contribuindo para que os agentes, de forma consciente e crítica, se tornem efetivamente envolvidos, capazes de alcançar o mais alto nível de integração na sociedade.

O impacto das inovações tecnológicas - decorrentes da eletrônica e informatização nas instituições educacionais - está reconfigurando de forma significativa as concepções de educação, suscitando um conjunto de situações de ensino, aprendizagem e produção de conhecimento científico que demanda interpretação teórica para os fenômenos da realidade virtual, dos jogos e brinquedos educativos, dos cursos a distância, dos espaços, tarefas, rotinas, enfim, da cultura da informática. Todas essas inovações parecem interferir nas práticas culturais das instituições educativas, e essa intervenção precisa ser entendida (ALBUQUERQUE, 2004).

Nessa realidade das novas tecnologias, portanto, por melhor que seja a estrutura de uma instituição de ensino, ela acaba se exaurindo, se não conseguir superar a condição de mera guardiã transmissora do conhecimento e transformar-se em contínua instauradora do processo de conhecer. As instituições de ensino, especialmente as do ensino superior, operam com a produção do conhecimento científico, exercem a função de formar profissionais e são, portanto, responsáveis pelo desempenho e resultados de seus alunos.

Corroborando essa visão, Tajra assevera que:

A escola e os professores devem oferecer a seus educandos os recursos disponíveis nos seus meios. Recusar esta possibilidade significa omissão e não cumprimento da missão principal do educador: preparar cidadãos pró - ativos para um mundo cada vez mais competitivo e, infelizmente, com grandes disparidades sociais (2001, p.10).

Como qualquer área, a educação precisa estar atenta para as imensas possibilidades desse novo cenário da sociedade contemporânea. Diante do polêmico e instável contexto, permeado de tensões e ambiguidades, pensar o conhecimento, hoje, nesse mundo virtual, eis uma das grandes questões, no que se refere à Internet, na área da educação. O impacto das novas tecnologias nos obriga a repensar o lugar da escola e o nosso próprio lugar como agente educacional, habitante dessa sociedade em processo acelerado de midiatização.

A comunicação virtual, caracterizada pela interatividade, agilidade e facilidade de trocar mensagens e informações em tempo real, proporcionada pelas transformações tecnológicas, chega ao espaço real das instituições de ensino, como um importante recurso no processo de construção do conhecimento e na formação

dos agentes. Isso porque muitos são os fatores que podemos destacar como diretamente relacionados à mídia na área da educação, entretanto, um deles não pode deixar de ser mencionado: o papel da mídia na formação da cidadania. É nessa perspectiva que, no andamento do processo educativo, a presença dos meios de comunicação se torna imprescindível.

Estamos, conforme diversos teóricos do currículo, vivendo uma mudança paradigmática. O conhecimento torna-se obsoleto em pouco tempo. Formar nossos alunos é tarefa contínua. O currículo contemporâneo deve considerar a ética, os direitos humanos, o meio ambiente, a questão da cidadania, o multiculturalismo, a interdisciplinaridade do conhecimento e a sua transversalidade. Deve encarar o aluno como sujeito histórico, cidadão do mundo, respeitando as diferenças e estimulando a criatividade, a pesquisa, a troca de experiência.

A importância da Internet na área educacional tem, portanto, como uma das suas principais características suscitar o conceito de educação continuada. Hoje, com a proliferação das TIC, especialmente da Internet, uma imensidão de informações e conhecimentos se encontram à nossa disposição, o que nos leva a acreditar, com Braga e Calazans, que:

Uma graduação é apenas uma formação de “partida”. Além dos desenvolvimentos das experiências e dos estudos pessoais, qualquer profissional é frequentemente solicitado a retomar os estudos e cursos, fazer re-imersões nos processos formadores para atualização e aprofundamento. Os conhecimentos, de certa forma, precisam ser “substituídos” ou pelo menos revistos (2001, p.108).

Em consonância com os referidos autores, podemos dizer que, devido ao excesso de profissionais ou à obsolescência dos seus conhecimentos, a realidade digital de hoje exige, pois, a reciclagem, a atualização do que foi aprendido na universidade. Isso porque, o conhecimento é um bem perecível, que se altera rápido e constantemente. Não podemos guardar o que aprendemos. O conhecimento, se guardado, acaba se estragando. Tem que ser conservado, renovado e mantido como fonte inesgotável de novos saberes.

Presenciamos, atualmente, um rápido intercâmbio de conhecimentos técnicos, científicos, tecnológicos e culturais. O conhecimento científico não está em construção apenas na universidade, com salas de aula, biblioteca, professores de

livro na mão, alunos anotando. Nesse mundo globalizado o conhecimento está em todo lugar. A universidade é apenas mais um canal. Vivemos além do nosso tempo. O tempo das redes, que não é o cronológico, é o fluir de nossa interação com as redes em um tempo mediatizado. E vivemos além de nosso espaço, que não é físico, é nossa telepresença em espaços virtuais (MARTINS 1998, p. 123, grifo do autor).

Até há pouco tempo, não se acreditava que pudesse ocorrer aprendizagem por meio da mídia e seus meios de comunicação. Colocava-se todo o mérito na escola, como se esta fosse a única fonte de aprendizagem autorizada, legitimada e verdadeira, porém:

A partir dos anos 90, com as redes informáticas, a reação se inverte (no que se refere aos agora chamados NTIC- Novas Tecnologias de Informação e Comunicação), levando a uma hipervalorização do gesto de clicar um link, como de daí estivesse prestes a surgir todo conhecimento necessário ao homem e à sociedade (BRAGA e CALAZANS, 2001, p. 93).

Em outra linha de pensamento, Silva, reconhece que:

Essas transformações não tinham sido sentidas de maneira tão forte pela escola, leia-se sociedade, até a massificação do computador. Ele veio alterar não só a capacidade do indivíduo de informar e ser informado, como as relações mediáticas no transcurso informativo; em outras palavras, as relações entre o homem e a máquina. E, de fato, com o surgimento do personal computers, revela-se uma nova forma de máquina, uma máquina que pretende substituir a inteligência humana (2008, p. 33).

Sabemos que “o rádio, a televisão, os vídeos, mas - ainda muito mais expressivamente a Internet - fizeram com que as informações ganhassem uma nova dimensão e incomensurável volume, alterando de forma substancial o papel da escola e a função do professor” (ANTUNES, 2001, p.11). As novas tecnologias, sem dúvida, apontam novos desafios ao processo educacional. E, dependendo da forma como vêm sendo utilizadas, elas podem trazer grandes avanços na área.

Atualmente, é inegável que as informações disponíveis no espaço midiático vêm suscitando novas alternativas de ensino, tornando o aprendizado mais rico e cheio de perspectivas, revelando caminhos para a construção de um modelo educação diferente da pura transmissão do saber, que situa os alunos como meros

receptores de currículos e programas pré-determinados, alienados, incapazes de construir conhecimentos necessários à transformação social.

Precisamos, contudo, lembrar com Nascimento (2003), que a influência que as Tecnologias de Informação, de modo especial, as redes digitais, passaram a exercer na educação deve ser examinada de forma responsável e consciente. Segundo o autor, apesar de o ambiente informatizado ser importante e oferecer certa facilidade, ele, por si só, não é garantia de construção do conhecimento. Todos os membros da sociedade contemporânea, de qualquer nível escolar e social, serão verdadeiros párias sociais, na era da comunicação, caso lhes seja negado acesso à capacitação das habilidades de:

- Comunicar-se em língua nativa, lendo, escrevendo, falando ou estudando;
- Operar equipamentos eletrônicos que estarão presentes no trabalho, no lar, na escola, na igreja e nos locais de lazer; e
- Tomar decisões nas situações em que as informações crescem exponencialmente (NASCIMENTO, 2003, p. 52).

Contudo, Tajra, com a mesma preocupação de outros autores estudiosos do tema, afirma que:

Os professores precisam estar abertos para incorporar essa nova realidade, entretanto, entre o momento da percepção da necessidade de mudar e ter resultados com as mudanças adotadas existe um “espaço-intervalo” em que estamos processando as mudanças de paradigmas. Sabemos que todo processo de aprendizagem é doloroso, e somente após um certo tempo nos sentimos mais seguros e conseguimos atingir mais uma etapa no nosso desenvolvimento pessoal e profissional (2001. p. 127).

Evidentemente são grandes e expressivas as possibilidades que os avanços tecnológicos colocam ao nosso alcance. Estamos dependentes da Internet de tal forma que já não podemos mais imaginar a vida sem ela. Todavia, não podemos colocar as técnicas como centrais no contexto do ambiente midiático, nos deixando seduzir, a ponto de entregar toda a nossa expectativa à inovação tecnológica, tal como alerta Miège (2009).

Temos no espaço das redes condições de circular o planeta, encontrar pessoas, trocar informações, interagir. O aparato tecnológico, sem dúvida, “nos permite ampliar o conceito de aula, de espaço e de tempo, de comunicação

audiovisual, e estabelecer pontes novas entre o presencial e o virtual, entre o estar juntos e estarmos conectados a distância” (MORAN, 2000, p. 12). Isso, entretanto, não é suficiente para garantir o sucesso da prática educacional. Muitos desafios se apresentam no ato de ensinar, aprender e pesquisar, com o uso da Internet.

Se a formação de qualidade dependesse só de tecnologias, já teríamos achado as melhores soluções há muito tempo. Elas são importantes, mas não resolvem as questões de fundo. Ensinar e aprender são os desafios maiores que enfrentamos em todas as épocas e, particularmente agora, que estamos pressionados pela transição do modelo de gestão industrial para o da informação e do conhecimento (MORAN, 2000. p. 12).

Na verdade, a realidade tecnológica está aí, se entrelaçando à realidade educacional, atingindo e envolvendo todos nós, agentes da educação. Nessa relação, não devemos esperar da Internet soluções extraordinárias e espetaculares. Temos pontos inquestionáveis na Internet, sem dúvida alguma, mas há também pontos cruciais e críticos que devemos considerar.

O potencial inovador das novas tecnologias, principalmente da Internet, vem, inegavelmente, encantando e atraindo a todos os agentes educacionais. Até aqueles mais resistentes se sentem inclinados à sua utilização, pois essas ferramentas trazem contribuições e facilidades ao processo pedagógico. Mas há ainda contradições em relação às suas potencialidades e as formas como alteram estilos e processos de aprender e de ensinar.

Dentro dessa nova realidade midiaticizada, o professor não é mais visto como um especialista em conteúdo, um detentor do saber, seu papel não é transferir conhecimento. Todo ensino acontece com alunos reais, que desejam ou não aprender, num ambiente definido, com estrutura adequada ou não.

Quer dizer, no processo de ensino há toda uma confluência de fatores determinantes e determinados. A instituição recebe influência do aluno e do professor. Aluno e professor também exercem influência sobre a situação institucional. O aluno não aprende assumindo uma atitude contemplativa, não absorve o conteúdo ministrado sem estar participando ativamente, sem estar inteiramente envolvido com a produção do conhecimento.

Na relação ensino-aprendizagem, é indispensável o envolvimento participativo, a existência de um clima que favoreça a troca, o diálogo. Novas formas interacionais constituem justamente um dos principais aspectos suscitados pelas Tic, que, desencadeando inovações sociotécnicas, disponibilizam, através de seus meios diversificados, formas de comunicação.

Com essas inovações, constantes desafios são lançados às instituições de ensino, induzindo a busca de conteúdos capazes de dar conta da formação de um aluno menos alienado e mais preparado para exercer as funções da sua profissão. O processo ensino-aprendizagem caracteriza-se por uma sensação de inderterminância e de indecisão, de não saber o que vai dar.

Trata-se de um processo de desenvolvimento e não de um corpo de conhecimentos a ser coberto e aprendido. É como se aluno e professor, juntos, embarcassem numa viagem rumo ao desconhecido, na qual se revezarão no leme, nos remos, nas velas, um pouco à mercê dos ventos e das marés, mas decidindo, conjuntamente, durante a viagem, a qual destino vão querer chegar (MORAES, 2000, p. 240).

Nessa “viagem” rumo à “aprendizagem midiaticizada” só uma coisa não podemos deixar de levar: a certeza de que os avanços tecnológicos na educação não podem ser traduzidos como avanços educacionais.

Para alguns, trata-se de vê-las como meios. “A Tecnologia do mundo atual e futuro, por mais que seja englobante, é e será, sempre meio, instrumento, estratégia, decorrência” (PEREIRA, 2000, p. 178).

Mas em outros se observa uma ambiguidade. Nas palavras de Ramal:

Educar na cibercultura implica formar seres conscientes, críticos e capazes de gerenciar informação, o que também poderá provocar uma revisão do papel do professor [...] A ideia de ‘grade curricular’ é totalmente incompatível com os modelos necessários para as novas práticas educacionais (2002, p. 252).

Portanto, se agora essa nova realidade atinge o espaço acadêmico, é preciso que possamos aprender um novo tipo de comunicação, a comunicação virtual, e até reaprender a comunicação real (TIJIBOY, 2008). Nesses novos tempos em que presenciamos a crescente velocidade com que o conhecimento avança nas

correntezas do mundo globalizado, podemos, com certeza, dispor de inúmeros recursos tecnológicos cada vez mais penetrantes. Não podemos ignorá-los.

Entretanto, muito ainda precisa ser esclarecido e examinado, uma vez que as concepções sobre o assunto, de certa forma, ainda se apresentam controversas. Alguns estudiosos da área se posicionam contra, outros, a favor, no que diz respeito às contribuições da Internet como ferramenta educacional. Precisamos, pois, entender a presença marcante dessas tecnologias e os seus efeitos na educação.

Além disso, precisamos estar atilados para a urgência do tempo e reconhecer que a expansão das vias do saber não obedece mais à lógica vetorial. É necessário pensarmos a educação como um “caleidoscópio e percebermos as múltiplas possibilidades que ela nos pode apresentar os diversos olhares que ela impõe, sem, contudo, submetê-la a tirania do efêmero” (SILVA, 2008, p.37).

Vivenciamos hoje, segundo muitos teóricos da área, uma das maiores revoluções comunicacionais do mundo. O surgimento da Internet como ferramenta de comunicação atinge todos os aspectos da realidade, oportunizando condições de se eliminar barreiras geográficas, linguísticas e culturais, abrindo, assim, as portas para a chamada globalização. Hoje, dentro de uma nova fase dessa globalização da sociedade, o contínuo desenvolvimento tecnológico é a sua mais notável característica.

As novas tecnologias intensificam o processo da globalização. Isso, porém, não está relacionado apenas com o fato de se ter agora um expressivo número de agentes conectados, mas, sobretudo, ao fato de termos também um grande número de agentes, que, ao tempo que se deixam influenciar, são também influenciados a participarem da construção e reconstrução de novas formas de ser, fazer e, conseqüentemente de viver.

Inferimos, pois, que, diante da realidade permanentemente mutante das tecnologias, os agentes começam, então, a perceber os riscos gerados pela demanda de novas exigências de qualificação, o que pressupõe habilidades e competências para o manuseio das técnicas. Como decorrência, eles passam a encarar o avanço tecnológico como fator de revolução e, ao mesmo tempo, como fator de ameaça.

Significa dizer que a Internet tem também seu lado tenebroso, onde se instala receios e falta de confiança. O fator confiança na Internet é pouco tratado, problematizado ou definido pelos autores da área, mas está amplamente presente nas manifestações dos nossos sujeitos. Por esse motivo, tornou-se assunto a ser refletido no próximo item.

2.4 A QUESTÃO DA CONFIANÇA: perspectiva requisitada na análise dos dados

A questão da confiança é um aspecto importante, como acabamos de dizer, aparece como eixo transversal no nosso estudo, uma vez que atravessa as diversas dimensões analisadas, ou seja, se fez bastante presente nas percepções e discursos dos agentes na pesquisa empírica.

Assim sendo, buscamos na teoria dados que nos dissessem, mesmo que não diretamente, da questão da confiança por parte dos agentes educacionais em relação à Internet nas atividades acadêmicas.

Verificamos que o tema confiança é estudado na psicologia, na economia, na sociologia, enfim, diferentes áreas estão envolvidas em pesquisa sobre o fenômeno. Sem a intenção, entretanto, de estudar aqui a questão de forma profunda ou sob um ponto de vista específico, buscamos a partir de uma breve revisão de literatura interdisciplinar, ou seja, relacionada a outras esferas do saber, refletir sobre a importância do fator confiança nos conteúdos veiculados na Internet por parte de professores e alunos.

Mais exatamente, a questão que nos move nesta reflexão é: qual a relevância do fator confiança na Internet para as atividades de ensino e pesquisa acadêmica dos agentes educacionais? Essa questão, surgida na pesquisa empírica, está em relação com nossas questões centrais, tanto no sentido da construção do conhecimento, como na esfera comunicacional.

Como visto, no processo de mediatização em curso, o conhecimento está globalizado e disponível a todos. A Internet é hoje uma das tecnologias mais utilizadas em diferentes segmentos da vida humana. No segmento educacional, professores e alunos, sentindo a necessidade de entrarem no mundo online, usam

cada vez mais a Internet, não só para a comunicação pessoal e profissional, mas também para adquirir informações necessárias ao processo de produção acadêmica.

Mas, se existe esse uso intenso, é o caso de formular as seguintes perguntas: podemos dizer que existe por parte desses sujeitos a confiança absoluta nas informações que a Internet veicula? Até que ponto o fator confiança é significativo para seu uso de uma forma geral e, de modo específico, nas atividades de estudo e pesquisa? Como a rede afeta a confiança dos interagentes?

Quando não temos informações concretas, seguras, a incerteza e o risco se instalam. Incerteza, risco e confiança são, portanto, fenômenos intimamente relacionados. A confiança é justamente a maneira pela qual os agentes lidam com os problemas de risco (MARQUES, 2007, p.31). “Quem confia coloca-se em situação de risco, porque, de alguma maneira, apostou em um determinado curso de ações e agora se encontra vulnerável” (OSTROM e WALKER, 2003, p.35).

Quando o sujeito tem a sua disposição um conjunto de evidências que se mostra inconclusivo, o risco aparece, porque não se pode determinar precisamente o que se seguirá. Só existe confiança onde existe ignorância em alguma medida. Nesse sentido, não se pode equiparar o ato de confiar a uma escolha racional (MARQUES, 2007).

Giddens (1991), concebendo confiança como crença e como uma forma de fé que sustenta a realidade humana, julga que, em condições de modernidade, a confiança não é dada, ela deve ser trabalhada a partir de um projeto que paulatinamente ofereça condições para que a confiança seja conquistada.

Se a confiança é construção e conquista, cabe aos agentes buscar formas de enfrentar os problemas que obstaculizam a confiança. Acreditamos que a falta de habilidade - de domínio técnico, a resistência, o medo do desconhecido, comportamento tecnófobos, a falta de coragem de enfrentar o novo, de reaprender, a preferência pela paz da acomodação são empecilhos para aumentar o nível de confiança dos alunos e professores na Internet.

Mas, também, não podemos deixar de lembrar que, se na Internet circula a matéria-prima do conhecimento, a informação, da mesma forma circulam notícias,

vídeos, artigos científicos, relatos, ensaios literários (ou não) e matérias de natureza diversificada, incluindo dados menos ou nada educativos (MACEDO, 2005).

Avançando na discussão Miège (2009), adverte que é preciso evitar comportamento idólatra, de fascínio, apropriação, identificação, rejeição etc. dos usuários da Internet e suas ferramentas.

Rezende (2012), também chamando atenção para esse aspecto, afirma que devemos transformar esse deslumbramento em cautela. O autor propõe, portanto, questionar os fundamentos da confiança iluminista na tecnologia como panaceia para uma nova ordem social. O excesso de confiança tem gerado e alimentado expectativas coletivas ingênuas, às vezes perigosas.

As redes fluidas de comunicação eletrônica oferecem flexibilidade, adaptabilidade e escalabilidade inatingíveis em redes fechadas, mas estas mesmas características são responsáveis por um aumento de escala nas dificuldades para comportarem processos confiáveis de identificação. Nelas, as âncoras físicas e espaciais do mundo social tradicional desvanecem das interlocuções e dos discursos, reduzindo-se, no caso da internet, a endereços IP e nomes de domínio que podem ser dissimuladores, ininterpretáveis ou fraudados, dissolvendo-se, assim, um elo fundamental no nosso processo de semiose. A semiose é o processo de se extrair significado da informação. Um exemplo de semiose é o processo que leva uma pessoa a crer que uma mensagem recebida por e-mail é arrogante, grosseira, indiscreta, tola, engraçada ou importante. Uma rede de comunicação aberta dificulta a identificação até mesmo de seu próprio mapa, gerando incertezas sobre o limiar de sua influência. Mesmo se, por exemplo, nunca usarmos nem descartarmos nem aceitarmos ligações de telefones celulares, estaremos mesmo assim, sob a influência de sua malha, pela necessidade de nos adaptarmos a novos padrões sociais de expectativas de acessibilidade, de tolerância à interlocução interrompível, e de bons modos. No caso da internet, a dificuldade de percepção desse limiar de influência é mais sutil, e, por isso, potencialmente mais perigosa que no caso da telefonia móvel (REZENDE, 2012).

Segundo o autor (op. cit.), acabou a noção de propriedade, de autoria. “A Internet não tem dono, gerente, comando central ou diretoria”. E isso, certamente, gera certo receio nos seus usuários.

Na verdade, a Internet é uma terra de todos e ao mesmo tempo de ninguém. A falta de contato ‘face a face’ ou ‘olho-no-olho’ inviabiliza o recolhimento de evidências, de impressões a partir das quais os sujeitos podem ainda que minimamente obter uma orientação, o que, sem dúvida, dificulta a construção da

confiança. Sendo assim, ficamos, geralmente, com a dúvida sobre a autenticidade, a exatidão, ficamos com a ausência da garantia, da eficácia das informações veiculadas. Quando não temos informações concretas, seguras, a incerteza e o risco se instalam.

Em relação à questão, nos termos de Silverstone: “nessa atividade, há lógica e magia. Segurança e insegurança. Confiança e Medo” (2002, p. 60). Não podemos, é claro, deixar de admitir o poder de fascínio que a Internet e suas diversas ferramentas exercem sobre todos os habitantes do planeta midiaticizado. Por outro lado, não podemos deixar de lembrar que, embora não possamos ignorar as grandes mutações que a realidade tecnológica potencializa na educação e o forte poder da Internet na ampliação do campo de atuação dos seus agentes, para além dos muros institucionais, isso não garante a absoluta confiança nas informações que disponibiliza. E, neste caso, a relação dos agentes educacionais com a Internet impõe sempre um grande desafio.

As inovações na era da informática deixam-nos sempre em defasagem. É impossível acompanhar todas elas. Estamos em constante estágio de ignorância tecnológica, Se não nos lançarmos a essas inovações, com certeza, ficaremos cada vez mais atrasados. Devemos estar convictos de que estamos diante de um imperativo tecnológico. Devemos sempre questionar tais alterações e nem sempre adotá-las. O questionamento é imprescindível; precisamos ser críticos e saber usar a criticidade. As mudanças não se limitam aos instrumentos físicos, mas às mudanças na sociedade, na cultura, na economia, na forma de produção, na forma de aprender, nos sistemas de comunicação e nas atividades mais simples do nosso cotidiano (TAJRA, 2001, p. 128).

Nesse sentido, como já alertamos, devemos permanecer prevenidos. Cautela e ceticismo são instrumentos que devemos acionar sempre. Não estamos querendo fazer aqui uma apologia aos perigos da Internet. No entanto, não podemos fazer da Internet uma espécie de “salva-vidas” em situações de estudo e pesquisa.

Incorporamos, certamente, o computador e suas múltiplas possibilidades no nosso cotidiano pessoal e profissional. Mas, em qualquer circunstância, devemos evitar a alienação e a reificação tecnológica. Da mesma forma que potencializa, a Internet paralisa. As informações que disponibiliza nem sempre trazem respostas convincentes para as demandas e anseios informacionais e de conhecimento dos sujeitos educacionais.

Na literatura encontramos tanto autores que defendem enfaticamente as tecnologias de informação e comunicação, como encontramos autores, que, embora não descartem os fatores positivos dessas tecnologias, não deixam de alertar para os riscos e perigos que elas podem acarretar.

É preciso, assim, que tenhamos clareza de que a Internet, quando aliada às questões tecnológicas, “muito ainda precisa ser elucidado e analisado, haja vista que as opiniões sobre a temática, de certa forma, ainda são controversas, e em geral, mantêm um tom passional, tanto para a defesa quanto para o ataque” (MACEDO, 2005, p. 62).

Em síntese, podemos afirmar que, nos labirintos contemporâneos dos processos de comunicação, o importante não é nos posicionarmos contra ou a favor, mas, sim, buscar um ponto de equilíbrio, mantendo uma postura livre da alienação, uma postura madura, crítica, realmente voltada às preocupações de ordem sociotécnicas.

Só dessa maneira, é possível se contribuir para a consolidação de uma visão de totalidade, que enxergue essa realidade em toda sua dinâmica, como lugar onde pulsa certeza e incerteza, segurança e insegurança, riscos e possibilidades.

Refletindo sobre as diversas abordagens aqui mencionadas, podemos perceber que cada teórico analisa o tema confiança a partir de um determinado ângulo. Entretanto, a partir dessa incursão teórica, acreditamos ter conseguido resposta para nossa indagação sobre o tema. Concordamos que é de suma importância o fator confiança, assumindo este um papel fundamental na relação dos agentes educacionais com a Internet, nas atividades acadêmicas. Outras perguntas, porém, emergem, nesse contexto, como a nos lembrar de que são elas que nos inspiram, nos põe em movimento e nos abrem caminhos para a construção do novo.

Na verdade, na relação com a Internet, os sujeitos devem se sentir desafiados e, ao mesmo tempo, confiantes nas suas contribuições e facilidades. Para isso, torna-se imprescindível que professores e alunos possuam conhecimento pedagógico, científico e conjuntamente técnico, não apenas para o manuseio das diversas ferramentas comunicacionais, mas, sobretudo, para assumir com competência o sentido histórico dos processos midiáticos, lutando por novas

propostas de práticas sociais, capazes de contribuir para a consolidação de novos padrões de comportamento, no trato das interações construídas pela Internet.

**CAPÍTULO III: CONSIDERAÇÕES REFLEXIVAS SOBRE
TECNOLOGIAS E PROCESSO DE MEDIATIZAÇÃO: por um
olhar teórico**



*...Tenho o costume de andar
pelas estradas. Olhando para a
direita e para a esquerda. E de
vez em quando olhando para
trás...*

(Fernando Pessoa)

3.1 O AMBIENTE DAS TECNOLOGIAS PARA A CONSTRUÇÃO DO SOCIAL: da passagem dos meios a emergência da mediação

Neste capítulo tentamos apresentar o quadro teórico que servirá de referencial para a interpretação e análise dos dados empíricos do nosso estudo. Quando nos perguntamos sobre quais são as concepções sobre o ambiente das tecnologias para a construção do social, recorremos a um conjunto de noções preliminares, encontradas em fontes teóricas pelas quais transitamos no processo da pesquisa. O propósito desta seção é, pois, discutir sobre tecnologias e mediação. É possível fazer isso sem voltar inicialmente nossa atenção para o desenvolvimento da realidade comunicacional, ao longo do tempo? Decidimos, portanto, recuar no tempo, “olhar o retrovisor”, seguir em frente mirando o que ficou para trás, resgatando, ainda que sucintamente, alguns aspectos sociais e históricos da comunicação.

A comunicação é conatural ao ser humano. Não existe sociedade, sem comunidade, sem comunicação entre os homens. Para agir em comum, os seres humanos interagem. Desde que se pode identificar a existência de grupos humanos, na pré-história mais remota, existe comunicação social (BRAGA E CALAZANS, 2001).

Desse modo, a comunicação fez parte da vida do homem desde sempre. Como ser social, valendo-se de suas capacidades de percepção, reflexão e raciocínio lógico, o homem buscou interpretar o mundo a sua volta e, ao longo dos séculos, foi desenvolvendo formas de se comunicar. A comunicação é, pois, um fenômeno histórico social, cada época da civilização humana tem suas características específicas e uma maneira própria de concretizar os processos sociais, influenciada pelos meios.

Para atingir a compreensão do mundo que o rodeia, o ser humano necessita inteirar-se do mundo, buscando conhecer as diferenças sociais, econômicas, políticas, religiosas, étnicas e culturais, além das distintas maneiras de ver, sentir, reagir, própria de cada indivíduo. A interação é, pois, uma necessidade natural do ser humano.

A linguagem quer verbal ou não verbal, é o elemento principal de interação no mundo, e está à disposição de todas as pessoas. As pesquisas de Berger e Luckmann⁷ deram especial importância ao estudo da linguagem como forma de construção do social, pelo fato de a linguagem expressar objetivações e intenções subjetivas. Isso porque todas as formas de linguagem humana são índices ou indicadores para as ideias, atitudes e para a interação social. São esses índices que fazem com que as pessoas compreendam a subjetividade do outro; que as aproximam ou afastam-nas desse outro (SÊGA, 2011, p. 17 – grifos da autora).

Na primeira fase da civilização humana, a comunicação - ainda que não nomeada desta forma – era realizada através da linguagem não verbal, manifestada por sinais corporais e imagens. Os indivíduos marcavam os locais como forma de comunicar que ali, naquele local, havia boa caça, pesca ou condição para moradia.

É óbvio que a comunicação – processo social básico de produção e partilhamento de sentido através da materialização de formas simbólicas - existiram desde sempre na história dos homens, e não foi inventada pela imprensa, pela TV, pela internet. A modernidade não descobriu a comunicação – apenas a problematizou e complexificou seu desenvolvimento, promovendo o surgimento de múltiplas formas e modulações na sua realização (FRANÇA, 2001, p. 141).

A linguagem, seja verbal ou não verbal, é o principal elemento de interação no mundo. Na sociedade oral não era diferente, a linguagem exercia papel fundamental e era usada como instrumento indispensável para a comunicação e para a própria sobrevivência social. Os indivíduos buscavam, portanto, nessa época, por meio da oralidade, repassar seus conhecimentos, suas memórias, para que suas descobertas pudessem ser levadas adiante, de geração a geração.

Nesse sentido, o patrimônio cultural acumulado era transmitido às outras gerações por meio da comunicação oral. Contudo, não se pode esquecer que esse registro era limitado à memória dos anciãos, e o seu desenvolvimento dependia da habilidade que tinham determinadas gerações de transmitir, comunicar aqueles padrões culturais a outras gerações (GOMES, 1997, MARQUES DE MELO, 1998).

⁷ A autora se refere aos autores: BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomaz. *A Construção Social da Realidade*: livro sobre a sociologia do conhecimento. Lisboa: Dinalivro, 1999.

A invenção da escrita acaba libertando o homem da dependência direta aos ancestrais, uma vez que:

O aparecimento da escrita significava potencialmente a acessibilidade de todos os indivíduos aos bens culturais das comunidades e, conseqüentemente, ameaçava a desarticulação dos sistemas de mundo. Daí o cuidado com que os governantes cercaram a difusão da escrita, tornando-a privilégio de um reduzido número de pessoas (MARQUES DE MELO, 1998, p. 11).

Dois fatos podem representar a evolução cultural humana: a invenção da imprensa escrita no século XV e a invenção da televisão no século XX.

Ainda que a relação entre mídia e sociedade seja uma relação histórica, o termo “comunicação” só começa a ser utilizado com mais exatidão, a partir da segunda metade do século passado. Antes se nomeavam as práticas, os procedimentos, os objetos: era a linguagem; a retórica; os arautos; os avizzi; o jornal (FRANÇA, 2001).

Na realidade, o campo da comunicação tem pouco tempo de reflexão teórica, somente com o surgimento dos meios de comunicação de massa e das sociedades contemporâneas é que se passou a falar em comunicação enquanto disciplina acadêmica (FUENTES e LOPES, 2001).

Os meios de comunicação de massa são responsáveis pela disseminação de informações através de veículos, como jornais, televisão, rádios e cinema que, por muito tempo, passaram a se constituir como principais fontes de informação e entretenimento, passando a fazer parte do cotidiano dos indivíduos, ao longo de seu desenvolvimento.

Portanto, somente depois de algum tempo, já dentro de um contexto de sociedade moderna, quando surge a necessidade de outros mecanismos de comunicação, capazes de obter maior alcance, é que se começa a falar em comunicação de massa. Os meios de comunicação de massa e as redes digitais, hoje, introduzem significativas inovações nos modelos de agrupamento e convívio social, dispondo outros modos de vida ao ser humano.

“Desde as mais antigas formas de comunicação até a mídia digital, a produção, o armazenamento e a circulação de informação e conteúdo simbólico têm sido aspectos centrais da vida social” (THOMPSON, 2011, p. 19). Na concepção do

autor, a comunicação é uma forma distinta de atividade social, uma vez que envolve, a partir de diversos tipos de recursos, a produção, a transmissão e a recepção de formas simbólicas.

Atualmente é bem nítida a grande influência que os meios de comunicação de massa vêm sofrendo com os acentuados progressos tecnológicos. Os tradicionais meios de comunicação estão evoluindo para novos sistemas não mais analógicos, e sim digitais. Com a entrada das novas tecnologias de comunicação é viabilizada uma nova relação entre a técnica e a vida social.

Todo o pensamento comunicacional vai se modificando. A base material que constitui a comunicação começa a passar por profundas transformações, dando lugar a uma nova configuração a um novo sistema, capaz de abranger todas as formas de expressão. Trata-se da penetrabilidade da mídia em todos os campos, em todas as esferas da vida humana, da inclusão de processos, e não somente de instrumentais tecnológicos.

O termo mídia, com os mais diferentes significados, a partir dos anos 1990 com o contínuo avanço das tecnologias no cenário mundial, começa, então a ser amplamente empregado na comunicação. As inovações tecnológicas, especialmente, as redes digitais, vêm, ao longo dos anos, criando uma nova forma de sociabilidade e uma nova forma de comunicação e interação.

A sociedade contemporânea está mergulhada, portanto, em um ambiente intensamente direcionado por processos midiáticos, em que é inegável a importância das tecnologias, mas que solicita, visando à inteligibilidade, uma abordagem não unidirecional e vertical da comunicação, transcendendo a dimensão instrumental. Quer dizer, esse ambiente midiático, valendo-se de tecnologia, de dispositivos e de linguagens, numa perspectiva muito mais abrangente, suscita um fluxo continuamente comunicacional que vigoriza essa nova ambiência.

Temos aí a passagem da sociedade midiática para a midiatização, uma vez que é graças a crescente complexidade da cultura dos meios que se dá origem, em tempos depois, algo que o próprio Martin-Barbero chamaria de “entorno comunicativo”. Não se trata mais da problemática dos meios subordinadas às mediações, mas da emergência de nos e complexos objetos técnico-comunicacionais arquitetando uma nova ambiência e os padrões de funcionamento de novas interações sociais (FAUSTO NETO, 2006, p. 9).

Inicialmente, vivíamos numa sociedade oral, depois passamos para a sociedade dos meios - em que o discurso e a técnica estão a serviço das instituições - e estamos, hoje, nos deslocando, dessa sociedade, para uma sociedade em processo progressivo de mediação.

A mediação situa-se em processos e contextos históricos e também em percursos de desenvolvimento de alta complexidade que impõe a necessidade de considerar mecanismo de explicação que são atualizados no movimento desses próprios processos históricos, e nos quais se passa o desenvolvimento das técnicas, dos processos e das práticas de comunicação. É importante examiná-la no contexto societário no qual se engendra e se desenvolve constituída por uma nova natureza sócio-técnica-organizacional (FAUSTO NETO, 2006, p. 3).

Na sociedade dos meios, se tem uma visão funcionalista em que se vê a centralidade, o protagonismo nas instituições. Já na sociedade em mediação, o centro está no processo em que instituições, tecnologias e linguagens estão inscritos,

Na concepção de Fausto Neto, a sociedade dos meios marcada pela existência de dispositivo-técnico-discursivo, meramente intermediadores, deixa lugar para a sociedade em processo de mediação. “Uma sociedade onde a cultura, lógicas e operações midiáticas afetam relacional e transversalmente, a própria sociedade, no âmbito mesmo de suas diferentes práticas” (2008, p. 10).

Dessa forma, o quadro da comunicação na sociedade contemporânea, sob a influência das novas tecnologias, vem sendo reconfigurado de forma intensa. Atualmente, junto com as chamadas culturas de massa – criadas pelos modernos meios de comunicação – surge também uma nova cultura popular que transforma a comunicação entre os indivíduos da sociedade numa comunicação comprimida pelas redes eletrônicas de informação.

A comunicação hoje, portanto, é considerada como a “forma pela qual uma sociedade põe em marcha e intercambia o conjunto de seus empreendimentos, sejam eles artísticos, sociais, políticos, científicos ou técnicos. Uma cultura complexa é uma cultura plural, aberta, circulando livremente pelo corpo social” (LEMOS, 2013).

Assim, a mídia como produtora de cultura, além de exercer forte influência no viver históricos dos agentes sociais, acaba tornando-se um tipo de suporte da consciência coletiva, na proporção que os fluxos comunicacionais se movimentam continuamente, se reorganizam e criam formas de percepções sobre as coisas, gerando subjetividade. Quer dizer, as nossas concepções, impressões sobre os mais diversos temas são criadas na circulação comunicacional.

3.1.1. Em torno de uma compreensão da cultura midiática em redes digitais

Nas suas investigações, Bourdieu analisa cultura como espaço de reprodução social e organização das diferenças. Nessa lógica, a cultura ganha um novo sentido, um sentido diferente da visão antropológica que a identificava como a totalidade da vida social.

Pierre Bourdieu desenvolveu esta diferença entre cultura e sociedade ao mostrar nas suas investigações que a sociedade está estruturada com dois tipos de relações: as de força, correspondentes ao valor de uso e ao de troca; e, dentro delas, entrelaçadas com estas relações de força, há relações de sentido, que organizam a vida social, as relações de significação. O mundo das significações, do sentido constitui a cultura (CANCLINI, 2005, p.41).

Chegamos, assim, no dizer do autor, a uma possível definição de cultura compartilhada por diversos autores e distintas disciplinas. “Pode-se afirmar que a cultura abarca o conjunto dos processos sociais de significação ou, de um modo mais complexo, a cultura abarca o conjunto de processos sociais de produção, circulação e consumo da significação da vida social” (CANCLINI, 2005, p.41).

Isso significa que o autor entende a cultura como processo social de produção, circulação, consumo e significação. Canclini fala em “culturas híbridas”, está preocupado com os processos de hibridização entre cultura popular, erudita e o massivo. Voltado para cultura popular, chama atenção para a nobreza desses temas não nobres.

A tradicional divisão da cultura que se delineava na sociedade até meados do século XIX, ou seja, de um lado a cultura erudita das elites, e do outro, a cultura popular, produzida no seio da classe dominada, sofreu um grande impacto com o

advento da cultura de massa (jornal, foto, cinema), seguida da evolução tecnológica que, trouxe profundas transformações na sociedade.

Desta forma, ao lado das redes digitais e da presença dos meios de comunicação de massa da sociedade contemporânea, emerge o conceito de cultura identificado aos processos sociais. Trata-se da cultura midiática, uma cultura revelada e marcada substancialmente por um viés tecnológico e semiótico, imprimindo mudanças na opinião, no comportamento, nos hábitos dos sujeitos, formando consciências, saberes, valores.

Nessa conjectura, essa matriz cultural já faz parte da realidade humana. Não há como fugir dessa nova maneira de ser e de agir. A sociedade contemporânea é, pois, conduzida por uma cultura globalizante. Todos os agentes, dentre os quais os educacionais, são guiados pela aprendizagem vinda de novas experiências com diferentes áreas, desenvolvidas pelas tecnologias da globalização. Uma cultura provocada pela revolução da mídia que, de uma maneira geral, se alimenta e é alimentada cotidianamente por tudo aquilo que acontece na sociedade. Uma cultura midiática não linear - norteada pela imagem dinâmica, pela distância inexata, pela circulação das informações e pela qualidade de resolução - clama através dos seus meios de comunicação de massa para o consumo, para o “ter”, para o “ser”.

Destacando o papel das Tic nos processos comunicacionais, Miège (2009) apresenta o termo “comunicação mediatizada” não apenas como um mero elemento redutor de oposição entre as mídias de massa do passado e as mídias digitais do presente. Afinal, a comunicação mediatizada é algo bem mais amplo e complexo. Entretanto, o autor deixa bem claro que as Tic alteraram a visão diretiva e unidirecional da mídia do passado. Meios de comunicação como TV, rádio e imprensa se renovam, para atender a uma sociedade conectada, na qual essas conexões tendem a se associar à mobilidade.

Os meios de comunicação de massa e a Internet com suas ferramentas vêm provocando, sem dúvida, significativas mutações na sociedade e nas suas formas de organização. Vivemos em uma época na qual a tecnologia tomou tamanha proporção que invade continuamente o cotidiano pessoal e profissional dos indivíduos de diferentes campos de atuação.

No que se referem ao campo da educação, as redes digitais, especialmente a Internet, além de colocar para os agentes educacionais grande volume de armazenamento de dados, sendo um relevante canal de construção do conhecimento, vem oferecendo novas formas de comunicação e de interação, com troca de informações e de ideias entre os indivíduos, que não leva em conta distâncias físicas e temporais.

Para Miège (2009), no campo da educação as abordagens propriamente comunicacionais de inserção das tecnologias estão longe de estarem em consonância com as abordagens didático-pedagógicas ou cognitivistas. No seu dizer, os usos das Tic no campo educacional não se limitam à educação a distância. Novas formas de ação comunicacional já estão em prática no que se refere aos acompanhamentos dos alunos, (como, por exemplo, através da tutoria). Segundo Miège, devemos colocar em dúvida a ideia de que a mediatização elimina a intersubjetividade da troca.

O certo é que a Internet vem cada vez mais atingindo o espaço educacional, convocando docentes e discentes a se inscreverem neste novo mundo dos processos midiáticos. Contudo, nesse processo, existem aspectos desejáveis e também aspectos indesejáveis, que não podemos deixar de reconhecer. Sabemos que ainda é possível identificar ecos do passado. Velhas questões suscitadas pelas diferentes teorias comunicacionais renascem com a mesma força e intensidade. Muitos aspectos negativos do passado ainda hoje se fazem presentes nas reflexões sobre a revolução contemporânea da mídia impulsionada pelas tecnologias.

Na nossa compreensão, o sistema de integridade sobre as tecnologias devem, assim, assumirem a plenitude de suas potencialidades, reafirmando a circulação, com incidências nos processos de interação e a globalidade do processo de comunicação na perspectiva da mediatização. Afinal, sabemos que o atual contexto da sociedade requer que a abordagem sobre as tecnologias assumam um papel bem mais relevante. Não se trata apenas de instrumentalização. O entendimento da mídia como mero dispositivo técnico canal ou meio de comunicação é insuficiente para uma compreensão mais complexa, mais abrangente de seu lugar de instituição na sociedade contemporânea.

Para além dos meios em si, como simples suportes, aparatos técnicos de mediação, as novas situações ambientais das tecnologias vão apontando para

novas formas de se enxergar o fenômeno das mídias. Ou seja, as condições circunstanciais vão indicando que elas não podem mais ser explicadas a partir das teorias mais clássicas ou de formulações produzidas em períodos mais distantes. Novas categorias referenciais são tomadas para a compreensão da inserção dos meios e dos seus desdobramentos na realidade social.

Desse modo, a mídia - como já foi elucidado por muitos estudiosos - não é imóvel parada, mas historicamente situada, com mudanças cada vez mais rápidas. Hoje, a grande diferença em relação às outras concepções do passado é que, nesse novo sistema, a matéria- prima é a informação moldada pelos novos meios digitais, que avança em crescente velocidade na correnteza do mundo globalizado.

Novos elementos, portanto, se fazem presentes na realidade em midiatização, tornando evidente o seu avanço contínuo na sociedade, conforme examinamos no item que segue.

3.2 TECNOLOGIAS E MIDIATIZAÇÃO: o avanço da midiatização sobre a sociedade

Como vimos, as tecnologias de informação e comunicação atingiram na atualidade um reconhecido e instigante lugar para a compreensão dos processos de midiatização das relações sociais.

Nessa dinâmica, em que o avanço dos meios de comunicação contribui para que as pessoas tenham necessidade de se comunicar, de se aproximar, devido ao grande número que participam da rede virtual de relacionamentos, como Facebook, Tweeter e demais comunidades virtuais, o que se observa é que as novas tecnologias tornam-se vetores de novas maneiras de agregação social (LEMOS, 2002). Existe, contudo, discussão se isso oferece, de fato, um terreno fértil para o desenvolvimento da possibilidade de reaproximação entre os homens, o verdadeiro cimento de toda vida em sociedade.

O avanço das tecnologias e o intenso processo de midiatização sobre a atual sociedade é objeto compartilhado, tanto por autores brasileiros, como Braga (nos seus diversos estudos), Fausto Neto (2006), Ferreira (2006, 2010a, 2010b), Gomes (1997, 2006), Sodré (2002), como também autores estrangeiros, como Silverstone

(2002), Verón (1997), Miège (2009) - dentre outros teóricos, aqui tomados como referencial.

A onipresença das Tic nas diversas dimensões da vida cotidiana vem colocando os diferentes agentes numa nova ambiência. Os dispositivos midiáticos não são mais meras tecnologias socialmente produzidos pelo mercado capitalista, mas mantêm-se acoplados a um fluxo comunicacional, uma canalização estendida que pode converter o código produtivo em “ambiência” existencial (SODRÉ, 2002). E a maioria dos nossos estímulos vem deste fluxo. Por isso é que o autor concebe a mídia não apenas como um mero refletor daquilo que ocorre nos demais domínios da sociedade, mas como um campo que condiciona o que reflete, implicando uma nova forma de relacionamento social, uma nova forma dos agentes de viver a vida e de se colocarem no espaço do mundo contemporâneo.

Somos conduzidos através da mídia para um novo ambiente, um novo bios midiático (SODRÉ, 2006), uma tecnomediação - prótese tecnológica, onde passamos a planejar e alterar nossas atividades, tomando por base parcialmente às imagens e informações veiculadas na mídia.

Essa marca da sociedade, desenvolvida a partir da crescente presença das Tic em nossas vidas “decorre da forte intensidade, diversidade e rapidez com que, crescentemente, a interacionalidade midiaticizada se inscreve em todas as atividades humanas e sociais” (BRAGA E CALAZANS, 2001, p. 30).

A relação entre os agentes e a mídia se torna, assim, cada vez mais próxima e mais intrincada. O arranjo discursivo midiático produz novos produtos, abrindo possibilidades para a criação de novos espaços. Não somos mais uma sociedade dos meios, mas os meios se deslocam do lugar onde estão para afetar outros campos, outras práticas sociais. Suas operações permeiam, portanto, toda a sociedade e, por isso, falamos em sociedade em vias de midiatização.

Essa sociedade em via de midiatização é, segundo Fausto Neto (2006), a emergência de uma nova ambiência existencial, na qual as lógicas de mídia atravessam a ordem social e afetam, juntamente com a tecnologia, as formas de ser e de perceber o real. O autor vê a midiatização como sociotécnica-discursiva; prática social; prática de sentido a partir de tecnologias convertida em meio.

No entendimento de Fausto Neto a midiatização é, portanto, algo maior que as concepções de funcionalidades e instrumentalidades como questões centrais. Na sua perspectiva a midiatização, portanto, transcende os meios e as mediações e vai agir no interior das processualidades sociais, com lógicas próprias, saberes e estratégias definidas, se estruturando de forma ordenada, no cenário social e discursivo da atual sociedade.

Braga (2006), por sua vez, situa a midiatização como um conjunto de reformulações sociotecnológicas de passagem dos processos midiáticos à condição de processualidade interacional de referência. Para o autor os outros processos que não estão inseridos nesta compreensão, teriam este como parâmetro, modelo de funcionamento, como critérios de validação e definidores de lógicas centrais.

Entendendo que o encaixe dos processos midiáticos não se esgota nesses dois sistemas reconhecidos pela a teoria da comunicação – produção e recepção, Braga (op. cit.) apresenta outro – o “sistema crítico-interpretativo”. A partir deste terceiro sistema denominado pelo autor como “sistema de interação social sobre a mídia” ou “sistema de resposta social”, seria possível ampliar a visão sobre os diversos acontecimentos sociais, abrigando as respostas que os agentes desenvolvem após receber o que foi produzido. Quer dizer, aquilo que se conversa sobre o que se consome gera interações e a partir dessas interações é desenvolvido o pensamento crítico sobre o que a mídia veicula.

Atenta, porém, o autor para a distinção necessária do subsistema de interação social sobre a mídia como o que é habitualmente chamado de “circulação midiática”. Devemos distinguir: o que a mídia veicula (que se caracteriza, na verdade, como sistema de produção) e o que, tendo sido veiculado pela mídia, depois circula na sociedade.

Estamos tratando dessa segunda ordem de processos, que não deve ser confundida com a primeira. Neste tipo de circulação, o que nos interessa é o que vamos encontrar o que a sociedade faz com sua mídia: é, portanto, uma resposta (BRAGA, 2006, p. 28-29). Braga fala da mídia como “processo interacional de referência”, no seu entendimento, “a expressão, em parte, decorre de considerarmos determinados processos como principais, tendencialmente prevaletentes” (BRAGA, 2007, p. 142). Os outros processos, que não estariam inseridos nessa compreensão

de “processos de referência” teriam estes como parâmetros, ou seja, como modelo de funcionamento, como critérios de validação e definidores de lógicas centrais.

A preferência por determinados modos de interação seria, então, no ponto de vista de Braga, o principal direcionador na construção da realidade. Quer dizer, os processos tecnológicos disponibilizados pela midiatização abrem possibilidades sociais, e a forma como a sociedade escolhe e direciona essas possibilidades é que produz a processualidade interacional/social e que vai caracterizar a circulação comunicacional.

As mídias são dispositivos sociotécnicos e sociosimbólicos, baseados cada vez mais sobre um conjunto de técnicas e tecnologias e não mais como antes numa única técnica e tecnologia, permitindo emitir e receber programas de informação de cultura, de divertimento com regularidade no quadro de uma economia de “mercado duplo”, cuja instalação é realizada sob a responsabilidade de organizações com especificidades bem marcadas (MIÉGE, 2009).

Entender a mídia é, portanto, entender que ela deixou de ser um apêndice da vida contemporânea e passou a fazer parte dela. Precisamos estudar a mídia, considerando seu caráter processual, seus significados, suas consequências, considerando os principais aspectos que caracterizam sua onipresença e complexidade, sua dimensão cultural, social, política e econômica. Devemos “pensar a mídia como um processo, um processo de mediação que implica o movimento de significado de um texto para outro, de um discurso para outro, de um evento para outro” (SILVERSTONE, 2002, p.33).

Em consonância com Miège (op. cit.) e outros teóricos da comunicação, Silverstone também se põe contra as determinações técnicas, deixa claro um aspecto da mídia muito além da sua compreensão ferramental, do seu aparato tecnológico, indo para um campo de compreensão, no seu dizer, “do que a mídia faz, e o que fazemos com ela”. Vivemos, portanto, em um momento de transição entre o processo interacional da escrita – que por muito tempo atuou como organizador da sociedade – para um crescente processo de midiatização de base em tecnologias de informação e comunicação em redes, que colocam novos desafios à reflexão.

Essas tecnologias, constantemente criadas pela sociedade a partir de demandas comunicacionais específicas, em seus usos, exigem novas formas de interação. Nessa lógica, a sociedade é produtora por meio das interações sociais tanto da realidade como igualmente dos próprios processos interacionais que usa na elaboração da sua realidade (BRAGA, 2007).

Partindo desse pensamento, os meios deixam de ser meros aparatos técnicos, aparelhos ou peças destinadas a ações fora da realidade social, trazendo à tona um processo de mediação em curso acelerado, porém, ainda em andamento. Ainda que a mediação se encontre nesse percurso, devido a sua incompletude e aos riscos de deformação da realidade que implicam seus processos - ela não pode ser considerada hegemônica.

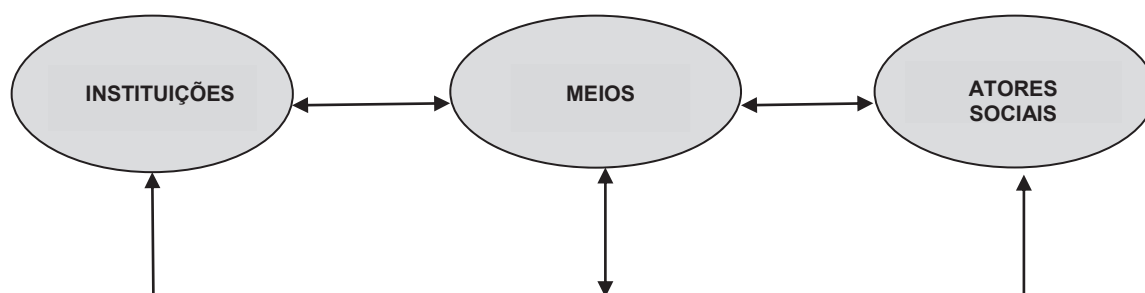
O cenário em que se apresenta o fenômeno da mediação é marcado pela heterogeneidade, pela não linearidade, um cenário repleto de antagonismo e contradições. A questão que se coloca é de como as Tic se inserem nos processos de transformação dos fluxos de informação, tanto no sentido de respostas às necessidades e desejos de uma sociedade situada num tempo e num espaço, como no de operações específicas que retroagem sobre as suas discursividades e formas de interação.

Para Miège, assim com os demais processos apontados na sua obra, o processo de mediação está no centro das questões quando não as concentram todas nele. Na sua percepção, olhando bem de perto, são nele que são depositadas esperanças e receio, escatologias e promessas utópicas. Conforme o autor:

O processo de mediação da comunicação não pode ser desconectado do funcionamento e da administração do social; e o fato deve ser destacado, pois a tentação está sempre presente para separar o comunicacional do social, e o desenvolvimento das técnicas foi a oportunidade para dar um novo fôlego às teorias (cibernéticas, sistemas, linguísticas, “filosóficas” ou midiológicas) que, cada uma por sua conta, têm por objetivo principal separar do comunicacional (MIÈGE, 2009, p. 92).

Já Verón apresenta a sua concepção de mediação de forma esquematizada, como destacamos a seguir:

GRÁFICO 1 – CONCEITO DE MEDIATEZACÃO NA PERSPECTIVA DE VÉRON



Fonte: Verón, 1997, p.14.

Nas próprias palavras do autor seu esquema é “extremamente simplificado”, mas, sem dúvidas, podemos dizer que nos oferece uma síntese sobre o que seja mediação, nos permitindo enxergar o conceito, permeado pelos seus múltiplos aspectos.

Ferreira (2010b) desenvolve o conceito de mediação articulado a partir de três polos em relação de mútua determinação, formando, na sua visão, uma matriz de mediação: dispositivos- processos sociais- processos de comunicação. “Nessa matriz primária, não só cada um dos polos condiciona o outro, como cada um pode interceder nas relações entre os dois” (FERREIRA, 2010b, p, 67).

Significa dizer que, na compreensão do autor, os processos de comunicação intercedem sobre as relações entre os dispositivos e processos sociais; os dispositivos sobre as relações entre os processos e a comunicação; etc. Nessa visão triádica, cada um desses processos vai intercedendo um nos outros, tornando assim, as relações entre processos sociais e processos de comunicação cada vez mais interseccionadas pelos processos regulados pela constelação de dispositivos midiáticos, mas ao mesmo tempo esses são direcionados pela circulação e pelas inscrições sócio-semio-tecnológicas. .

Nessa perspectiva, a investigação sobre a mediação passa por três esferas de problematização diferenciadas: a mais abstração, a da circulação, compreendida como construção, desconstrução, transformação e reprodução de valores sociais; a segunda, mais concreta, mas ainda relacional a do dispositivo; a terceira, descritiva, a das instituições e indivíduos inscritos e não inscritos no processo.

Os dispositivos são, portanto, para Ferreira (2010b), um dos focos no estudo da midiaticização. Na sua perspectiva, sem tentar esgotar as outras dimensões em debates, como meios, aparatos, suportes e mídia, inclusive, mas, de certa forma, remetendo a elas, os dispositivos contemplam as dimensões triádicas e relacionais: socioantropológica, semiolinguística ou semiodiscursiva e tecnotecnológica. Essas três dimensões condensam processos ascendentes do social ao midiático, pois que da cultura se inscrevem em formas de comunicação, e descendentes, pois, inscritos e condensados, produzem processos de comunicação e sociais antes não existentes.

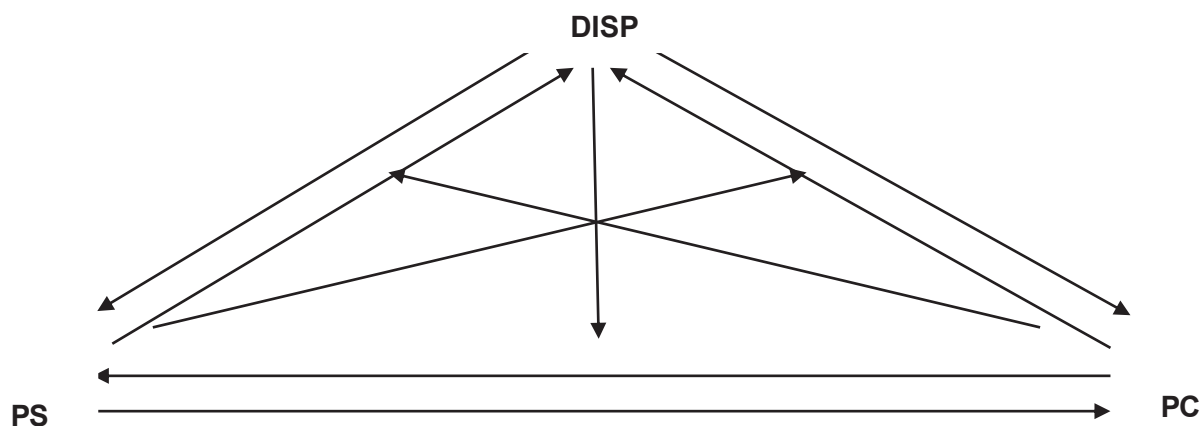
A dimensão socioantropológica do dispositivo midiático, embasada no movimento histórico-social da realidade é representada pela atenção, cautela em tudo que é de natureza humana e social na comunicação midiática e que faz parte do processo produtivo em termos de rotinas, rituais e contextos históricos.

A dimensão semiodiscursiva, entrelaçada às demais dimensões (socioantropológica e tecnotecnológica) é representada pelas as operações de linguagem que se evidenciam e fazem parte do processo de midiaticização, ampliando tanto as oportunidades de articulação ou desarticulação, como também as regras que constroem sentidos, significados por meio do uso de códigos e símbolos, organizados com base nos enunciadores. Aqui também vale o esquema: a inscrição da linguagem em dispositivo gera novas possibilidades de transformação da semiose, até suas formas discursivas.

E, por fim, o dispositivo enquanto dimensão tecnotecnológica, a dimensão mais presente nos estudos de comunicação, está relacionado às operações realizadas, e, enquanto tecnologia, aos aparatos tecnológicos, ou seja, os recursos materiais, as máquinas e equipamentos utilizados nos processos comunicacionais, incidindo especialmente a partir da matriz de fluxos informacionais.

As relações possíveis para o estudo da midiaticização foi também pensada pelo autor de forma gráfica, como podemos ver a seguir:

GRÁFICO 2 – RELAÇÕES POSSÍVEIS PARA O ESTUDO DA MIDIATIZAÇÃO



Fonte: FERREIRA, 2010b, p. 67.

A partir desse esquema de representação proposto pelo autor, ficam evidentes as mediações que surgem entre os diferentes polos. A mediação é, na sua formulação, um terceiro que liga dois universos de possibilidades e existência. De um lado um universo definido, pelos contextos (diversos); por outro, os dispositivos midiáticos (também diversos); por outro lado, finalmente, os processos de comunicação.

Quer dizer, a categoria da mediação atravessa alguns tensionamentos que passam pelo processo de midiatização. A mediação é, pois, um dispositivo de regulação, de organização, produz vínculos, gera possibilidades e significações. “Nós, como produtores e consumidores, agimos e interagimos, urgentemente procurando compreender o mundo, o mundo da mídia, o mundo mediado, o mundo da mediação” (SILVERTONE, 2002, p. 34).

Não existe, assim, atividade de comunicação sem a mediação. Nem toda mediação está midiatizada, porém, todo processo de midiatização implica um grau de produção de novas mediações. Isso comprova o caráter dinâmico da mediação e torna evidente a interação entre os agentes produtores e receptores dos conteúdos midiáticos. Podemos dizer, portanto, que a circulação é relacional, na medida em que torna possível a mediação entre produção e recepção midiática.

Como se depreende, a midiatização se processa em vários níveis da vida em sociedade e se constitui num novo recinto, onde acontecem mudanças na forma de organização e produção social. A ênfase da lógica produtiva do capital abandona o

território das estruturas e avança para o território dos dispositivos de circulação. É, pois, na esfera da circulação midiática e nas condições em que essa circulação é realizada, que os demais campos sociais são afetados, dando origem às novas formas de interações e de práticas sociais.

Nesse sentido, devemos pensar a midiatização em processo de construção e permeada por dinâmicas variadas, por processos de mediação diversos, compreendendo o conjunto de relações e intersecções em que os dispositivos midiáticos estão inseridos. Vale dizer, ao invés de se pensar em meios, em técnicas isoladas, devemos pensar em processos.

Contudo, a bem da verdade, os estudos sobre a midiatização estão, assim, como o próprio fenômeno, em processualidade. Não alcançaram ainda uma plenitude. Embora nomeada, a midiatização é ainda pouco problematizada na literatura da comunicação midiática: “o conceito de midiatização se encontra em formação, reunindo os resquícios dos ‘conhecimentos fundadores’ das teorias da comunicação midiática” (BRAGA, 2006. p. 2).

Entretanto, para compreender a midiatização estamos considerando as concepções presentes na literatura da área. Estamos sendo guiados, principalmente, pela visão de **dispositivos sociotécnicos** (FERREIRA, 2010b), **sociotécnica discursiva** (FAUSTO NETO, 2006) e pela visão de **sistema de interação social** (BRAGA, 2006).

Esse desenvolvimento da mídia desencadeia os chamados “processos midiáticos”. Teceremos a seguir algumas considerações sobre esses processos além do desenvolvimento da técnica em si, com proposição a crítica ao determinismo tecnológico.

3.3 PROCESSOS MIDIÁTICOS E OS DESAFIOS DO ESTUDO DOS MEIOS NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA: crítica ao tecnodeterminismo

Associada à evolução do capitalismo, a comunicação da sociedade torna-se marcada pela modificação da forma de produzir e por uma nova organização social. Passando a ser considerada dentro de um caráter de processualidade, começa,

então, a se falar em processos midiáticos, “conjunto de práticas comunicacionais pertencentes ao campo das mídias, que operam, segundo diferentes linguagens e por meio de diferentes dispositivos” (GOMES, 1997, p. 17). Como decorrências desses processos midiáticos vêm sendo lançados continuamente, ao longo do tempo, constantes desafios à sociedade e, com eles, vem surgindo, a partir da literatura pertinente, um novo elenco de conceitos ligados à polêmica temática.

Não pretendemos aqui buscar uma definição clara e precisa de todos os diversos conceitos relacionados aos processos midiáticos. Porém, não podemos deixar de ressaltar que falar, hoje, em processos midiáticos implica buscar conceitos, dentre outros, de mídia, mediação, práticas sociais, interação, circulação, dispositivos, sociedade dos meios, sociedade em processo de midiatização.

Os meios estando, pois, atrelados a processos, se constituem em articulações, pontos de contatos. Considerando todas essas conexões, engrenagens e desdobramentos, e não podemos negar a crescente complexidade⁸ em que os processos midiáticos estão inseridos. Buscando pensar dentro de uma lógica gráfica, assim, enxergamos o fenômeno:

GRÁFICO 3 – CONEXÕES, ENGRENAGENS E DESDOBRAMENTOS DOS PROCESSOS MIDIÁTICOS



Fonte: própria

⁸ Estamos aqui entendendo por complexidade “o tecido de acontecimentos, ações, interações, retroações, determinações, acasos, que constituem nosso mundo fenomenal” (MORIN, 2011, p. 20).

Os processos midiáticos, na nossa compreensão, residem no centro do palco histórico da sociedade contemporânea, abarca todas as esferas da vida cotidiana, e a expansão de suas lógicas para os demais campos sociais é, exatamente, o que podemos chamar de “mídiatização”.

Não podemos negar que esse processo contribui para uma forte existência de informação, de conhecimento, mas também para uma alta complexidade que traz demandas de novos sistemas de integridade.

Ferreira (2010b) afirma, portanto, que esses processos só podem ser compreendidos, se levarmos em consideração os objetos construídos e em construção pelas outras ciências sociais, da linguagem e da filosofia, e, ao mesmo tempo, negá-los para compreender os processos de interações mídiatizadas.

Maldonado (2008), na mesma linha de pensamento, nos lembra de que é preciso considerar o caráter multidimensional e multicontextual dos processos e realidades em comunicação. No dizer do autor:

Esses aspectos, ainda pouco esclarecidos na época das escolas de Palo Alto e Frankfurt, que se esforçaram em conceber e investigar a comunicação mediante óticas e perspectivas interdisciplinares, atualmente apresentam-se muito fortes e visíveis, dados os processos de mídiatização e a existência da comunicação digital (MALDONADO, 2008, p.35).

Isso porque o fenômeno abrange diferentes áreas de formação, implica, em interações sociais, baseadas na troca, na partilha, na cooperação coletiva entre os atores comprometidos com os desafios, tanto sociais quanto científicos. Através da mídiatização crescente na sociedade, mudanças, cada vez mais velozes, repercutem na postura dos agentes. O Sujeito é o “ator- social – o narrador – que se torna em uma nova espécie de intérprete, um operador de indicialidades e de conexões” (FAUSTO NETO, 2006, p. 5).

Os agentes são, portanto, atores e produtores, capazes de “vislumbrarem as inovações mais importantes uma vez que estas dependem fortemente da coordenação, negociada ou imposta, das estratégias dos principais atores industriais, assim como das mudanças nas práticas sociais dos usuários consumidores” (MIÈGE, 2009, p.30), que afetam o pensamento comunicacional.

Miège (2009) chama atenção para o papel ativo dos usuários das Tic. Na opinião do autor são eles que vão contribuir para o futuro do produto. Portanto, isso é que deve estar no centro das reflexões sobre o tema. Mas quem é esse "usuário"? Classes, grupos sociais com suas classificações, campos institucionais? Coloca-se, nas reflexões, cada vez mais o lugar do indivíduo nesse processo.

O indivíduo é o elemento chave de passagem, sem o indivíduo, as tecnologias não terão funcionalidade nem utilidade. O indivíduo assume, pois, capital relevância no estudo das tecnologias. E, ao longo das leituras das diversas obras do campo da comunicação, notamos que os teóricos fazem uso de diversos termos para se referirem a ele.

Entretanto, Ferreira e Folquening (2011), refletindo sobre essa questão nos processos de midiaticização, observam que os termos indivíduo, sujeito, ator e agente são tomados indistintamente, quase como sinônimos na maioria das pesquisas publicadas na área da comunicação.

Assim, baseados nas categorias da sociologia clínica de Vicent Gaulejac, os referidos autores sugerem uma diferenciação entre indivíduos midiáticos e indivíduos da psicologia, da sociologia e das ciências cognitivas e semióticas. Fazem isso problematizando sobre o que há de comunicação nos processos midiáticos, alertando para a superação da tendência da subsunção do social ao midiaticizado.

Segundo Ferreira e Folquening (op. cit.), Gaulejac afirma que o indivíduo trabalha em diferentes campos teóricos, que definem suas diversas dimensões, existindo no seu entender quatro tipos de mundos:

- a) O mundo da sociedade, economia, cultura, instituições, relações sociais, de status e posição social, onde o indivíduo é "sujeito sócio histórico" confrontado com múltiplas determinações relacionadas ao contexto em que ela emerge.
- b) O mundo do inconsciente, das pulsões, fantasias e imaginação, onde o indivíduo é um sujeito desejante confrontado com o desejo dos outros que contribuem para a sua disposição de sujeito e/ou assujeitamento.
- c) O universo de reflexividade, onde o indivíduo munido de um discurso que lhe permite pensar (cogito ergo sum), para nomear e ter acesso a algum controle em relação ao mundo.
- d) O mundo da ação, já que o sujeito é revelado naquilo que produz no que faz dele autor nas ações concretas que marcam a sua existência. Torna-se um produtor de sua própria vida: como um

artista cria uma obra de arte, ou como um artesão produz um objeto (FERREIRA e FOLQUENING, 2011).

Na opinião dos atores, diferenciar pode permitir uma nítida leitura sobre o que tem de comunicação nos processos midiáticos. Seria, então, a diferenciação que permitiria precisar um locus de ocorrência do comunicacional: o indivíduo.

A hipótese de Ferreira e Folquening (op. cit.) é que o indivíduo inscrito nos dispositivos é o indivíduo que está na dimensão “d”, ou seja, no mundo da ação (interacionista). Esse indivíduo é o da:

Mise en scène no espaço público. Porém, se o interacionismo tratou disso nas interações face a face, em que os observadores se encontram no mesmo tempo e espaço, indeferidos, de interação, enquanto palco e plateia; na mediatização, os tempos e espaços são diferidos. A mise en scène está “cortada” pela tecnologia e pela técnica. Não se trata, nesse sentido, do mesmo processo semiótico e interacional das interações face a face.

Na proposição dos autores os termos “indivíduo midiático”, ou “ator midiático”, são bem mais pertinentes para se refletir sobre essa categoria diferenciada. Para eles, esses, sem dúvida, têm os sintomas dos outros indivíduos- do sociológico, psicológico, semiótico-cognitivo, ator e personagem. Porém, na concepção de Ferreira e Folquening (op. cit.), são apenas indícios, sintomas e impressões do que está na cena do acontecimento midiático.

3.4 MEDIATIZAÇÃO E ESPAÇO ACADÊMICO: interações, práticas sociais e competências

3.4.1 Vigilância crítico-epistemológica

Numa perspectiva de crítica, o que realmente interessa nessa questão é que cada indivíduo-ator midiático assuma uma posição consciente, pensando a complexidade das transformações surgidas a partir desse crescente avanço da mediatização sobre a sociedade contemporânea, que passa a ser chamada por expressões do tipo: “sociedade da comunicação”, “sociedade do conhecimento”, “sociedade da informação” ou - mais apropriadamente - “sociedade em processo de mediatização“. Na proporção em que essa sociedade passa por ininterruptas

transformações e assume novos contornos, muitos sujeitos passam a ficar dependentes da Internet de tal forma que já não podem mais imaginar a vida sem ela.

Certamente, um crescente intercâmbio de conhecimentos técnicos, científicos, tecnológicos e culturais se faz presente. Fazemos parte de um cenário em constante mutação, cujos movimentos atingem diversas áreas da vida cotidiana, envolvendo a todos nós, cidadãos do mundo midiaticizado.

Alguns teóricos têm uma visão otimista em relação ao fenômeno, supervalorizando seu potencial técnico, prevendo que, no futuro, as tecnologias estarão a serviço do homem, acreditando que:

O trabalho perderá a brutalidade da fadiga física, será reduzido, acabará confundindo-se com o lazer, o nível de escolaridade e do saber difundido entre os cidadãos elevar-se-á cada vez mais, o aperfeiçoamento das técnicas de previsão e programação reduzirá a ansiedade em relação ao futuro, a miniaturização dos instrumentos técnicos e das organizações sociais colocará as pessoas à vontade diante do progresso, cada vez mais administrável e fruível: sobretudo, aumentarão as possibilidades de escolha no que se refere ao trabalho, aos objetos, ao divertimento, às fontes de informação. (DE MASI, 2003, p. 57)

No que se refere à educação, o fenômeno da midiaticização da sociedade, defendido por diversos autores, trouxe, sem dúvida, novos métodos e novos instrumentais de aprendizagens. Muitos educadores consideram a influência positiva da presença das tecnologias, sobretudo, da Internet, no espaço pedagógico.

Pierre Lévy (2000) especialista e responsável pela introdução da Internet nas práticas educacionais acredita que a Internet “trata-se, provavelmente, da maior revolução na história da escrita desde a invenção da imprensa.” Para o autor as novas mídias não têm impacto negativo. O impacto negativo acontece quando as pessoas estão expostas a coisas negativas. Na sua concepção, o problema não é a internet, é a falta de disciplina mental (2003).

Em face desses argumentos, a área educacional não pode deixar de incluir a Internet em seus programas e projetos educacionais, pois a realidade presente se move com a velocidade da Internet e muitos indivíduos só podem ter condições de ter acesso a ela, dentro do espaço da instituição escolar. Esse acesso deve, pois,

acontecer, uma vez que pode contribuir fortemente para inclusão social dos seus alunos. Esta é basicamente a perspectiva de Pierre Lévy (1999).

Do ponto de vista de Lévy (1999, p. 127), existem três princípios fundamentais para o programa da cibercultura: a interconexão, as comunidades virtuais e a inteligência coletiva. No dizer do autor, a cibercultura é um bem em si e a conexão é sempre preferível ao isolamento, pois, para além de uma física da comunicação, a interconexão constitui a humanidade em um contínuo sem fronteiras.

O segundo princípio prolonga o primeiro já que o desenvolvimento das comunidades virtuais se apoia na interconexão. Uma comunidade virtual baseia-se em afinidades de interesses, de conhecimentos, em um processo de cooperação ou de troca, independente de proximidades geográficas.

O terceiro princípio, que o autor denominou de princípio da inteligência coletiva, seria sua perspectiva espiritual, sua finalidade última.

De fato, são muitas e significativas as possibilidades do avanço da Internet e suas ferramentas. Entretanto, julgamos pertinente lembrar que vivemos numa realidade de sociedade mercantil que, apoiada no discurso do mito da inclusão social, dissimula o aumento das desigualdades e, na contramão dos processos sociais concretos, tenta ocultar as contradições, as desigualdades, sujeitando os agentes a buscarem a solução dos problemas de forma individual, fora da via do social.

No que diz respeito à relação entre comunicação e tecnologia, Miège, se recusando a pensar a técnica como uma instância exterior à sociedade, assume uma posição contrária a de certas abordagens tecnodeterminista.

O autor, optando por um ponto de vista comunicacional, analisa o desenvolvimento técnico através de suas determinações sociais e “as mutações e mudanças sociais relativas à informação – comunicação através da emergência e da estabilização das Tic” (MIÉGE, 2009, p, 18).

Conforme assinala o teórico, o que realmente importa nessa discussão é:

Mostrar em que medida a esfera técnica também é feita de social, e em que medida as lógicas sociais da comunicação encontram objetos técnicos e se ‘sedimentam’ entre si; em outros termos, trata-

se de buscar como um (a esfera técnica) e outro (o social na sua complexidade) se articulam, e de abandonar o esquema de pensamento muito difundido, segundo o qual tudo provém de uma, ou de uma série de inovações técnicas principais; o resto, ou seja, o social, o cultural, o simbólico etc., delas depende e tem de a elas se adaptar (MIÈGE, 2009, p.18).

Isto, sem esquecermo-nos da relação mediata entre os processos midiáticos e os interesses do capital, que buscam camuflar as contradições, chamando a atenção para a questão da técnica, numa visão instrumentalista e funcional de educação.

Não obstante, o processo comunicativo, na realidade da midiatização, não se restringe ao desenvolvimento da técnica em si, mas, enquanto processo, só pode ser entendido na trama das relações e processos sociais. Afinal, no interior desse processo são produzidas diversas mudanças, positivas ou não, em todas as dimensões da vida social, gerando necessidades, representações, sentimentos e, exigindo, respostas da sociedade acerca dessa nova realidade.

Por maiores que sejam, portanto, os sentimentos de fascínio, encantamento ou de insegurança, angústia, incômodo e imprevisibilidade, advindos dos avanços da midiatização sobre a sociedade, não podemos nos deixar dominar por eles. Os processos midiáticos não se constituem num projétil e nem a sociedade num mero alvo. Nós, agentes sociais, habitantes da chamada sociedade em midiatização, podemos e devemos assumir diante desses processos uma postura consciente e crítica, para que essa realidade possa ser constantemente analisada e aprimorada.

Para se alcançar, portanto, uma boa percepção sobre a comunicação social moderna, “é preciso não circunscrever a observação apenas aos meios de comunicação, ao sistema midiático disponível. Devemos observar como a sociedade interage através desse sistema” (BRAGA e CALAZANS, 2001, p. 22).

A realidade atual coloca em tensão o analógico e digital, globalizada e ao mesmo tempo unificada. E nesse cenário de constante tensão entre o ainda remanescente conservadorismo do recente passado e do atual presente das novas tecnologias, cada vez mais constantes na vida cotidiana da sociedade, se faz preciso acionar uma postura reflexiva em torno de seus desdobramentos e efeitos que afetam, sobretudo, as práticas e os agentes em geral, dentre os quais estão os agentes educacionais.

Após os primeiros impactos, elucidadas as distorções é imprescindível que esses agentes consigam vencer os sentimentos de insegurança, receio, imprevisibilidade e resistência às mudanças originadas pela infinidade de recursos tecnológicos interativos que vêm de forma progressiva refletindo diretamente no campo da educação.

A relação de exigências que a atual realidade dos processos midiáticos solicita dos indivíduos, participantes do contexto acadêmico que nela deseja inserir, inclui diversos itens entre os quais podemos destacar: a necessidade de ir além do olhar crítico, possuir conhecimentos técnicos, científicos e competências para trabalhar e intervir de forma consciente e coletiva na solução dos problemas que envolvem a questão, relacionando-os sempre com o contexto da realidade maior. Caso contrário, corre-se o sério risco de se ter como consequência a reificação⁹, ou seja, a relação do indivíduo com os meios pode se tornar coisificada, amparada no otimismo exacerbado do determinismo tecnológico, portanto, incapaz de vislumbrar as verdadeiras inovações da sociedade, assim como de assumir o seu verdadeiro papel na construção de novas interações e práticas sociais.

Esse determinismo tecnológico a que Miège (2009) se refere é, portanto, o que poderemos chamar aqui de “reificação tecnológica”, que seria a limitação da análise das técnicas como coisas, ou seja, transformá-las em fetiches, enxergando meramente as perspectivas oferecidas pelas técnicas, desconectando-as dos agentes que as criam e as recriam, dos que agem e reagem, refletem e opinam sobre as coisas que os cercam. Os agentes são, portanto, atores e produtores, capazes de “vislumbrarem as inovações mais importantes, uma vez que estas

⁹ “A reificação configura-se como processo pela qual, nas sociedades industriais, o valor (do que quer que seja: pessoas, relações inter-humanas, objetos, instituições) vem apresentar à consciência dos homens como valor, sobretudo, econômico, valor de troca: tudo passa a contar primeiramente como mercadoria (...). O trabalho reificado por suas qualidades não aparece por suas qualidades, trabalho concreto, mas como trabalho abstrato para ser vendido. A sociedade que vive à custa desse mecanismo produz e reproduz, perpetua e apresenta relações sociais como relações entre coisas. O homem fica apagado, é mantido à sombra. Todo o tempo fica prejudicado a consciência de que a relação entre mercadorias (e a relação entre cargos) é antes de tudo, uma relação que prevalece sobre a relação entre pessoas”. (Conceito de Fernando Braga da Costa, presente na obra ‘Homens Invisíveis’ <Disponível em: <http://amantesdasabedoria.blogspot.com.br/2006/03oque-reifica.html>.> Acesso em: 25 de Jun. 2012).

dependem fortemente da coordenação, negociada ou imposta, das estratégias dos principais atores industriais, assim como das mudanças nas práticas sociais dos usuários consumidores” (MIÈGE, 2009, p.30).

Contudo, é bom que se diga que essas mídias e os conteúdos a elas agregados estão em todos os campos e em todas as atividades sociais, mas ainda com desigualdades no acesso e na utilização, que, como alerta Miège (2009), estão longe de se apagar. Segundo o autor o desenvolvimento das Tic parece seguir a um crescimento tecnológico irresistível, fascinante. Entretanto, o teórico deixa claro que as coisas não são tão simples assim. Na sua concepção, às determinações técnicas se somam os diversos processos sociais, contribuindo para o seu enraizamento na sociedade.

Concedendo especial atenção aos discursos que se apresentam como eruditos, contendo, geralmente, visões simplistas, antecipadoras do que vai acontecer no futuro e de generalização sem fundamentos, não considerando, portanto, as efetivas inovações sociais, Miège (2009) opta pela operação teórica de médio prazo e, recusando-se a pensar a técnica como instância fora da sociedade, apresenta uma análise minuciosa sobre recentes trabalhos de pesquisa de tecnólogos, de teóricos da modernidade, especialistas da área da informação, como também de outros estudiosos do meio acadêmico, criticando enfaticamente aquilo que ele designou como “discursos da promessa”.

Tais discursos, fundados no tecnodeterminismo – dos quais Miège (op. cit.) faz questão de se manter distante – estão centrados na formação dos usos e consumos, focalizando mais o efeito de fascínio, identificação ou resistência e rejeição dos usuários das Tic, deixando de lado as implicações sociais. Observando essa onipresença da técnica, o autor se coloca ao lado de outros teóricos, que, voltados para a questão técnica – comunicação - se decidem pelo qualitativo sociotécnico, para designar as ferramentas, os dispositivos e o processo de inovação em si. Imbuído, portanto, da tarefa de demonstrar de que forma e até que ponto esses discursos, os “discursos da promessa”, continuam pregnantes na sociedade, Miège (op. cit.) elenca uma série de traços sob os quais o tecnodeterminismo se manifesta.

A antecipação dos usos sociais e conseqüentemente das mudanças a serem previstas nas práticas sociais é o primeiro traço indicado pelo autor como pouco

confiável, pois é incapaz de vislumbrar as inovações mais relevantes. O embaralhamento do tecnológico que obscurece a compreensão dos fenômenos em jogo é também um dos traços destacado pelo autor. Outro traço diz respeito à convergência postulada, que consiste “sempre mais ou menos na articulação (tendendo à fusão) entre as redes de comunicação, as ferramentas de acesso à informação e seu tratamento geralmente via terminais e programas informativos, de entretenimento e culturais” (MIÈGE, 2009, p, 36).

Segundo o autor, o quarto traço sob o qual o tecnodeterminismo também se manifesta se refere à proposta que tende a inscrever todas ou algumas das Tic na perspectiva de um projeto utópico, que o autor chama de “uma profecia autorealizadora, mas pouco utópica”, pois incita fortemente a uma atividade individual, em rede ou não. “Tudo ocorre como se a evolução das Tic não pudesse se efetuar sem esse enraizamento técnico” (MIÈGE, op. cit., p.44).

O avanço das tecnologias na sociedade contemporânea é incontestável, temos que admitir. Entretanto, não podemos deixar lembrar com Silverstone (2002), que a tecnologia não vem até nós sem intervenção do ser humano, que ela nasce a partir de intrincados processos de projeto e desenvolvimento que estão eles próprios, embutidos nas práticas das instituições e dos sujeitos coagidos e persuadidos pela sociedade e pela história. A nova mídia não nasce inteiramente emplumada ou perfeitamente formada, na verdade, é construída sobre as bases da velha. “Tampouco é sempre claro como será institucionalizada ou empregada, e sabemos menos ainda quais consequências ela terá na vida social, econômica ou política” (SILVERSTONE, 2002, p. 47).

Para Silverstone (op. cit.), a mídia e as tecnologias são cada vez mais onipresentes e invisíveis já que são criadas e recriadas, aparecem e desaparecem, numa alta e constante velocidade. Todavia, refletir sobre as tecnologias e seus efeitos na sociedade sempre será preciso. Ainda que reconheçamos a sua onipresença nas diversas dimensões da vida cotidiana, social, cultural, política e econômica, não deveram enxergá-las como a salvação do mundo. Convém que fiquemos em alerta, refletindo sobre tudo de forma rigorosa, sem nos deixar seduzir pelos “discursos da promessa” - tão bem denominados por Miège (2009). Em outros termos, não devemos incorporar o crescente desenvolvimento tecnológico como uma instância à parte, dissociada das determinações sociais.

Na sua obra, Miège (op. cit.), entretanto, faz questão de esclarecer que, ao analisar os discursos tecnodeterministas, não teve a intenção de simplesmente desconstruir esses discursos de percepções errôneas, mas, sobretudo, de alertar que, enquanto esquemas de pensamento fortemente impostos e bem instalados, podem inspirar profundamente nossas próprias percepções.

Nessa perspectiva, buscamos nesse estudo investigar até que ponto as percepções dos nossos sujeitos estão afetadas, ou não, por esses discursos de natureza tecnodeterminista, observando também em que medida eles conseguem compreender a tecnologia como um fator comunicacional, capaz de modificar os processos sociais e potencializar novas formas de agir e interagir mudando nesse processo o outro, mas também mudando a si mesmo.

3.4.2 Especificidades

Inicialmente é importante destacar que as interações acontecem no desenvolvimento de relações conjuntas entre homem-homem, homem-máquina, que se exercem além da interação simplesmente física, quando uma ação humana provoca uma reação em outro, seja humano ou não, podendo ocorrer em diferentes níveis, desde a simples bidirecionalidade até a interatividade.

Nossa pesquisa se inspira no estudo de Ives Winkin na sua obra “O e-mail não é um telégrafo: NTIC e aprendizagens sociais” (1998), quando, também numa perspectiva interacionista, o autor trata a temática das novas tecnologias da informação e da comunicação, problematizando o uso do computador entre os agentes educacionais em ambiente escolar. O objetivo do autor foi pesquisar as ‘relações coletivas com o computador’, sem se voltar para a interação indivíduo-indivíduo ou indivíduo-máquina, mas, sim, com a preocupação de verificar como se constituem ou se reconstituem as relações entre os sujeitos (alunos, professores, técnicos) quando um novo elemento entra em cena o computador (ou computadores) (WINKIN, 1998, p.198).

O estudo de Winkin (op. cit.) aborda, sob uma ótica metodológica antropológica, a comunicação e as novas tecnologias, mais especificamente o uso do computador, com crianças em um ambiente de sala de aula. Rompendo com essa visão que ele chama de “visão utópica da comunicação”, caracterizada pela

“transmissão de informações” como valor progressista capaz de fazer emergir uma ‘sociedade melhor e mais justa’, o teórico defende que a comunicação não se resume a uma troca entre um emissor e um receptor, nem, tampouco, ao conteúdo das mensagens trocadas, mas como “um processo permanente de confirmação das relações interpessoais” (WINKIN, 1998, p. 199).

Seguindo esse ponto de vista, estamos aqui acreditando que só existe interação quando existe reciprocidade, interinfluências entre sujeitos ou membros de um grupo que, quando entram em contato, um estimula o outro, exerce ações sobre ele, mas também por ele é afetado, sendo, pois, o resultado do contato e da comunicação entre indivíduos, dotados de propósitos, atitudes, expectativas, sentimentos e de capacidade de formar juízo crítico.

Desse modo, é na perspectiva da mediação, ou seja, como respostas sociais aos meios dadas pelos sujeitos e grupos e que podem se manifestar nas ações, nos valores, nas significações expressas em respostas produtivas ou direcionadoras da sociedade em interação com os produtos midiáticos (BRAGA, 2006), que as interações estão sendo entendidas em nosso estudo.

A mediação, como já realçado, ainda é um conceito em construção, não alcançou ainda seu estado de completude. Entretanto, podemos inferir, a partir das concepções dos diversos estudiosos do tema, que se trata de algo que transcende às tecnologias, afetando mentalidade, modos de ser, de viver e, conseqüentemente, de construir práticas sociais e interacionais.

As Tic, de modo especial a Internet, vem a cada dia gerando mais e mais expectativas nos diversos campos sociais. Mas, no campo acadêmico, como isso se manifesta? Que interações, práticas e competências podem ser construídas nesse contexto tecnológico? Continuando nossa incursão teórica sobre o assunto, nos debruçaremos a seguir acerca dessas questões.

Vários estudos têm mostrado que novas tecnologias reinam na realidade contemporânea. Estamos diante de uma sociedade em constante alteração, uma sociedade em processo de mediação, em que a velocidade torna-se o termo dominante. A mediação da sociedade penetra, assim, no ambiente não midiático da educação, suscitando novas sociabilidades, novos vínculos e interações.

Atualmente, se fala da instauração de uma ambiência midiaticizada, que gera novas formas de interação e interfere sobre todas as práticas sociais. Em outras palavras, o conceito de midiaticização está situado exatamente nas práticas sociais e de sentidos, superando a visão de meio enquanto suporte técnico, envolvendo novos modos interacionais e os processos das práticas sociais.

Daí a relevância atribuída aos processos midiáticos. O que põe esses processos em movimento são as práticas sociais, quem realiza essas práticas são os agentes sociais, agentes que vivem a experiência da interação, interação que acontece dentro dos campos (instituições posta em função por tais práticas), campos que, por sua vez, afetam e são afetados pelos processos midiáticos.

Miège atenta para a necessária diferenciação entre usos e práticas sociais. Nas palavras do autor:

Os usos são as utilizações identificadas das TIC; elas são qualificadas de sociais porque são comuns a diversos indivíduos, formando categorias de usos. Elas se constataam no tempo curto e correspondem a cada TIC, ou pelo menos a cada dispositivo. Elas devem ser distinguidas das práticas sociais, de informação e de cultura que, elas mesmas, não estão limitadas às TIC, mas são, sobretudo, relativamente duradouras e devem ser inscritas no tempo longo; elas se modificam, mas dependem dos hábitos culturais e variam em função das determinações sociais e culturais próprias a determinadas classes de indivíduos. As práticas (por exemplo: a prática cotidiana de informação, a prática cinematográfica ou a prática de audição musical) são multisuportes e multitécnicas, e elas integram progressivamente os usos que produzem as mutações (MIÈGE, 2012).

As práticas sociais, portanto, se alteram conforme as determinações sociais e estão subordinadas aos hábitos culturais de certas classes de indivíduos num período histórico. Elas integram gradualmente os usos que geram as mudanças. Esses usos das tecnologias de informação e comunicação supõem a mobilização de competências. Quando falamos em competências, não estamos nos referindo a competências meramente cognitivas, necessárias ao domínio das ferramentas, mas sim, de competências comunicacionais (MIÈGE, 2009). Quer dizer, para além do mero uso, impassível de regras ou receitas prontas, estamos falando de competências dotadas de versatilidade, sensatez, reflexão, argumentação e habilidade técnica. Competências atreladas ainda a uma postura ética e crítica, participantes da formação de novas práticas que, ultrapassando a perspectiva do

uso e do consumo, são capazes de reconhecer as desigualdades no acesso e utilização, apreender o movimento contemporâneo das inovações tecnológicas e compreender as determinações cruzadas entre a ordem da técnica e do social.

O cotidiano, o trabalho, a comunicação, enfim, tudo vem mudando com presença das tecnologias e das transformações sociais que elas acarretam. Perrenoud (2000), com apoio no referencial de competência adotado em Genebra, propõe utilizar as novas tecnologias como uma das dez novas competências para ensinar. O autor ressalta a necessidade de desenvolver, entretanto, um trabalho pedagógico com o uso crítico destes instrumentos. Uma prática que, de saída, não esteja a serviço da modernidade triunfante nem a favor da nostalgia dos bons e velhos tempos do papel e lápis. Mas sim, uma prática reflexiva sobre o mundo.

As práticas sociais, desse modo, não poderão ser limitadas às Tic. Elas se revelam nas interações humanas e estão inscritas nos usos que os indivíduos fazem delas, a fim de executar suas ações cotidianas em conformidade com a rede de relações entre eles. Significa dizer que as práticas sociais são normas, regras e rotinas concebidas e repetidas nas atividades cotidianas, que alcançam assim, a especificidade de algo legítimo, autêntico. São as coisas realmente feitas, as ações efetivamente levadas a efeito (LAHIRE, 2002).

Assim, se a sociedade tem necessidade de viver dos recursos tecnológicos, então pode se inferir que são as demandas da sociedade que provocam a criação de novas tecnologias. Porém, uma vez criadas, geram a demanda de novos usos e apropriações. Na sua concepção, em vez de se pensar a transformação como uma incidência passiva da tecnologia na sociedade, deve-se percebê-la como a efervescência de invenções dos sujeitos pelo uso da tecnologia.

Ademais, os agentes sociais são produtores de sentido, conferindo investimento de sentidos tanto na produção como na recepção de mensagens. Em outras palavras, usam as tecnologias e os meios à sua disposição, atribuindo significados e produzindo matéria-prima simbólica, sobre a qual se fundamentam as experiências individuais, coletivas e as práticas sociais. Surge, assim, uma nova racionalidade, uma nova lógica de sentido, em que os sujeitos passam a dar significado àquilo que antes aparentemente era impossível de ser nomeado.

Por conseguinte, as mutações sóciotécnicas, não se dão somente pela assiduidade da tecnologia na vida em sociedade, mas também pelas formas de interação presentes no cotidiano pessoal e profissional dos indivíduos. Quando acontece a interação sobre os objetos tecnológicos, eles deixam de ser apenas instrumentais e passam a ocupar um lugar central, produzindo e fazendo funcionar uma nova forma de organização social.

Hoje, a Universidade, na concepção de Lemos (2013), parece mesmo estar saindo da Idade Média. O ideal científico está na circulação do saber estruturado, na troca de informações, no encontro de pesquisadores.

A internet está potencializando a cultura científica em nível mundial. E esse crescimento só se dá pela cultura das redes telemáticas. A cibercultura, no que se refere à dinâmica acadêmica, é fator de enriquecimento social e de diversidade cultural. E não há aqui qualquer perspectiva ingênua ou otimista. Não afirmo que os professores tenham ficado melhores ou que os alunos estejam mais engajados e estimulados. Falamos em termos quantitativos, evidentes em todas as estatísticas sobre o mundo virtual. É evidente o aumento na circulação de artigos, pesquisas, e-mails, blogs temáticos, fóruns de discussão, etc. A cibercultura pode ser (em alguns setores já é) um fator de enriquecimento baseado na troca de conhecimentos, na apropriação criativa, no desenvolvimento de uma forma de trabalho coletiva compartilhada. É isso que se chama hoje de 'cultura copyleft' (LEMOS, 2013).

Esses avanços tecnológicos, midiáticos e sociais presentes na sociedade contemporânea são, para o autor, a cibercultura dinamizadora da cultura em nível planetário, que, em suas diversas formas comunicativas surgem constantemente, revigorando o processo interacional entre as pessoas independentemente do local onde elas se encontram.

No mundo acadêmico, não é diferente, as tecnologias assumem grande importância como mediadoras de interações. A interconexão de computadores possibilita a ampliação de contato entre os agentes educacionais, potencializando a ampliação da concepção de ensinar, de aprender, de pesquisar e construir novos conhecimentos.

Para Fausto Neto, a midiatização vai fazer surgir impactos muito importantes também no ambiente acadêmico, os quais juntamente com outros equipamentos teóricos e analíticos vão se preparar para dar conta de suas diversas manifestações. Em entrevista à Revista do Instituto Humanitas Unisinos - IHU On-Line (2013), o

autor, referindo-se a esse fenômeno que repercute sobre as práticas acadêmicas desenvolvidas nas universidades, declara, que:

Por se tratar de um fenômeno em processualidade, ele se torna um tema “emergente” no ambiente acadêmico. [...] Estudos e a pesquisa acadêmica enfrentam seus primeiros movimentos. Isso significa dizer que a mediação produzirá impactos muito interessantes também nos ambientes acadêmicos, os quais vão se preparar com outros equipamentos teóricos e analíticos para dar conta de suas manifestações. Isso nos parece muito bom, pois o ensino universitário terá de organizar seus currículos e programas de pesquisas a partir de demandas muito particulares, como, por exemplo, aquelas das quais serão portadores os próprios jovens, enquanto atores que estarão vivendo a mediação na própria pele.

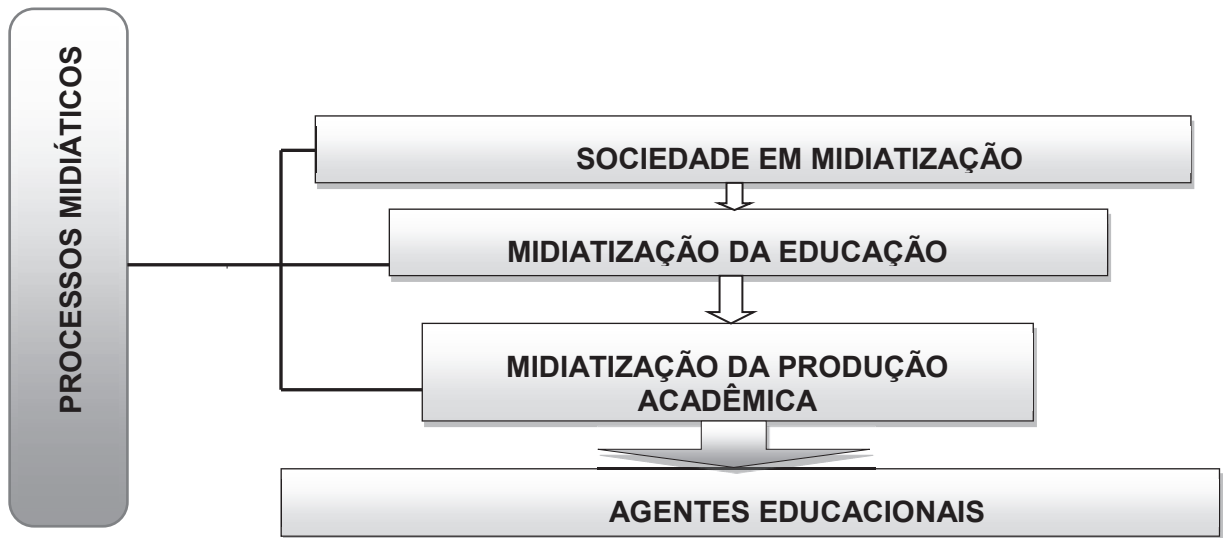
É exatamente essa mediação da sociedade com seu caráter de interatividade que, a nosso ver, faz gerar expectativas na educação toda vez que aparece uma reinvenção tecnológica e, conseqüentemente, naquilo que aqui propomos chamar de **mediação da produção acadêmica**, que, no nosso entendimento, se processa na medida em que:

- a sociedade em mediação atinge também o campo da educação, modificando o contexto acadêmico e inovando a pesquisa e o ensino, que ganham novos suportes a partir do excessivo e incessante avanço tecnológico;

- a Internet em particular, na sua evolução, traz novos e instigantes desafios, ganhando força dentre os agentes educacionais, que passam a viver numa ambiência vigorizada por um ininterrupto e **interativo** fluxo comunicacional, o que, por conseqüência, induz os agentes educacionais ao uso das redes digitais.

Entendemos que esses agentes se vendo dentro de um mundo abarrotado de novidades seja por pressão social ou institucional, sejam por necessidade e receio de ficar de fora desse mundo, ou pelo simples “modismo”, a tendência desses é se inscreverem em processos midiáticos, incorporando nas suas atividades pessoais e profissionais as tecnologias e as suas ferramentas multimidiáticas, principalmente a Internet.

GRÁFICO 4 – PROCESSO DE MEDIATEZÃO DA PRODUÇÃO ACADÊMICA



Fonte: Própria

Todavia, devemos lembrar que a tecnologia por si mesma não garante a produção de conhecimento, a comunicação interativa, e nem é capaz de fazer as mudanças ocorrerem automaticamente. Para que isso se realize, é preciso, como já foi dito, que haja uma inscrição crítica dos agentes envolvidos de modo a construir condições de uma atuação concreta que relaciona o específico aos processos sociais como um todo, lançando para os recursos tecnológicos um olhar crítico, ponderado e sintético, para além da perspectiva determinista.

Afinal, esses recursos apenas viabilizam informações que vão contribuir para o surgimento de uma nova forma de professores e alunos desenvolver aptidões, competências e atitudes, características que a educação tradicional não conjeturava e que o mundo mediatizado de hoje impõe aos seus habitantes,

Nós esperamos que a tecnologia - teoricamente mais participativa, por permitir a interação - faça as mudanças acontecerem automaticamente. Esse é um equívoco: ela pode ser apenas a extensão de um modelo tradicional. A tecnologia sozinha não garante a comunicação de duas vias, a participação real. O importante é mudar o modelo de educação porque aí, sim, as tecnologias podem servir-nos como apoio para um maior intercâmbio, trocas pessoais, em situações presenciais ou virtuais. Para mim, a tecnologia é um grande apoio de um projeto pedagógico que foca a aprendizagem ligada à vida (MORAN, 2012a).

Para o autor, as formas de educar com estrutura autoritária não resolvem as questões fundamentais da educação. A Internet, na sua compreensão, nos fornece ajuda, mas sozinha não dá conta da complexidade do aprender. Nas suas palavras:

A questão não é tecnológica, mas comunicacional. A tecnologia entra como um apoio, mas o essencial é estabelecer relações de parceria na aprendizagem. Aprende-se muito mais em uma relação baseada na confiança, em que alunos e professores possam se expressar. Criar e gerenciar esse ambiente são muito mais importantes que definir tecnologias. Embora eu trabalhe com elas, noto que o foco está na interação humana, presencial ou virtual. Preocupa-me muito a dificuldade que temos em estabelecer relações participativas, porque todos nós carregamos estruturas tremendamente autoritárias, sendo submissos ou dominadores, e reproduzimos isso na escola. A cultura da imposição, do controle, é talvez a barreira mais difícil de derrubar no processo pedagógico (MORAN, 2012b).

Depreendemos que, com a presença cada vez mais marcante da Internet no ambiente educacional, já não existe mais lugar para práticas autoritárias. Estamos vivendo a “geração net”, “geração digital”, “geração rede”. O aluno, muitas vezes, sabe lidar com as máquinas melhor que o professor. E este é quem, de repente, aprende. Há assim uma inversão de autoridade. A “ordem” antiga é invertida. Alunos e professores devem, portanto, estar juntos, um e o outro, numa ação conjunta, numa interação participativa e crítica, lutando para a compreensão da totalidade exigida pela temática.

Certamente, a Internet e suas diversas ferramentas são muito importantes para a educação e produção acadêmica. Se até pouco tempo livros e apostilhas, jornais e revistas eram as principais fontes de pesquisa, hoje também se integram, a esses recursos, os CD-ROM e as páginas da Internet, bem como os áudios e videoconferências (OLIVEIRA; COSTA e MOREIRA, 2001). Contudo, é preciso lembrar que a produção do conhecimento na sociedade midiaticizada exige a formulação de novas propostas, novas estruturas, novas metodologias de trabalho, criando um ambiente favorável à pesquisa, com a utilização adequada dos recursos disponíveis na atual realidade.

Afinal, não podemos esquecer que tecnologias são estratégias, máquinas criadas pelo homem como fruto dos seus conhecimentos, são resultados de uma manifestação históricossocial. Dependem, pois, do homem para saber criá-las, operá-

las e usá-las, mas, principalmente na perspectiva comunicacional, considerando as articulações entre Tic e sociedades (MIÈGE, 2009).

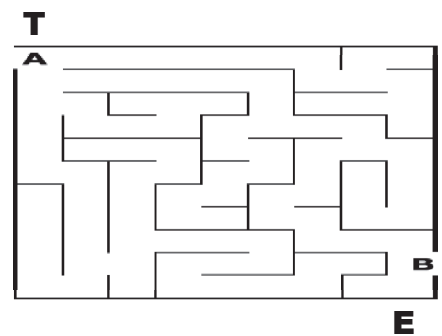
E mais, todas as práticas sociais são, a rigor, determinadas por um jogo de forças, quer dizer, por interesses, motivações, intencionalidades; pelo grau de consciência dos seus agentes; pela forma que enxergam e concebem a relação com o mundo; pelo contexto onde essas práticas se realizam; pelas necessidades e possibilidades próprias dos seus agentes e da realidade em que estão inseridos.

Sendo assim, para construir novas práticas dentro do ambiente educacional das tecnologias, é preciso que seus agentes saibam interpretar claramente a realidade da qual fazem parte. É preciso que passem a pensar a prática, dialeticamente, como algo que se desenvolvem coletivamente, no curso do processo histórico, como algo que se constrói nas interações sociais, que são formas de expressão, formas de luta social, contínua, permanente, em que os agentes da educação mantêm no calor da realidade institucional e podem vencer com a força de suas práticas cotidianas.

Acreditamos que é penetrando no atual movimento tecnológico que os agentes educacionais podem encontrar as condições necessárias para uma inscrição consciente e crítica nos processos midiáticos. É nos armando de competência que poderemos nos colocar no debate, no enfrentamento da reificação tecnológica, encontrando explicações para os impactos das tecnologias e a compreensão para seus desdobramentos.

Na verdade, na sociedade em midiatização se faz necessário um constante e renovado aprendizado. Tudo é sempre muito novo, o que aprendemos hoje, amanhã já mudou. E lá vamos nós, aprendendo e reaprendendo numa tentativa de não sermos atropelados por essas ferramentas, que, numa velocidade cada vez mais intensa, avança sobre nós. E nesse movimento nos deparamos com novas formas de nos comunicar, de interagir, de explorar diversas informações, de ler, sentir e interpretar o mundo que nos rodeia e, conseqüentemente, de produzir conhecimentos.

CAPÍTULO IV: NO ENCALÇO DO OBJETO: aportes metodológicos



... É um labirinto. Seu código é a frequência do olhar.

(Guilherme Arantes)

4.1 MÉTODOS E METODOLOGIAS

A construção do objeto de investigação, a rigor, nunca acontece de forma linear, clara e direta. Ao iniciar o percurso, tínhamos apenas uma ideia, até então, vaga, indeterminada e embrionária. Precisávamos - como dizia nosso orientador - “parir” nosso objeto de estudo. Afinal, como todo pesquisador em fase inicial, nossa tendência era querer abranger o fenômeno na sua totalidade, tencionando dar conta dos seus múltiplos aspectos, desatenta, portanto, ao “desentranhamento do comunicacional”, tantas vezes recomendado pelo professor José Luiz Braga, em sala de aula.

Passados os primeiros impasses, dúvidas e desafios, inerentes ao processo de maturação para o avanço da construção do objeto de pesquisa, já levantadas as diferentes questões que iriam acompanhar nossa investigação, resumizamos como objetivo geral: descrever e analisar as percepções dos agentes educacionais sobre usos e interações e dispositivos em redes digitais para a produção acadêmica, analisando em que medida está ocorrendo uma transformação das práticas sociais e comunicacionais em decorrência desses usos e interações, isto é, do tipo de inscrição de docentes e discentes nos processos midiáticos.

Considerando esse objetivo e conseguindo enxergar com mais clareza o desenho que deveria orientar a tecitura pretendida, decidimos, pois, que o caminho da busca seria construído inspirado nos “Labirintos Sobrepostos” – uma hipótese sobre o método na pesquisa empírica – de autoria do Professor Dr. Jairo Ferreira¹⁰.

Na visão do autor:

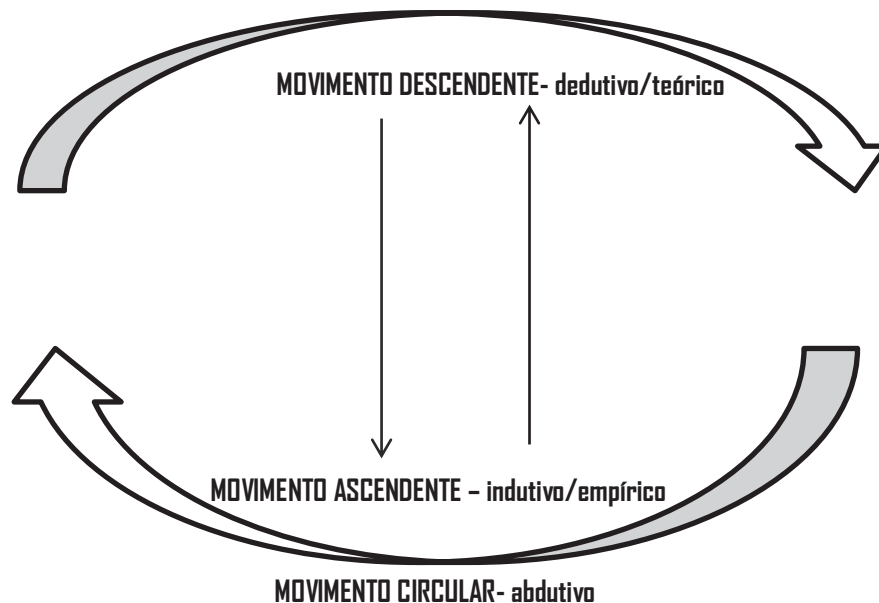
Ao ingressar numa cadeia argumentativa, o aspecto sensível (a observação) do indicio se insere em lógicas. Uma dessas lógicas é o silogismo, uma rede argumentativa simples, que vincula o observado e sensível a uma regra interpretativa. Mas essa lógica não pode ser tautológica (uma pesquisa que quer demonstrar a verdade de nossas percepções). Pesquisar é transformar percepções, inclusive a do pesquisador, em diálogo com a percepção e interpretação dos outros. Descobrir é revelar novos indícios. Dar a eles o status de significado em uma rede de relações (FERREIRA, 2010c.).

¹⁰ O texto “Labirintos Sobrepostos - uma hipótese sobre o método na pesquisa empírica” foi estudado durante o seminário “Aportes Metodológicos”, ministrado pelo autor na UFPI/Teresina-Piauí em dezembro de 2010c.

Tentando, assim, nos pautar numa metodologia que possibilitasse uma aproximação fecunda com nosso objeto de estudo, a intenção foi promover o confronto entre os dados empíricos, as evidências, as informações coletadas sobre o tema e o conhecimento teórico acumulado a respeito. Ou seja, a pretensão foi após algumas idas e voltas - que sempre nos levou ao ponto central do estudo - buscar reunir o pensamento e a ação no esforço de construir nosso objeto, apreendendo indícios fortes e consistentes, montando a nossa coleção, de forma que nos permitisse encontrar condições de chegarmos com segurança ao conhecimento almejado.

A perspectiva é, pois, conceber o objeto de pesquisa nos movimentos dialético ascendente (indutivo), descendente (dedutivo) e circular (abduções), ou seja, do empírico à teoria e das teorizações à análise dos dados. Afinal, não basta descrever o empírico, é preciso tentar chegar a um conhecimento de ordem superior, além do descritivo. Mas, “o que permite ir além das descrições são as correlações entre disposições e dispositivos e construtos teórico-metodológicos mais estáveis” (FERREIRA, 2006, p. 4).

GRÁFICO 5- ESQUEMA SIMPLIFICADO DE INTERPRETAÇÃO DO MÉTODO EMPREGADO NA PESQUISA



Fonte: Própria

Portanto, nossa preocupação é buscar construir argumentos sobre os argumentos, discursos sobre os discursos, dialogando criticamente com os autores e também com os agentes da nossa pesquisa empírica. “Isso significa que as ideias prévias devem ser tensionadas pela reflexão teórica e pelo trabalho de investigação” (BRAGA, 2008, p.16).

Vale dizer que, nos voltando mais para o processo social do que para a estrutura social, preocupada em compreender mais a subjetividade dos sujeitos, do que nos prender às análises numéricas e ou quantitativas, que transformam o fenômeno social em números e não leva em consideração o conflito entre percepções e os fatos, a manifestação dos sujeitos e nem o contexto no qual estão inseridos, buscamos utilizar, não só, mas, sobretudo, um estudo de natureza qualitativa.

Fomos, pois, orientada pela convicção de que a abordagem qualitativa, a partir de variadas técnicas interpretativas, busca descrever e decodificar os elementos complexos de um sistema de significados, revelando aspectos subjetivos e atingindo motivações implícitas, de forma espontânea, não consciente, tendo por objetivo traduzir e expressar o sentido dos fenômenos do mundo social. Trata-se de reduzir a distância entre indicador e indicado, entre teoria e dados, entre contexto e ação (MAANEN, 1979, p. 523).

Conforme já ressaltamos anteriormente, em virtude do seu caráter de interface, nosso estudo requereu além de um recorte empírico, um recorte teórico. Quer dizer, a nossa investigação está fundamentada, tanto nas concepções de autores da Comunicação, como nos autores da Educação. Recorremos ao contexto teórico sobre a mediatização: do Brasil, Braga (2002, 2006, 2007, 2008), Fausto Neto (2006), Ferreira (2006, 2010a, 2010b), Gomes (1997, 2006), Sodré (2002); e teóricos estrangeiros, tais como o francês, Miège (2009), Lahire (2002), Silverstone (2002), Castells (2003) e demais autores que fazem da Comunicação, das tecnologias, da mídia, especialmente da Internet, tema de estudo e reflexão.

Evocamos também autores como Lévy (1999, 2000), Moran (2000, 2012), Ramal (2002), Pereira (2000), Nascimento (2003) e outros que, ainda que voltados à Educação, estão preocupados com as novas mídias e suas implicações no campo pedagógico.

No intuito de dialogar criticamente com os teóricos e também com os sujeitos da pesquisa, procuramos - como já ressaltamos - articular a ideia inicial a partir de um olhar teórico e de um olhar empírico, isto é, buscamos enxergar nosso objeto dentro do movimento dialético-circular entre empiria e a teoria, não simplesmente descrevendo ou tentando explicar a realidade empírica. Afinal, sabemos que é fundamental que cheguemos a um conhecimento de ordem superior, além do descritivo.

Sob essa perspectiva, nosso propósito é realizar a análise dos dados empíricos atenta às sutilezas da teoria.

A teoria é com certeza um dos fundamentos básicos da pesquisa - pois não pesquisamos a partir do zero e sim do conhecimento estabelecido pertinente. Mas, se não misturarmos, na massa de que se farão os alicerces da pesquisa, as questões e a espessura própria da realidade empírica, eles não terão resistência e estrutura para sustentar o edifício (BRAGA, 2008, p. 20- 21).

Não se realiza pesquisa, portanto, do vazio, do nada, todo estudo está sempre comprometido com algum contexto do qual participa o pesquisador, que é guiado por conhecimentos anteriormente elaborados. E é, exatamente, esse comprometimento, esse entrelaçamento da realidade com o cotidiano que bem lembra a relação sujeito – objeto, teoria – empiria e que bem caracteriza a dimensão social da pesquisa.

4.2 ESTUDO DE CASO COMO ESTRATÉGIA METODOLÓGICA

Desejando uma aproximação maior com o objeto, optamos pela pesquisa do tipo estudo de caso, construído a partir de uma compreensão teórica da realidade que orientaria o olhar sobre o contexto investigado.

Entretanto, é importante enfatizar que não é nossa pretensão, em conformidade com Lahire (2002), atingir a pertinência universal dos conceitos dos diversos teóricos acionados. A contribuição teórica é, certamente, um quadro epistemológico necessário para orientar a pesquisa empírica, “mas não faz juízo antecipado do que só se pode descobrir empiricamente, através de programas de pesquisas empíricas originais” (LAHIRE, 2002, p. 204-205).

Nossa estratégia de finalização, nesse sentido, é configurar um caso de investigação, que tenha como foco a inscrição dos indivíduos nas redes digitais, partindo de suas falas sobre o contexto que vivenciam e os usos que fazem. Contudo, não desejando ficar restrita a isso, buscamos ir além, questionando e tensionando os depoimentos manifestados sobre o tema.

Por isso, partimos para o estudo de caso, operacionalizado mediante o uso de técnicas qualitativas de pesquisa, a partir do qual tentamos fazer inferências sobre o foco central do nosso estudo: verificar se as percepções dos agentes sobre usos efetivos da Internet, identificando encontros e defasagens em relação aos posicionamentos discursivos a partir disso.

Braga (2007), acreditando no valor do estudo de caso para as pesquisa comunicacionais, apresenta quatro finalidades articuladas para a investigação e análise de fenômenos singulares.

- a) gerar conhecimento rigoroso e diversificado sobre uma pluralidade de fenômenos que são intuitivamente percebidos como de interesse para a área (o conhecimento dos casos em si);
- b) assegurar elementos de articulação e tensionamento entre situações de realidade e proposições abstratas abrangentes prévias (situações particulares versus conhecimento estabelecido);
- c) pela lógica própria dos processos indiciários, gerar proposições de crescente abstração a partir de realidades concretas;
- d) caracterizar-se como âmbito de maior probabilidade de sucesso no “desentranhamento” de questões comunicacionais diretamente relacionadas ao fenômeno “em sociedade” (BRAGA, 2007 p. 4).

Para o autor, os estudos de caso estão relacionados ao paradigma indiciário. Esclarece, porém, que esse indiciário não equivale a considerar exclusivamente os dados empíricos. Quer dizer, não pressupõe o mero levantamento e descrição dos indícios, mas sim, selecionar, organizar e articular para fazer inferências sobre o fenômeno pesquisado. Isso, na concepção de Braga, pode ser viabilizado a partir do tensionamento triangular entre teoria, empiria e problema de pesquisa.

Sendo assim, a busca desse caminho nos levou à convicção de ser o estudo de caso o melhor procedimento para abordar a temática. O caso deve ser uma referência significativa para merecer a investigação. E ainda que se fundamente num estudo sistemático de um campo específico, de onde se colhem aspectos

particulares da realidade, não deixa de ser um campo aberto e flexível e de focalizar essa realidade como um todo, considerando a totalidade das relações.

O estudo de caso, sabemos, permite inferências que ocorrem quando o pesquisador tenta associar os dados coletados no caso estudado com dados que são frutos de suas experiências pessoais. Assim, precisamos lembrar com Lahire (2002) que: “quando o pesquisador observa apenas uma cena, e nada o impede de fazê-lo, deve, no entanto, esforçar-se por não generalizar abusivamente as conquistas limitadas de conhecimento”. Afinal, como afirma ainda o autor: “o demônio da generalização (que certamente se explica pelos ganhos simbólicos bem maiores que proporciona) constitui um verdadeiro obstáculo para o conhecimento científico do mundo social” (LAHIRE, 2002, p. 203).

Atentando também à observação de Deleuze (1974) – para quem o estudo se delinea durante sua realização e o aporte metodológico não pode ser estabelecido a priori - o trajeto da pesquisa foi sendo traçado a partir da construção dos nossos observáveis como caso.

Significa dizer que buscamos apreender o objeto de forma completa, levando em conta o contexto em que ele está inserido e a multiplicidade de dimensões existentes na situação investigada. Situação que foi se definindo e se delimitando conforme a exploração do contexto empírico, do contato direto com os agentes da pesquisa, que conhecem o objeto em estudo e atribuem sentidos, concepções sobre ele.

O caso, portanto, foi “gestado” ou produzido no sentido que Ferreira (2010a, p. 6) denomina de hipótese explanatória. Conforme o autor, se trata de “permitir a construção do objeto de investigação enquanto caso como mediação argumentativa”.

4.3 INSTITUIÇÃO SELECIONADA PARA O ESTUDO

A opção pelo estudo de caso, certamente, não aconteceu de forma completamente desinteressada, afinal, sempre existem interesses que motivam o desvelamento de uma determinada realidade empírica.

Nesse sentido, dentro do universo do Diretório de Pesquisa da Universidade Federal do Piauí, o estudo foi desenvolvido no contexto dos **Núcleos e Grupos de pesquisa do DSS**- Departamento de Serviço Social, do qual fazemos parte como professora de diversas disciplinas, dentre as quais, “Pesquisa em Serviço Social”.

Entretanto, é importante destacar que, embora, privilegiando esse contexto empírico, tentamos também obter informações trazidas pelos demais trabalhos que revelam realidade de outros locais, de comunidades distantes, cuja leitura foi considerada elemento subsidiário a uma compreensão mais abrangente do fenômeno.

4.4 INSTRUMENTOS METODOLÓGICOS

Buscamos trazer à tona informações que nos oferecessem condições para a confrontação da realidade encontrada no estudo de caso. A investigação foi realizada por meio dos seguintes instrumentais técnicos: análise bibliográfica, documental, observação direta e depoimentos pessoais, com base em entrevistas semiestruturadas e aplicação de questionários mistos.

A pesquisa bibliográfica, presente durante toda trajetória da pesquisa, foi sempre empreendida no esforço de, através de livros, revistas, monografias, dissertações e meios eletrônicos, aprofundar o diálogo com os diversos autores que fazem dos problemas entre sociedade, educação, tecnologia e midiatização objeto de estudo. A finalidade com esse movimento metodológico foi buscar subsídios para um contato direto com tudo o que já foi escrito, analisado e pesquisado. Buscamos, assim, a atualidade do tema, das teorias, dos autores e dos dados recentes.

Quanto à pesquisa documental, esta foi empreendida no sentido de complementar as informações que obtivemos por meio das outras técnicas de pesquisa escolhidas para o conhecimento do contexto da realidade do caso estudado. A escolha dos documentos não se deu de forma aleatória, isto é, selecionamos e analisamos os documentos considerados mais relevantes para a obtenção das informações almejadas sobre o ambiente institucional das tecnologias do Diretório dos Grupos de Pesquisa do Brasil- CNPq, do Diretório de Pesquisa da

UFPI e dos Grupos e Núcleos de Pesquisa do DSS para o uso da Internet na produção acadêmica.

Lançando mão da observação direta, tentamos encontrar subsídios à inferência segura dos dados coletados por meio das demais técnicas. A observação das reuniões de alguns dos núcleos e grupos de pesquisa, alvo do nosso estudo, foi realizada por meio de um roteiro previamente definido. Registrando num diário de campo, atentamos para as condições do ambiente, para as discussões realizadas entre os membros e para as formas de trabalho cotidiano desses sujeitos. Isto, certamente, favoreceu maior aproximação com os pesquisados, sem necessariamente interferir na realidade observada. Afinal, por sua própria natureza, nosso estudo exige disciplina, perspicácia e sutileza por parte do pesquisador.

Os depoimentos pessoais, colhidos através de entrevistas anteriormente marcadas com os sujeitos, em dia, local e horário de sua conveniência, foram gravados em áudio (com consentimento dos sujeitos) e, posteriormente, transcritos. A intenção foi estabelecer um diálogo com os entrevistados, sem seguir um esquema rígido e padronizado, apesar de partirmos de um roteiro previamente elaborado.

A preocupação em realizar um tipo de entrevista com esquemas mais livres e flexíveis visou observar na construção das falas dos agentes aspectos que também nos revelassem a desconstrução dessas falas. Nesse esforço, buscamos dados significativos para o estudo, permanecendo alerta, não apenas em relação às respostas verbais, mas, também, a todas as respostas não verbais dos nossos interlocutores. É o que aqui poderemos chamar de “discurso mudo”, isto é, as percepções reveladas nos gestos, expressões, entonações, hesitações, enfim, a todos os sinais, vestígios, pistas, cuja captação possa ser de grande importância para a compreensão do que realmente desejamos desvendar¹¹.

Com base nesses discursos livres, tentamos não só assegurar maior completude das informações prestadas, como também complementar aquelas

¹¹ Faz parte da pesquisa qualitativa manter uma preocupação intensa em observar tudo o que se consegue “muitas vezes é o detalhe que fornece as pistas para a explicação do fenômeno. As reações, as expressões e as interações podem ser dados tão importantes quanto às manifestações orais” (CUNHA, Maria Isabel da. *O bom professor e sua prática*. Campinas/SP: Papyrus, 1994, p. 26)

colhidas através dos questionários, anteriormente enviados via Internet para os dois grupos de agentes no intuito de confrontar as informações e suprir as limitações presentes na técnica da entrevista.

Em termos de tipologia, utilizamos o questionário misto, constituído por uma série ordenada de perguntas abertas e fechadas, as quais favorecem aos sujeitos oportunidade de expressar suas percepções sobre a questão central da pesquisa, acrescentando opiniões e comentários julgados pertinentes.

4.5 SUJEITOS DA PESQUISA

Com a convicção de que todos os agentes são igualmente importantes na globalidade do processo educacional, a investigação foi realizada com docentes e discentes participantes dos núcleos e grupos de pesquisa em atividade no Curso de Serviço Social.

Quem são os sujeitos pesquisados? Como chegamos até eles? Buscando ir além das cenas a que assistíamos no palco da convivência cotidiana da realidade acadêmica da UFPI, alongando nosso olhar, tentamos enxergá-los de outra forma, buscando conhecer suas peculiaridades de sujeitos singulares e captar alguns fatores que, de alguma forma, atingem o modo como vivenciam a mediação da sociedade, pois, como dizem os teóricos da área, a mediação é algo que afeta mentalidade, modos de ser, de viver, de dizer e, conseqüentemente, de agir, de desenvolver práticas.

Voltada para as questões éticas, uma vez que a pesquisa envolve seres humanos, nosso projeto foi inscrito na Plataforma Brasil e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UNISINOS. Depois de feitos os devidos esclarecimentos sobre as intenções da investigação, os sujeitos que confirmaram sua participação assinaram um termo de consentimento livre esclarecido – TCLE.

Em face dos objetivos propostos, decidimos, pois, eleger dois grupos de sujeitos: grupo docente e grupo discente.

Quanto ao **grupo docente**, apesar de todas as professoras que no momento exercem a função de coordenadora ou de subcoordenadora dos núcleos ou grupos de pesquisa em atividade no Departamento de Serviço Social terem sido convidadas

para participar como voluntárias da pesquisa, o grupo foi formado apenas por oito (8) docentes do sexo feminino¹². Ou seja, apenas por aquelas que, gentilmente, aceitaram nosso convite para participar como voluntárias da pesquisa, respondendo o questionário e nos concedendo a entrevista presencial com a permissão do uso de gravador.

É oportuno destacar que no quadro atual de qualificação docente do curso de Serviço Social da UFPI, apenas duas estão em processos de doutoramento, todos os demais professores já fizeram doutorado, sendo que a grande maioria já realizou o pós-doutorado. Esses são dados que consideramos relevantes, pois a UFPI tem poucos cursos de doutorado, daí porque, para qualificar seus professores como doutores, tem que deslocá-los para instituições de outros estados, quase sempre distantes, acarretando transtornos, tanto para UFPI como para os próprios docentes.

Diante da dificuldade de atingir todos os discentes que integram os vários núcleos e grupos de pesquisa do Departamento de Serviço Social da UFPI e, considerando, principalmente, as condições peculiares do estudo, em termos de metodologia, uma vez que em se tratando de estudo de caso, os autores da área não recomendam a sua realização com um grande número de sujeitos, o **grupo discente** está representado por uma amostra aleatória de participantes dos três segmentos, sendo: a) dois voluntários; b) dois bolsistas UFPI e c) quatro bolsistas de iniciação científica (PIBIC/CNPq), perfazendo também um total de oito (8) sujeitos.

Para a formação desse grupo, enviamos um e-mail para todos os alunos que estavam cursando as disciplinas que ministrávamos durante o primeiro semestre de 2012 (já que, a cada semestre, costumamos pedir o endereço eletrônico dos nossos alunos), perguntando se faziam parte de algum grupo ou núcleo de pesquisa e se poderiam participar como voluntário de nossa pesquisa de doutorado. De quarenta solicitações enviadas, recebemos um retorno positivo de doze (12) alunos e escolhemos, desse universo, aleatoriamente, uma mostra representada por oito (8)

¹² É importante deixar claro que isto tem a ver com a predominância do sexo feminino na composição do quadro de professores do DSS da UFPI. O DSS conta apenas com um professor do sexo masculino, que no momento está afastado. Embora se perceba atualmente uma tímida entrada de homens nessa área, o Serviço Social ainda é uma opção de trabalho favorita da mulher, revelando o caráter histórico-cultural da ligação do sexo feminino com essa profissão, cuja constituição tem origem nas atividades filantrópicas.

discentes, elegendo como único critério a formação de um grupo com o número equivalente de sujeitos do grupo docente.

4.6 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

Por meio dos já mencionados instrumentos técnicos de pesquisa, contemplamos no estudo, quatro conjuntos de dados:

- 1- Dados sobre a caracterização dos sujeitos e do contexto dos núcleos e grupos de pesquisa observados;
- 2- Dados sobre o tipo de inscrição dos agentes educacionais, ou seja, sobre usos e interações com a Internet na produção acadêmica;
- 3- Dados sobre as percepções dos agentes sobre esses usos e interações no ambiente educacional e na produção acadêmica dos seus núcleos e grupos de pesquisa;
- 4- Dados sobre as transformações e perspectivas de novas práticas interacionais por meio da Internet na produção acadêmica.

Para empreender a análise e interpretação desses dados coletados no contexto empírico, lançamos mão das perspectivas de diferentes autores, como já evidenciamos anteriormente, como é o caso do francês Pierre Lévy (1999, 2000, 2003), que coloca as técnicas como central na construção do social. É o caso, ainda, de outros teóricos, como o também francês Bernard Miège (2009), que, optando por uma abordagem decididamente comunicacional, tece severas críticas aos discursos sociais como ideologias, e capta nos materiais discursivos – de tecnólogos, de pensadores da modernidade, como de atores da comunicação midiática, assim como de certos meios acadêmicos – as marcas de um tecnodeterminismo da técnica e da tecnologia em relação às práticas e aos usos.

Vale dizer, na tensão entre teoria e empiria, a pretensão é ainda analisar as percepções expressas (e as percepções não expressas) dos agentes, examinando até que ponto eles manifestam, de alguma forma, ideias ou opiniões de enfoque tecnodeterminista e em que medida eles conseguem compreender a tecnologia como parte de um processo, social e comunicacional.

4.7 CATEGORIAS DE ANÁLISE

No sentido de facilitar a compreensão do material pesquisado e viabilizar sua análise e interpretação, optamos por trabalhar a variedade das falas verbalizadas, montando uma matriz sintética e agrupando os relatos dos agentes dentro das seguintes categorias de análise, que contemplam a questão dos usos e contextos.

- **O lugar da Internet no ambiente educacional e na produção acadêmica;**
- **Inabilidades e resistência versus confiança e inovações;**
- **Modos efetivos de usos e perspectivas de práticas de interação por meio da Internet na produção acadêmica.**

Os resultados obtidos na pesquisa nos permitiram encontrar várias categorias representacionais; entretanto, é importante lembrar que, assim como a própria realidade, as categorias pressupõem movimento constante. Não foram, portanto, definidas de maneira estanque ou aleatória. Nossas categorias foram modificadas conforme novos indícios que, de repente, surgiram no percurso. Ou seja, foram construídas e reconstruídas à medida que se faziam cada vez mais presentes nos depoimentos dos nossos pesquisados, nos oferecendo as pistas necessárias à reconstrução do caminho. Estivemos, pois, constantemente atentos à obtenção de dados significativos, implicando regras interpretativas que pudessem nos levar a evidenciar novos conhecimentos, novas abduções.

Afinal, como bem afirma Ferreira (2010a, p. 11-12), “novas abduções instalam novas possibilidades dedutivas e indutivas, na medida em que devem reorganizar, por exemplo, os formatos de coleta de dados e o próprio corpus da investigação” Para o autor, esse processo é contínuo, consecutivo, acontece no movimento de interpenetrações, ou seja, “o investigador organiza a argumentação em uma sucessão de inferências do tipo hipótese (abdução), dedução e indução” (FERREIRA, 2010a, p. 5).

CAPÍTULO V: CONSIDERAÇÕES CONTEXTUAIS DO CASO ESTUDADO



Ver e enxergar são aparentemente sinônimos. No entanto, apresentam grandes diferenças. Ver é uma tomada de conhecimento da visão. Enxergar é tomar conhecimento do visto em toda sua plenitude.

(Joaquim Magalhães)

5.1 AMBIENTE INSTITUCIONAL DAS TECNOLOGIAS DO DIRETÓRIO DOS GRUPOS DE PESQUISA DA UFPI E DOS GRUPOS E NÚCLEOS DE PESQUISA DO DSS PARA O USO DA INTERNET NA PRODUÇÃO ACADÊMICA: descrições do contexto

Como estamos buscando desvendar as percepções dos agentes educacionais sobre usos e interações na produção acadêmica por meio da Internet a partir do caso específico do campo acadêmico da Universidade Federal do Piauí - UFPI, no espaço dos núcleos e grupo de pesquisa do DSS- Departamento de Serviço Social, é imprescindível que levemos em conta as condições sociais em termos amplos onde ocorre o fenômeno, com suas características contextuais, principais aspectos, que, como sabemos, variam segundo o processo histórico social que as envolvem.

Para se compreender uma situação problema é necessário saber em qual momento e em que circunstâncias ela se origina, apreendendo os fatores externos que estão interferindo direta ou indiretamente nessa situação. Sendo assim, procurar interpretar o sentido das percepções dos nossos investigados fora das circunstâncias possíveis de suas ocorrências, ou seja, fora do contexto, equivaleria abandonar o terreno da localização das percepções no espaço social onde são produzidas.

A busca de relações é uma metodologia que nos leva para além da aparência externa do fenômeno, onde se desvendaria “a lei do fenômeno; por trás do movimento visível, o movimento real interno; por trás do fenômeno, a essência” (KOSIK, 1976, p. 16). O objetivo, portanto, dos dois próximos subitens, é buscar o conhecimento do fenômeno na sua totalidade¹³, descrevendo e analisando as diversas dimensões presentes no contexto empírico. Afinal, cada instituição é única, com sua realidade própria que interfere no modo de pensar, sentir e agir dos agentes sociais que a constituem.

¹³ Estamos orientados pela visão de Karel Kosic para quem totalidade não significa todos os fatos, uma vez que não é possível alcançá-los na sua plenitude. Para o autor: “Na realidade, totalidade não significa todos os fatos. Totalidade significa: realidade como um todo, estruturado, dialético, no qual ou do qual um fato qualquer (classes de fato, conjunto de fatos) pode vir a ser racionalmente compreendido” (KOSIK, 1976, p. 35).

5.1.1 O Diretório dos Grupos de Pesquisa da UFPI e os Núcleos e Grupos de Pesquisa Vinculados ao Departamento de Serviço Social: observações da realidade local

A Universidade Federal do Piauí- UFPI, instituída oficialmente através da Lei Nº 5.528, de 11 de novembro de 1968, resultou da junção das faculdades de Administração, Filosofia, Direito, Odontologia e Medicina. Atualmente, oferece cursos de graduação, pós-graduação, extensão, médio e profissionalizante, na modalidade presencial e graduação e extensão na modalidade a distância, abrangendo, portanto, praticamente, todos os ramos do saber, sendo considerada uma instituição de ensino superior, pesquisa e extensão de boa qualidade, se destacando entre as demais IES do Estado.

Os cursos de pós-graduação se encontram sob a responsabilidade da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação (PRPPG), oferecendo Cursos de Pós-Graduação *Stricto Sensu* (em nível de Mestrado e Doutorado) e *Lato Sensu* (modalidades: Especialização, Residência Médica e Residência Médico-Veterinária), os quais se destinam a qualificar profissionais para o desenvolvimento de atividades de ensino, pesquisa e atendimento das demandas de pessoal qualificado pela sociedade.

A PRPPG coordena e acompanha todas as atividades de pesquisa, disponibilizando para seus discentes, através de processo seletivo, diversos programas de iniciação científica, como: o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), nas Ações Afirmativas (AF) e o Programa de Iniciação Científica Voluntária (ICV), além do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação em Desenvolvimento Tecnológico e Inovação (PIBITI), fomentadas pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, do Ministério de Ciência e Tecnologia (CNPq) e pela própria universidade.

Assim, a UFPI, através da PRPPG, além de buscar fortalecer o preparo para a pesquisa dos alunos no processo de formação profissional, tenciona ainda gerar ou ampliar conhecimentos científicos relacionados à realidade local, regional e nacional, colaborando, dessa forma, para seu desenvolvimento sustentável.

Em termos administrativos, a UFPI está organizada em Órgãos Centrais e Unidades de Ensino. Fazem partes dos órgãos centrais a Reitoria, Pró-Reitoria de

Administração - PRAD, Pró- Reitoria de Ensino de Graduação - PREG, Pró- Reitoria de Extensão - PREX, Pró - Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação - PRPPG, Pró- Reitoria de Planejamento e Orçamento - PROPLAN, Pró- Reitoria de Assuntos Estudantis e Comunitários - PRAEC, Vice-Reitoria e Biblioteca Central - BC.

Nas Unidades de Ensino estão compostas pelos seguintes centros: Centro de Ciências da Saúde - CCS, Centro de Ciências Humanas e Letras - CCHL, Centro de Ciências da Natureza - CCN, Centro de Ciências da Educação - CCE, Centro de Tecnologia – CT, Centro de Ciências Agrárias – CCA. Além desses centros, a UFPI, conta ainda, na capital, com o Colégio Agrícola (CAT).

A UFPI também se faz presente no interior do Estado, possuindo os seguintes campi: Campus Ministro Reis Veloso (CMRV), localizado no município de Parnaíba; Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, na cidade de Picos, além de dois Colégios Agrícolas (um localizado em Floriano e outro em Bom Jesus).

Cada centro conta com diversos departamentos. O curso de Serviço Social, por exemplo, faz parte do Centro de Ciências Humanas e Letras – CCHL, juntamente com os cursos de Administração, Ciências Contábeis, Ciências Sociais, Direito, Filosofia, Geografia, História, Letras/Língua Inglesa, Letras/Língua Portuguesa e Língua Francesa, Letras Língua Portuguesa e Literaturas Brasileira e Portuguesa.

Não se pode deixar de reconhecer o relevante papel que a UFPI exerce na sociedade piauiense, uma vez que contribui de forma significativa para o desenvolvimento econômico, social, científico e cultural do Estado.

No que se refere, ainda, à pesquisa, devemos destacar que uma das importantes formas de atuação da UFPI é a sua vinculação com o Diretório de Grupos de Pesquisa do Brasil- CNPq, que, desde 1992, se constitui em bases de dados que contém informações sobre os grupos de pesquisa em atividade no País. O Diretório mantém uma base corrente, cujas informações são atualizadas continuamente pelos líderes de grupos, pesquisadores, estudantes e dirigentes de pesquisa das instituições participantes.

De acordo com o site do Diretório dos Grupos de Pesquisa do Brasil- CNPq (<http://dgp.cnpq.br/diretorioc/html/infogeral/index.html>), Grupo de Pesquisa é a denominação atribuída ao grupo de pesquisadores e estudantes que se organizam

em torno de uma ou mais linhas de pesquisa de uma área do conhecimento, com o objetivo de desenvolver pesquisa científica. Há o envolvimento profissional e permanente com atividades de pesquisa no qual o trabalho se organiza em torno de linhas comuns de pesquisa e que, em algum grau, compartilha instalações e equipamentos.

Grupos de Pesquisa - ainda conforme o referido site - são as unidades básicas para o planejamento e o acompanhamento das atividades de pesquisa na UFES e definem-se por abrangerem linhas de pesquisa definidas no interior de uma área de conhecimento. As atividades de pesquisa na instituição, individuais ou integradas, estarão inseridas em grupos de pesquisa previamente cadastrados.

Além disso, cada grupo é situado no espaço (região, UF e instituição) e no tempo. Mais precisamente, podem participar do Diretório as seguintes categorias de instituições: universidades federais, estaduais, municipais e privadas; instituições de educação superior -não universitárias- que possuam pelo menos um curso de pós-graduação reconhecido pela CAPES/MEC (centros universitários, faculdades integradas, faculdades isoladas, institutos, escolas, centros de educação tecnológica, etc.); institutos públicos de pesquisa científica; institutos tecnológicos públicos e centros federais de educação tecnológica; laboratórios de pesquisa e desenvolvimento de empresas estatais.

As empresas privadas do setor produtivo não estão incluídas neste Diretório. Essas têm suas atividades de pesquisa levantadas pelo IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, através do programa de Pesquisa de Inovação Tecnológica – PINTEC.

As instituições devem, através dos seus dirigentes de pesquisa ou dirigentes máximos, solicitar sua inclusão ao CNPq. Entretanto, quem deve registrar o grupo no Diretório dos Grupos de Pesquisa do CNPq é o próprio professor/coordenador que, para obter acesso às informações constantes no Diretório, precisa ter um currículo Lattes no CNPq e estar cadastrado como líder de grupo pelo dirigente de pesquisa da sua instituição.

No tocante à sua utilização pela comunidade científica e tecnológica, no dia-a-dia do exercício profissional, o Diretório dos Grupos de Pesquisa se constitui em um eficiente instrumento para o intercâmbio e a troca de informações. Essas

informações são referentes aos recursos humanos constituintes dos grupos (pesquisadores, estudantes e técnicos), às linhas de pesquisa em andamento, às especialidades do conhecimento, aos setores de aplicação envolvidos, à produção científica, tecnológica e artística e aos padrões de interação com o setor produtivo. Com precisão e rapidez é, portanto, capaz de responder, quem é quem, onde se encontra e o que está fazendo e o que produziu recentemente.

É importante destacar que:

O Diretório é hoje capaz de descrever com precisão os limites e o perfil geral da atividade científico-tecnológica no Brasil. Igualmente é capaz de fornecer aos interessados uma grande e diversificada massa de informação sobre detalhes de quem realiza as atividades, como e onde se realizam e sobre o quê pesquisam. Tem sido utilizado pela comunidade científica e tecnológica em geral e pelos comitês assessores do CNPq como ferramenta de orientação para suas atividades (DIRETÓRIO DOS GRUPOS DE PESQUISA DO BRASIL, 2013).

Em todos os Centros dos seus diversos Departamentos, a UFPI dispõe de grupos e núcleos de pesquisa em diferentes áreas. Esses grupos e núcleos de pesquisa devem ser cadastrados na Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação - PRPPG, órgão responsável pela condução da política institucional da pesquisa e do ensino de pós-graduação na UFPI.

A PRPPG, além de manter a relação externa com as agências de financiamento e instituições de ensino e pesquisa, é responsável pela promoção do desenvolvimento da ciência e tecnologia por meio de políticas e ações em consonância com as exigências sociais, o desenvolvimento científico, econômico, cultural, tecnológico e artístico, utilizando os meios necessários para divulgação dessas atividades junto à sociedade.

Na avaliação que realiza do resumo expandido dos projetos submetidos, a PRPPG/UFPI atenta para os seguintes critérios:

1. Contextualização da situação em que se insere o projeto (avaliação/justificativa/problematização);
2. Impacto social/acadêmico no âmbito da UFPI e/ou do curso (relevância do projeto em nível institucional);
3. Aspectos lógicos e formais: clareza de expressão, precisão de linguagem correção gramatical e organização estrutural;

4. Conteúdo: adequação ao tema; sustentação das discussões em autores que tratem do tema, quando necessário; consistência na discussão apresentada, exatidão, atualidade, cultura;
5. Coerência lógica das ideias (UFPI, RESOLUÇÃO N° 106/09).

No momento, existem cento e noventa e cinco (195) - alguns como núcleos e outros, como grupos - cadastrados na PRPPG. Segundo informações buscadas junto à Coordenadoria Geral de Pesquisa - CGP da UFPI é considerado como núcleo de pesquisa a atividade institucionalizada da UFPI, podendo ser composto de diversos grupos de pesquisa devidamente registrados no Diretório dos Grupos de Pesquisa do CNPq. O Departamento de Serviço Social, vinculado ao Centro de Ciências Humanas e Letras - CCHL, no momento, como pode ser evidenciado no quadro abaixo, mantém ativos, devidamente cadastrados no Diretório dos Grupos de Pesquisa do CNPq, os seguintes grupos e núcleos de pesquisa:

QUADRO 1 – NÚCLEOS E GRUPOS DE PESQUISA ATIVOS NO DEPARTAMENTO DE SERVIÇO SOCIAL DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ-UFPI – 2012/2013

NÚCLEOS E GRUPOS DE PESQUISA DO DEPARTAMENTO DE SERVIÇO SOCIAL	
CCHL/ DSS	<ul style="list-style-type: none"> ● Grupo de Pesquisa em Educação, Cultura e Sociedade; ● Grupo de Pesquisa sobre Cidade, Tempo e Espaço; ● Núcleo de Pesquisas sobre Estado e Políticas Públicas; ● Núcleo de Pesquisas sobre Crianças e Adolescentes e Jovens-NUPEC; ● Núcleo de Estudos, Pesquisas e Extensão sobre Serviço Social e Questão Social - NEPESS; ● Núcleo de Pesquisa e Extensão Universitária para Terceira Idade- NUPEUTI; ● Núcleo de Estudos em Gênero e Desenvolvimento-ENGENDRE; ● Grupo de Estudo em Saúde Mental e Políticas de Saúde Mental; ● Grupo de Pesquisa sobre Movimentos Sociais e Participação Política; ● Núcleo de Pesquisa sobre Família e Gerações – FAMGER.

Fonte: pesquisa direta

É importante frisar que alguns docentes do curso de Serviço Social participam de mais de um desses núcleos ou grupos de pesquisa e que esses, também contam com a participação de docentes de outros departamentos da UFPI. Vale dizer ainda que dos núcleos ou grupos destacados como ativos no DSS, por motivo de recusa das coordenadoras em colaborar com a pesquisa, os dois primeiros não participaram diretamente do caso investigado.

A seguir, apresentamos as principais informações que caracterizam os núcleos e grupos de pesquisa alvo do nosso estudo¹⁴.

• **NÚCLEO DE PESQUISAS SOBRE ESTADO E POLÍTICAS PÚBLICAS** – tem como área predominante, Ciências Sociais Aplicadas e Serviço Social, atuando nas seguintes linhas de pesquisa: estado e movimentos sociais, família e políticas públicas, gênero e gerações, política de Saúde e cidadania, políticas e direitos da pessoa idosa. Suas ações e pesquisas visam repercutir teoricamente para o acúmulo de conhecimento na área de políticas públicas e praticamente com subsídios para ações dos poderes públicos na criação de políticas públicas. Além disso, procura capacitar recursos humanos e fortalecer as linhas de pesquisa do Departamento de Serviço Social e Mestrado em Políticas Públicas. São participantes desse núcleo, a coordenadora e subcoordenadora e mais quatro professoras/pesquisadoras todas do DSS, além de treze discentes.

• **NÚCLEO DE ESTUDOS, PESQUISAS E EXTENSÃO SOBRE SERVIÇO SOCIAL E QUESTÃO SOCIAL- NEPESS** – tendo como objetivo acompanhar e avaliar o Programa Bolsa Família no Estado do Piauí, as palavras-chave desse núcleo são: avaliação de programas; cidadania; pobreza. Suas linhas de pesquisa são: a mulher com câncer de colo uterino: reflexões sobre o acesso aos serviços do Hospital São Marcos, acompanhamento e avaliação da política pública de transferência de renda: o Programa Bolsa Família, avaliação do processo de ensino-aprendizagem do Programa Terceira Idade em Ação, avaliação do processo de implementação de políticas públicas voltadas para a garantia dos direitos da pessoa

¹⁴ Essas informações que caracterizam os núcleos e grupos investigados foram retiradas do site do DIRETÓRIO DOS GRUPOS DE PESQUISA DO BRASIL- CNPq - <http://dgp.cnpq.br/diretorioc/html/infogeral/index.html>.

idosa no município de Teresina, avaliação dos impactos do Programa Bolsa Família no Município de Teresina, Estado, políticas públicas, organizações da sociedade civil e terceiro setor, juventude, trabalho e políticas públicas na cidade de Teresina, mercado de trabalho do Assistente Social e prática profissional, o perfil da política de assistência social no espaço das instituições confessionais: a experiência da ação social arquidiocesana de Teresina, ocupações de terras, lutas sociais e Estado, os cuidados à juventude nas famílias do Parque Eliane, produção de conhecimento dos alunos do Curso de Serviço Social da UFPI: memória, trajetória, caminhos percorridos, solidariedade e políticas públicas: uma análise do processo de construção identitária do voluntariado, no caso específico da Casa de Apoio à Criança com Câncer - Lar de Maria. Sua Árvore do conhecimento é Ciências Sociais Aplicadas, Serviço Social e Fundamentos do Serviço Social. Sendo seus setores de aplicação - Desenvolvimento Urbano, Planejamento e Gestão das Cidades, inclusive Política e Planejamento Habitacional. O núcleo tem a participação de um total de sete docentes pesquisadoras, a coordenadora e a subcoordenadora- docentes do DSS- mais duas docentes pesquisadoras também do DSS e três docentes pesquisadoras de outros Departamentos da UFPI, além de três discentes do curso de Serviço Social.

• **NÚCLEO DE PESQUISAS SOBRE CRIANÇAS E ADOLESCENTES E JOVENS-NUPEC**— conta com a participação da coordenadora e subcoordenadora, docentes do DSS, duas docentes pesquisadoras também do DSS e três do Departamento de Ciências Sociais da UFPI, além de treze discentes e dois técnicos. O núcleo tem como área predominante, Ciências Humanas e Sociologia, e desenvolve estudos e pesquisas concernentes a políticas públicas e sociais, família, gênero, trabalho, sexualidade, cultura, história social, dentre outros temas relacionados à realidade de crianças, adolescentes e jovens no Piauí, particularmente em Teresina. Alguns estudos e pesquisas foram realizados com financiamento próprio ou de instituições, como: UNICEF, Ministério da Saúde, CBIA, Governo do Estado, Prefeitura de Teresina. O Núcleo publicou o Caderno NUPEC n. 1 e o Caderno NUPEC Especial. A partir de 1999, o NUPEC vem potencializando suas ações com a participação de alunos de graduação e de pós-graduação de diversos cursos. Dentre os estudos e pesquisas desenvolvidos desde 1998, citam-se: Gestão Democrática da Política de Atendimento a crianças e adolescentes nos

municípios piauienses (1998 - 2000); A representação da mãe nas diferentes estruturas familiares (1998-2000); Estudo sobre a realidade da criança e do adolescente em situação de Rua em Teresina-Piauí (2002); Assessoria ao Conselho Tutelar de Teresina - projeto de extensão que inclui ensino e pesquisa (desde de 2002); Violência sexual (2004-2005); Negligência familiar (2005-2006); A socialização do jovem na família (2006); Concepção da criança indígena no Piauí (2006); Os cuidados à infância e à juventude nas famílias do Parque Eliana (2005-2007); A condição juvenil em Teresina (2007-2009). Intercâmbios internacionais: Universidade de Laval-Quebec/CA, de 1995 a 2002; Universidade de Verona-VR/IT, como parte do Projeto de Cooperação entre a Universidade Federal do Piauí e a Universidade de Verona (2005 e ainda em desenvolvimento); participação no projeto "Colectivo Latinoamericano de jóvenes promotores en juventud", promovido pela Facultad Latinoamericana de Ciencias Sociales (FLACSO), sede Chile e sede Brasil. Em 2013 o NUPEC completou vinte e um anos de criação.

• **NÚCLEO DE PESQUISA E EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA PARA TERCEIRA IDADE- NUPEUTI** – tem como área predominante as Ciências Sociais Aplicadas e o Serviço Social. As principais repercussões do trabalho do grupo, do ponto de vista do conhecimento, envolvem o desenvolvimento de pesquisas no âmbito das questões relacionadas ao envelhecimento humano, tais como: avaliação das políticas e programas sociais, perfil da pessoa idosa, mapeamento das condições de saúde, fatores e pessoas associadas aos idosos, serviços sociais destinados a este setor, e temas específicos da Gerontologia como os aspectos psicossociais do envelhecimento, representações sociais da velhice, dentre outros. Do ponto de vista da extensão, oferecer cursos de extensão para a terceira idade, para coordenadores de programas para terceira idade, cuidadores de idosos, dentre outros. Do ponto de vista do ensino, oferece disciplinas na graduação de introdução a Gerontologia e políticas de saúde para a pessoa idosa. O núcleo conta com a participação de dez docentes pesquisadores, sendo duas do DSS e oito de outros departamentos, além de vinte e três discentes bolsistas e voluntários.

• **NÚCLEO DE ESTUDOS EM GÊNERO E DESENVOLVIMENTO- ENGENDRE** – tem como área predominante, Ciências Humanas e Sociologia. Como principais repercussões do trabalho do núcleo, são destacadas as pesquisas

finalizadas: "A transversalidade do gênero no Plano Plurianual do Piauí"; "Movimentos sociais, relações de gênero e subjetividades na União das Mulheres Piauienses". Ambas, financiadas pelo Programa Pesquisador da UFPI (PESQ-UFPI 2007); "Gênero e Desenvolvimento entre Formuladores de Políticas Públicas e lideranças feministas no Piauí. A pesquisa foi financiada pelo CNPq e contou com a participação de três alunas de PIBIC (Programa de Bolsas de Iniciação Científica), duas pelo PIBIC-UFPI e outra pelo PIBIC-AÇÕES AFIRMATIVAS. Prestação de serviços especializados: participação como ministrantes no "Projeto Acolher" executado pela SASC (Secretaria de Estado da Assistência Social e da Cidadania); o trabalho tinha como objetivo capacitar profissionais da rede de atendimento às mulheres vítimas de violência no Estado do Piauí; além das oficinas, foi elaborada cartilha sob o título "violência contra a mulher: vamos enfrentar essa história"? Tem também como Projeto de Extensão em andamento: "Engendrando cidadania no enfrentamento da violência de gênero contra a mulher", financiado pela Secretaria de Políticas para Mulheres e conta com 09 (nove) bolsistas do curso de Serviço Social da Universidade Federal do Piauí e 06 (seis) da Universidade Estadual do Piauí. A repercussão do núcleo pode ser percebida também por convites para a realização de oficinas, cursos e palestras sobre a temática do gênero. O ENGENDRE possui nove docentes pesquisadores: a coordenadora, que é do DSS, mais duas docentes também do DSS e seis docentes pesquisadores de outros Departamentos do CCHL, além de um discente bolsista de Iniciação científica-CNPq.

• **GRUPO DE ESTUDO EM SAÚDE MENTAL E POLÍTICAS DE SAÚDE MENTAL** – além da coordenadora, docente do curso de Serviço Social, são pesquisadores participantes desse grupo seis alunos de Serviço Social. O grupo atua nas seguintes linhas de pesquisa: cultura, identidade e processos sociais e tem como áreas de investigação: família / gênero / política de saúde mental / políticas de saúde mental no Piauí / álcool e outras drogas; identidade social. Tipo de produção do grupo: produção bibliográfica, produção técnica, orientação concluída e produção artística/cultural e demais trabalhos.

• **GRUPO DE PESQUISA SOBRE MOVIMENTOS SOCIAIS E PARTICIPAÇÃO POLÍTICA** – tendo como área predominante, Ciências Humanas e

Ciência Política, o grupo mantém vínculos orgânicos com as temáticas pela via de estudos e pesquisas realizadas e em desenvolvimento, além de trabalhos já publicados no universo das linhas de pesquisa. Os pesquisadores são docentes vinculados a Programas de Pós-graduação em Políticas Públicas, vinculado ao Serviço Social e Sociologia e Ciência Política da UFPI orientando trabalhos em nível de mestrado ou doutorado, docentes desta IFES em processo de doutoramento, ou ainda docentes de outras IES com pesquisas no âmbito da temática. Registram-se também no conjunto das atividades do grupo pesquisas com o envolvimento de alunos da graduação especialmente dos cursos de Ciências Sociais e Serviço Social. Mais precisamente, são oito docentes participantes desse grupo: a coordenadora que é do DSS, duas docentes pesquisadoras também do DSS e cinco de outros Departamentos da UFPI e/ou de outras IES. O grupo conta ainda com a participação de quatorze discentes. A gênese do diretório situa-se no universo das articulações e intercâmbios em torno da temática “Movimentos Sociais e Participação Política”, buscando romper o isolamento dos estudos na UFPI nessa área, gerando, portanto, maior integração entre os pesquisadores que se dedicam a estudar as ações coletivas, lutas sociais, participação, associativismo civil, democratização dos espaços públicos, trabalho, partidos políticos, cultura política, bem como os novos arranjos da democracia brasileira como os conselhos gestores e as experiências de orçamentos participativos. O grupo pretende, portanto, superar o isolamento dos programas de pós-graduação que lidam com a temática além de promover maior integração da pós-graduação e graduação no âmbito da UFPI e destas com pesquisadores de outras IES do Piauí que dialogam com o universo de questões em torno dos movimentos sociais, da intermediação de interesses das distintas classes e estratos sociais na definição das políticas públicas e os desafios contemporâneos no âmbito da participação e da constituição de espaços públicos democráticos no Brasil.

● **NÚCLEO DE PESQUISAS SOBRE FAMÍLIA E GERAÇÕES – O FAMGER** conta com a participação da coordenadora e da sub coordenadora que são professoras do curso de Serviço Social, de mais outra professora também de Serviço Social e de um professor de outro Departamento da UFPI, além de cinco alunos de graduação em Serviço Social. Tem como linhas de pesquisa, Família, gerações e gênero; Família gerações e trabalho; Família, gerações e políticas

públicas; Família, gerações e sexualidade; e Relações intergeracionais. Já realizou o seguinte trabalho acadêmico: FAMÍLIAS DE BAIXA RENDA EM TERESINA: composição, trabalho e redes de apoios formais e informais. Desenvolve atualmente as pesquisas: 1) Suicídio entre jovens de Teresina: contextos sociais de risco e de apoio; 2) A centralidade da família na política social contemporânea: análise do desenho das políticas e mapeamento da rede de proteção social em Teresina-PI. No momento, o Núcleo ainda não está cadastrado na Base do CNPq, mas conta com o financiamento da FAPEPI - Fundação de Amparo a Pesquisa do Piauí.

Conforme informações buscadas junto à Coordenadoria Geral de Pesquisa - CGP da UFPI, existe núcleo equivocadamente cadastrado como grupo e, da mesma forma, existe grupo cadastrado como núcleo. Na tentativa de disciplinar a criação dos Núcleos de Estudo ou Pesquisa, no âmbito da UFPI, o, então, Reitor, Prof. Dr. Luiz de Sousa Santos Júnior, também Presidente do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão, resolve no uso de suas atribuições, regulamentar, através da Resolução de N^o 106/09, a criação de Núcleo de Estudo ou Pesquisa nos Centros vinculados aos Departamentos, ou interdepartamentais ou interdisciplinares.

A partir de 2009, portanto, a Resolução supracitada através do seu Art. 1^o. - determina que o processo de criação de Núcleos de Estudos de Pesquisa, no âmbito da UFPI, deverá atender as seguintes exigências:

- I - O projeto deve ser submetido ao Conselho Departamental (CD) da Unidade de Ensino de origem, Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação (PRPPG) e Conselhos Superiores, competentes, para sua aprovação em todas as instâncias;
- II - O processo de criação do Núcleo deve estar instruído com: ata da criação do Núcleo, inclusive com a primeira eleição para a escolha do Coordenador e Sub-Coordenador; regimento interno e endereço do espaço onde funcionará o Núcleo e plano de atividades do Núcleo para o 1^o. Ano;
- III – Exige-se o título de Doutor para o Coordenador do Núcleo (UFPI, RESOLUÇÃO N^o 106/09).

Ainda segundo a Resolução, é necessário que os projetos de pesquisa elaborados pelos Núcleos e Grupos passem por um pareceristas no assunto, oriundo do Departamento que mais se afine com o tema antes de ser cadastrado na CGP/PRPPG.

É oportuno destacar também que a UFPI, cumprindo a Lei de Acesso à Informação (nº 12.527), sancionada pela Presidenta da República em 18 de novembro de 2011, dispõe do Serviço de Informações ao Cidadão – SIC, que se trata de um sistema que funciona na Internet e centraliza todos os pedidos de informação que forem dirigidos ao Poder Executivo Federal, tendo como objetivo: atender e orientar o público quanto ao acesso a informações; conceder o acesso imediato à informação disponível; informar sobre a tramitação de documentos nas suas respectivas unidades; protocolizar documentos e requerimentos de acesso a informações.

A UFPI, através do NTI - Núcleo de Tecnologia da Informação, se encontra em fase de implantação dos Sistemas Integrados de Gestão – SIG. Adquirido por meio de acordo de cooperação com a UFRN, tais sistemas são formados por módulos que vão permitir aos servidores e acadêmicos uma maior interação com certos setores da instituição. Trata-se de sistemas dinâmicos que visam facilitar certas operações que o servidor tem que efetuar, tais como marcação de férias, por exemplo. As operações de que tratam os sistemas podem ser de natureza administrativa, acadêmica e de recursos humanos.

É de fundamental importância a disponibilização de manuais que auxiliem a comunidade da UFPI na utilização dos sistemas implantados. Os sistemas SIG visam, portanto, facilitar o trabalho dos setores da UFPI e tem como vantagem o fato de que os servidores ou alunos da instituição podem requerer serviços através do software implantado, sem que os mesmos tenham que se deslocar até as unidades que desejam entrar em contato. Nessa página, o NTI disponibiliza os manuais dos sistemas já implantados até o momento, esses canais de informação estão separados por três subsistemas: SIGAA (Acadêmico), SIGRH (Recursos Humanos) e SIPAC (Administrativo).

O SIGAA – Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas - é composto por módulos que congregam atividades acadêmicas relativas ao Ensino, Pesquisa, Extensão, Monitoria, Ensino a distância, Bibliotecas, Vestibular, Secretaria de apoio ao estudante e Infraestrutura física.

O SIGRH - Sistema Integrado de Gestão de Recursos Humanos - fornece operações inerentes à administração de pessoal, apoiando atividades, como: gestão

de desenvolvimento humano, capacitação, estágio probatório, férias, licenças, cadastro de dependentes etc.

O SIPAC - Sistema Integrado de Patrimônio, Administração e Contrato - possui funcionalidades que suportam as atividades administrativas relacionadas à gestão patrimonial, financeira e contratual, envolvendo requisições, almoxarifado, orçamento, compras, patrimônio, licitação, infra-estrutura, contratos, bolsas, faturas, processos, transportes etc. (UFPI, 2013a).

Vale destacar ainda que, desde 1999, a UFPI dispõem de serviços de informatização, com laboratórios distribuídos em todos os diversos centros de ensinos e demais setores. Certamente, tais serviços vêm se atualizando e se aprimorando na busca de proporcionar um ambiente tecnológico mais compatível com as necessidades da instituição e exigências do atual momento de inovações na realidade social e comunicacional.

Estes dados, ainda que concisos, não deixam de revelar certo esforço da UFPI em conduzir e estimular a comunicação e a pesquisa no ambiente acadêmico.

Entretanto, verificamos que, embora teoricamente venha dando significativos passos em direção ao incremento da pesquisa, do ensino e da extensão; do ponto de vista de políticas específicas para colocar à disposição computadores para seus professores e alunos no ensino e nos núcleos e grupos de pesquisa, a UFPI ainda deixa muito a desejar.

Os laboratórios da instituição quase sempre têm seus computadores restritos ao uso das atividades rotineiras, com pouca disponibilidade para as atividades acadêmicas dos docentes e discentes que precisam fazer uso desses computadores tanto para a atividade de ensino como para a produção dos trabalhos desenvolvidos pelos núcleos e grupos de pesquisa dos seus diversos centros.

A PRPPG da UFPI não se responsabiliza pela estruturação das salas de funcionamentos dos núcleos e grupos de pesquisa cadastrados. Isso, portanto, acaba ficando, geralmente, a cargo dos Professores/Coordenadores, que utilizam computadores próprios e, muitas vezes, improvisam o local das atividades dos seus núcleos, utilizando as suas próprias salas e espaços, certamente, inabilitados, ou seja, não propícios para o exercício da produção acadêmica.

Mas que percepções têm os agentes educacionais sobre isso? Até que ponto eles conseguem enxergar o que está acontecendo no ambiente institucional? Acreditamos que se por um lado, é a instituição que possui os recursos e define o papel que seus agentes devem desempenhar, por outro, são esses agentes que a constituem que determinam o que querem realmente realizar dentro desse contexto. Quer dizer, é a forma como cada um elabora e vivencia suas experiências que dá significado as suas ações¹⁵. É, pois, devido a esta compreensão que passamos evidenciar a seguir o que os nossos sujeitos pensam, sentem e dizem a respeito.

5.1.2 O Ambiente dos Grupos e Núcleos de pesquisa do DSS para o Uso da Internet na Produção Acadêmica: percepções dos agentes investigados

A UFPI, como já destacado anteriormente, possui diferentes núcleos e grupos de pesquisa nos seus Centros de Ensino, vinculados aos diversos Departamentos. A grande maioria dos docentes do curso de Serviço Social, seja como pesquisadores participantes e/ou como coordenadores, como também alguns discentes do curso, seja como voluntários e bolsistas UFPI e de iniciação científica (PIBIC/CNPq), são pesquisadores desses núcleos.

Mas, que percepções manifestam esses docentes e discentes sobre as condições concretas dos seus núcleos e grupos de pesquisa? Assumindo que o contexto é onde se objetivam pensamentos, sentimentos, conhecimentos e ações, tal questionamento nos acompanha nesse momento quando aqui estamos buscando desvendar os significados atribuídos pelos agentes educacionais sobre o ambiente das tecnologias do caso estudado.

Para facilitar o estudo das percepções dos nossos pesquisados, procuramos agrupar os dados coletados a partir de três referenciais:

- Nível de organização e intensidade de encontros entre os participantes dos núcleos e grupos de pesquisa.

¹⁵ Para isso é preciso, entretanto, da mediação da consciência, que segundo Thompson (1995), é a forma como as pessoas trabalham as experiências das situações dadas. O que implica, pois, tratar tais condições contextuais no quadro das significações atribuídas pelos agentes que a vivenciam.

- Nível de consciência crítica sobre o ambiente das tecnologias para a construção do conhecimento científico no contexto de pesquisa;
- Nível de satisfação/insatisfação com o contexto institucional das tecnologias para a construção de conhecimento na produção acadêmica.

Quanto ao primeiro nível, boa parte dos agentes assim se manifesta:

Nós nos organizamos com atribuições de tarefas para cada membro. Quanto à intensidade de encontros entre os participantes é semanalmente, quer dizer, uma vez por semana nos encontramos para discutirmos acerca de tarefas distribuídas anteriormente, para apresentarmos resultados seja de fichamentos de textos, seja de aplicação de questionários ou de alguma outra atividade designada pelos coordenadores da pesquisa. Temos um núcleo (sala) próprio para assim discutirmos nossos procedimentos dentro da pesquisa. Enfim, as professoras orientadoras estão bem próximas dos alunos pesquisadores acompanhando de perto nossos passos e orientando com clareza (ALUNA D).

Apesar das grandes atribuições, de possuímos muitas outras tarefas acadêmicas, nos organizamos no sentido de termos tempo para fazer uma reunião por semana para a discutirmos sobre as atividades do nosso núcleo (PROFESSORA H).

Muitos dos membros do nosso grupo estão realizando estágio obrigatório em períodos diferentes e isso dificulta os encontros de todos. Como estratégia, estamos realizando as reuniões gerais todas as sextas-feiras à tarde e os que não podem participar têm acesso ao resumo da reunião que é disponibilizado por um dos membros que participou da reunião pelo Facebook (onde a maioria tem acesso fácil e rápido). Além da participação da reunião todos devem estar na sala do grupo pelo menos duas vezes na semana, realizando planejamento de atividades, leituras e pesquisas (ALUNA E).

Por outro lado, embora, muitos depoentes tenham afirmado que seus grupos ou núcleos de pesquisa mantêm encontros regulares, semanalmente ou quinzenalmente, em dia antecipadamente definido, outros confessam que:

Devido a muitas atribuições que temos no cotidiano institucional, nossos encontros acontecem conforme as necessidades dos projetos e atividades desenvolvidas. Não há cronogramas pré-definidos. A característica principal do nosso núcleo é a seriedade e o compromisso com a pesquisa, entretanto, os membros do grupo participam de outras atividades de extensão dentro e fora da UFPI, isso acaba dificultando estabelecer um dia da semana para o encontro dos membros (PROFESSORA E).

A pesquisa conta com duas bolsistas que realizam suas atividades pela manhã, das 08h00min às 12h00min, de segunda a sexta. Não há um estabelecimento fixo de reuniões, mas frequentemente recebemos orientações da professora coordenadora da pesquisa (por e-mail, telefone ou pessoalmente-com mais frequência) sobre dúvidas e procedimentos a serem tomados (ALUNA A).

Os encontros do nosso núcleo são agendados em função das atividades que estamos desenvolvendo, dos projetos em andamento.

No mínimo nos encontramos mensalmente. Em alguns momentos temos encontros mais intensos, próximos, outros tempos mais esporádicos (PROFESSORA C).

Meu núcleo conta com duas bolsistas que realizam suas atividades pela manhã, das 08: 00 às 12: 00, de segunda a sexta. Não há um estabelecimento fixo de reuniões, mas frequentemente recebemos orientações da professora coordenadora da pesquisa (por e-mail, telefone ou pessoalmente, com mais frequência) sobre dúvidas e procedimentos a serem tomados (ALUNA D).

À luz dessas falas, observamos que não existe a mesma forma de organização e de periodicidade de encontros entre os diferentes núcleos e grupos de pesquisa. Cada um se organiza e tem sua própria intensidade de encontro, conforme o tempo que dispõem e as necessidades exigidas pelas atividades em andamento.

Em referência ao segundo nível - consciência crítica sobre o ambiente das tecnologias para a construção do conhecimento científico no contexto social - verificamos, nas falas dos agentes, tanto aspectos positivos, como aspectos negativos sobre a questão, como podemos observar nos depoimentos que seguem:

Há muita coisa e muita coisa ruim no ambiente das tecnologias. Mas, o que é bom e o que é ruim é uma questão também de interesse de quem se utiliza da Internet [...] A Internet eu acho que veio para ficar, tem um papel fundamental na sociedade de hoje, no sentido de possibilitar acesso às informações e mesmo de democratizar o seu uso [...] Eu tenho computador, ando sempre com ele para cima e para abaixo, mas já tenho colega que não tem, precisa vir para a Universidade, que tem poucos computadores disponíveis e, portanto, muitas vezes, encontra dificuldades para acessar (ALUNA B).

Eu vejo com otimismo a realidade das tecnologias. A Internet é importantíssima, ela abre um caminho sem volta. É bom ter visto muito de essas tecnologias nascerem. Isso é história. É muito bom também aprender cada vez mais. Penso que quando não se tem mais nada para aprender ou para ver, a vida parece ter acabado.

Creio que a Internet é um mundo de informações, muitas delas são comprometidas e cabe a quem usa filtrar essas informações e ter criticidade sobre o que é veiculado, mesmo porque a Internet é um lugar para todos (PROFESSORA F).

A Internet tem extrema importância não só na lá fora como aqui dentro da UFPI, espaço de ensino e pesquisa, pois permite a apreensão de dados com mais rapidez, o que facilita o desenvolvimento das atividades educacionais. Eu gosto muito de estar vivendo nessa realidade tecnológica. Acho que os conteúdos veiculados nas redes de uma forma geral são extremamente interessantes. Sim, claro, devemos saber filtrar, separar aquilo que realmente vale a pena (ALUNA A).

Com a Internet me sinto partilhando de um processo coletivo de mudança social que traz facilidades, mas também uma realidade crescente de exteriorização e de assujeitamento do trabalho produzido, além de precarização das condições em geral. O que me motiva usar é a facilidade do acesso às informações, a interatividade, a possibilidade de partilhar conhecimentos. Lamentavelmente, essas vantagens também têm outro lado, um custo pessoal significativo, pois implicam numa sobrecarga de trabalho aos docentes (PROFESSORA D).

Eu acho que a Internet é de suma importância para a construção do conhecimento, todas as informações disponíveis na rede, contudo cabe ao pesquisador saber identificar os meios que possuem informações com credibilidade. Para mim o importante desse ambiente tecnológico é que ele nos coloca dentro de um mundo de possibilidades, de vastas informações que nos abastece de novas experiências que nos faz crescer. Mas, por outro lado, tem as suas desvantagens, ainda tem coisas muito novas, por isso temos que ter sensibilidade para compreender esse mundo fascinante da Internet. Não conheço todas as ferramentas, mas aprendo rápido quando começo a manuseá-las. A meu ver são instrumentos indispensáveis para o trabalho de qualquer pesquisador (ALUNA D).

Vejo as tecnologias na educação como um desafio. Não estou afirmando que sou contra. Eu estou dizendo é que há ainda muita coisa, muitas informações superficiais [...] Claro, é importante, traz muitas facilidades [...] Mas Internet também tem muita informação distorcida e também nos acomoda pela rapidez. Portanto, precisamos ter cautela para visualizar o caminho a seguir (PROFESSORA B).

Nessas falas com posições pessimistas, ou não, todos se manifestam no sentido de alertar para a necessidade de atitudes críticas (BRAGA, 2006).

Diante da primeira fala da ALUNA B, observamos manifesta a percepção de certa contradição quando a questionada afirma que a Internet possibilita acesso às

informações, ao mesmo tempo em que coloca a necessidade “de democratizar o seu uso”. Diz que tem computador, pode usar a Internet quando quiser, mas tem colega que não ainda não possui e precisa se deslocar para Universidade, onde, devido à escassez de recursos, nem sempre consegue livre acesso.

Essa percepção corresponde às concepções de Miège (2009). Segundo o autor, embora não se possa negar o efeito de fascínio, identificação ou resistência e rejeição dos usuários das TIC, as coisas não são tão simples como parecem. As tecnologias estão presentes em todos os campos sociais, porém, ainda com desigualdades quanto ao acesso e à utilização dos seus conteúdos. E, para o autor, essas desigualdades ainda estão longe de desaparecerem, como reiteram estes depoimentos:

... O que temos mais de negativo é a questão do acesso. Muita gente ainda não tem acesso a Internet ou até tem acesso, mas muito restrito. Alguns, enquanto alunos de Universidade pública não têm condições de possuir seu próprio computador. Quando chegam aqui na UFPI até tem acesso, tem laboratório e tudo, mas sempre muito lotado. Existem poucos computadores disponíveis e tem também muitos sites limitados, que não podemos acessar (PROFESSORA F).

A falta de uma infraestrutura adequada, ou seja, salas mal equipadas, com número muito pequeno de computadores, a dificuldade de acesso a Internet aqui dentro da UFPI, com certeza são fatores críticos que contribuem fortemente para a exclusão digital. Infelizmente aqui na UFPI, por ser uma universidade pública, tem muitos alunos que não tem Internet em casa e pouca oportunidade de uso no espaço da universidade. Isso é um aspecto a ser considerado, afinal, estamos vivendo na chamada era digital, onde adquirir conhecimento é fundamental para nossa formação profissional (ALUNA H).

A Internet é a forma de transmissão de Informação, de comunicação e de pesquisa mais eficiente que existe hoje em dia. Qualquer um pode ter acesso a ela de formas simples e rápida. Mas digo qualquer um que tenha condições de possuir um computador. [...] Infelizmente, a exclusão digital ainda é uma realidade presente, principalmente, creio eu, nos estados do nordeste, que geralmente são mais pobres e carentes (PROFESSORA G).

Acredito muito no relevante papel da Internet na educação, tanto para o ensino como para a pesquisa. Os recursos tecnológicos que dispomos hoje são de uma riqueza sem tamanho. Mas visto que estamos falando de novas tecnologias no ambiente educacional não posso deixar de lembrar que nem todos os alunos de universidades públicas, principalmente, tem acesso ilimitado a essas tecnologias.

Apesar de já se ter avançado na busca da solução do problema da exclusão digital, infelizmente, nem todos tem a mesma oportunidade de acessar e fazer uso do computador (PROFESSORA H).

Embora fuja à perspectiva central do nosso estudo, mas, como foi levantado por alguns dos nossos pesquisados, cabe aqui salientar que a questão do direito à inclusão de todos os cidadãos na realidade tecnológica é ainda um dos grandes desafios, não somente para a área da educação, como também para toda a sociedade.

Na sociedade em midiatização, com seu acelerado processo de circulação de informações que ambienta a comunicação, trazendo uma série vantagens e benefícios para a vida cotidiana das pessoas, infelizmente, as tecnologias não atingem a população como um todo.

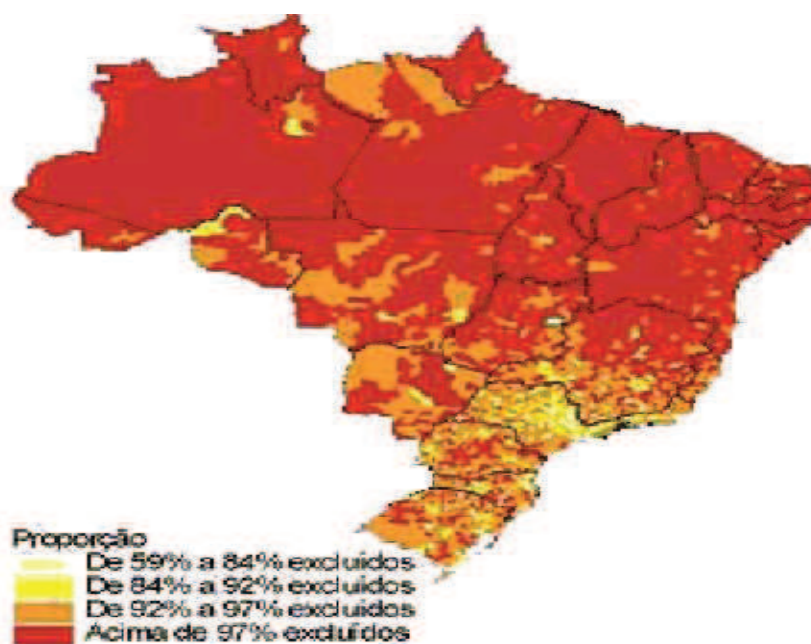
Nesse sentido, ao se pensar no uso das novas tecnologias da comunicação e informação, deve-se pensar também na situação de exclusão digital, ou seja, na exclusão de oportunidades de acesso às inovações tecnológicas, um fato a ser considerado na realidade de países como o Brasil para que esta não venha contribuir para a perpetuação das desigualdades sociais, criando um grande e profundo abismo entre os indivíduos que podem e os que não podem fazer parte dessa realidade digital.

Em nosso país a distribuição de banda larga é bem menor que em outros como: Argentina, Chile e México. Ainda que se diga que o acesso à Internet no Brasil esteja em crescimento, sabemos que vivemos é um país considerado moroso e entreado no que se refere ao acesso às tecnologias e a suas diversas ferramentas.

O Brasil, portanto, está longe de chegar perto dos de países do norte europeu e da Ásia, líderes na lista da inclusão digital. Segundo dados da Fundação Getúlio Vargas (FGV), 2013, enquanto a Suécia está na frente com 97% da população tendo acesso à rede em casa, a taxa brasileira é apenas de 33%, ocupando a posição de 63% entre 154 países no mundo.

Como podemos ver na figura abaixo:

FIGURA 1 – SITUAÇÃO DA EXCLUSÃO DIGITAL NO BRASIL



Fonte: PROGRAMA GESAC: olhares e espaços sobre a inclusão digital no Espírito Santo (2013).

No Piauí, considerado um dos Estados mais pobres do país, a exclusão digital tem um quadro ainda mais estarrecedor. Somente 12.87% da população piauiense tem acesso à Internet, um dos índices mais baixo do país. O Estado tem também o maior número de municípios sem Internet, perfazendo um total de oito (FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS- FGV, 2013).

No campo educacional, segundo dado publicado pela União Internacional de Comunicação (UIT), apenas 56% das escolas tem acesso à Internet (RODRIGUES, 2013). Esse é um dado que deve nos alertar para a urgência da democratização das tecnologias. Se nós, agentes sociais, não nos enganarmos nesse combate à exclusão digital, estaremos contribuindo para a perpetuação das desigualdades entre países e pessoas, que deixam de fora das redes digitais não só agentes da educação como também extensas camadas da sociedade, que acabam sendo privadas das informações e da oportunidade de comunicação que a Internet proporciona.

Esse pouco acesso ao uso do computador, devemos lembrar, se dá em função de vários fatores, de forma especial, do baixo nível socioeconômico, da

escassez de infraestrutura tecnológica, do local onde o indivíduo vive e da falta de habilidades básicas para o uso correto das ferramentas que Internet disponibiliza.

Quanto aos dados agrupados dentro do último nível que elegemos – satisfação/insatisfação sobre o contexto institucional das tecnologias para a construção de conhecimento na produção acadêmica - ou seja, condições concretas dos núcleos e grupos ligados ao curso de Serviço Social da UFPI, o descontentamento é um dado comum entre nossos interlocutores. Todos manifestaram a precariedade material de funcionamento desses espaços de estudo e pesquisa:

É preciso muito ainda para que haja um contexto adequado para nossas atividades de pesquisa. Falta muita coisa. Faltam salas maiores, materiais de expedientes, recursos humanos e um aparato tecnológico disponível para busca de comunicação com os demais membros do grupo e de informação importantes para o desenvolvimento dos nossos trabalhos de pesquisa (PROFESSORA G).

A realidade local, as condições concretas dos núcleos e grupos de pesquisa do Departamento de Serviço Social- DSS é uma realidade de carência de condições gerais de trabalho. A UFPI não estimula, com recursos próprios e outras providências, a prática da pesquisa e, especialmente, da extensão. Há uma compreensão reducionista do que seja ensino superior, que a reduz ao aprendizado técnico. Os núcleos funcionam a partir do esforço dos professores e alunos, muitas vezes sem sequer dispor do básico, que é o espaço físico. Ademais, o clima do ambiente de trabalho é a cada dia mais tenso e desumanizado, tendo em vista a precarização das relações de trabalho e a perseguição política ostensivamente instituída (PROFESSORA D).

Pelo menos no meu grupo disponibilizamos de acesso à internet e de alguns materiais para desenvolver a pesquisa. Porém, quando conseguimos esse acesso ao uso da internet, já foi com um pouco de atraso. E ainda temos muitas pessoas no grupo e, apenas, um computador disponível. Assim, dificulta o andamento das nossas atividades de pesquisa. Agora conseguimos mais um computador e uma sala mais ampla, porém, temos que dividir com outro grupo de pesquisa (ALUNO C).

Quanto ao núcleo que participo é mais ou menos estruturado, tem computadores disponíveis, acesso à internet. Bom, é verdade que seria melhor que tivesse mais recursos. Nós, alunos bolsistas, temos material bibliográfico disponível, além de uma efetiva orientação dos docentes. Só peca quanto ao espaço físico, que teve que ser improvisado na própria sala do docente orientador. Alguns núcleos desse departamento possui sede própria, mas são poucos. Acho que poderia ser criado um espaço físico adequado no CCHL para

instalação desses núcleos, favorecendo assim a excelência em pesquisa neste centro (ALUNA F).

Além das falas acima que reforçam a realidade de uma infraestrutura inadequada para a produção acadêmica dos núcleos e grupos de pesquisa do DSS da UFPI, os depoimentos a seguir expressam não só insatisfação, como também têm um tom de queixa e denúncia:

Os núcleos ficam muito como algo pessoal de cada pesquisador, como se constituísse um feudo de cada pesquisador ou grupo de pesquisa. Ainda carecemos de uma tradição de trabalho em grupo. Percebo muitas querelas entre os docentes nos núcleos existentes. Há uma desigualdade nos recursos disponibilizados e na estrutura física dos núcleos da UFPI, há uma disputa por espaço e uma disputa desigual, alguém, portanto, acaba ficando de fora. Os núcleos mais antigos, ou os primeiros a serem criados são os mais privilegiados em termos de contar com uma infraestrutura, como sala para abrigar computadores, secretaria etc. e tal. Os núcleos mais recentes se ressentem de tal infraestrutura. Muitos docentes usam suas salas de trabalho, que é dividida entre dois docentes para manter seus alunos pesquisando ou digitando texto. Eu sempre digo isso, me sinto como se fosse uma micro empresária tendo que gerir os próprios negócios, pois a Universidade hoje pouco interfere nessa questão de equipar e garantir infraestrutura, cada um que busque os editais para poder assegurar seus equipamentos de pesquisa (PROFESSORA A).

Nós temos uma rotina de trabalho, temos uma agenda, mas na hora que você abre seu e-mail, sua agenda vai para o espaço, tenho certeza que isso não acontece só comigo. Sua agenda vai para o espaço porque seu e-mail lhe coloniza. Você passa a decidir seu dia pelo e-mail, pelas mensagens que recebe pelo Facebook, pelo celular. Quer dizer, a gente não consegue nunca cumprir a nossa agenda porque o tempo, o físico e a sua disponibilidade humana não consegue alcançar. Então, eu tenho dificuldade de ver uma subjetividade, digamos assim, positivada, numa situação onde não há fronteira também, controle por você. [...] De algum modo eu me sinto vítima desse processo. Como é que isso volta para nós aqui no ambiente acadêmico? Isso tem voltado para nós com sobrecarga de trabalho? Isso tem voltado para nós como demanda cotidiana de vários setores (PROFESSORA D).

A última fala destacada acima, nos remete de imediato a Sodré (2006), quando o teórico afirma que somos conduzidos através da mídia para um novo ambiente, um novo bios midiático. Nesse bios midiático, como comprova a manifestação da nossa entrevistada, os indivíduos passam a planejar e alterar suas atividades a partir das demandas midiáticas. Ou seja, passam a decidir seu cotidiano

tomando por base o fluxo comunicacional, uma canalização estendida que pode converter o código produtivo em “ambiência” existencial (SODRÉ, 2002).

Sendo assim, como bem diz o referido autor, a mídia não só reflete aquilo que acontece nos demais setores da sociedade, como também é um campo que condiciona o que reflete, provocando uma nova forma de interação social, uma nova forma dos agentes viver o dia -a- dia e de se posicionarem no espaço da realidade contemporânea.

Observamos que muitas queixas são expressas, principalmente, por parte das professoras que, de forma destemida e contundente, atribuem a precarização das condições de pesquisa à própria gestão da UFPI.

As concepções das professoras A, C e D, nesse aspecto, são bem semelhantes:

Quando voltei do meu pós- doutorado, não encontrei mais o espaço que eu havia construído. Parece que quando a gente se afasta seu espaço não é reservado, não tenho mais uma estrutura de base. Quando saímos e voltamos parece que ficamos com menos lugar ainda. É como se quando a gente estivesse afastada estivesse fora do páreo da Universidade. Você vai sentir isso quando voltar do seu doutorado. A gente não é estimulada para pesquisa. Não temos uma infraestrutura adequada. Nós aqui sofremos muita pressão que vem de cima das instâncias superiores da Universidade, em que nós temos que captar recursos, que se você não tem seus recursos é porque você não aproveitou os editais que aí estão. Eu me sinto uma micro empresária. Cada um que resolve os problemas, que se virem. Por ter isso, você consegue os equipamentos, mas ainda tem que correr atrás de papel, tinta para impressora. Você tem que produzir conhecimento, trazer resultados para a Universidade, mas as condições de trabalhos é a gente que tem que se virar para conseguir. Eu me sinto bastante desmotivada, decepcionada com a infraestrutura da UFPI, é muito destimulante e interfere demais nas nossas práticas de pesquisa (PROFESSORA A).

Os grupos e núcleos de pesquisa funcionam muito precariamente. Isso é péssimo, para mim, não possibilita muita coisa. Acho que a UFPI tem um site péssimo. O site da UFPI parece um site de um jornal de fofoca, tem lá o sujeito que vai inaugurar não sei lá o que. Não tem informações sobre a vida acadêmica, não fala das teses que foi defendida na semana. Isso me faz avaliar que a vida acadêmica da Universidade é a sala de aula. Eu vejo que isso tem um sentido, a Universidade não é para ter mesmo vida acadêmica, para mim isso é muito claro. Quando você pensa as normas da Universidade você diz aqui não tem vida Acadêmica. Tudo é muito difícil, tudo parte do pressuposto que não é pra funcionar. Muito engraçado é que agora a Universidade implantou o sistema chamado SIGAA (Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmica) e lá

eles te cobram de tudo, aí eu fico só pensando: é mais uma caixinha dentro do que poderia ser o espaço midiático da Universidade, um espaço para dinamizar a vida acadêmica. Não, é mais uma coisa mais para aprisionar o professor para escrever, para ter controle acadêmico, para ter dados do que para ter vida acadêmica. A gestão da UFPI é muito atrasada no sentido de perceber muito mais longe a o verdadeiro significado da Internet na educação. Aqui tudo funciona mais no sentido do faz de conta mesmo. (PROFESSORA C).

A Internet poderia ser muito positiva, tem todas as possibilidades. Mas nós temos uma grande dificuldade que é a própria condições da Universidade. Que são limitadas, que aí você lida com a questão da Internet que pode tudo com condições institucionais que pouco pode, com estruturas que não respondem, com ambientes que não estão preparados, com estudantes que chegam aqui e não tem a recepção, com estudantes que não tem condição social de acessar também o computador. A carência de estrutura não é só dos núcleos de pesquisa. Ela é generalizada. [...] Nós pesquisadores temos que fazer tudo, falta material, recursos tecnológicos e humanos. E essa precariedade tem a ver com tudo, mas muito mais com a gestão local. O professor mesmo tendo seus projetos de pesquisa ele continua praticamente com a mesma carga horária, tem doze ou quatorze horas de sala de aula, trabalha na pós-graduação, orienta alunos de graduação, de pós-graduação, de PIBIC. Não é novidade pra ninguém que os professores trabalham muito, tem uma grande carga horária de sala de aula, os professores trabalham sábado, domingo e feriado, os professores não tem férias reais, por que nas férias eles vão atualizar seus relatórios de pesquisa, vão fazer suas prestação de contas e tudo mais que não podem fazer durante o cotidiano do trabalho docente porque não dá tempo. Somos nós professores que estão tendo que arcar com essas condições precárias da Universidade (PROFESSORA D).

Em linha similar de pensamento, ouvimos também queixas por parte de alguns alunos, que, de forma menos ousada, assim se manifestam:

Pelo menos no meu grupo, temos acesso à Internet e alguns materiais para desenvolver a pesquisa. Porém, não posso deixar de dizer, que a Universidade não disponibiliza um espaço físico específico com computadores e uma biblioteca básica. Acho que não só o nosso, com também os demais grupos e núcleos do departamento de Serviço Social são mantidos por contribuições de alunos do mestrado em políticas públicas ou da graduação (ALUNO G).

O contexto do nosso núcleo ainda é muito mal equipado. Não temos sala própria e é grande a escassez de computadores. Até bem pouco tínhamos apenas um computador para 12 pessoas, agora que chegou mais um. É preciso haver mais sensibilização por parte dos “governantes” da UFPI, pois hoje sabemos que existe muita cobrança para encher o Currículo Lattes e as condições necessárias para isso não são dadas (ALUNA F).

Nosso grupo é muito grande, na minha percepção, e temos disponível apenas um computador, agora no segundo ano da pesquisa conseguimos mais um e uma sala mais ampla, porém, temos que dividir com outro grupo de pesquisa. Temos muitos voluntários e apenas dois bolsistas remunerados. Acredito que a falta de um ambiente com mais recursos e a falta de remuneração para os outros participantes da pesquisa serve como desestimulantes e traz muitas dificuldades impedindo a pesquisa desabrochar (ALUNO C).

Pelo exposto podemos constatar que todos os participantes dos núcleos e grupos de pesquisa investigados, docentes e discentes, reconhecem as condições precárias do contexto que estão inseridos. E essa precarização é apontada por grande parte dos pesquisados como culpa da gestão da UFPI. Muitos, portanto, lançam algumas sugestões para que haja efetivas mudanças nesse contexto:

Em comunicação com o Sistema UFPI, falta muita coisa, principalmente, Recursos Humanos para auxiliar os pesquisadores. Nossos núcleos e grupos de pesquisa são atuantes, mas para melhorar precisaria de novas adesões de professores com disponibilidade para empreender novos estudos e pesquisas, precisa também de melhor integração com outros núcleos e grupos dentro e fora da UFPI (PROFESSORA C).

Creio que na UFPI, sim, tem faltado condições concretas para avançar no sentido do uso das tecnologias para a produção da pesquisa. O que temos é exatamente uma realidade marcada pela deficiência de salas de estudo, laboratórios, condições financeiras dos alunos para acessarem equipamentos, etc. Portanto é preciso que a instituição se preocupe mais em disponibilizar o espaço físico de modo a tornar possível a ambientação dos alunos envolvidos, contratar servidores, contar com um mínimo de recursos financeiros da instituição, apoio à realização de eventos, à participação de pesquisadores em eventos científicos, bem dotação de como material geral de expediente (PROFESSORA D).

No núcleo de pesquisa que participo são disponibilizados computadores com acesso à internet, além de pen drive e impressora. No entanto, muitas vezes há quedas da internet ou o próprio sistema operacional do computador falha, necessitando de ampliação dos mecanismos de assistência e suporte a esse tipo de problema. Portanto, para haver mudanças na realidade do ambiente dos núcleos deve haver urgentemente melhoria na assistência técnica (ALUNA A).

Quanto às condições dos núcleos que atuo, posso dizer que não são razoáveis em termos de espaço e equipamentos, mas poderiam ser bem mais equipados. Os equipamentos existentes, na verdade, são frutos dos projetos de pesquisas de professores ou projetos outros de professores. Os espaços são pequenos, mas penso ser possível

lidar com esse inconveniente. Penso que o grande problema é a valorização da pesquisa, no sentido de que a ela o professor possa se dedicar mais em termos de carga horária. O fato é que na UFPI cobra do docente a atuação em pesquisa, mas, não é creditada carga horária nos mesmos termos do ensino, o que parece ser mais um esforço e compromisso do docente com o universo acadêmico (PROFESSORA F).

Na realidade, nós, docentes/ pesquisadores, deveríamos ter a nossa disposição, aqui no espaço dos núcleos de pesquisa de recursos tecnológicos mais modernos, que proporcionassem condições para o compartilhamento de informações e ideias entre os pesquisadores da área, para a troca de experiências, aumentando possibilidades de efetivas interações (PROFESSORA H).

Acho que deveríamos contar aqui com computadores mais modernos, notebooks, por exemplo, condicionadores de ar melhores, mesas e cadeiras mais confortáveis, data show, impressoras mais modernas, enfim, material de consumo, tipo papel, tinta para a impressora, CDs. Deveria ainda existir um pouco mais de autonomia ou mesmo de especificidade em relação ao Comitê de ética de pesquisa (PROFESSORA B).

Conversamos pouco sobre isto entre nós docentes. Alias, é minha maior crítica, acho que nós do curso de Serviço Social pouco dialoga sobre nossas praticas docentes e as condições infraestruturais. Acho que privatizamos muito nossa condição docente. E nem utilizamos a Internet para nos comunicar mais, amenizar nossas inquietações. Acho que fica ai uma sugestão: tentar melhorar a comunicação entre nós docentes de um mesmo curso (PROFESSORA A)

As falas transcritas acima, representativas da realidade local, são bem semelhantes, mudando basicamente o tom. Vimos professores mais alterados e críticos, com um tom de denúncia e outros, moderados e reflexivos, incidindo sobre questões paralelas que podemos agrupar em: conflitos institucionais; formas de funcionamento; a tecnologia na agenda do funcionamento dos grupos, dos indivíduos e da instituição.

É a terceira questão que nos interessa de forma específica. Entretanto, a terceira questão é indissociável das anteriores. Nessa questão, a percepção é compartilhada. Nossa experiência como professora, confirmada na fala dos diferentes sujeitos, o clima do ambiente de trabalho cotidiano é cada dia mais tenso, tendo em vista a precarização das condições de trabalho e as desavenças políticas

ostensivamente instituídas entre o Departamento de Serviço Social e a atual reitoria da UFPI¹⁶. Logo, diante, portanto, das falas dos sujeitos da pesquisa, da nossa vivência no cotidiano da realidade pesquisada como docente do DSS (já convidada por diversas vezes pelas coordenadoras a ministrar cursos sobre “como produzir trabalhos científicos” para alunos participantes dos núcleos) e, diante, também, da observação de algumas reuniões desses núcleos (seguindo roteiro previamente definido), podemos inferir que é de muita carência o contexto institucional tecnológico estudado. O que se tem concretamente são laboratórios de pesquisa improvisados, mal equipados, necessitados de estrutura física adequada e de ferramentas comunicacionais da tecnologia moderna.

Vale ressaltar, entretanto, que no contexto pesquisado, contamos com professores comprometidos com suas atividades de pesquisa, tanto porque o projeto pedagógico do curso sinaliza nesse sentido, quanto porque os professores de Serviço Social têm uma tradição consolidada de pesquisa no curso, nos núcleos estruturados e também um quadro experiente e atuante de pesquisadores.

Não podemos deixar de lembrar, portanto, que docentes e discentes são indivíduos e agentes sociais, e, ao mesmo tempo, seres genéricos e seres particulares. Isto é, no exercer de suas ações cotidianas, eles recebem dois comandos: um que parte da generalização do seu papel enquanto membro participante da realidade institucional e outro que parte deles enquanto indivíduos. Ao mesmo tempo em que sua prática recebe influência da situação determinada, pode também exercer influência sobre esta mesma situação.

Considerando o potencial das tecnologias de informação e comunicação, podemos dizer que as mudanças na produção científica por meio da Internet estão na ampliação das fontes de pesquisa, rápidas, eficientes e supostamente acessíveis. Entretanto, são de fato as grandes limitações de infraestrutura da realidade local, como também é verdade que nem todos os agentes educacionais tem acesso livre à Internet no espaço institucional do estudo. Isso, como já destacado, reforça o caráter

¹⁶ É importante esclarecer que é intrínseco aos profissionais do Curso de Serviço Social fazer parte de uma categoria essencialmente dinâmica, política e sóciohistórica. Uma categoria, portanto, polêmica, por não se calar diante das contradições, lutando, construindo e se reconstruindo no fértil espaço das alteridades, das diferenças, das diversidades e dos interesses da maioria.

de exclusão social das tecnologias apontado por Miège (2009) e outros teóricos anteriormente citados.

Em suma, ainda que sejam pertinentes as falas de queixas e denúncias das condições concretas do contexto institucional das tecnologias, muitos dos mesmos pesquisados se dizem usuários da Internet, contra uma minoria que coloca exatamente a falta de infraestrutura como um dos principais motivos para o não uso dessa ferramenta em situação de produção dos trabalhos acadêmicos. Isso significa que existem entre os sujeitos formas diferenciadas de se posicionarem. Há os que preferem à famosa “paz da acomodação”, mas tem outros que vão além dos limites do contexto concreto, desenvolvendo suas práticas a partir de sua própria maneira de ver, de ser, pensar e sentir.

Com apoio nessas considerações é, que, assumimos, neste estudo, que o ambiente das tecnologias do Diretório dos Grupos de Pesquisa da UFPI e dos Grupos e Núcleos de Pesquisa do DSS para o uso da Internet na produção acadêmica é determinado não somente pelas condições objetivas da instituição, mas também pelas maneiras subjetivas como os seus agentes percebem a realidade e realizam suas práticas cotidianas.

Devemos, portanto, deixar de lado o entendimento de instituição a partir do paradigma clássico do positivismo, que a situa como mera peça de uma engrenagem, desconectando-a da realidade concreta e procurar entendê-la numa perspectiva dialética, onde os indivíduos que dela participam sejam agentes na significação da palavra, quer dizer, agem e reagem. Como bem diz Miège (2009), os usuários das tecnologias é que vão contribuir para o futuro do produto, por isso é que os agentes, usuários das tecnologias, devem permanecer no centro das reflexões sobre o tema.

Evidenciamos nos dados coletados um misto de sentimentos em relação à Internet. Fascínio, medo, apoio e ameaças entrelaçam-se, apontando um caminho que não tem mais volta para docentes e discentes. O contexto, entretanto, é apenas um ponto de referência. O modo particular, subjetivo como os agentes elaboram e percebem a situação, é o que realmente dá sentido a suas crenças e ações.

Assim sendo, achamos relevante nos voltarmos, no próximo capítulo, para os significados atribuídos pelos pesquisados sobre o lugar da Internet no ambiente educacional e na construção do conhecimento na produção acadêmica.

CAPÍTULO VI: CONSIDERAÇÕES EXPLORATÓRIAS DE SITUAÇÕES DE INTERAÇÕES POR MEIO DA INTERNET NA PRODUÇÃO ACADÊMICA: por um olhar empírico



...Às costas do detetive-herói [...] que percorreu sem descanso um território desconhecido, coberto de neve [...] semelhante a uma vasta página em branco na qual as pessoas por que procuramos deixaram não só pegadas e vestígios de movimento como também as marcas de seus mais íntimos pensamentos, as esperanças e temores pelos quais são impulsionados.

(Carlo Ginzburg)

6.1 USOS E INTERAÇÕES EM DISPOSITIVO MIDIÁTICO NO ESPAÇO NÃO MIDIÁTICO DA EDUCAÇÃO: significados atribuídos a Internet no processo educacional e na construção do conhecimento na produção acadêmica

Através de solicitação aos agentes questionados para que expressassem suas percepções sobre a importância das interações midiáticas no espaço não midiático da educação, coletamos dados, tanto por parte dos docentes, como dos discentes, que estão dentro da primeira dimensão de pesquisa sugerida - o lugar da Internet no ambiente educacional e na produção acadêmica.

A Internet tem uma importância fundamental no espaço educacional e a usamos muito como estratégia de informação e comunicação entre os membros do nosso núcleo. Por exemplo: estamos realizando as reuniões gerais todas as sextas-feiras à tarde e os que não podem participar têm acesso ao resumo da reunião que é disponibilizado por um dos membros que participou da reunião no grupo do Facebook, onde a maioria tem acesso fácil e rápido (ALUNA G).

Para mim, do ponto de vista da produção acadêmica a Internet tem uma dimensão que para nós é imponderável. Por exemplo, eu tenho vinte e seis anos de docência, então, para mim é possível ver como era antes, como foi o processo de mudança e que é agora. A Internet é um instrumento de fomento, de abertura de possibilidades, de construção de redes de trabalho entre Universidades diferentes, de países diferentes, de troca de conhecimento, e objetivamente, de enriquecimento, no sentido de que você pode muito rapidamente ter um *feedback* do que o outro pensa do seu trabalho, como esse trabalho rebate nos ambiente para onde ele está sendo pensado [...] A Internet também possibilita que você poste seu trabalho nas diversas páginas e redes, divida seus resultados com grupos científicos, grupo de discussão científica, grupos de pesquisa, quer dizer, é de um impacto na produção de conhecimento que eu não sei nem onde estão às fronteiras, eu nem vejo onde elas se localizam, é de um impacto tão grande, tão diversificado que fica difícil de você ver as fronteiras, então eu avalio dessa maneira (PROFESSORA D).

A Internet não chega ainda a substituir as clássicas formas de pesquisar, nos livros e bibliotecas. Ela serve para agilizar as ações e aproveitar melhor o tempo em certas atividades. Um ponto positivo é que a Internet possibilita se aproveitar melhor o tempo. As pessoas usam esse recurso até mesmo dentro dos ônibus e nas paradas, sem mesmo precisar se deslocar para a biblioteca e fazer longas buscas. Em um click mágico, pronto! A gente encontra referências úteis. Atualmente é praticamente impossível alguém, principalmente quem vive no mundo acadêmico, deixar de fazer uso dessa ferramenta fenomenal (ALUNA B).

Em geral, percebemos claramente que nas falas dos nossos sujeitos é unânime a crença no potencial da Internet e, sem exceção, é atribuído grande importância à técnica na construção do conhecimento na produção acadêmica. No entanto, muitos demonstram, mesmo sem ignorar o lado positivo da Internet, sentimentos de desconforto e de desconfiança em relação aos conteúdos midiáticos.

Embora a Internet faça com que você se comunique de qualquer lugar, em qualquer hora e distância, possibilita um contato com os professores sem a necessidade da presença física, isso é ruim, pois às vezes pode atrapalhar o processo de entendimento na explicação de algum assunto. Sei que o conhecimento até se torna mais acessível, mas também mais fácil de ser deturpado, plagiado. (ALUNO C).

Acho a Internet um meio valioso, mas também perigoso. Trouxe grandes mudanças. Com a Internet temos facilidade, informações do mundo em tempo real, rapidez. Até sei que traz grandes contribuições na construção de trabalhos acadêmicos. Mas meu uso é ainda muito limitado e cheio de receios e desconfianças. Preciso aprender muito mais para usar melhor o que essas tecnologias oferecem. Creio que os jovens de hoje, por terem nascido já no mundo tecnológico, têm muito mais facilidade de lidar com a Internet (PROFESSORA E).

... Não posso negar a importância hoje da Internet, mas também não posso dizer que confio cegamente em todas as informações que ela veicula. A Internet traz inúmeras vantagens não só para apreender conhecimento necessário a construção de trabalhos acadêmicos, mas também para a velocidade da comunicação. Mas, como já disse, tenho alguns receios [...] Não sei se podemos usar a Internet sem nenhuma contra indicação (ALUNA H).

... Utilizo muito a Internet nas minhas produções, nos estudos, estimulando os alunos, mas sempre muito inquieta com a questão das informações que nem sempre são de confiança (PROFESSORA D).

Nem todos, porém, conseguem enxergar o caráter bem mais amplo e complexo das Tic, analisando seu desenvolvimento como instância exterior à sociedade, sem considerar suas determinações sociais. Em muitos dos relatos, observamos um tom que se aproxima do tecnodeterminismo - tal como alerta Miège (2009). São manifestações que revelam uma posição delirante das tecnologias, centradas quase exclusivamente no fascínio, encanto ou deslumbramento com a técnica. Como podemos ver nas seguintes falas:

A Internet faz com que eu me sinta maravilhada. É o mundo às mãos. Além de permitir acessar informações atualizadas, diversificadas, plural, para construir conhecimento, possibilita ainda o partilhar desse conhecimento. Posso dizer que a Internet para mim é uma ferramenta muito importante para a produção acadêmica e pra tudo na vida. Na produção acadêmica ela é importante em dois aspectos. Primeiro porque ela encurta distâncias, por exemplo, quem mora numa sociedade periférica como a nossa hoje tem acesso as grandes bibliotecas do mundo inteiro para acessar informações importantes, novas para a vida acadêmica. E a outra seria exatamente essa possibilidade de você acessar com mais rapidez a produção de conhecimentos diferentes do que você tem acesso por meio da livraria (PROFESSORA C).

A Internet para mim é uma ferramenta muito importante para a produção acadêmica e para tudo na vida. Na produção acadêmica ela é importante em dois aspectos. Primeiro porque ela encurta distâncias, por exemplo, quem mora numa sociedade periférica como a nossa hoje tem acesso as grandes bibliotecas do mundo inteiro para acessar informações importantes, novas para a vida acadêmica. E a outra seria exatamente essa possibilidade de você acessar com mais rapidez a produção de conhecimentos diferentes do que você tem acesso por meio da livraria. A Internet, realmente, nos leva para um mundo mágico. (ALUNA G).

A Internet é um instrumento muito importante e interessante para pesquisa, que facilita muito nosso trabalho, tornando conteúdos mais acessíveis, facilitando nossa comunicação. O acesso à informação passou a ter um volume e uma velocidade incrível. A rapidez da Internet potencializa uma comunicação muito mais eficiente. Por isso atribuo a Internet na produção acadêmica uma importância enorme. Por exemplo, todos os dados sobre Censo Demográfico no Brasil, textos de temas diversos, relatórios de pesquisa, modelos de questionários, enfim, uma infinidade de produções que nosso grupo teve oportunidade de acessar na Internet (PROFESSORA B).

Penso que a técnica tem na atualidade um papel fundamental, tanto no sentido de possibilitar acesso às informações, como de facilitar o desenvolvimento dos textos. A Internet tem ferramentas incríveis. Sinto-me encantado com a Internet. Graças a Internet vivemos num mundo de grandes inovações. No que se refere à educação uso bastante a Internet, uso para manter contatos com as professoras, tirar dúvidas e não consigo produção nenhum tipo de trabalho científico sem fazer uso da Internet (ALUNA H).

A Internet parece mágica, tudo eu encontro ali, informações sobre qualquer assunto. Através dela é que tenho a melhor forma para adquirir os conhecimentos necessários para produção de trabalhos científicos. Acho que a Internet, hoje, é imprescindível no que se refere à construção de conhecimento científico. Não sei mais viver sem a Internet, ela está sempre presente em tudo que faço. Através dela é que mais tenho informações dos professores e colegas, sobre o trabalho que estamos produzindo, informações também sobre meu

círculo de amizade. Muitas vezes é pelo Facebook que fico sabendo até de coisas que está acontecendo na minha família (ALUNA F).

Sinto-me totalmente à vontade em relação às novas tecnologias. Tenho acesso à maioria delas e muita facilidade para manuseá-las. A Internet me traz informações rápidas, fáceis e de custo baixo. Sinto-me atualizada de acordo com minhas necessidades. Acho mais fácil usar a Internet, é mais prático do que ir a biblioteca. No início pode parecer complicado, mas é tudo muito simples. Têm pessoas, principalmente, as mais velhas, que se sentem frustradas por não saber manuseá-la. Mas é preciso nos adaptar ao novo, buscando penetrar nesse mundo encantado, aproveitando o melhor que a Internet pode oferecer (ALUNA D).

Muitas das falas acima destacadas nos remetem às reflexões de Miège (2009), quando se revelam, nas entrelinhas, quase restritamente focados nas relações de encantamento, identificação, deslumbramento com o mundo fascinante que a Internet revela. Tais manifestações, tecnodeterminista, conforme alerta Miège, se somam aos diversos processos sociais, contribuindo para aquilo que o autor chama de enraizamento técnico.

Falas de enfoque determinista aparecem, portanto, bastante na investigação. O curioso é que alguns dos mesmos agentes, contraditoriamente, em outro momento da coleta de dados, dizem que tomam sempre uma posição crítica em relação às tecnologias e ao processo de midiatização da sociedade. Como, por exemplo, o caso da Professora C, que, numa posição diferente do que diz acima, destaca posteriormente que:

A Internet é um meio de comunicação importante para o acesso de informações. Mas eu não tenho este deslumbre, de que sem ela não viverei. Eu acho que tem uma nova geração aí que é muito robotizada nesse sentido. Eu tenho uma aluna que me disse que na casa dela ninguém mais faz as refeições juntos, é cada um dos seus filhos no seu computador. Foi assim também com a Televisão. Eu acho que se tem uma relação hoje com a Internet muito próxima que tivemos com a Televisão, de exagero, de exacerbação, de valorização do instrumento. Quando eu chego à minha casa eu abro minha Internet, abro meus e-mails, dou uma passeada pelo Facebook. Isso é importante porque a Internet traz informações do mundo todo, então eu uso pra saber das coisas, mas sempre de modo crítico, sem me deixar levar pelo deslumbramento (PROFESSORA C).

Mesmo assim, é visível a força da perspectiva de determinismo tecnológico na realidade pesquisada.

As tecnologias de uma forma geral são excelentes recursos para a produção acadêmica. Oferecem informações atualizadas num fluxo extremamente veloz. [...] Realmente não vejo mais nada funcionar de forma eficiente sem o uso do aparato tecnológico que temos a nossa disposição atualmente (ALUNA F).

A Internet para mim tem extrema importância no âmbito pessoal e acadêmico. As novas tecnologias nos chamam. Não tem como não se encantar com suas inúmeras possibilidades [...] A Internet para nosso trabalho aqui no núcleo possibilita a apreensão de dados mais recentes, além de facilitar a comunicação na pesquisa (ALUNA H).

A realidade da técnica de hoje nos traz mil contribuições e facilidades. E, é exatamente, por suas múltiplas possibilidades, que a Internet já está incorporada na nossa vida pessoal e acadêmica (PROFESSORA G).

Não consigo mais imaginar como era a vida antes de termos esses variados e deslumbrantes recursos tecnológicos da atualidade. A pesquisa, hoje, não pode prescindir da contribuição das ferramentas técnicas. [...] A Internet é fundamental para o estudo e a para a produção acadêmica, coloca um acervo bibliográfico rico e atualizado ao nosso alcance, oferece um mundo de possibilidades para a construção de conhecimento na produção dos nossos trabalhos científicos (PROFESSORA H).

Logo, não só discentes, mas também docentes deixam claro, em alguns momentos, falas de enfoque tecnodeterminista que, aqui, propusemos chamar de “reificação tecnológica”, o que seria - como já ressaltamos - uma visão coisificada, influenciada pelo fascínio, encantamento, portanto, uma relação limitada à análise da técnica em si, sem vislumbrar as verdadeiras inovações sociais.

Em contraposição, obtivemos relatos em outra direção, diferentes desses depoimentos que sinalizam para a apropriação integrada e de identificação. Coletamos depoimentos que expressam, de certa forma, questionamentos e críticas em relação ao que está acontecendo na realidade atual das tecnologias, revelando, ainda que em número menor, agentes educacionais que conseguem enxergar, além das técnicas em si, associadas à realidade social e cultural:

O convívio com estas técnicas é inevitável, elas fazem parte do mundo atual. Temos, portanto, que saber o que fazer com elas. Usá-las sim, mas de forma consciente e crítica, sem esquecer que as alterações ocorrem não por meio da Internet em si. Nada substitui o nosso papel político e social (ALUNA B).

A Internet é muito importante para o ensino e a pesquisa. Mas precisamos perceber as mudanças sociais que as tecnologias trazem. A preocupação com o social faz parte do nosso papel enquanto assistente social e professora do ensino superior. As mudanças estão chegando e nós é que estamos fazendo essas mudanças acontecer [...] A Internet é um fim, não um meio. Temos que saber o que fazer com as informações que encontramos ali. A Internet, dependendo da forma que a usamos pode trazer grandes oportunidades para dinamizar, diversificar, de reinventar novas práticas no nosso cotidiano docente (PROFESSORA F).

Acredito que podemos, sim, construir novos conhecimentos a partir da circulação dos conteúdos midiáticos da Internet. Pois o conhecimento científico cresce exatamente no movimento dialético que a informação construída pode suscitar. A Internet é um facilitador, entre aspas, ou talvez, melhor dizendo, é um potencializador dessa prática na educação. Sem dúvida, abre outras várias possibilidades de você incluir mais alunos nas suas atividades de pesquisa, de extensão, por que os alunos poderão participar a distância, a distância que eu digo não é de outra cidade, mas sim, a participação de outra forma, sem ser presencial, sem precisar vir aqui. Então, tem tudo isso, gera mil possibilidades que não tinha a vinte e cinco anos atrás. Mas se aí me perguntam: e essa técnica? E a questão do indivíduo? E a vida? E as coisas? Olha! Aí eu vou te dizer uma opinião muito pessoal. Nesse sentido, eu não sou do tipo se anima muito com tudo isso. Sou mais da turma “baumaniana” que faz essa crítica de que eu não sei ainda se a história já nos deu a exata medida do sentido que tudo isso produzirá finalmente para nós. E como ainda não sei, e, provavelmente, não vou mais ver, pois já tenho cinquenta anos, certamente, vai ficar para outras gerações que conseguirão ver melhor. Bauman¹⁷ diz assim, às vezes as pessoas se encantam e dizem: “ah, você reclama, mas nós podemos andar de avião e você pode ver seu filho que está longe”. E Bauman responde: “se não tivesse tudo isso meu filho não precisaria estar lá longe”. Portanto, é preciso sempre questionar, acompanhar e contribuir para essas inovações aconteçam e sejam realmente positivas, na nossa vida pessoal, profissional e na sociedade como um todo. Procuro acompanhar e contribuir para que essas inovações realmente aconteçam (PROFESSORA D).

Podemos dizer que essas são colocações que indicam a propensão para aceitar a Internet, reconhecendo, entretanto, que as inovações tecnológicas devem ser pensadas em relação com outras, as de ordem social. São perspectivas de

¹⁷ A entrevistada se refere à Zygmunt Bauman, um dos mais interessantes observadores contemporâneos da sociedade “pós-moderna” e das suas patologias. Em seu livro “A solidão do cidadão global” o teórico aborda a questão da globalização e suas consequências sobre as pessoas. Fala da “sociedade das incertezas”, da globalização como subversão dos territórios por obra do espaço mercantil, que não só e não tanto físicos, quanto psicológicos e culturais, e os riscos produzidos por ela sobre o indivíduo.

agentes preocupados em compreender as mutações da realidade, dispostos a aprender, demonstrando amadurecimento intelectual, éticos, preparados para contribuir para que haja um ambiente efetivamente inovador, capaz de contribuir positivamente na construção de conhecimento científico, com intercâmbio e interação. E mais ainda, são falas (especialmente da Professora D) que percebem três pontos importantes destacados pelos teóricos estudados.

Um ponto é a necessidade de **estudar a mídia**, apontada por Silverstone (2002), pois, só assim - o segundo ponto - a sociedade pode encontrar condições de **enfrentar sua mídia** (BRAGA, 2006). E o terceiro é a **importância dos indivíduos** nesse processo, ponto alertado por Miège (2009), quando afirma que os agentes têm papel ativo nesse processo.

Para Miège, isso deve estar no centro das reflexões sobre o tema, pois são os usuários das tecnologias que vão contribuir para o futuro do produto. Trata-se dos “indivíduos midiáticos”, termo sugerido por Ferreira e Folquening (2011) Segundo os autores, os indivíduos inscritos nos dispositivos são os que estão no mundo da ação, “já que o sujeito é revelado naquilo que produz e no que faz dele autor nas ações concretas que marcam sua existência”.

Em função de tudo isso - tanto pelo que conseguimos apreender no referencial teórico, como na verbalização dos agentes investigados, podemos depreender que os usos e interações dos agentes educacionais na produção acadêmica em redes digitais devem ser acompanhados por um interminável estado de vigilância crítica em torno de seus impactos e domínio cada vez maior na vida em sociedade.

Com base nos dados coletados, observamos que a Internet e seus diversos recursos tecnológicos acabam se refletindo no espaço educacional, determinando novas formas de ensinar, de aprender, de pesquisar e produzir trabalhos acadêmicos. Intervém ainda na disseminação do conhecimento e, especialmente, nas interações estabelecidas entre docentes – docentes/ discentes - discentes e docentes – discentes.

Nosso grupo de pesquisa utiliza para a comunicação entre os membros basicamente o E-mail. Mas também utilizamos muito o Facebook para conversa, trocar informações, e também o Skype. Já pensei em criar um blog para circular texto, para postar tudo o que

está acontecendo. Entretanto, aqui na UFPI as condições são muito precárias, por uma série de razões, porque primeiro tudo o que você pensa em fazer aqui, tem que fazer sozinha. É tudo muito difícil, não temos apoio tecnológico, nem tempo, nossa carga horária é excessiva. Então, eu nem penso mais nessa história do blog. Tenho uma relação com meus colegas e com meus alunos não só pelo E-mail, mas também muito pelo Facebook e pelo Skype (PROFESSORA C).

Usamos aqui, todos nós, membros do núcleo, e muito, as redes digitais. Muitas vezes informações importantes sobre reuniões, trabalhos do grupo são trocadas via Internet. Isso agiliza o processo, facilita nossa comunicação, de forma rápida e sem perda de tempo (ALUNA H).

... Alguns professores utilizam desse recurso para passar atividades, encaminhar sugestões de leituras, textos, revistas online, sites confiáveis e links de pesquisas confiáveis [...] Com certeza, a Internet representa uma possibilidade concreta de incrementar o ensino e a pesquisa, ampliando as possibilidades de aquisição de conhecimento para a produção acadêmica (ALUNO C).

A Internet hoje é imprescindível no ambiente educacional. Ela tem múltiplas funções e é um instrumento pedagógico com o qual o professor promove o ensino, a pesquisa, a extensão; mantém-se atualizado; interagem com outros professores, pesquisadores e profissionais de sua área ou de outras áreas; busca informações; repassa informações; divulga pesquisa, produções bibliográficas em geral bem como sua trajetória acadêmica; além disso, é um veículo importante na relação professor-aluno-sociedade- instituições; entre outras funções (PROFESSORA E).

Por conseguinte, o que postulamos na nossa análise é que pode ocorrer uma variação dos usos, a partir do modo de inscrição dos agentes educacionais na produção acadêmica em redes digitais. Quer dizer, nos modos de usos e interações com Internet na produção acadêmica dos núcleos e grupos de pesquisa estudados.

Nesse sentido, a “reificação tecnológica”, ou seja, a percepção das tecnologias como um amontoado de recursos técnicos, isolados, descontínuos, sem relação com a realidade social, impede os agentes de alcançar novas perspectivas de práticas. Por isso, tanto nós, agentes da educação, como todos os demais agentes de qualquer área da vida humana, devem aprender a voar de uma nova forma, dentro de um ciberespaço, ilimitado, sem fronteiras, navegando “livremente sem sair do lugar, explorando países e culturas distantes, áreas diferentes do conhecimento, ‘conhecendo’ pessoas ou grupos de pessoas sem necessariamente estarmos juntos fisicamente” (TIJIBOY, 2008, p. 41).

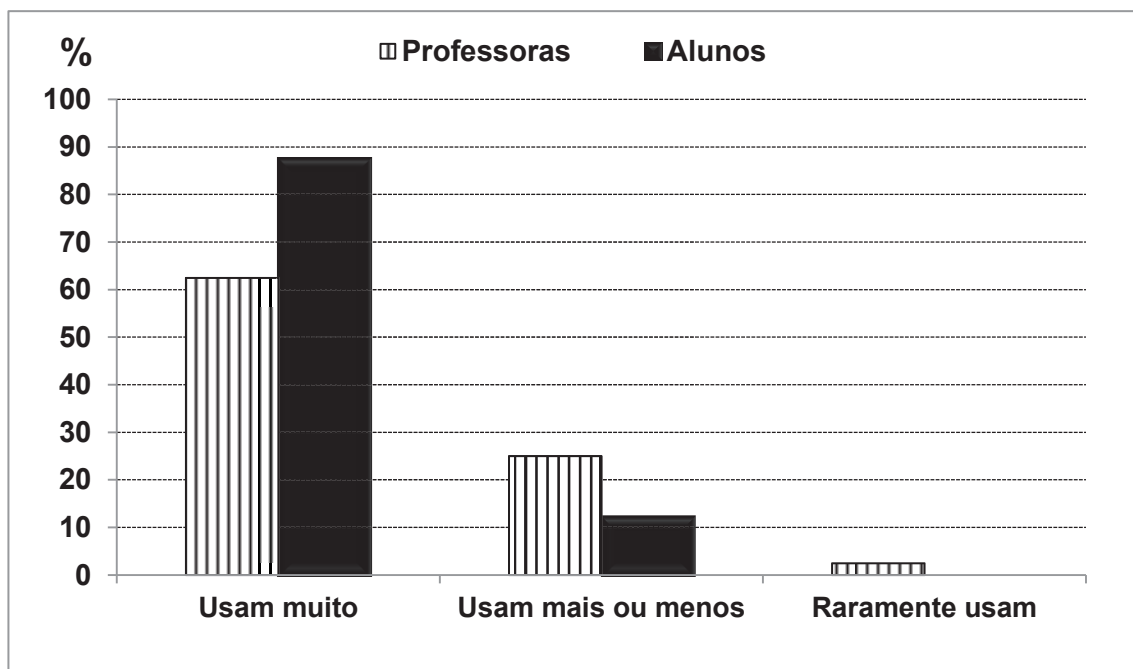
Isso significa tomar uma posição corajosa, ter atitudes atentas diante da sociedade em crescente processo de midiatização, buscando compreendê-la em toda a sua plenitude e em todas as suas projeções, paradoxos e complexidades. Quer dizer que, diante das imensas possibilidades das redes digitais (entre as quais a Internet), devemos observar seus efeitos positivos e negativos, levando em conta toda sua dinâmica, olhando tudo com olhos críticos penetrando nessa “roda gigante” dos avanços tecnológicos de modo consciente e seguro, sem receios de inovar. Afinal, esses recursos nos permite girar o mundo em que vivemos, mas numa velocidade temerosa e, ao mesmo tempo, emocionante e desafiante.

6.2 USOS E INTERAÇÕES EM DISPOSITIVOS MUDIÁTICOS NA PERSPECTIVA DE INSCRIÇÃO DOS AGENTES EDUCACIONAIS EM REDES DIGITAIS: inabilidades e resistência versus confiança e inovações

Em termos quantitativos, quanto à intensidade de uso, 62,5% dos agentes do grupo docente destacam que usam muito a Internet para produção de seus trabalhos, 25% dizem que usam mais ou menos e apenas, 12,5% assumem que raramente fazem uso desse dispositivo.

No que se refere aos alunos, 87,5% falam que usam muito, contra 12,5 que revelam que usam mais ou menos a Internet em situação de pesquisa. Como está representado no gráfico que segue.

GRÁFICO 6 – INTENSIDADE DE USO DA INTERNET NA PRODUÇÃO ACADÊMICA

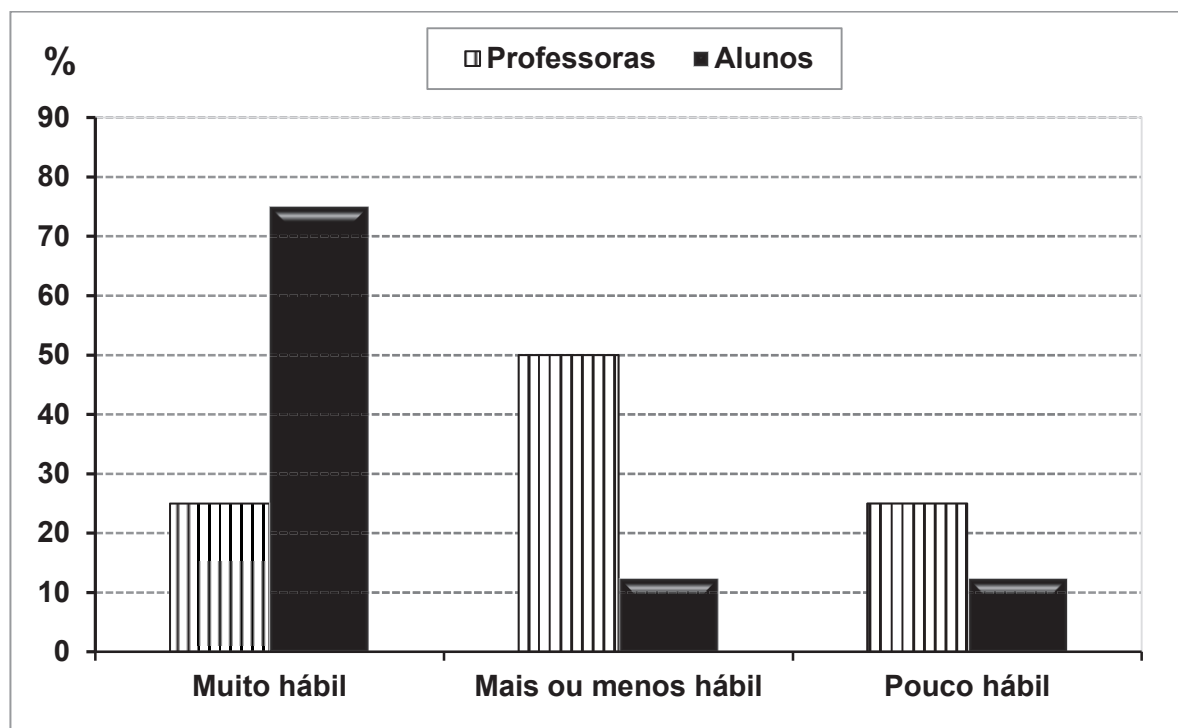


Fonte: própria

Em se tratando de como se sentem nossos pesquisados em relação às habilidades necessárias para produzir seus trabalhos com a utilização correta dos recursos disponíveis na Internet, 50% das docentes pesquisadas dizem que se sentem mais ou menos habilitadas, 25% consideram que têm muita habilidade e 25% acham que têm pouca habilidade.

Já os discentes, 75 % afirmam ter muita habilidade, 12,5%, consideram que são mais ou menos hábeis e 12,5 % se dizem pouco hábeis no manuseio da ferramenta. Como podemos ver no gráfico abaixo.

GRÁFICO 7 – HABILIDADES/INABILIDADES PARA O USO DA INTERNET NA PRODUÇÃO ACADÊMICA



Fonte: própria

Esses dados, de certa forma, reforçam o pensamento de que alunos, por serem, geralmente, mais jovens do que os professores, nasceram na geração net, digital e, conseqüentemente, têm mais facilidade no uso e manuseio da Internet e de suas novas ferramentas.

Não podemos, entretanto, afirmar que os agentes educacionais questionados não estejam precitados ao que não sabem e, conseqüentemente, fechados para o novo. Embora haja diferenciação das falas - umas com tom mais agudo, de indivíduos que manifestam receios e resistências, e outras mais amenas e receptivas às inovações - em nível geral, os dados coletados apontam para percepções favoráveis à Internet como ferramenta aliada à educação e a produção acadêmica.

Partindo dos quadros a anteriores, vimos que os novos dispositivos midiáticos despertam bastante interesse por parte de todos os indivíduos participante da atual sociedade em midiatização, incitando a inscrição desses nas redes digitais. Como já destacamos, a Internet na educação, como igualmente em todos os demais campos,

traz à tona uma imensa capacidade de acumulação de dados, novas formas de transmiti-los e fazê-los circular de modo veloz e ininterrupto por todo o mundo. Isso, sem dúvida, da mesma forma que deslumbra, encanta os indivíduos, instigando-os a entrar nesse mundo de inovações, traz também sentimentos de insegurança, resistência, medo e desconfiança. Assim como a Instituição é única, tem a sua própria realidade, nossos interlocutores, sujeitos desta pesquisa, também são únicos, possuem experiências de vida própria e diferenciadas, apresentando, conseqüentemente, variação nos modos de ser, pensar e realizar suas práticas cotidianas.

Os sujeitos da pesquisa, tal como a própria realidade, e como não poderia deixar de ser, são, pois, contraditórios, heterogêneos, desiguais. Dentre os participantes dos dois grupos investigados, grupo docente e grupo discente, estão indivíduos alegres, sorridentes, como também os mais sérios e carrancudos. Estão também indivíduos mais velhos, com maior experiência, existem os mais novos, iniciando a trajetória. Existem os que preferem calar ou se manter em meio-termo, com falas conciliadoras, existem, por outro lado, os indivíduos que falam, denunciam, movidos pela indignação.

Observamos, em termos qualitativos que, tanto no que se refere à importância atribuída à Internet no ambiente educacional e na produção acadêmica (item anterior), como no que diz respeito aos usos efetivos dessa ferramenta no cotidiano das atividades acadêmicas do contexto investigado (item seguinte), nos deparamos, de certo modo, com questões ligadas à resistência, à falta de confiança nas informações veiculadas na Internet, como também com questões referentes às habilidades ou inabilidades dos agentes no seu manuseio. Daí o porquê de termos elegido a categoria: “inabilidades e resistências versus confiança e inovações”, para ser uma das dimensões analisadas.

As redes fluidas de comunicação tecnológicas proporcionam informações diversificadas de forma rápida e contínua, suscitando alternativas, novas possibilidades, também, para o mundo acadêmico. Entretanto, essas mesmas vantagens são responsáveis pelo aumento das dificuldades para comportarem processos confiáveis na Internet por parte dos agentes. A falta de confiança na Internet foi fato comum nos discursos dos investigados, tanto por parte do grupo docente como, para nossa surpresa, por parte do grupo discente:

Eu sou muito desconfiado com o que a mídia publica principalmente a Internet. Vejo que por trás das informações há sempre uma intencionalidade. Procuro sempre me informar através da Internet, mas sempre procuro assumir uma posição crítica (ALUNO C).

Eu uso muito a Internet, mas não tenho confiança absoluta nessa ferramenta Lógico que tem muita coisa boa, artigos científicos. Mas nem sempre a gente sabe manusear as diversas ferramentas. Eu mesma fiquei sabendo recentemente da existência do Google Acadêmico. As pessoas tem a impressão de que a gente jovem sabe lidar melhor com as ferramentas da Internet. Mas as coisas mudam muito rapidamente, não dá nem tempo a gente aprender usar uma ferramenta já aparece outra. Isso é um constante desafio para gente (ALUNA B).

Para falar a verdade, eu até costumo utilizar a Internet para realizar meus trabalhos. Uso, mas tenho pouca habilidade para lidar com suas ferramentas. Já os alunos, sabemos, lidam bem melhor com a Internet, muitos já nasceram nesse mundo digital [...]. Ainda não consegui incorporar essa tecnologia em sala de aula. Até porque temos pouco acesso aqui no espaço institucional. Tenho dúvidas das informações veiculadas por essa fonte [...] Eu venho fazendo meus trabalhos, mas nem sempre preciso da Internet. Tenho uma boa biblioteca, bons livros que me bastam (PROFESSORA B).

Num primeiro contato, entro em pânico, pois demoro pra me familiarizar. Parece que a nova geração que vem por ai já vem com um chip que eu da “velha guarda” não consigo acompanhar. Então, até me acostumar com novas ferramentas, demoro um pouco. Mas, vejo o quanto facilitam a vida da gente. Na minha época, de doutorado tive que fazer levantamento bibliográfico diretamente, ou seja, dentro de cada uma das principais bibliotecas dos principais centros de pesquisa na área da saúde, isso em 1997, hoje posso acessar o que preciso pela Internet (PROFESSORA E).

A Internet traz muitas contribuições e facilidades, nos faz viver num mundo atraente, sem fronteira, estimulando novos conhecimentos, despertando novas curiosidades e pode fazer brotar novos interesses para alunos e professores pesquisadores, mas é preciso saber dominar suas inúmeras ferramentas [...] tudo muda o tempo todo... Não dá para nos sentir totalmente seguros. Eu, particularmente, apesar de reconhecer o potencial inovador da Internet, quando a questão é a busca de conhecimento para fazer trabalhos acadêmicos, sei que muita coisa que está lá não é totalmente confiável (PROFESSORA H).

Muitos são os fatores que surgem atrelados a essas falas. Percebemos o conflito de pensamento entre docentes e discentes, a questão da falta de habilidade para utilizar os recursos da Internet, queixas sobre a escassez de computadores no

espaço institucional, além da questão da confiança, ou no caso, inversamente, da desconfiança e receios na relação com a Internet.

A confiança é um fator importante, apareceu como eixo transversal no nosso estudo, uma vez que atravessa as diferentes dimensões examinadas em relação ao foco central da pesquisa, ou seja, se fez bastante presente nas percepções dos sujeitos da pesquisa, realçando o estado de risco e de incertezas que marcam esse mundo midiático.

Decerto, na relação com a Internet, a falta de contato concreto, do “olho-no-olho” inviabiliza o recolhimento de evidências, de impressões a partir das quais os agentes podem, ainda que minimamente, obter uma orientação, o que, sem dúvida, dificulta a construção da confiança. É o que manifestam muitos dos nossos interlocutores, num tom de insatisfação e descrédito:

Com certeza, nem todo conteúdo veiculado na internet é confiável. Há sempre que avaliar a fonte, os autores, o conteúdo, para ver se a fonte é segura. Há muitas informações distorcidas e sem fundamento quer dizer, sem metodologia científica, baseada no senso comum. Isso é muito preocupante. Eu procuro sempre alertar meus alunos que usem, pelo menos, mais o Google acadêmico (PROFESSORA E).

[...] Utilizo muito a Internet nas minhas produções, nos estudos, estimulando os alunos, mas sempre muito inquieta com a questão das informações que nem sempre são de confiança. Eu acho que a Internet é de suma importância para a construção do conhecimento, contudo, cabe ao pesquisador saber identificar os meios que possuem informações com credibilidade (PROFESSORA F).

A Internet sempre nos traz informações atualizadas. É um meio de comunicação bem útil e completo. Mas é necessário discernir as informações obtidas. Nem sempre acredito cegamente, sempre procuro compará-las com o que dizem os textos, e os livros indicados pelos professores (ALUNO E).

[...] Eu sou muito desconfiada com o que a mídia publica principalmente a Internet. Vejo que por trás das informações há sempre uma intencionalidade. Procuro sempre me informar através da Internet, mas sempre procuro assumir uma posição crítica (ALUNA B).

Depoimentos como estes nos dizem que, juntamente com esse intenso e crescente avanço tecnológico, vem a crise da confiança nas informações que a

Internet veicula. Sendo assim, ficamos, geralmente, com a dúvida da autenticidade, da exatidão, ficamos com a ausência da garantia, da eficácia das informações veiculadas.

Logo, não obstante o caráter inovador das novas tecnologias, que vêm desafiando e afetando todas as áreas do comportamento humano e das relações sociais, infelizmente nada assegura que se pode confiar plenamente nos conteúdos veiculados na rede. Nessa relação entre os agentes educacionais e Internet há pontos positivos, mas há também pontos cruciais e críticos que devemos reconhecer.

Em todas as nossas relações a confiança é fator preponderante. Não podemos manter uma boa relação com aquele ou com aquilo que não nos inspira confiança.

Se há um sentimento que nos acompanha durante toda vida, com certeza é a confiança. Durante nossa estadia na terra, a maioria de nossos relacionamentos é baseada nesta palavra. É simples entender o porquê. A cada dia o mundo está se tornando mais perigoso e desconhecido e a desconfiança, que era para ser uma exceção, virou uma regra. Mas o que tudo isso tem a ver com a Internet? Basta dizer que, em grande parte, os relacionamentos na Internet são baseados na confiança (RICARTE, 2011).

Conforme o autor, quando falamos em confiança devemos analisá-la sob o ponto de vista psicológico. “Confiança significa o ato de atribuir a alguém ou a alguma coisa nosso status de acreditar fielmente no que está sendo repassado para alguém” (RICARTE 2001). Nessa perspectiva, ter confiança na Internet seria simplesmente deixar espaço para uma relação mais estreita, acreditando nas informações que a rede veicula, dando crédito a essa fonte, entregando a ela a tarefa de analisar, se um determinado fato é ou não verdadeiro. Isso, entretanto, pode ser movido tanto por uma atitude cômoda e irrefletida, como também pelo fascínio e encantamento que as tecnologias exercem, gerando nos usuários a cegueira, ou como poderia chamar “reificação tecnológica”, em que a ausência de consciência crítica-reflexiva faz as coisas parecerem naturais, incontestáveis, fazendo dos sujeitos sociais seres indiferentes, alheios, incapazes de produzir práticas transformadoras.

Dessa forma, juntamente com esses intensos e crescentes avanços tecnológicos, vem a crise da confiança nas informações que a Internet veicula. Na verdade, ainda que a Internet proporcione elementos facilitadores para o rápido acesso a informações atuais do mundo todo, sentimo-nos inseguros. Incertezas, riscos, instabilidades são questões que “povoam” esse mundo movediço das novas mídias. Acabou a noção de propriedade, de autoria. “A internet não tem dono, gerente, comando central ou diretoria” (REZENDE, 2012).

Trata-se de opinião, que se confirma nos dados que declaram certa rejeição e resistência ao uso das novas tecnologias para a produção acadêmica, por parte de alguns sujeitos da pesquisa, que justificam sua posição, dentre outros fatores, por achar que a Internet não é um espaço seguro, que nem sempre passa confiança, que a Internet tem algumas limitações, não substitui os livros, que falta tempo e habilidades para o seu uso adequado e, ainda, que há escassez de computadores no DSS/UFPI ou nos grupos e núcleos de pesquisa.

Não posso dizer que me sinto bem em relação às constantes alterações tecnológicas, em especial, com a Internet. Reconheço a necessidade de usar a Internet na construção dos trabalhos de pesquisa, mas ainda faço uso restrito, somente para troca de informação, para comunicação, para o essencial. Na maioria das vezes acesso e-mail, mas raramente retorno, somente quando preciso enviar algum documento. Tenho algumas dificuldades no manuseio dessas ferramentas (PROFESSORA B).

A Internet, sem dúvida, é muito importante. Faço muito uso dela. Mas, para a minhas produções acadêmicas eu ainda prefiro usar um bom livro, muitas vezes as informações são muito superficiais devido à natureza desta mídia. Na realidade, tenho certo receio e desconfiança nas informações veiculadas, pois sei que existem informações de todos os tipos Para mim, a Internet não substitui os livros, eu acho que nenhum instrumento de comunicação tem essa função. Você pode usar as duas coisas, o livro e a Internet. Mas o livro tem uma série de vantagens e eu, particularmente, faço essa opção. Prefiro muito mais ter o livro em mãos, pegar, manusear (PROFESSORA C).

Há no DSS e nos núcleos e grupos de pesquisa grande escassez de computadores. O uso da Internet para a produção dos nossos trabalhos de pesquisa é ainda um desafio aqui na UFPI. Além de dificuldades ao acesso aqui dentro, eu, particularmente, tenho ainda receios nas informações via Internet (ALUNA B).

Adoro usar a Internet. Quando tenho que elaborar algum texto acadêmico, vou direto ao Google. No Google sempre encontro tudo que desejo saber. Sei que existem outras diversas ferramentas que podem me ajudar na pesquisa, tem muitas que eu ainda nem sei mexer [...] A Internet é muito boa, mas, não posso dizer que sinto a mesma segurança que sinto com os livros. O livro me parece algo mais concreto e bem mais confiável, mas não resisto à facilidade e a rapidez da Internet (ALUNA G).

Acho que a Internet é de grande importância, exatamente para acessar a maioria das informações sobre as fontes de nossas pesquisas, também para construir nossos objetos, adquirir livros, artigos, papers, inscrever se em eventos científicos, contactar com outros pesquisadores. Mas no momento utilizo muito pouco no espaço educacional. Uso mais para contatos esporádicos com alunos, pois não deixa de consumir muito tempo. Também tenho tido problemas de labirintite, então, não posso me fixar muito tempo em frente à tela do computador. Tento diminuir meu tempo na tela do computador de um modo geral, para não agravar o quadro (PROFESSORA E).

A semelhança das falas mencionadas nos leva ao entendimento de que a falta de competência e de habilidade técnica, o medo do desconhecido, comportamentos tecnófobos, a sobrecarga de trabalho e a conseqüente falta de coragem de enfrentar o novo, de reaprender, são empecilhos para aumentar o nível de confiança dos alunos e professores na Internet.

A função da idade, o fato de possuírem ou não computador ou ter acesso a um, de terem nenhuma ou pouca habilidade para lidar com as novas tecnologias, tudo isso pode se constituir em fatores que interferem numa visão negativa da Internet no processo educacional, contribuindo para as resistências e rejeições, dificultando, assim, a construção de práticas realmente novas.

No nosso entendimento, a Internet é uma moeda de duas faces, tem um lado positivo e tem outro incerto, questionável. Essa afirmação está reiterada nas falas dos nossos interlocutores:

A Internet, como tudo na vida, tem aspectos positivos e negativos. A impressão que tenho atualmente é que, à medida que o tempo passa e as experiências no mundo virtual se multiplicam e ganha complexidade, os pontos negativos parecem superar os positivos. Algo similar ao que aconteceu com a televisão, que poderia ser uma grande ferramenta de contribuição no sentido na emancipação e bem-estar humano e se transformou essencialmente, num veículo comercial, banal, distorcido, às vezes, bizarro. Hoje, alguns estudiosos de referência internacional já começam a se questionar

sobre a contribuição real que a imponderável massa de informações possibilitadas pela Internet (num tempo inexistente no instante, do imediato) dá para o nosso bem estar. A avaliação final é pessimista. Tendo a concordar com esta interpretação ().

É muito importante a Internet na atual realidade, pois ela amplia as possibilidades de comunicação e interlocução de ideias [...] A Internet permite maior contato com a produção de textos e de artigos relevantes para o desenvolvimento dos nossos trabalhos acadêmicos. Por outro lado, a Internet facilitou, abriu as portas ao Plágio, à cópia inconsequente, à repetição e à mesmice. A gente passou a ter preguiça de pensar, de refletir, É muito mais fácil acreditar nas informações que estão lá, bem acessíveis, do que parar para pensar, questionar. Será que tudo que está na Internet corresponde à verdade? Nós entramos na “onda da Internet” e pronto! (ALUNO E).

Com a revolução informacional que a Internet proporcionou e vem proporcionando, o ensino, a pesquisa e as relações sociais e profissionais entre professor-aluno-curso, ganham novas dimensões e possibilidades; abrem-se várias frentes e nexos de relações inimagináveis antes dessa revolução informacional trazida pela Internet. A Internet é hoje, portanto, um recurso indispensável às atividades profissionais em suas múltiplas dimensões. Na vida pessoal ela tem múltiplos objetivos e funções, pois dependendo das necessidades relacionadas às tarefas cotidianas, às relações pessoais e sociais, entre outras, a Internet ajuda, apoia, esclarece, informa, comunica etc.. Entretanto, nem todo conteúdo veiculado na internet serve para atender a esses objetivos de modo positivo, pois há muito conteúdo veiculado que promove discriminação, violência entre outras formas de denegrir o humano, a natureza e as relações sociais em geral (PROFESSORA F).

Como destacado anteriormente, se a confiança é construção, é conquista, como afirmam vários teóricos, cabe aos indivíduos buscar formas de enfrentar os problemas que obstaculizam a confiança. Com posições favoráveis ou não, há quem se manifeste nesse sentido:

Eu acho que faltam habilidades tanto por parte dos alunos como dos professores Mas eu mesma não tenho nenhuma resistência a Internet. Acredito no seu potencial facilitador. Como oriento muitas pesquisas, eu até acho melhor manter uma comunicação via Internet. [...] Aliás, além dos trabalhos que me são enviados por e-mail, a Internet é também um meio de marcar reunião presencial, de estar, embora longe, ao mesmo tempo perto, dos meus alunos. A UFPI está modernizando todo o sistema relativo à matrícula, aos diários. Mas, eu acho que nós deveríamos buscar mais, deveria ter um investimento no sentido de ensinar, treinar os professores e alunos para usar melhor a Internet. Não há investimento, não há uma política de treinamento de uso adequado das ferramentas da

Internet. Eu acho que, como essas ferramentas estão sempre mudando, até mesmo um simples programa como Word está mudando, deveria existir um treinamento constante. Na realidade, deveria existir uma busca coletiva, entretanto, cada um procura individualmente aprender a utilizar a Internet (PROFESSORA H).

Eu acho que ainda me falta mais habilidade para lidar com a Internet. Mas eu acho que isso tem a ver com minha acomodação de não querer aprender. Porque tem a coisa do Skype, eu não quero e ainda não sei manusear. Os colegas vivem implicando por causa disso. Eu acho que tenho ainda limitação e limitação temporal mesmo. Prefiro utilizar o e-mail porque é mais tradicional, já sei usar e não vou perder tempo para aprender. Inclusive essa vivência de tempo espaço mudou mundo, dentro do computador a gente perde a noção e nós como professores temos uma infinidade de tarefas. Acho que a gente tem que se dedicar mais, aprender mais a utilizar os recursos em permanentes mutações da Internet (PROFESSORA A).

Ainda em relação à questão de habilidades para o manuseio da Internet, uma das professoras é bastante enfática:

Em relação as minhas habilidades com o computador eu me sinto muito bem. Muito bem por quê? Porque eu não corro atrás. Eu já sei que por definição eu não acompanharei todas essas técnicas por que elas são plurais demais e porque sei também que sou de uma geração que necessariamente tem um nível maior de dificuldade para aprender. E essa constatação me é absolutamente tranquila. Então eu lido com as coisas assim: é preciso demais saber usar isso? Então tá, vamos ver como é que eu aprendo. Precisa só mais ou menos? Então eu aprendo mais ou menos. Não precisa? Pois então nem me ensine. Eu lido dessa maneira para me proteger, por que tenho um milhão de coisas pra fazer. Por que sempre vão aparecer coisas novas para eu aprender. Sempre tenho tido o cuidado de não me colocar nessa corrida de ratos sem fim, onde o único fim que tem é para sua possibilidade humana. Não vou me colocar na imposição de aprender tudo e saber tudo. Eu sobrevivo com tranquilidade o que eu preciso sei usar da Internet. Usar o Word, o Power Point, mandar E-mail, básico da vida docente eu sei, o que não preciso não incorporo na minha vida (PROFESSORA D).

Ao analisar tal fala, observamos que a Internet, no âmbito da sociedade midiática solicita uma atualização constante por parte dos professores, que, por outro lado, são pressionados pelos gestores da universidade, que requisitam daqueles mais compromissos, além dos inúmeros que a profissão e o cotidiano da sala de aula já requerem, multiplicando a carga horária de trabalho.

São solicitações impostas aos professores provenientes do processo de mediatização que leva a sociedade - como bem disse a professora acima - a essa

"corrida de ratos sem fim". Vale dizer: as constantes inovações ocorridas nesta sociedade, fomentam as imposições de qualificação, competência e alinhamento interdisciplinar. "Assim, o professor 'tradicional' encontra-se em difícil encruzilhada, porque sabe que precisa mudar, mas, muitas vezes não visualiza que caminho seguir e nem como fazer para atingir tais expectativas, sobremaneira se não dominar as ferramentas essenciais às mudanças da contemporaneidade" (MACEDO, 2005, p.149).

Minha relação com o computador aqui dentro é de insegurança e muita pressão. Claro, sei usar muitas das suas diversas ferramentas. Mas me sinto buscando algo que não consigo atingir. Tudo muda constantemente, velozmente... E necessariamente temos que entrar nesse movimento desenfreado. Como ser professor sem ser pesquisador? Como ser pesquisador nos tempos das redes digitais sem ter habilidades para manusear direito o recurso? Sem ter tempo para conciliar tantas atividades acadêmicas? (PROFESSORA G).

Em relação às minhas habilidades com o computador eu me sinto muito bem. Muito bem por quê? Porque eu não corro atrás. Eu já sei que por definição eu não acompanharei todas essas técnicas porque elas são plurais demais e porque sei também que sou de uma geração que necessariamente tem um nível maior de dificuldade para aprender. E essa constatação me é absolutamente tranquila. Então eu lido com as coisas assim: é preciso demais saber usar isso? Então tá, vamos ver como é que eu aprendo. Precisa só mais ou menos? Então eu aprendo mais ou menos. Não precisa? Pois então nem me ensine. Eu lido dessa maneira para me proteger, porque tenho um milhão de coisas pra fazer. Por que sempre vão aparecer coisas novas para eu aprender. Sempre tenho tido o cuidado de não me colocar nessa corrida de ratos sem fim, onde o único fim que tem é para sua possibilidade humana. Não vou me colocar na imposição de aprender tudo e saber tudo. Eu sobrevivo com tranquilidade o que eu preciso sei usar da Internet. Usar o Word, o Power Point, mandar E-mail, básico da vida docente eu sei, o que não preciso não incorporo na minha vida (PROFESSORA D).

Juntamente com as frequentes mutações tecnológicas vem a sensação de pressão que os professores manifestam. Faz parte das exigências do perfil do professor da sociedade em midiatização que estes saibam lidar com as diversas ferramentas da Internet, reciclando-se permanentemente. As coisas mudam de forma tão rápida, sem interrupções no tempo e no espaço, que, não só o professor, como todos os indivíduos, passam a penetrar nesse movimento, na tentativa, às vezes alucinada, de seguir, acompanhar o fluxo constante das tecnologias do mundo que nos cerca, sem, muitas vezes, se sentirem preparados para isso.

É o que comprova as falas abaixo:

Com a Internet e suas ferramentas o conhecimento não tem fronteira, podemos estar em qualquer lugar, em qualquer momento. Possibilita a apreensão de dados mais recentes, além de facilitar a comunicação na pesquisa e a aquisição de novos conhecimentos. Os processos de execução também ganham maior celeridade e transparência. Contudo, a tarefa de ensinar, avaliar e acompanhar ficou mais difícil em função das exigências. Temos que correr pra acompanhar essas tecnologias que aparecem o tempo todo. Mal a gente aprende usar uma já surge outra. Isso nos leva a um uso acrítico, banalizado, compreendido em sua aparência imediata, pouco se percebendo a essência dos fatos (PROFESSORA G).

As Pró-Reitoria demanda de mim, fazer isso e aquilo com os alunos, coisa tal, tal e tal. Sabe por quê? Porque é simples enviar e-mail para exigir de você fazer alguma coisa. Só que o **ser humano não estar preparado o suficiente para acompanhar a agilidades desses processos**, aí vem às doenças, aí vêm às impossibilidades, o envelhecimento precoce e tudo mais que conhecemos. Eu acho que a Internet acaba sendo um salto muito árduo para nós (PROFESSORA D, grifo nosso).

A adaptação e a habilidade de uso das tecnologias torna-se mais difícil em função de que na atual sociedade esse processo tornou-se tão vigoroso que os indivíduos sentem dificuldades em acompanhar todas as informações e inovações que aparecem progressivamente:

Observo que há uma limitação geral em relação ao uso da internet. Tanto professores como alunos não conseguem, muitas vezes, acompanhar as inovações tecnológicas existentes, pois é muito rápido e até mesmo os mais novos, considerados os integrados nesse novo mundo online, não conseguem acompanhar e utilizar as ferramentas da rede (PROFESSORA E).

Busco sempre me atualizar em relação aos recursos da Internet, mas sempre tem algum que surgiu e eu nem fiquei sabendo. Muda tudo muito rápido, constantemente. É preciso ficar atento, eu até procuro ficar, entretanto, é difícil acompanhar esse processos muito rápido e sem interrupção das novas tecnologias (ALUNA H).

Chegamos num momento histórico em que a rapidez do aparato tecnológico vem nos atropelando, sem nos dar tempo de nos inteirmos das mudanças, de nos adaptarmos a novas descobertas e de aprender a usar com habilidade e competência os diversos recursos oferecidos.

É fato que o processo de midiatização da sociedade traz consigo inúmeras vantagens para todos os campos do conhecimento. Além da interação social, a Internet nos conduz ao mundo das grandes descobertas científicas que a cada dia vem atingindo novas dimensões. Mas é fato também que as contínuas mudanças das tecnologias são intrínsecas à evolução do ser humano, não podendo ser dele separado.

Agregado a esse fato, não podemos deixar de evidenciar que a obtenção de uma tecnologia por um indivíduo nem sempre é escoltada pela posse da habilidade necessária ao seu correto manuseio, nem tampouco, pelo espírito crítico capaz de fazer o indivíduo enxergar a amplitude e os desafios que dela decorrem e envolvem todos os setores dessa sociedade complexa e mutável que estamos vivenciando. E mais: o uso rotineiro e banal de tecnologias, que não ultrapassa o nível comum, não oportuniza a aquisição de conhecimentos concretos a respeito dos processos científicos implicados para o desenvolvimento da mesma. Na realidade, “tal hábito gera apenas uma mera e mal fadada dinâmica prática, relativa ao uso dos artefatos em questão, ocasionando o desenvolvimento de indivíduos fascinados pelo produto e alienados em relação a basicamente todo o conjunto cognitivo circundante” (BOZATSKI; MIQUELIN, 2013, p.27-28)¹⁸.

No âmbito da análise em pauta, entretanto, cabe retomar o que vimos, anteriormente, nas concepções de alguns dos teóricos estudados, de que o fenômeno da midiatização é marcado pela heterogeneidade, pela não linearidade, pelo antagonismo e contradições. A midiatização da sociedade de base tecnológica não é imposta, as novas tecnologias tampouco surgem como meros injetores de informações, mas só existem, persistem e avançam, cada vez mais, porque se estabelecem em respostas às necessidades e desejos da sociedade.

Esse entendimento reforçado por Braga (2007) - quando afirma que, ao invés de se pensar as mutações sociais como uma incidência passiva da tecnologia na

¹⁸ Este é o dilema central mostrado no artigo “Usuários-leigos: conhecimento, criticidade e poder”, de Maurício Fernando Bozatski da Universidade Estadual Paulista e de Awdry Feisser Miquelin da Universidade Federal de Santa Catarina publicado na Revista Educação Profissional: Ciência e Tecnologia (Jul-Dez 2007, volume 2, número 1, p. 27-36). Colocando a escola como palco central de potencialidades para um trabalho educacional, os autores apresentam o termo ‘usuários-leigos’ para aquelas relações em que predomina a extrema praticidade faltando, contudo, o conhecimento dos princípios que regem dada tecnologia.

sociedade, deve-se percebê-la como a efervescência de invenções dos sujeitos pelo uso da tecnologia, ou seja, a sociedade tem necessidade das ferramentas tecnológicas por isso, são as demandas da sociedade que provocam a criação de novas tecnologias e não o contrário. Por outro lado, essas demandas não são diretas, de uma sociedade geral. A sociedade geral está especificada - em grupos, interesses, estratégias, diversas, que acionam transformações, mesmo à margem das demandas. Ao ocorrer isso, a tecnologia aparece como um Leviatã, externo ao que demanda, impondo lógicas não previstas, não construídas nas interações.

A fala de uma das professoras entrevistadas corrobora esse ponto de vista:

Somos nós que de fato damos aos recursos tecnológicos o estatuto de extrema importância, de quem sem ele eu não vivo. Os produtos não se colocam dessa forma na nossa vida, se a gente não atribuir a eles esse estatuto. Os processos se instalam e você de algum modo é enredado neles e vai... Por que a técnica por si é morta, aí ela não faz nada, nem a técnica nem o objeto criado por ela. Mas ela enredada, e só existe assim, enredada no movimento humano. Mas quando a gente entra num processo de sociabilidade que passamos a depender dos recursos tecnológicos, quando a gente passa a não saber viver sem esses recursos, então, a gente perde o controle e eles é que passam a mandar na gente (PROFESSORA D).

Essa é uma fala nos remete ao ponto inicial das nossas discussões. Como anteriormente mencionado, não devemos pensar a técnica como uma instância exterior à sociedade, contribuindo com essa visão tecnodeterminista a que Miège (2009) se refere. As transformações sociais se dão não somente pelo surgimento constante de mais e mais tecnologias, mas em contexto, onde a determinação técnica está em relação com processos sociais e de comunicação, incluindo o modo como os indivíduos vivenciam, agem e reagem as inovações.

As tecnologias não existem por si mesmas, não surgem na sociedade sem intervenção dessa própria sociedade, mas nascem a partir de intrincados processos de projeto e desenvolvimento que estão encaixados nas práticas das instituições e dos indivíduos pressionados e induzidos pela sociedade e pela história. Esse contexto genérico não pode nos impedir de ver o desenvolvimento tecnológico como parte da conflitualidade social, onde instituições e Estados específicos mobilizam seus recursos para uma hegemonia na esfera da inovação, visando, com isso, imprimir o ritmo das trocas e interações sociais em geral.

Embora o contexto das instituições de ensino se mostre obsoleto, carente de investimento tecnológico, as inovações que ocorrem de forma constante na sociedade em processo de midiatização, exigem que docentes e discentes saibam ler e interpretar a realidade, estejam preparados para enfrentar desafios mais complexos, entendendo e sabendo usar satisfatoriamente as inúmeras ferramentas da Internet.

Do mesmo modo, não podemos dizer que o grupo docente, formado por sujeitos na faixa de idade de cinquenta anos pra cima, também não se encontra em sintonia com a realidade midiática. Muitas das professoras vêm, em pé de igualdade com os alunos, se lançando na busca de ingressar no movimento contemporâneo das novas tecnologias, conforme é revelado pelas professoras em depoimento como os que seguem:

... Vivemos hoje nesse processo de midiatização da sociedade. Um processo que não tem mais volta, a tendência é avançar cada vez mais. [...] Hoje, ainda que dentro de uma Universidade pública, temos alguns dos alunos na sala de aula com seus computadores. A partir da Internet encontramos materiais ricos para a pesquisa, inclusive tem vários livros que a gente pode baixar pela Internet, vários materiais interessantíssimos, artigos, livros já esgotados que foram digitalizados e só podemos ter acesso por meio da Internet [...] Agora eu não posso deixar de falar que a Internet aqui no Piauí, inclusive a nossa daqui da UFPI, que utilizo muito, não tem uma qualidade muito boa. Ela constantemente tá caindo, o índice de velocidade é muito lento. Mas temos que nos colocar dentro dessa realidade de inovações que afeta também o campo educacional, A Internet é essencial para a educação e para a pesquisa, não podemos ficar de fora do que ela pode nos proporcionar. Cabe a nós ficarmos atentos, saber fazer um uso coerente da Internet e ensinar também aos alunos pescar as coisas boas que a ela pode oferecer (PROFESSORA F).

Eu procuro sempre aprender a usar os recursos da Internet que vão surgindo, não gosto de ficar para trás. A internet hoje é imprescindível no ambiente educacional. Ela tem múltiplas funções e é um instrumento pedagógico com o qual os professores promovem o ensino, a pesquisa, a extensão; mantém-se atualizados; interagem com outros professores, pesquisadores e profissionais de sua área ou de outras áreas; buscam informações; repassam informações; divulgam pesquisas, produções bibliográficas em geral bem como sua trajetória acadêmica; além disso, é um veículo importante na relação professor-aluno-sociedade- instituições; entre outras funções. Por isso no mundo de hoje não há como não se movimentar, deixar de nos colocar abertos para as possibilidades que a Internet pode proporcionar (PROFESSORA G).

A Internet já faz parte da minha vida. Uso a Internet para meu trabalho, minhas pesquisas e uso também para entretenimento, Tenho Facebook e outras ferramentas que me levam a uma comunicação rápida, em tempo real. Estamos incorporando os meios, estamos buscando formas de facilitar nossa vida pessoal e nosso trabalho docente. A Internet está aí, com todas as suas potencialidades. Temos mais é que aproveitar, Tenho ainda algumas limitações, mas o importante é saber que faço parte desse mundo novo e posso viver tudo que ele pode trazer de melhor (PROFESSORA H).

O trabalho realizado no campo educacional - como já destacamos anteriormente - por força das chamadas “novas mídias,” vem se tornando cada vez mais num grande desafio. O espaço educacional é parte de um espaço maior de uma sociedade em processo de midiaticização. Uma sociedade emaranhada, repleta de controvérsias, polêmicas, tensões e de fatores mutuamente implicados que vêm provocando mudanças, que se refletem na prática docente e na forma de produção acadêmica.

Finalizando esse item, nossa observação vai, portanto, no sentido de que os nossos investigados nos parecem conscientes da existência de mudanças profundas na sociedade. Novas tecnologias e, de modo especial, a Internet, vêm obrigando-os a confrontar-se com a necessidade de inserção nesse movimento que traz inovações instigantes nas formas de ensinar, de aprender e de pesquisar, de buscar conhecimentos para a produção de seus trabalhos acadêmicos.

6.3 USOS E INTERAÇÕES EM DISPOSITIVOS MUDIÁTICOS NA PERSPECTIVA DE INOVAÇÕES DE PRÁTICAS: modos efetivos de uso da Internet na produção acadêmica

Com o propósito de verificar os modos de usos e interações por meio da Internet na produção acadêmica, solicitamos aos nossos sujeitos que falassem das suas motivações ao uso da Internet para a construção dos trabalhos acadêmicos de seus núcleos e grupos de pesquisa.

A resposta positiva de uso foi unânime no grupo de alunos. Quanto às professoras, embora todas tenham afirmado fazer uso da ferramenta para a produção acadêmica, duas confessam que utilizam, mas ainda não muito. As

justificativas das duas são as mesmas: escassez de computadores no espaço acadêmico e a falta de confiança nas informações veiculadas na rede.

A Internet, sem dúvida, tem um, potencial valioso para o ensino e a pesquisa. Mas o uso da Internet para a produção dos nossos trabalhos de pesquisa é ainda um desafio no cotidiano dos núcleos e grupos de pesquisa. Além de dificuldades ao acesso aqui dentro, eu, particularmente, tenho ainda receios nas informações via Internet (PROFESSORA B).

É muito importante a Internet na produção acadêmica, mas, temos muitas dificuldades dentro da UFPI, de contar com computadores e equipamentos mais atualizados para todos os professores/pesquisadores poder utilizar a internet [...] Sei também que existem inesgotáveis fontes de informações. Mas sei também que existem informações de todos os tipos, nem sempre confiáveis. (PROFESSORA E).

Mesmo na fala daqueles depoentes que se declaram habilitados e usuários contumazes da Internet, percebemos algumas contradições:

Eu não tenho muita dificuldade de manusear as ferramentas da Internet, não tem muito mistério. Eu vou lá acesso, pesquiso. [...] Por outro lado, a Internet não substitui os livros, eu acho que nenhum instrumento de comunicação tem essa função. Você pode usar as duas coisas, o livro e a Internet. Mas o livro tem uma série de vantagens e eu, particularmente, faço essa opção. Prefiro muito mais ter o livro em mãos, pegar, manusear. Tem muitas coisas na Internet, coisas boas e coisas ruins também, mas eu me cerco de alguns cuidados, não utilizo informações de qualquer lugar, então eu vou lá às bibliotecas, vou lá aos sites das revistas eletrônicas, no Scielo da vida (PROFESSORA C).

Eu sou totalmente favorável ao uso da Internet. Acho que ela veio para facilitar nossas tarefas cotidianas. Tanto as que se referem a nossa vida pessoal como também a profissional. Busco sempre auxílio da Internet para estudar e realizar as pesquisas, mas busco sempre as fontes mais confiáveis, do ponto de vista pedagógico (ALUNA A).

Eu mesmo não tenho nenhuma resistência a Internet. Acredito no seu potencial facilitador. [...] A Internet é essencial para a educação e para a pesquisa, Mas é claro que não dá pra confiar em tudo que está lá, tem muita besteira na Internet, cabem a nós ficarmos atentos e ensinar aos alunos pescar as coisas boas que a Internet pode oferecer (PROFESSORA F).

Ainda que os depoimentos dos sujeitos acima nos confirmem o uso intenso da Internet, mais uma vez esbarramos com o fator confiança permeando a fala dos nossos interlocutores.

A Internet sempre nos traz informações atualizadas. É um meio de comunicação bem útil e completo. Mas é necessário discernir as informações obtidas nem sempre acredito cegamente, sempre procuro compará-las com o que dizem os textos, e os livros indicados pelos professores (ALUNO E).

... Nem toda fonte pesquisada na Internet é confiável, é preciso saber a origem de determinadas referências que colocamos em nossos trabalhos acadêmicos [...] (ALUNA H).

Eu não tenho confiança absoluta na Internet. Lógico que tem muita coisa boa, artigos científicos. Mas nem sempre a gente sabe manusear as diversas ferramentas. Eu mesma fiquei sabendo recentemente da existência do Google Acadêmico (ALUNA F).

Em minha opinião a Internet é muito importante, mas não chega ainda a substituir as clássicas formas de pesquisar, nos livros e bibliotecas. Ela serve para agilizar as ações e aproveitar melhor o tempo em certas atividades, mas acaba restringindo a qualidade. Pois apesar de existir textos, artigos e bibliografias em geral confiáveis disponível em rede, ainda são pouco confiáveis usar apenas esse recurso para a elaboração de trabalhos acadêmicos (ALUNA B).

O Núcleo de pesquisa em si é uma estratégia muito interessante de produção do conhecimento, de associação por interesse e afinidade de estudo, espaço para os alunos. Não precisa nem falar das grandes vantagens da Internet, mas ela é só um meio. O livro é tanto quanto importante, assim como as bibliotecas. Devemos acessar todos os meios que venham viabilizar nosso trabalho, atingir nossos objetivos. Sabemos disso, entretanto, temos o impulso de sempre ir primeiro para a Internet, mesmo sabendo que ela traz muitas informações duvidosas (ALUNA A).

Assim, dentro do que foi proposto no início deste estudo, ou seja, tentando compreender o objeto no movimento do contexto empírico ao contexto teórico e vice-versa, retomamos, aqui, a questão da confiança por parte dos agentes educacionais em relação à Internet nas atividades acadêmicas. Então, novamente nos vem a questão: até que ponto o fator confiança é significativo para seu uso de uma forma geral e, de modo específico, nas atividades de estudo e pesquisa?

É evidente que não podemos deixar de reconhecer o caráter inovador, transformador das redes digitais na sociedade contemporânea. Entretanto, como diz Marques (2007), a Internet tem também seu lado sombrio, um lado ainda pouco tratado, mas, certamente, amplamente reconhecido pelos usuários das tecnologias. “Com novas liberdades, descortinam-se também novas ameaças. De modo que um prestigiado especialista da tecnologia da informação recentemente declarou ‘O único computador seguro é aquele desligado, dentro de uma caixa de metal, no fundo do mar’ (MARQUES, 2007, p.12).

Na realidade, a confiança plena na Internet não existe, nem nunca vai existir. A confiança como fenômeno social envolve, como diz Rezende (2012), incertezas, riscos, instabilidades, elementos intrínsecos à sociedade em midiatização. O indivíduo como o elemento chave, que tem papel ativo nesse processo (MIÈGE, 2009), deve arriscar, errar, arriscar novamente, acertar. Isso, no fundo, confiando em si mesmo, na sua capacidade de análise crítica. Afinal, a confiança não é algo dado, não é um conceito idealizado, nem característica de algo ou de alguém.

Como antes referenciado, o outro lado da questão diz respeito à inabilidade, ao receio de tentar, de encarar as mudanças, a falta de disposição para lutar contra as situações que dificultam o uso da Internet no contexto educacional e impede os indivíduos de contribuir para a construção de práticas inovadoras.

Logo, seja em qual for às circunstâncias, é preciso se ter claro que nem as dificuldades dos agentes em entender e saber manusear as tecnologias, nem os entraves de infraestruturas contextuais, deve servir de justificativa para instalação da cultura da desconfiança na Internet ou da prática da insatisfação. Até porque são exatamente os problemas cotidianos e o descontentamento com a situação que impulsionam os agentes a buscar mudança daquilo que se faz preciso.

Hoje, mais do que nunca, o indivíduo tem papel central nesse processo midiático, devendo lançar, para esse mundo de tecnologias, um olhar crítico e, ao mesmo tempo, prudente e cauteloso. Conscientes, ainda, de que aprender é passar da incerteza à certeza provisória, que dá lugar a novas descobertas e a novas sínteses (MORAN, 2000).

Levando isso em consideração, retomamos também Braga (2012), quando, na mesma perspectiva de Miège (2009) chama atenção para a importância dos

indivíduos nesse processo. Para os teóricos, os indivíduos não assumem uma postura meramente passiva diante das tecnologias. São, na realidade, produtores, receptores e também assumem uma posição crítica e interpretativa. Neste sentido, ponderadamente uma professora diz:

A Internet facilita e dificulta a vida docente, facilita porque obviamente você escrever um texto com a possibilidade de recorrer a autores em tempo real, você juntar aqui na base de seu notebook dez, doze, artigos, e você está lendo e consultando ao mesmo tempo, escrevendo seu texto, devolvendo e discutindo com os colegas é uma facilidade grande. Porém, qual é o nível de exigência que isso requer do ser humano. Eu acho que deveríamos discutir o conceito de facilidade. O que é facilidade para o ser humano? Por que a promessa da técnica desde a sua origem é de facilitar a vida. Desde a criação do primeiro pau para derrubar a árvore o argumento era de facilitar a vida. E o que nós vemos na existência humana é um nível de precarização muito grande. Então, eu acho que a técnica está devendo essa promessa de facilitar a vida do ser humano. Por que a técnica, ou seja, não só a técnica, mas também os movimentos sociopolíticos que a conformam em determinadas circunstâncias de sociabilidade (PROFESSORA D).

Vale dizer: os agentes usam as tecnologias conferindo investimento de sentido, atribuem significados, crenças produzindo matéria-prima simbólica, sobre a qual se fundamentam suas experiências, seus costumes, rotinas e, por conseguinte, suas práticas sociais. As percepções dos agentes sobre as tecnologias são criadas na circulação comunicacional, à proporção que os fluxos comunicacionais se movimentam.

Assim sendo, podemos inferir que uma parte dos agentes educacionais pesquisados, não apenas registram aspectos exteriores à realidade das tecnologias, mas também, ao assumirem o compromisso com a construção do conhecimento na produção acadêmica, agem de maneira ativa, tentando, de forma consciente, penetrar nos processos midiáticos para apreender suas múltiplas determinações.

Apesar de ter muitas informações nem sempre confiáveis na Internet, de ter alguns tipos de riscos, não podemos negar que a Internet além de ser muito importante para o ensino e para a busca de informações necessárias a pesquisa, se constitui numa forma de nos sintonizarmos com o que acontece no mundo. Os recursos tecnológicos e midiáticos postos à disposição e que surgem diariamente têm sido colaboradores diretos no processo do ensino, pesquisa, extensão; nas relações profissionais e pessoais; bem como nas relações sociais mais amplas. Gosto de ver o site da UOL,

do IG, das Instituições governamentais, o site dos que trabalham com as temáticas relativas às minhas pesquisas, livrarias, instituições de ensino, centros de pesquisa, o Google, enfim. Já participei de duas pesquisas nacionais de pesquisa e foi ótimo. Isso, entretanto, não significa que devemos fazer um uso impensado e que as transformações das nossas práticas acontecem automaticamente na mesma proporção em que as tecnologias mudam (PROFESSORA F).

A Internet, é claro, tem seu lado negativo. Disponibiliza informações nem sempre de fontes confiáveis e temos muitos entraves para enfrentar para se ter condições de fazer um uso mais abrangente, capaz de potencializar realmente uma prática inovadora, revolucionária, até porque no meio acadêmico em que estamos isso ainda não é totalmente possível. Mas, sem dúvida, tem grande importância, exatamente por que nos permite acessar a maioria das informações sobre as fontes de nossas pesquisas, para construir nossos objetos, adquirir livros, artigos, papers, fazer pesquisa em vários bancos de dados, podemos acessar teses, dissertações diretamente nas bibliotecas virtuais, bem como artigos de várias revistas disponibilizadas Online, para nos inscrever em eventos científicos, contactar com outros pesquisadores (ALUNA B).

... A Internet tem sido inclusive um meio importante para que a gente possa divulgar nossos trabalhos, mostrar o que o nós aqui no Nordeste realizamos em tempo real para o Brasil e o mundo. Em termos simbólicos é possível mostrar que as questões regionais estão totalmente sintonizadas com as questões nacionais, diferentemente do que pensam alguns teóricos e o mercado editorial concentrado no eixo Rio de Janeiro/ São Paulo. Mas para isso devemos fazer uso da Internet de forma crítica, consciente, sem nos embevecer com suas potencialidades, esquecendo-se de pensar sobre o que está por trás e além de tudo isso. As inovações só ocorrem quando há maturidade por parte dos docentes e discentes, É preciso vontade, força, coragem do coletivo (PROFESSORA A).

As expressões dessas professoras reforçam a compreensão de que esse mundo tecnológico, ao mesmo tempo em que é um mundo de risco, de dispersão, que escapa ao tempo, ao espaço, aos nossos sentidos e ao nosso entendimento, é também um mundo de descoberta, de atração, reencontro e exaltação. Todos os agentes, docentes e discentes, estão plenamente imerso neste mundo, com tudo que ele mantém de bom e de ruim. Não experimentá-lo evita o sofrimento, mas também, pode não se experimentar o gozo (MORIN, 2002).

Recuperamos, aqui, a ideia já debatida de processos midiáticos em que os usos das tecnologias e das mídias interativas vão se alastrando por todos os campos e, da mesma forma de todos os outros, o espaço educacional vem sendo

atingido e marcado por grandes alterações. Todo sujeito, participante do espaço pedagógico, em relação com a Internet está, como vimos, situado dentro dum contexto mais amplo de uma sociedade em midiatização.

Acho que nem sei mais viver sem a Internet. Uso a internet para tudo, acho que pela facilidade e rapidez de informações, de comunicação, enfim, acho que a Internet é fundamental no trabalho acadêmico tanto para o professor quanto para o aluno. É ainda, uma forma de nos sintonizarmos com o que acontece no mundo. Mas, claro, é preciso ter cuidado, tem muitas coisa ruim na Internet (PROFESSORA G).

Embora os professores digam que nem toda fonte pesquisada na internet é confiável, que é preciso saber a origem de determinadas referências que colocamos em nossos trabalhos acadêmicos, eu praticamente só uso a Internet. Tenho grande domínio. Sei usar quase tudo que a Internet oferece. Para mim ela põe o mundo em minhas mãos (ALUNA A).

Eu incorporei totalmente a Internet. Essa tecnologia vem cada vez mais se tornando um espaço de interação entre as pessoas, com as redes sociais, além da grande quantidade de notícias vinculada via Internet atualmente. Portanto, na comunicação atual o uso de Internet é imprescindível, mesmo as vias tradicionais (rádio, TV, Jornal) utilizam e constantemente citam conteúdos da Internet, quando não a utilizam em tempo real, para a exibição de matérias [...] Com a Internet temos rapidez, agilidade, mas na hora de fazer meus trabalhos... Uso muito a Internet, mas me sinto mais seguro com as informações que encontro nos livros. A Internet é muito boa, mas não substitui totalmente os livros (ALUNO C).

Pelos depoimentos destacados, percebemos mais uma vez comportamento idólatra, de fascínio, apropriação e identificação desses usuários da Internet e de suas ferramentas (MIÈGE, 2009). Todavia, esses mesmos pesquisados não conseguem deixar de revelar, em outros momentos, certos sentimentos negativos acerca da Internet:

Eu acho que a Internet é de suma importância para a construção do conhecimento, por meio dessa ferramenta podemos fazer pesquisa em vários bancos de dados, podendo acessar teses, dissertações diretamente nas bibliotecas virtuais, bem como artigos de várias revistas disponibilizados Online. Contudo, cabe ao pesquisador saber identificar os meios que possuem informações com credibilidade. Eu até estímulo os alunos, mas sempre muito inquieta com o aspecto que considero mais negativo da Internet, o risco de plágio. Portanto, é preciso que muitos usuários saibam se fundamentar no universo de

informações disponíveis na Internet, até porque conhecimento se constrói a partir de outros conhecimentos já existentes. O que se deve é aprender a respeitar, ter ética para não fazer plágios, usar os trabalhos feitos por outras pessoas como referência e não como mera cópia (PROFESSORA F).

O acesso a informação num volume e velocidade incrível, rapidez, comunicação são aspectos positivos da Internet na produção acadêmica. Entretanto, na academia é preocupante aspectos outros, como aqueles referentes aos problemas no campo da ética. Essa é a maior preocupação. Vejo que o mais importante e urgente não é incentivar alunos para o uso da Internet, mas sim para um uso “legal”, ético, sem plágio (PROFESSORA G).

Com o uso da Internet pode-se aproveitar melhor o tempo, também amplia as bases de conhecimento, coloca todo um acervo bibliográfico a nossa disposição, sendo fundamental para a produção acadêmica [...] Considero como negativo na Internet a falta de aproximação das pessoas. Mandam-se E-MAILS tão rápidos que se perdem, muitas vezes, o conteúdo da mensagem. Outra coisa é que qualquer pessoa pode adicionar textos que muitas vezes são produzidos plagiados de outros que já estavam na rede, ou seja, não há um controle da rede e acaba tornando o conteúdo sem crédito. Outra desvantagem é porque muitas pessoas ainda não têm acesso aos benefícios Online e acabam perdendo muitos conteúdos e novidades (ALUNO B).

Euforia, possibilidade, desconfiança, entrave, solução são aspectos que se misturam e estão claramente evidenciados nas declarações acima. A incerteza, o risco de plágio e a exclusão digital são bastante apontados como pontos negativos da Internet.

Alguns depoimentos mencionam também a redução da sociabilidade, do contato face a face, nova forma de laconismo (redução de palavras, etc.) como perspectiva negativa da Internet, reiterada, por exemplo, na fala da aluna B, “Mandam-se E-mail tão rápido que se perdem, muitas vezes, o conteúdo da mensagem”. Nesse mesmo sentido, outros respondentes assim se manifestam:

Uma coisa que considero negativa da Internet é a falta de aproximação das pessoas [...] A Internet vem produzindo nas relações comunicacionais um paradoxo, ao tempo que ela aproxima as pessoas uma das outras, ela também afasta (PROFESSORA B).

A Internet, como já coloquei, contribui para eu desenvolver algumas habilidades de relacionamentos e contato com os colegas, com os professores e com pessoas que nem mesmo já vi pessoalmente [...] No meu ponto de vista uma mudança positiva da Internet é que me

tornei mais caseira. E a mudança negativa, é que me tornei menos leitora de livros impressos (ALUNA H).

A Internet torna a comunicação mais rápida, sem dúvida, você não perde tempo. O professor está ali te enviando texto, te enviando exercícios. Muitas vezes acontece de coisas que ele iria falar na sala ele já manda por e-mail. Mas a mensagem On line é tão imediata que perde a essência, só visa o corpo da mensagem. Essa rapidez da Internet que parece um ponto tão positivo, de repente, pode tornar-se um problema (ALUNO E).

Quando indagados sobre usos efetivos, em sentido restrito, ou seja, de que forma utilizam a Internet na produção acadêmica, eis como alguns dos agentes se expressam:

Uso bastante a Internet na produção dos trabalhos desenvolvidos aqui no nosso núcleo. A Internet me orienta para a busca de materiais bibliográficos, uso muito o Google para localizar informações atuais sobre o tema que estamos trabalhando, bem como para atualidades em geral. Uso também para me comunicar com os outros participantes do núcleo, tanto com a coordenadora, como com os colegas. Afinal, a gente está sempre precisando perguntar alguma coisa, trocar informações (ALUNO E).

Sei que o conhecimento disponibilizado na rede é volumoso e dependendo do seu tema é possível a realização de diferentes estudos. Não costumo participar de fórum de opinião, chats ou sala de bate-papos com diálogos em tempo real. Geralmente, quando se trata de pesquisa sobre algum trabalho que estamos desenvolvendo aqui eu vou direto para o Google, pois facilita, tenho acesso bem mais rápido às informações que estou buscando (PROFESSORA H).

Sim, uso a Internet. Hoje em dia para um professor dizer que não usa Internet é um absurdo. Costumo usar para mandar e-mails, me comunicar. Mando e-mails com informações e material para os alunos e colegas. Peço aos meus alunos que eles pesquisem sobre temas, trabalhos. A importância está no fato de que até para uma colocação em estágio e no mundo do trabalho, propriamente dito, é uma exigência usar essa ferramenta. Imagine, hoje, um discente sair de uma universidade sem saber lidar minimamente com a Internet, seria até visto como um ser pré-histórico, fora do tempo, suponho (PROFESSORA F).

Uso a Internet na aquisição de bibliografias e dados, troca de informações, atualização de conhecimento. Costumo acessar sites acadêmicos em geral, observatórios, banco de dados, instituições de políticas públicas rurais e de juventudes, organismos nacionais e internacionais que trabalham com investigação científica, sociedades profissionais da área de ciências humanas, sites de notícias, etc. (PROFESSORA D).

Uso a Internet para pesquisar sobre o tema dos trabalhos que desenvolvemos no núcleo, Eu sempre vou direto para o Google. Sei que temos várias ferramentas de consulta para pesquisa na Internet, mas uso mais o Google pela facilidade e rapidez de informações. Agora uso também a Internet para trocar e-mail com a coordenadora, com os colegas. Mas a gente não tem assim um blog ou algo semelhante com as informações sobre a pesquisa desenvolvida no núcleo (ALUNA F).

Fica nítido nessas falas que o Google é um site muito utilizado por docentes e discentes participantes dos núcleos e grupos de pesquisa. Sabemos que esse é também um site bastante utilizado por indivíduos do mundo todo, não só por agentes educacionais, empenhados na tarefa de construir conhecimentos para a produção acadêmica. Mas sabemos, também, que o simples uso do Google não garante a capacidade de abstração e de reflexão dos agentes – qualidades imprescindíveis ao pensamento crítico e ao processo produção e recepção midiática.

Para que isso se realize, é necessário que os agentes educacionais assumam atitudes mais incisivas, aguçadas e alertas no sentido de alcançar uma compreensão mais ampla dessa sociedade tecnologizada, complexa, contraditória e inundada de transformações, que exercem forte influência no âmbito acadêmico.

A Internet, com suas inúmeras ferramentas, sabemos, vem atraindo alunos e professores. Entretanto, sem saber escolher o que realmente é significativo, sem fazer relações, questionamentos, eles correm o risco de se perderem diante de tantas conexões. O mau uso da Internet em situações de pesquisa para a produção acadêmica, o manejo inadequado dos variados recursos, certamente impossibilita o acesso de informações seguras, que realmente possam contribuir na construção de conhecimentos críticos e de práticas inovadores.

Não podemos, entretanto, afirmar que todos os nossos questionados não estão atentos ao uso mais consciente das tecnologias e, tampouco, que não permanecem abertos às mudanças ocorridas na contemporaneidade. O trabalho realizado no campo educacional, como destacado anteriormente no marco teórico, vem tomando novos rumos cada vez mais extensos, onde as coisas acontecem numa velocidade tão intensa que fica muito difícil para os agentes educacionais dominar o ambiente e ter fluência ilimitada sobre os diversos recursos tecnológicos dos quais fazem uso no cotidiano das suas atividades acadêmicas.

É oportuno ressaltar ainda que, no contexto pesquisado, apreendemos falas de professores que se dizem comprometidos com as atividades de pesquisa e que incentivam os alunos para o uso da Internet, como podemos conferir nos depoimentos que seguem:

Nós, professores do Curso de Serviço Social somos bastante comprometidos com a pesquisa [...] Isso tanto porque o projeto pedagógico do curso sinaliza nesse sentido, quanto porque os professores de Serviço Social têm uma tradição consolidada de pesquisa no curso, nos núcleos estruturados e também um quadro experiente e atuante de pesquisadores (PROFESSORA D).

Os alunos não precisam de incentivo para utilizar Internet, já utilizam. Mas mesmo assim sempre indico um site onde encontrar um texto, uma informação. [...] Nos seminários muitas vezes deixo-os livres para pesquisarem os temas, para acrescentarem novos textos. Eu também disponibilizo material na rede e solicito material da rede, para estimular a criatividade, a iniciativa e o espírito inquisitivo (PROFESSORA B).

Em contraposição, obtivemos dados de alunos que afirmam que não são incentivados pelos professores a utilizar a Internet, para a pesquisa e produção dos trabalhos acadêmicos. A maioria dos alunos afirma que são poucos os professores que os incentivam para o uso da Internet, e que alguns chegam a dizer que o que eles devem usar mesmo são os textos e os livros indicados na bibliografia do plano da disciplina.

Tem professores que até nos incentivam, indicam periódicos científicos que tem credibilidade na área acadêmica, dão dicas de textos, de eventos científicos. Mas tem uns que não só não nos dão nenhum incentivo, como não usam a Internet (a não ser para mandar e-mail) e, às vezes, nem aceitam material retirado da Internet. Eles estão sempre preocupados com o plágio (ALUNA G).

Em minha opinião, há professores que preferem as formas clássicas de estudo e passam essas ideias aos alunos, há outros que disponibilizam sites e links que consideram confiáveis para serem utilizados como referência. Alguns professores não estão totalmente inseridos no mundo midiático. Eu diria que é meio a meio. Alguns incentivam o uso da Internet, mas muitos outros professores preferem deixar textos impressos na Xerox a indicar textos da Internet, são poucos que indicam sites da Internet para a produção de trabalhos acadêmicos. Claro, a biblioteca não pode deixar de existir, mas a biblioteca da UFPI é muito precária, principalmente na área do Serviço Social. Às vezes a gente procura um livro lá e está

esgotado, não tem um exemplar ou, daí a gente tem que correr mesmo é para Internet (ALUNO E).

Nem todos os professores usam a Internet para a pesquisa, ainda preferem a segurança dos livros. Eles utilizam mais a Internet como fonte de comunicação, para envios de e-mails, jornais on-line ou para divulgar algum material de sua autoria. Portanto, recebemos pouco incentivo pra usar para produção dos trabalhos que realizamos (ALUNA D).

Acho que deveríamos ser bem mais incentivados pelos professores a usar a Internet para estudo e pesquisa. Creio que muito deles próprios sabem usar muito pouco os diversos recursos tecnológicos do computador. Os livros e os textos que eles costumam deixar na xerox ainda predominam na indicação de estudo e pesquisa (ALUNA G).

Os depoimentos acima apontam para a desconstrução dos discursos das professoras. A maioria se diz usuária da Internet e afirma incentivar seus alunos. Os alunos, por outro lado, negam isso, sinalizando para a falta de capacidade demonstrada pelas professoras em manusear as ferramentas, o receio delas em deixar para trás o que já dominam e o temor de encarar mudanças, quando já estão numa fase de idade mais avançada. Isso na percepção dos alunos são empecilhos para alguns docentes, no que se refere à concretização de inovações teoricamente vislumbradas.

Contudo, o curioso é que, mesmo dentre aqueles que negam, rejeitam, desconfiam e se dizem poucos usuários da Internet na construção de conhecimento, em outros momentos, acabam por se contradizer, quando deixam escapar que usam a Internet para interações comunicacionais:

Eu, particularmente não uso muito a Internet para produzir meus trabalhos. Uso mais é pra enviar e receber e-mail mesmo. Já o Facebook quase nem uso. Mas sei que é um espaço de contato com o mundo, mas utilizo quase nada. Acho que deveria usar mais para estar interagindo com meus alunos e meus colegas. Na realidade, não gosto de usar internet para entretenimento, conversas prolongadas, namoro. Só uso a internet para as necessidades e as demandas de trabalho (PROFESSORA E).

Nós somos obrigados pela profissão e ainda pela sociedade, pelo tempo histórico que vivemos a buscar conhecimento, a construir novos, aprofundar e até desconstruir. Como? Pela abertura, pela busca, pela paixão pelo conhecimento. Mas meu uso é restrito, uso a Internet somente para troca de informação, para comunicação, mas o

essencial. Na maioria das vezes acesso e-mail, mas raramente retorno, somente quando preciso enviar algum documento (PROFESSORA B).

Assim, diante da interrogação acerca de quais são as novas características presentes nas relações comunicacionais induzidas pela Internet e ainda sobre a percepção que os pesquisados mantêm acerca das práticas de interações que eles vêm tentando construir a partir da circulação dos conteúdos midiático, nos deparamos também com alunos que veem de forma negativa a possibilidade de interação mediada pelo computador, alegando que:

Embora a Internet faça com que você se comunique de qualquer lugar, de qualquer hora e distância, possibilita um contato com os professores, sem a necessidade da presença física. Isso é ruim, pois às vezes pode atrapalhar o contato físico. Acho necessário tirar dúvidas pessoalmente. A Internet muitas vezes nos leva a deturpar o entendimento na explicação e informações sobre o que precisamos saber do professor (ALUNO E).

Observamos, entretanto, que a maioria dos professores e alunos até consegue relacionar algumas características e indicam também algumas práticas de interação que podem ser construídas a partir desse processo de midiatização.

A Internet está cada vez mais presente no cotidiano dos alunos e professores. E em muitos casos tem sido a forma mais geral de comunicação entre a gente e o mundo, sejam por e-mail, através de debate em comunidade, blogs, chats. Enfim, acredito na possibilidade de construirmos formas de interação, mas isso tem que ser de forma coletiva (ALUNO C).

Essas novas tecnologias vêm cada vez mais se tornando um espaço de interação entre as pessoas, com as redes sociais, além da grande quantidade de notícias vinculada via internet atualmente. Portanto, na comunicação atual o uso de Internet é imprescindível. Muitas práticas de comunicação podem ser construídas a partir desse processo. Podemos nos comunicar por meio de Chats, teleconferências, Facebook, MSN, e outras variadas formas de utilização das redes sociais. Mas a gente aqui dentro usa mais é o e-mail. Troco também informações com meus colegas e alunos através do Facebook (PROFESSORA A).

Diante dessas falas, temos que nos reportar à literatura estudada. As transformações sociotécnicas, não se dão somente pela assiduidade da Internet no contexto acadêmico, mas também pelas formas de interação presentes no cotidiano

dos agentes pesquisados. Como vimos nas reflexões teóricas, quando acontece a interação sobre os objetos tecnológicos, eles deixam de ser meros instrumentais e passam a ocupar um lugar central, produzindo e fazendo funcionar uma nova forma de organização social. Temos, então, como afirmam os diversos autores da área, a passagem da sociedade dos meios para a sociedade em processo contínuo de midiatização.

O conceito de midiatização está permeado pelos seus múltiplos aspectos, instituição-meios-atores sociais (VÈRON, 2007). A midiatização deve, então, ser pensada e permeada por variadas dinâmicas, por diversos processos de mediação, compreendendo o conjunto de relações e intersecções em que os dispositivos midiáticos estão inseridos (FERREIRA, 2006). Não devemos pensar em meios, em técnicas isoladas, mas sim, em processos (BRAGA, 2007, FAUSTO NETO, 2006).

Por meio da Internet recebo muitas informações sobre eventos científicos, editais, e análises sobre determinadas políticas e repercussões dela na sociedade civil, o que me ajuda na atualização do que está posto pelo Brasil e mundo afora, bem como me possibilita ter interlocução com outros protagonistas deste processo (PROFESSORA A).

O fenômeno da Internet é muito mais complexo do que a gente pode imaginar. [...] Vivemos na contemporaneidade um processo muito complexo, onde a Internet deve ser pensada além do que uma simples ferramenta, afinal, ela envolve toda a sociedade, todos os diferentes setores estão sendo atingidos, precisamos levar em conta tudo isso (ALUNO E).

Da mesma forma, nos alerta Gomes (2006), aceitar a midiatização como um novo modo de ser no mundo, é aceitar que estamos dentro de uma nova ambiência, o que significa um salto qualitativo no modo de construir sentido social e pessoal. Dentro desse novo ambiente, como já destacado no marco teórico, nossas experiências são cada vez mais permeadas por relações comunicacionais que, em determinado momento, são perpassadas pela mídia, promovendo, assim, novas formas de construção de processos interacionais.

Vivemos numa sociedade em midiatização e essas novas tecnologias vêm cada vez mais se tornando um espaço de interação entre as pessoas, com as redes sociais, além da grande quantidade de notícias vinculada via Internet atualmente. Portanto, na comunicação atual, o uso de Internet é imprescindível, mesmo as

vias tradicionais (rádio, TV, Jornal) utilizam e constantemente citam conteúdos da Internet, quando não a utilizam em tempo real, para a exibição de matérias. [...] Temos que aproveitar da melhor maneira possível às ferramentas da Internet, pois sem elas seria difícil a construção de conhecimentos na produção acadêmica atualmente (ALUNA B).

A Internet é um canal amplo para ser explorado pelo professor e o aluno. As orientações acadêmicas são passadas em sua maioria via Internet, através do e-mail. Mas podemos também, a partir de Chats, Teleconferências, entrevistas via Internet, além das variadas formas de utilização das redes sociais, construir práticas de comunicação (ALUNA G).

A Internet em minha opinião é o canal, hoje em dia, mais rápido e eficiente de interação, além de nos ajudar a manter um registro de bordo [...] Além do mais a Internet oferece um espaço onde podemos convocar reunião do grupo de pesquisa, estar trocando diversas informações com os alunos e outros professores em tempo real. Estar dialogando, trocando textos, produzindo textos com os alunos, eles escrevem manda para que eu possa revisar. Eles produzem uma página, eu outra. Quer dizer, somos nós que fazemos as coisas acontecer e não a técnica por si mesma (PROFESSORA A).

Essa última fala como outras, destacadas abaixo, nos levam também a lembrar, mais uma vez com Miège (2009), a discussão sobre o lugar dos indivíduos nesse processo de midiatização da sociedade. Os indivíduos não são meros receptores, mas são também produtores. Portanto, é preciso se ter em mente que, na construção de trabalhos acadêmicos, a mídia não exerce uma influência persuasiva ilimitada sob os atores educacionais. Na verdade, na relação com a Internet os agentes devem se sentir desafiados e, ao mesmo tempo, confiantes nas suas contribuições e facilidades.

... Nós, agentes educacionais deveríamos realizar uma prática interdisciplinar e interdepartamental e até interinstitucional, reunindo todos os pesquisadores que trabalham com pesquisa no Estado, buscando potencializar ações conjuntas. Acho que este é o trabalho para um futuro próximo, para potencializar ações individuais inclusive (PROFESSORA A).

Nosso grupo de pesquisa utiliza para a comunicação basicamente o E-mail. Mas também utilizamos muito o Facebook para conversa, trocar informações, e também o Skype. Já pensei em criar um blog para circular texto, para postar tudo o que está acontecendo. Mas aqui na UFPI as condições são muito precárias, por uma série de razões, porque primeiro tudo o que você pensa em fazer aqui, tem que fazer sozinha. É tudo muito difícil, não temos apoio tecnológico,

nem tempo, nossa uma carga horária é excessiva. Então, eu nem penso mais nessa história do blog. Tenho uma relação com meus alunos não só pelo E-mail, mas também muito pelo Facebook e pelo Skype (PROFESSORA C).

O conhecimento disponibilizado na rede é volumoso e dependendo do seu tema é possível à realização de diferentes estudos, como por exemplo, realizar um estudo sobre o perfil dos usuários do Twitter; ou ver que tipos de informações mais circulam nos blogs, ou ainda podemos publicar nossos trabalhos na rede, ou seja, colocá-lo à disposição da crítica (ALUNA H).

As percepções coletadas na pesquisa – como descrevemos ao longo desse estudo - nos indicam pistas e fortes indícios que sinalizam a existência, ainda que tímidas de tentativas de construção de interações por meio da Internet já que nossos agentes apontam - de uma maneira ou de outra - para algumas formas comunicacionais potencializadas pela Internet. O que não deixam claro é até que ponto eles percebem que suas práticas de aceitação ou de resistência fazem parte deste quadro.

A Internet potencializa que nós estejamos participando através, por exemplo, de teleconferência de eventos que estão ocorrendo em tempo real em outros espaços, e a gente por questões financeiras ou de outras ordens não poderíamos participar sem ser virtualmente. Eu, já tive a experiência de participar de um evento que estava acontecendo na Itália. Imagina, está lá acontecendo na Itália e nós assistindo daqui do Piauí, isso é uma realidade fascinante, uma perspectiva bastante rica (PROFESSORA A).

Os membros do nosso núcleo usam bastante a Internet. Eu, como coordenadora do núcleo, mando muito matéria via Internet. A Internet possibilita a troca de textos não só entre professor e aluno, mas também entre os próprios alunos. Uns escrevem manda para os outros e pede opinião. Isso é de uma riqueza sem tamanho, uma vez que há uma circulação das informações, uma construção de conhecimento que ultrapassa os limites institucionais. Eu acho que a Interação potencializa o processo de construção de conhecimento e vem facilitando principalmente a partir de dois aspectos: além de você poder interagir, de comunicar, receber os trabalhos de forma mais rápida via e-mail, de poder conversar, trocar informações com os colegas e alunos em tempo real. Eu acho que através da Internet a produção do conhecimento pode acontecer de uma forma nova, diferente [...] Eu costumo enviar e-mail para os outros professores, mando material didático para os alunos, procuro manter contatos além da sala de aula, e, até através dos sites de conversação. De alguma forma os alunos se sentem mais próximos dos professores só em serem aceitos como amigos nesse tipo de site (PROFESSORA F).

Com certeza, a Internet agiliza o processo de produção acadêmica. Nós aqui no nosso núcleo fazemos uso constante da Internet para tudo. Através dela podemos interagir com professores, com os colegas, podemos estar em tempo real em todos os lugares, nos comunicando de uma maneira mágica. [...] É maravilhoso fazer parte dessa realidade encantadora (ALUNA D).

As tecnologias, de modo especial a Internet, são responsáveis pela melhoria do nosso trabalho docente e tem importância significativa nas interações entre a gente. Eu acho que a Internet impõe isso ao mundo e às vidas, estar ausente dessa realidade é deixar de partilhar de algo central que acontece na contemporaneidade, além dos aspectos práticos e instrumentais de trabalho [...] Nossa interação por meio da Internet se dá por troca de e-mail, por troca de textos que estamos elaborando conjuntamente com os profissionais e com os alunos. Cada um lê o texto, faz suas considerações e manda para os outros. Conversamos sobre esses trabalhos por Facebook, trocamos ideias, opiniões, discutindo e incorporando aqui e lá. Tem um projeto pronto mandamos para os membros do grupo via Internet. Marcamos e desmarcamos reuniões. Também nos comunicamos por meio da página do núcleo que temos no ambiente da UFPI, uma paginazinha bem simplória. Então, para construir interação a gente pode fazer tudo isso (PROFESSORA D).

Ao analisarmos tais falas, fica evidente a tendência dos investigados para aceitar a Internet. Tanto docentes como discentes reconhecem o seu grande potencial para o processo educacional e para a construção de conhecimento na produção acadêmica, não obstante as reconhecidas limitações e entraves que prejudicam a troca de informação e uma maior interação entre os pares.

Observamos que a colisão entre a fala e a prática dos agentes investigados é ainda quase uma utopia. Na verdade, limitações contextuais, posturas endeusadoras ou, ao contrário, posturas de negação, de indiferença ou de resistência às mudanças ocasionadas pela Internet, à falta de habilidade técnica, de competências necessárias para um uso reflexivo, crítico, trabalho solitário, sem a dimensão do coletivo, são empecilhos para o desenvolvimento de novas práticas dos agentes investigados em decorrência dos usos e interações por meio da Internet, na produção acadêmica.

Usos inovadores pressupõem estrutura adequada, clima favorável, atitudes positivas, formação de parceria, ou seja, trabalho coletivo e interdisciplinar. Só assim é possível responder historicamente às contradições e ao antagonismo dessa sociedade em processo de midiatização, que tem atingido uma complexidade tão

grande, que bem reduzido é o número de indivíduos capazes de compreendê-la e assimilá-la em toda sua amplitude e em todas as suas projeções.

Sendo assim, se não existe uma percepção crítica, que considere a complexidade da situação e todos os diversos aspectos envolvidos no fenômeno das tecnologias na realidade da educação e da construção de conhecimento na produção acadêmica no contexto das IES, os usos e interações, podemos dizer, estão sendo, conseqüentemente, de referências claras entre o que é produtivo e o que deve ser criticado, ou seja, não é visível ainda a consolidação das práticas nos dispositivos midiáticos em redes digitais.

A situação da realidade de hoje, é, portanto, de transições. Abarca e compreende inúmeros elementos e/ou aspectos infraestruturais, recursos, produtos e potencialidades, num mundo plural, múltiplo e de difícil compreensão. Nesse sentido, a inscrição dos agentes nos processos midiáticos se faz no entre definido pelo descompasso entre o potencial das tecnologias e o potencial humano. O alcance da Internet é muito grande, por outro lado, é pouco compreendido pela maioria dos indivíduos. Entretanto, as inovações tecnológicas e sua influência no cenário das atividades acadêmicas é fato que não se pode negar.

O que postulamos em nossa análise é que, somente superando a visão reificada das tecnologias e realizando atividades construídas e, especialmente, processuais, é que os agentes educacionais poderão se tornar capazes de produzir os efeitos que realmente almejam desses recursos digitais, no intento de romper construir referências práticas, o que significa estabilizar processos com referências em valores, usos e formas de interação reconhecidas como produtivas socialmente.

Caminhando para o final desta reflexão, tomando por base o processo de observação ao longo do percurso, ousaremos no lance de um último olhar - um olhar alternativo - ver além do fatural, enxergar ao longe, estender os horizontes e vislumbrar novas formas de inscrição dos agentes educacionais em processos midiáticos e, conseqüentemente, novas perspectivas de usos e interações na produção acadêmica em tempos de Internet, estabilizadas em práticas.

**CONCLUSÃO: CONSIDERAÇÕES CONSUBSTANCIADAS
SOBRE USOS E INTERAÇÕES NA PRODUÇÃO ACADÊMICA
POR MEIO DA INTERNET: por um olhar alternativo**



*Após o cansaço da busca,
aprendi o encontro. Após afrontar
o vento frontal, navego com todos
os ventos.*

(Friedrich Nietzsche)

Chegando ao final desta labuta investigativa é importante destacar que, consciente da complexidade e dos inúmeros aspectos emaranhados nos processos midiáticos da sociedade contemporânea, torna-se impossível esgotar aqui todas as perspectivas ou dimensões que envolvem o assunto. Muitas, porém, foram as circunstâncias que nos surpreenderam e nos motivaram a refletir sobre o movimento infinitamente maior do que o pensado no início da caminhada.

A cada passo, a cada recuada, de um jeito ou de outro, avançávamos no trajeto, nos aproximando de forma mais segura em direção ao nosso objeto de estudo. Seguindo pelos “Labirintos Sobrepostos,” tentamos no cotejo entre os dados empíricos e os dados teóricos, acionados ao longo do percurso, transformar percepções, inclusive a nossa, de pesquisadora, em diálogo com a percepção e dos nossos interlocutores. Isso sempre no sentido de descobrir na grandeza do percurso novos indícios, novos vestígios, dando a eles o status de significado em uma rede de relações (FERREIRA, 2010c).

Por conseguinte, sem nenhuma intenção de infringir normas ou desobedecer às exigências de sistematização do trabalho científico, procuramos manter, com nosso objeto, uma relação próxima, dialogada e, de certo modo, até desprovida de formalidade, dando ao texto uma leveza na sua apresentação, no intuito de não exibir um produto enfadonho, dogmático e incompreensível aos leitores interessados na temática. Contudo, para alcançar esse fim, não deixamos de nos colocar no movimento ampliado, do abstrato para o concreto, em movimento ascendente para descendente, muito além do imediato. Um movimento empenhado na busca de obter um entendimento mais acurado, mais profundo, sem dicotomização, comprometido com a unidade efetiva entre a multiplicidade de determinações que integram o olhar teórico e o olhar empírico.

As percepções dos agentes educacionais sobre usos e interações com a Internet na produção acadêmica, não se configura como objeto explícito e fácil de ser analisado. Ao contrário, é abrangente e difuso, comportando uma diversidade de elementos fortemente intrincados, capazes de suscitar, instigar o estudo do fenômeno a partir de diferentes ângulos.

Assim, embora, chegando às últimas considerações deste estudo, muitas questões estão a nos inquietar, nos deixando a impressão de que a estrada continua... E que muitas coisas existem ainda a ser desenredadas, até porque a

riqueza de fatos, a diversidade de enfoques e a complexidade são inerentes à atividade de pesquisa.

Munida, entretanto, dos aportes teóricos e metodológicos escolhidos para a construção das linhas de ações e planejamento da pesquisa, orientada também pela a ideia clara e precisa do que pretendíamos abordar, tratamos de ficar acautelada, tentando não nos deixar levar por outros atalhos e acabar nos desviando do que realmente desejávamos investigar. Vale dizer que fizemos o recorte necessário, mantendo o foco do estudo, sem perder de vista os objetivos e propósitos estabelecidos diante da abrangência da temática e das suas inúmeras possibilidades.

Considerando o instigante e incisivo avanço da sociedade em midiatização, nos voltamos para a já mencionada questão: que inovações de usos são observáveis nas interações (inscrição) de docentes e discentes na produção acadêmica em redes digitais? Sempre acompanhada dessa questão-guia, nos propusemos a investigar e argumentar sobre duas processualidades: a de produção e consumo de conhecimento, e a de produção e recepção, em matéria comunicacional, que se chocam no mesmo objeto.

Lembramos, também, que nossa investigação foi tecida em dupla direção: uma para o contexto (considerando as três dimensões, socioantropológica, semiodiscursivo e tecnológica) e outra para os usos, entendendo esses como fenômenos profundamente relacionados e pertinentes à reflexão sobre os variados aspectos presentes na problemática analisada.

A dimensão socioantropológica, certamente, nos revelou pistas, sinais para a compreensão de como são construídas socialmente as percepções dos nossos sujeitos, modos de pensar e agir naquilo que eles verbalizaram sobre o tema investigado. Afinal, cada sujeito tem sua subjetividade, sua maneira peculiar de atribuir sentido aquilo que vivencia. As percepções dos nossos pesquisados estão, portanto, vinculadas às práticas históricas e culturais de cada um deles, ou seja, estão ligadas as suas próprias visões de mundo. Cada sujeito investigado tem a sua própria maneira de encarar e de falar sobre aquilo que fazem com a Internet na construção de conhecimento na produção acadêmica.

Nessa dimensão é fundamental uma reflexão que leve em conta os seguintes aspectos:

- O ambiente de digitalização da instituição é avassalador. Isto porque a força da realidade tecnológica, conectada em tempo real, convoca o campo da educação a entrar também nesse mundo fantástico que a Internet pode proporcionar.

- A instituição, entretanto, mostra-se vacilante em formatos, equipamentos e formações, pois embora as Tic cresçam em importância não se tem no contexto institucional um ambiente ideal de tecnologias, com um número minimamente adequado de equipamentos. Ainda assim, as instituições acabam submetendo seus agentes a entrar nesta “onda digital” sem, contudo, oferecer uma formação de qualidade aos agentes quanto aos usos das diversas ferramentas.

- Os indivíduos, perdidos nesse contexto, disperso e confuso, vão em busca de caminhos como barcos atingidos por uma enxurrada inesperada, que torna insuficiente as suas práticas de navegar, pedindo novas competências e disposições. Assim eles acabam se deparando com sérios entraves, não somente no tocante ao conteúdo e novidades, mas, sobretudo, em relação ao tempo, considerando sua carga horária de trabalho e a falta de habilidades técnicas e de competências para o desenvolvimento de práticas afinadas, precisas e em constante sintonia com a sociedade em midiatização. Tudo isso gera indivíduos desorientados e entornados em várias direções, em busca de acompanhar as constantes inovações.

É justamente esse último lugar, o lócus dos indivíduos, o alvo da nossa pesquisa. É aí onde se pode observar processos passíveis de descrição, que procuramos de forma exaustiva aqui apresentar. É onde pulsa sentimentos ambíguos, diversos, contraditórios, que manifestam a conflitualidade subjacente aos processos de midiatização na era das redes digitais.

Considerando a dimensão semiodiscursivo - entrelaçada às demais dimensões: socioantropológica e tecnotecnológica - compreendemos que a linguagem e toda a sua carga subjetiva são capazes de ser apreendidas nos discursos verbalizados pelos agentes estudados, tornando-se fatores que interferem nas percepções que eles mantêm sobre as interações em redes digitais na produção acadêmica.

Na dimensão tecnotecnológica – como vimos - a tecnologia e as técnicas não são vistas como algo simplesmente técnico, mas como potencializadoras de oportunidades. A produção e a recepção midiática são atravessadas por dispositivos marcados pelo tecnológico, dispositivos estes capazes de afetar as relações entre indivíduos, sociedade e instituição. Isso implica dizer que as tecnologias estão inscritas em processos sócios interacionais e discursivos, que os condicionam, ao mesmo tempo em que incide ao interceder sobre as interações e discursos.

Trabalhando nessa perspectiva, como a procurar agulha em palheiro, tentamos recolher elementos diversos no cruzamento das concepções teóricas sobre o ambiente das tecnologias para a construção do social com as percepções de docentes e discentes. Escolhemos como sujeitos na pesquisa, membros de grupos e núcleos de pesquisa do Curso de Serviço Social da UFPI, investigados na perspectiva dos usos e interações, visando inferir sobre as práticas desses agentes com a Internet na produção acadêmica.

Os diversos passos percorridos, ao longo da rota de busca que nos propusemos seguir, permitem-nos cogitar que alguns importantes resultados apreendidos dessa empreitada. Os pontos mais relevantes e os achados mais expressivos já foram esboçados ao longo do texto, principalmente no quinto e sexto capítulo, onde descrevemos e analisamos, com base nos dados apreendidos no olhar teórico, o contexto do ambiente institucional do caso estudado e as situações de interações dos agentes educacionais, por meio da Internet na produção acadêmica. Vale, entretanto, retomar alguns significativos aspectos para inferências conclusivas. Antes, devemos esclarecer que estas conclusões estão estruturadas seguindo os seguintes termos:

- a) reflexões analíticas visando o diagnóstico da realidade estudada;
- b) prognóstico - projeções sobre o que pode acontecer;
- c) prescrições - sugestões para possíveis soluções dos problemas ocasionados pela situação.

No diagnóstico, buscamos destacar três níveis de reflexão: 1) contexto (ambiente instituição e indivíduos em ação), 2) objetos consolidados (informação, funcionalidades, biblioteca, linhas gerais das interações etc.) e 3) especificidades (tensão entre usos, percepções, rupturas e possíveis práticas).

Vimos que sob a influência das novas tecnologias, o quadro da comunicação no mundo vem sendo reconfigurado de forma intensa. Com o avanço da midiatização sobre a sociedade, a partir da segunda metade do século passado, os meios deixam de ser vistos como instrumentos, passando, então, a ser encarados dentro de um caráter de processualidade. Tais processos repousam no centro do palco histórico da sociedade contemporânea, afetando todos os campos sociais, dando origem às novas formas de interações e de usos, que instabilizam práticas sociais anteriores, sem promessa de uma solução imediata.

Na área da educação as inovações tecnológicas, especialmente, a Internet, reúne um conjunto de elementos facilitadores do processo de ensino – aprendizagem, incrementando a pesquisa, a construção de conhecimento para a produção acadêmica dos agentes educacionais. Quer dizer, a lógica da **midiatização da sociedade** se encaminha para a **midiatização da educação**, que, por sua vez, propicia o que chamamos de **midiatização da produção acadêmica**, que se processa na medida em que o contexto institucional ganha novos suportes a partir do excessivo e incessante avanço tecnológico. A Internet traz, assim, ao espaço da educação, novos desafios, novas demandas, instigando a **inscrição de seus agentes nos processos midiáticos**.

No que concerne ao **diagnóstico**, ao longo do processo analítico, valendo-nos dos sintomas e sinais detectados, observamos a necessidade de se atentar para a importância do contexto tecnológico institucional. É importante lembrar que, embora os dados revelem que os grupos e núcleos de pesquisa averiguados se encontram razoavelmente equipados no que se refere aos móveis, porém, ainda não contam com computadores suficientes e tampouco possuem os recursos necessários à comunicação moderna. Por conseguinte, seus agentes não possuem livre acesso aos meios tecnológicos existentes.

O diagnóstico que realizamos nos permite concluir que as redes digitais se configuram em torno de objetos sociais em processo de condensação:

- a busca de informação e inscrição em fluxos informacionais;
- a resolução de problemas de agendamento e coordenação de ações;
- interações e pesquisa bibliográfica (uma nova biblioteca, online, sempre atualizada).

Essa busca de informação e inscrição em fluxos informacionais é gerada pela necessidade dos agentes educacionais, embora ainda inseguros e despreparados, entrar de forma ativa e participativa nesse atraente mundo das redes digitais que impõe uma nova visão de ensinar, pesquisar e aprender. Nesse sentido, o uso das tecnologias implica estar aberto aos acontecimentos, considerando as potencialidades de mudanças que elas trazem para a educação e as grandes oportunidades que oferecem para a criação de novas alternativas de práticas.

Entretanto, pelos depoimentos obtidos, vimos que o uso dessas tecnologias demanda a resolução de problemas de agendamento e coordenação de ações. Esta assertiva tem como fundamento o fato de que diversas dificuldades são apontadas pelo grupo docente. Uma delas é a falta de infraestrutura da instituição. Outra queixa unânime por parte dos professores foi a de que o uso da Internet no espaço institucional se configura como uma sobrecarga de trabalho, uma vez que, não obstante as vantagens que ela oferece para o ensino e a pesquisa, a Internet também traz mais atribuições, mais exigências no cotidiano do trabalho, o que não cabe na carga horária docente. Isso termina por exigir que os docentes selecionem as atividades cotidianas que devem ser cumpridas e encaminhem apenas às ações que não podem deixar de ser desenvolvidas. Gera-se aí um conjunto de atividades excluídas.

O uso dos recursos midiáticos requer ainda que se concretizem interações entre os agentes educacionais e seja assegurada a possibilidade de pesquisa bibliográfica online, contendo em sua nova forma, temas atuais, informações diversas sobre tudo que acontece no mundo inteiro ou assuntos específicos a uma determinada área do conhecimento.

Nesse sentido, a pesquisa revela que se desenvolvem no ambiente educacional determinados usos que vão se ampliando na medida em que os agentes conseguem acompanhar os ininterruptos passos de evolução das tecnologias, entendendo-as além da relação de ordem técnica, mas inscrevendo a ordem técnica numa relação que possa orientar e produzir novos modos de interpretação do social.

O contexto dos núcleos e grupos de pesquisa do DSS da UFPI, pelo que podemos constatar tanto pelo observado, como pelo manifestado na fala dos sujeitos, é carente de disseminação de uma cultura digital capaz de estimular seus

agentes a busca de novas alternativas de práticas. Alguns dos sujeitos estudados até demonstram desejo de mudanças, mas, ao mesmo tempo, revelam pouco otimismo, no sentido de se engajarem, de forma coletiva, na luta efetiva para tal fim.

E, além disso, percebendo-se impotentes diante da velocidade de transformação causada pela presença marcante das tecnologias no cotidiano do espaço acadêmico, poucos são os pesquisados que conseguem vislumbrar o espaço institucional como um lócus onde se pode refletir de forma mais aprofundada sobre as inovações tecnológicas e suas consequências, no processo educativo e no de produção acadêmica.

Tudo que tivemos condições de observar e constatar ao longo do processo investigativo reforçam estas conclusões:

- As percepções apreendidas nesse estudo revelam que é unânime o reconhecimento do enorme potencial da Internet. Mesmos aqueles que demonstraram certa resistência, paradoxalmente, em outro momento da investigação, admitem recorrer à Internet para a busca de conhecimento nas suas produções acadêmicas e/ou, para fazer contato com outros, docentes e discentes, principalmente via E-mail.

- As manifestações dos sujeitos sobre como efetivamente usam a Internet nos apontam pistas, sinais, vestígios, que deixam entrever tentativas de construção de novas práticas nas interações nesses dispositivos. Os pesquisados, como já delineados, assinalam, especialmente, como formas comunicacionais potencializadas pela Internet:

- A troca de mensagens por E-mail, conversas pelo Facebook e pelo Skype;
- A divulgação de informações diversas e partilhamento de ideias;
- O encaminhamento de atividades e agendamento de reunião;
- A troca de textos e sugestões de leituras;
- A indicação de sites e de links de pesquisas confiáveis;
- A participação de Chats, de teleconferências, de reportagens via Internet, além das variadas formas de utilização das redes sociais;

- A viabilização de contatos com muitos outros espaços de pesquisa, aprimorando a forma de ligação com o mundo, com os avanços do conhecimento e dos acontecimentos locais e mundiais;

Tudo isso, certamente, são modos de práticas midiática-interacional consolidadas e fortalecidas pela Internet que, certamente, trazem inovações dos usos, que podem se consolidar em práticas cotidianas dos agentes no ambiente educacional. Todavia, os dados coletados e analisados, ao longo desse texto, nos permite depreender que, no caso estudado, não se observa transformações solidificadas de práticas interacionais nos usos e interações (inscrição) de docentes e discentes na produção acadêmica em redes digitais. O que existem são ainda tentativas inseguras e acanhadas de novas práticas na medida em os sujeitos investigados não explicitam concretamente até que ponto eles compreendem que seus usos e interações remetem à aceitação ou resistência, se fazem parte de um quadro mais abrangente, que ultrapassa a situação contextual, ou seja, que vai além dos limites e entraves institucionais.

Coerentemente com o diagnóstico acima reafirmado e também com base nas concepções dos autores da teoria acionada, numa perspectiva **prognóstica**, podemos presumir que, juntamente com os novos tempos, novos desafios sempre haverá de se apresentar à sociedade. Novas tecnologias sempre irão aclamar por incidir sobre os usos e interações, com novas formas de ação, tentativas que podem caracterizar uma nova forma de ser dos sujeitos no mundo contemporâneo.

O uso cotidiano de tecnologias quando irrefletido não poderá de forma alguma oportunizar conhecimento capaz de proporcionar soluções positivas para os problemas de desenvolvimento educacional e comunicacional. Na verdade, promove apenas uma mera e infausta dinâmica de usos, suscitando os indivíduos a assumir atitudes deslumbradas e alienadas diante da realidade técnica, portanto, inaptos em relação a basicamente todo o bloco de conhecimento que está em circulação a partir de atividades de circuitos de comunicação interacional.

As tecnologias, acreditamos, sem qualquer perspectiva tecnodeterminista, continuarão sendo constantemente renovadas e cada vez mais potencializarão um ambiente de enriquecimento social e de diversidade cultural, baseado na troca de conhecimentos, de potenciais usos e apropriação criativa da Internet e,

consequentemente, trarão condições concretas para o desenvolvimento de novas interações e de novas ações.

O fenômeno da mídiatização da sociedade por se encontrar em processualidade ainda produzirá muitos impactos no ambiente acadêmico e, por conseguinte, no que aqui chamamos de mídiatização da produção acadêmica. As tecnologias - a Internet em particular - na sua evolução produzirão de forma contínua novos e instigantes desafios aos agentes educacionais, que enquanto atores participantes dessa ambiência vigorizada por esse incessante e interativo fluxo comunicacional, seja por pressão social ou institucional, seja por receio de ficar à parte desse mundo digital, são levados a se inscreverem em dispositivos midiáticos. Ou seria mesmo, como enfatiza uma das docentes pesquisadas, nessa infinita corrida de ratos?

Creemos que isso é o que realmente vai acontecer, a Internet, no contexto acadêmico sempre vai exigir dos docentes uma corrida acelerada na busca de acompanhar as constantes e ininterruptas atualizações das tecnologias. As instituições continuarão a pressionar que estes assumam mais compromissos, além dos inúmeros que a profissão e o dia-a-dia da sala de aula requerem. Isso pode transformar os agentes educacionais em indivíduos confusos, perturbados, conscientes que devem mudar de atitudes, mas sem saber que rumo tomar, sobretudo se não possuírem habilidades técnicas para o uso das ferramentas e competências para o desenvolvimento de práticas conscientes, coletivas, inovadoras e apontadas para a busca de solução dos problemas de natureza material, pessoal e institucional.

Em termos **prescritivos**, enquanto possibilidades “terapêuticas”, podemos dizer que os grupos e núcleos de pesquisa da UFPI - estamos nos referindo aos que aqui foram estudados, constituídos por docentes e discentes do Curso de Serviço Social - podem alcançar seus objetivos e avançar na construção de conhecimento para a produção acadêmica, na medida em que:

- Enfrentem as limitações contextuais da UFPI, se engajando na busca por disponibilidade de espaço físico adequado, compatível com as suas atividades de modo a tornar possível a ambientação dos indivíduos envolvidos;

- Contem com mais recursos humanos e com todo o material geral de expediente necessário ao bom desenvolvimento das atividades de estudo e pesquisa;
- Possam contar também com um mínimo de recursos financeiros da instituição, para à realização de eventos científicos, com a participação de pesquisadores de outros locais;
- Tenham enfim, um efetivo apoio institucional, inclusive, no sentido de abrir um espaço para seus agentes colocarem seus projetos, de forma a alimentar o sistema da Universidade, trocando informações, disponibilizando os trabalhos feitos pelos seus pesquisadores. Com isso, oportunizaria a circulação do conhecimento entre os alunos, professores e comunidade, investindo na visibilidade das pesquisas e proporcionando, ainda, melhores condições para a incorporação dos seus agentes na lógica do dispositivo midiático, estimulando-os a entrar no movimento da processualidade comunicacional.

Acreditando, contudo, que aquilo que destacamos acima só poderá ocorrer se os indivíduos inscritos em dispositivos midiáticos forem “medicados” com uma grande dose de criticidade, coragem, desejo e de ousadia para vencer as inúmeras barreiras: de ordem contextual, institucional e pessoal.

É necessário que os agentes participantes do ambiente educacional se posicionem como indivíduos midiáticos (FERREIRA e FOLQUENING, 2011). Sendo críticos e atuantes, não se deixando levar nem por uma atitude cômoda, resistente, irrefletida, tampouco pelo fascínio e encantamento que as tecnologias exercem, gerando o tecnodeterminismo (MIÈGE, 2009), que na nossa visão caberia o uso do termo “**reificação tecnológica**”.

A reificação no nosso entendimento seria exatamente a ausência de consciência crítica-reflexiva, fazendo as coisas parecer naturais, incontestáveis. Essa limitação analítica das técnicas transforma-as em fetiches, enxergando meramente as perspectivas oferecidas pelas técnicas, sem considerar a realidade de instituições e os indivíduos, as competências e diferenças, que constituem a centralidade do processo de mediação.

A mediação da educação, além de adaptar as instituições pedagógicas ao contexto contemporâneo das tecnologias, tem também como desafio instigar a

inclusão social e o desenvolvimento igualitário dos indivíduos ao acesso à informação, a circulação do conhecimento e o consequente processo de mediação da produção acadêmica.

Os indivíduos tem importância vital nesse processo. Eles são receptores e produtores. Podem ocupar o lugar tipo posturas simplesmente passivas diante das tecnologias, mas, alternativamente, atitudes críticas e interpretativas, embasadas na experiência dos usos, visando novas práticas, capazes de construir conscientemente e coletivamente mecanismos de enfrentamento aos desafios, tanto sociais quanto científicos.

Atendendo a essas prescrições, os problemas poderão ser superados pela visão ampliada e simultaneamente, interessada, minuciosa, profunda e sintética. Se não, como já destacado, corre-se o sério risco de se ter como consequência o 'determinismo tecnológico', (MIÉGE, 2009), ou seja, a visão simplista, coisificada, reificada, portanto, incapaz de vislumbrar as verdadeiras inovações e o papel central dos indivíduos na construção de novas interações e práticas sociais.

Entendemos ser imprescindível que os agentes educacionais encarem as tecnologias da comunicação na perspectiva do movimento dialético da atual realidade midiática, repensando os objetivos educacionais e redefinindo seus papéis nesse palco em constante alteração.

Reconhecemos que a Internet, no novo contexto tecnológico da sociedade mediada, pode certamente trazer mudanças e influir de maneira significativa no processo educacional. Não podemos, entretanto, transformá-la em destino, mas sim, permanecermos cautelosos, em constante estado de vigília, desejando e lutando, de forma coletiva, por todas as boas mudanças que as novas ferramentas comunicacionais podem proporcionar.

É importante, pois, evidenciar que o trabalho isolado de alguns agentes não é suficiente para produzir as inovações desejadas. É preciso parceria, projeto interdisciplinar, junção de força, partilha de interesses, relação de reciprocidade, cooperação, compromisso.

O uso das tecnologias exige dos agentes habilidades – que é aquilo que eles sabem – e uma forte dose de competência – que é a forma como eles vão colocar em prática esse saber. Quer dizer, é preciso que docentes e discentes desenvolvam

habilidades, para o manuseio da técnica em si, e competências que lhes permitam usar as tecnologias além da compreensão reificada, desenvolvendo capacidades para integrar, de forma harmônica e coerente, essas tecnologias às atividades de ensinar, de aprender, de pesquisar e construir conhecimentos necessários à produção acadêmica.

É importante, assim, retomar sob um olhar alternativo, alguns dados levantados durante a análise das categorias deliberadas:

- No que se refere **“ao lugar da Internet no ambiente educacional e na produção acadêmica”**:

Os dados coletados nos leva a inferir que: integrar as tecnologias digitais no espaço educacional se constitui no grande desafio da sociedade contemporânea. Percorremos, hoje, um percurso de transformação da cultura pedagógica para uma cultura midiática. E nesse caminho, surgem grandes e constantes obstáculos e os agentes educacionais têm uma contribuição a prestar no sentido de trazer respostas a esses obstáculos.

Nós, professores, pesquisadores, temos o papel principal. Não somos meros espectadores ou representantes de papéis atribuídos. Construimos e desempenhamos o texto. No novo cenário tecnológico, somos a estrela maior. Nosso papel é analisar todas as questões relacionadas aos processos midiáticos da sociedade contemporânea e propor mudanças positivas para constituição de conhecimento na área.

- Quanto à análise dos dados agrupados na categoria A pesquisa revela que a questão da resistência pouco demonstrada nas falas dos investigados, mas bem visível nas entrelinhas, onde encontramos o não dito ou, como chamamos “discurso mudo”, estão relacionadas tanto a inabilidades para o manuseio das ferramentas como à falta de confiança nas informações veiculadas na Internet. A questão da confiança é um elemento pertinente que mereceu atenção neste estudo, na medida em que cruzou as diversas dimensões do fenômeno examinado. Isto é, apareceu diversas vezes nas percepções dos agentes do caso analisado.

O processo de midiatização potencializa diversas inovações em todos os segmentos sociais numa velocidade assustadora, gerando riscos e incertezas constantes. A Internet tem seu lado encantador, mas tem também um lado

tenebroso, onde se instala receios e falta de confiança. Repetimos: a falta de habilidade - de domínio técnico, a resistência - o medo do desconhecido, comportamentos tecnófobos - aversão à tecnologia e às novidades, o temor de reaprender e a comodidade se configuram em obstáculos o aumento da confiança dos agentes educacionais na Internet.

Na sociedade em midiatização, o risco, a incerteza, o medo e a desconfiança são produtos oriundos, consequências secundárias das próprias formas dos agentes compreender essa processualidade e a complexa sociedade contemporânea. É preciso conviver com isso, mas, sem esquecer que a confiança é algo que se conquista com a força de ação conjunta no enfrentamento dos problemas cotidianos.

● Em relação aos **modos efetivos de usos e perspectivas de práticas de interação por meio da Internet na produção acadêmica:**

Depreendemos que os respondentes usam a Internet para busca de materiais bibliográficos, para localizar informações sobre o tema em estudo, para a comunicação e troca de informações entre eles, através, principalmente, de E-mail e das redes sociais como o Facebook.

É inegável o papel dos recursos tecnológicos da atualidade como força mobilizadora de inovações em todos os campos sociais. A relevância do debate se dá exatamente nesse aspecto. A reflexão crítica sobre as tecnologias e o reconhecimento dos fenômenos negativos que as envolvem não pretende, desse modo, destituí-las de seus valores, mas pensar suas possibilidades, a partir das suas mais marcantes obscuridades, contradições e antagonismos.

Essa é a tarefa imposta aos agentes educacionais, em relação aos usos e interações com a Internet no ambiente educacional: assumir o sentido histórico da comunicação, rompendo com a reificação tecnológica e encarando esse intenso e poderoso processo de midiatização da educação de forma reflexiva, ponderada e participativa.

É, portanto, a forma como agentes encaram e se posicionam na realidade das tecnologias que favorece novos modos de usos e interações com a Internet, muito além da mera "recepção midiática", acionada pelo tecnológico. É exatamente essa limitação que deve ser superada, a compreensão da tecnologia como algo desligado

da esfera de análise social, permeada pelos sentimentos de encantamento, apropriação, identificação, resistência, desconfiança, rejeição etc. (MIÈGE, 2009).

Acreditamos que estas ações estratégicas, de curto, médio e longo prazo, podem, certamente, trazer efetivas contribuições para garantia dos direitos à cidadania, para aquisição de um contexto institucional mais adequado às atividades de ensino, estudo e pesquisa. E assim sendo, torna-se cada vez mais preciso “deletar” o comodismo, conectar-se com as habilidades, competências, com a coragem e a criatividade para produzir práticas capazes de abrir espaços a novas totalizações, em completa sintonia com o nível de desenvolvimento das tecnologias.

No entanto, tudo isso só poderá ocorrer se o uso da Internet for orientado por uma filosofia de ação movida pela busca de uma formação continuada, voltada para a atualização constante do conhecimento. Uma formação realmente apta à valorização da pessoa humana e a sua habilitação para participar ativamente de um mundo complexo e em constante mutação.

Ademais, devemos lembrar que a inscrição dos agentes educacionais nos processos midiáticos deve necessariamente passar pelo exame minucioso de uma visão ampliada da midiatização enquanto questão social, considerando todas as suas consequências de ordem social, política, econômica, comercial e tecnológica. Essa inscrição deve, pois, ser acompanhada por um ilimitado estado de vigilância crítica em torno de seus impactos e domínio cada vez maior na vida em sociedade.

Os vários dados apreendidos e analisados neste estudo reforçam a nossa compreensão de que a **reificação tecnológica** produz insegurança, conflito, tensões, riscos e incertezas, o que exige dos agentes educacionais reflexão e maturação intelectual e emocional. Caso contrário, acabam tornando-se alheios à realidade que os circunda, inaptos, portanto, para enxergar as verdadeiras inovações da sociedade e assumirem uma posição de agente ativo na construção de novas interações e novas alternativas de práticas sociais.

Enfim, podemos dizer que a decisão de analisar a inscrição dos agentes educacionais nos processos midiáticos foi movida pelo interesse de dar visibilidade a presença e a influência das mídias e das inovações tecnológicas na midiatização da educação, especificamente, no que aqui propomos chamar de “**midiatização da produção acadêmica**”. Quisemos chamar à atenção para o uso crítico-reflexivo das

tecnologias, como meio de que dispõe os agentes educacionais para transmitir informações, dialogar, partilhar experiências, discutir, debater sobre temas diversos, apresentar desafios, expor reflexões e situações-problemas e construir de forma interativa conhecimentos para a produção de trabalhos acadêmicos no contexto das suas instituições pedagógicas. Isso, certamente, compreendendo os variados aspectos que estão entrelaçados a midiaticização da sociedade, desvendando as contradições e o antagonismo que marcam a realidade atual das tecnologias, impedindo a proliferação das condições propícias aos danosos produtos da reificação tecnológica que dificultam a construção de novas e efetivas alternativas de práticas.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Luiz Botelho. Cultura e educação escolar. In: *Formação humana: liberdade e historicidade.*/ Ercília Maria Braga (org). Fortaleza: Editora UFC, 2004.

ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini de. *Educação a Distância na Internet: abordagens e contribuições dos ambientes digitais de aprendizagem*, Disponível em: <<http://sergiogaudencio.blogspot.com.br/2007/05/educacao-distancia-na-internet-abordagens.html>> Acesso em: 13 Nov. 2012.

ANTUNES, Celso. *Como transformar informações em conhecimento*. 4. ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2001.

ARANGUIZ, Dandara F.; COSTA, Daiane dos Santos; SILVA, Carolina M.; BRIGNOL Liliane Dutra. *Usos da Internet na Experiência Migratória: análise de Web-diaspóricas*. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2011/resumos/R6-2516-1.pdf>>. Acesso em: 25 Out. 2012.

BRAGA, José Luiz; CALAZANS, Maria Regina Zamith. *Comunicação e educação: questões delicadas na interface*. São Paulo: Hacker, 2001.

BRAGA, José Luiz. *Aprendizagem versus educação na sociedade mediatizada*. Geraes. Estudos em Comunicação e Sociabilidade, Minas Gerais, n.53, p. 26-39, 2002.

_____. *A Sociedade enfrenta sua mídia: dispositivos sociais de crítica midiática*. São Paulo: Paulus, 2006.

_____. *Mediatização como processo interacional de referência*. In: *Livro da XV Compós: Imagem, visibilidade e cultura midiática*. Ana Silvia Lopes Davi Médola; Denize Correa Araújo; Fernanda Bruno (orgs). Porto Alegre: Sulinas, 2007.

_____. *Pesquisa em Comunicação: método como tomada de decisões*. Inédito. Apresentado no V Seminário Interprogramas da Compós. São Paulo: PUC/SP, 2008.

_____. *A política dos internautas é produzir circuitos*. São Leopoldo, 2011a.

_____. *Dispositivos interacionais*. Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Epistemologia da Comunicação, do XX Encontro da Compós, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, de 14 a 17 de junho de 2011b.

_____. *Mediatização: a complexidade de um novo processo social*. *Entrevista concedida a IHU On – Line*. Disponível em: www.ihuonline.unisinos.br. Acesso em: 14 de abr.2012.

BERGER, Peter L. ; LUCKMANN, Thomaz. *A Construção Social da Realidade: livro sobre a sociologia do conhecimento*. Lisboa: Dinalivro, 1999.

BOZATSKI, Maurício Fernando; MIQUELIN. Awdry Feisser. *Usuários-leigos: conhecimento, criticidade e poder*. Disponível em: <<http://www.epsjv.fiocruz.br/beb/periodicos/mfn9383>. Acesso em: 23 de Abr. 2013.

CALIPO, Valéria Calipo. *Juventude e a Era da Internet: integração e interação*. Disponível em: <http://ibict.metodista.br/tedeSimplificado/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=1834> Acesso em: 13 Dez. 2012.

CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede- a era da informação: economia, sociedade e cultura*. (tradução de Roneide Venâncio Majer). São Paulo: Paz e Terra, 1999.

_____. *A galáxia da Internet: reflexões sobre internet, os negócios e a sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

CUNHA, Maria Isabel da. *O bom professor e sua prática*. Campinas/SP: Papyrus, 1994.

D'ANDRÉA, Carlos Frederico de Brito; PUGAS, Carlos Henrique dos Santos; SANTOS, Aleska dos. As ferramentas da internet e interação social: usos e apropriações por jovens de uma faculdade particular brasileira. IV Congresso ONLINE del Observatório para la CiberSociedad. Disponível em: <<http://www.cibersociedad.net/congres2006/gts/comunicacio.php?id=611&llengua=en>> Acesso em: 10 Abr. 2012.

DELMONDES, Félix. Uso Da Ferramenta Blog como Rede de Interação para Socialização e Construção de Conhecimento. Disponível em: <http://www.anated.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=304:o-uso-de-blog-como-ferramenta-educacional-de-comunicacao-e-interacao&catid=53:artigos&Itemid=192.> Acesso em: 05 Nov. 2012.

DIRETÓRIO DOS GRUPOS DE PESQUISA DO BRASIL- CNPq. Disponível em: <<http://dgp.cnpq.br/diretorioc/html/infogeral/index.html>> Acesso em: 15 Jun. 2013.

FAUSTO NETO, Antônio. *Midiatização: prática social, prática de sentido*. UNISINOS. PPGCC, 2006. Texto Rascunho.

_____. Disciplina “*Processos Midiáticos*” da Pós-Graduação em Ciência da Comunicação no Curso de Doutorado Interinstitucional-DINTER/UNISINOS/UFPI. Teresina: 2010 (notas em sala de aula).

_____. A midiatização produz mais incompletudes do que as completudes pretendidas, e é bom que seja assim. *Entrevista concedida a IHU On – Line*
Disponível em:

<http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=2479&secao=289>. Acesso em: 10 de Out, 2013.

_____. *Midiatização e processos sociais na América Latina*. São Paulo: Paulus, 2008.

FERREIRA, Jairo. *Uma abordagem triádica dos dispositivos midiáticos*, Líbero (FACASPER), v. 1, p.1-115, 2006.

_____. Hipótesis sobre La abducción em el enredo de las argumentaciones. *La Trama de la Comunicación*, v. 14, p.1-15, 2010a.

_____. Dos objetos separados à circulação midiática como questão comunicacional. In: *Midiatização e processos sociais: aspectos metodológicos/ Antônio Fausto Neto...* (et. al.) organizadores. – Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2010b.

_____. *Labirintos Sobrepostos: uma hipótese sobre o método na pesquisa empírica* texto estudado durante o seminário “Aportes Metodológicos”, ministrado pelo autor em Teresina: dezembro de 2010c.

FERREIRA, Jairo. ; FOLQUENING, Victor. *O indivíduo e o ator nas brechas da midiatização: contrabandos em espaços conjuminados*. Artigo parte da pesquisa Matrizes epistemológicas do campo da comunicação nas investigações sobre midiatização, CNPq/CAPES/FAPERGS – UNISINOS, 2011.

FRANÇA, Vera Veiga; et. al. *Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências*. Petrópolis: Vozes, 2001.

FUENTES, Raúl; LOPES, M.M. (comps) *Comunicación, campo y objeto de estudio/perpectivas reflexivas latinoamericanas*. Guadalajara, México: ITESO, Univ. Guadalajara, 2001.

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS- FGV. *Mapa da Inclusão Digital*. Coordenação Marcelo Neri. - Rio de Janeiro: FGV, CPS, 2012. Disponível em: http://www.cps.fgv.br/cps/bd/mid2012/MID_sumario.pdf Acesso em: 10 de Abr. 2013.

GOMES, Pedro Gilberto. *Tópicos de teoria da comunicação*. São Leopoldo: Unisinos, 1997.

_____. A midiatização, um processo social. In: *Filosofia e ética da comunicação na midiatização da sociedade*. São Leopoldo: UNISINOS, 2006.

GIDDENS, A. *As consequências da modernidade*. São Paulo: UNESP, 1991.

THIRY- CHERQUES, Hermano Roberto. Pierre Bourdieu: a teoria na prática/Pierre Bourdieu: the theory in practice. In: *Rev. Adm. Pública*. vol. 40 n.1 Rio de Janeiro Jan. /Fev. 2006. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-76122006000100003. Acesso em: 18 de Mar. 2013

KOSIK, Karel. *Dialética do Concreto*. Trad. Célia Neves e Alderico Tobias. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra 1976.

LAHIRE, Bernard. *Homem plural: os determinantes da ação*. Tradução de Jaime A. Clasen. Petrópolis/RJ: Vozes, 2002.

LEMOS André. *Cibercultura, tecnologia e vida social na cultura contemporânea*. Porto Alegre: Sulina, 2002.

_____. *Cibercultura, Cultura e Identidade*. Disponível em: <<http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/andrelemos/copyleft.pdf>> Acesso em: 29 Jan. 2013.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999.

_____. *As novas tecnologias da inteligência*. São Paulo: Editora 34, 2000.

_____. *A inteligência coletiva*. São Paulo: Loyola, 2003.

MACEDO, Maria de Fátima Uchoa de Castro. *A Internet na universidade brasileira*. Teresina: EDUFPI, 2005.

MALDONADO, A. Efendy. A perspectiva transmetodológica na conjuntura de mudança civilizadora em inícios do século XXI. In: *Perspectivas metodológicas em comunicação: desafios na prática investigativa*. João Pessoa: UFPB, 2008.

MCLUHAN, Marshall. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. São Paulo: Cultrix, 1969.

MARQUES, Rodrigo. *Risco, confiança e uso de Internet: um estudo qualitativo*. Rio de Janeiro: UFRJ/ IFCS, 2007. Dissertação de Mestrado, 2007, 165f.

MARQUES DE MELO, José. *Teoria da Comunicação: paradigmas Latino-Americanos*. Petrópolis: Vozes, 1998.

MARTÍN BARBERO. *Dos meios às mediações*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

MARTINS, Francisco Eduardo Menezes. *Informação e cultura no tempo das redes*. In: *Tendências na comunicação*. Porto Alegre: L&PM, 1998.

MEDEIROS, Amanda; COELHO, Diana. *Conferências de Comunicação do RN: uma análise do uso da Internet em seus processos de construção* Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/sis/2010/resumos/R5-1398-1.pdf>.> Acesso em: 10 Jan. 2013.

MIÈGE, BERNARD. *A sociedade tecida pela comunicação: técnicas da informação entre inovações e enraizamento social*. Tradução Florence Trazet. São Paulo: Paulus, 2009.

_____. *Entrevista concedida ao Centro Internacional de Semiótica e Comunicação*. Disponível em: < www.ciseco.org.br > Acesso em: 26 de Mai., 2012.

MORAES, Silvia E. Currículo, transversalidade e pós-modernidade. In: *Escola e universidade na pós-modernidade*. Campinas - São Paulo: Mercado de Letras-Fapesp, 2000.

MORAN J. M; MASETTO, M. T.; BEHRENS, M. A. *Novas tecnologias e mediação pedagógica*. Campinas/SP: Papyrus, 2000.

_____. *Mudar a forma de ensinar e aprender com tecnologias: transformar as aulas em pesquisa e comunicação presencial e a distância*. Disponível em: < www.eca.usp.br> Acesso em: 11 Jan. 2012a.

_____. *A Internet na educação*. Entrevista concedida ao portal Educacional. Disponível em: < www.eca.usp.br >. Acesso em: 21 de Abr. 2012b.

MORIN, Edgar. *As duas globalizações*. Porto Alegre: Edipucrs, 2002.

_____. *Introdução ao pensamento complexo*. 4. ed. Porto Alegre: Sulina: 2011.

NASCIMENTO, Raimundo Benedito do. *Tecnologia da informação na educação: relato de uma investigação*. In: *Fiat lux em educação*. / Wagner Bandeira Andriola e Brendan Coleman Mc Donald (orgs.) et.al. Fortaleza Editora da UFC, 2003.

NOVA, Cristiane; ALVES, Lynn. *A comunicação digital e as novas perspectivas para a educação*. Disponível em: <www.lynn.pro.br/admin/fi> Acesso em: 10 de Abr. 2012.

OLIVEIRA, C. C.; COSTA, J. W. ; MOREIRA, M. *Ambientes informatizados de aprendizagem: produção e avaliação de software educativo* Campinas/SP: Papyrus, 2001.

OLIVEIRA, Neivaldo Lucio Rosa de. *A Internet criando espaço digital de aprendizado no ensino superior*. Disponível em: <http://meuartigo.brasilecola.com/educacao/a-internet-criando-espaco-digital-aprendizado-no-ensino-.htm>. Acesso em: 20 de Mar.2012.

OLIVEIRA, Bruna Landgraff de; FERNANDES, Nathalie Rosas; PLATINETTI Giovana Pizzano. *Algumas Considerações Sobre a Utilização da Internet no Processo de Transformação da Informação em Saber na Sociedade do Conhecimento*. Disponível em: http://www.aunirede.org.br/portal/Arquivos/Informe/Artigos/Consideracoes_sobre_internet.pdf. Acesso em: 26 Mai. 2012

OLIVEIRA FILHO, Vicente Henrique de. *As Novas Tecnologias e a Mediação do Processo Ensino Aprendizagem na Escola*. Disponível em: http://www.ufpi.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/VI.encontro.2010/GT.17/GT_17_03_2010.pdf. Acesso em: 20 Out. 2011.

OSTROM, E. ; WALKER, J. Introduction. In: OSTROM, E. ; WALKER, J. (orgs.) *Trust and reciprocity*. New York: Russel Sage, 2003.

PEREIRA, Elizabete Monteiro de A. *Pós-Modernidade: desafios à universidade*. In: Escola e universidade na pós-modernidade. Campinas - São Paulo: Mercado de Letras-Fapesp, 2000.

PERRENOUD, Philippe. *Dez novas competências para ensinar: convite à viagem*. Porto Alegre: Artmed, 2000.

PONTES, Cristina. *Jovens e Internet: discutindo divisões digitais*. Disponível em: <<http://www.cost-transforming-audiences.eu/node/229>>. Acesso em: 06 de Fev. 2013.

PROULX, Serge «Usages de l'Internet: la "pensée-réseaux" et l'appropriation d'une culture numérique», in Eric Guichard, éd., *Comprendre les usages de l'Internet*. Paris: Éditions Rue d'Ulm, ENS, 2002.

_____. *Web social: mutation de la communication*. Florence Millerand e Julien Rueff (coord.). Quebeque, Presses de l'Université du Québec, 2010.

PROGRAMA GESAC: *olhares e espaços sobre a inclusão digital no Espírito Santo* Disponível em:< <http://br.monografias.com/trabalhos/gesac-inclusao-digital-espirito-santo/gesac-inclusao-digital-espirito-santo.shtml>> Acesso em: 10 de Abr. 2013.

RAMAL, Andrea Cecília. *Educação na cibercultura: hipertexto, leitura, escrita e aprendizagem*. Porto Alegre: Artemed, 2002.

REZENDE, Pedro Antônio Dourado. *Risco, confiança e responsabilidade numa rede global e aberta*. www.cic.unb.br/~pedro/trabs/risco.html. Acesso em 13 de Jan. 2012.

RICARTE, Marcos. *O melhor marketing das Ponto COM*. Disponível em: <www.pauloangelim.com.br/artigos3_43.htm>. Acesso em: 21. Dez. 2011.

RODRIGUES, Lylian Caroline Maciel. *A Construção de Conhecimento em Dispositivos Midiáticos: investigação em escolas públicas*. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&o_obra=98593>. Acesso em: 18 Mar. 2013.

RODRIGUES, Elza. *Exclusão Digital: grande desafio do século XXI*. Disponível em: <<http://www.aprendelo.com.br/news/exclusao-digital-grande-desafio-do-seculo-xxi-5342.html>>. Acesso em; 11 de abr. 2013.

ROCHA, Natália de Andrade. *Eles Não São Classe Média: a informação como fator de distinção entre as classes*. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/navegacaoDetalhe.php?option=trabalho&id=49654>>. Acesso em: 18 de Mar.2013.

SANNA, Thereza Christina Friche. *O Uso do Blog como Ferramenta Educacional de Comunicação e Interação*. Disponível em: <<http://www.slideshare.net/rositalima/dissertacao-rosita-imprimir>>. Acesso em: 02 Mai. 2013.

SÊGA, Christina Pedrazza. *Sociedade e Interação: um estudo das diferentes formas de interagir*. Brasília, Editora da UNB, 2011.

SCHIEL, Cenidalva Miranda de Sousa Teixeira Ulrich. *A Internet e seu Impacto nos Processos de Recuperação da Informação*. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielophp?script=sci_arttext&pid=S0100>. Acesso em: em: 18 Mar, 2013.

SILVA, Mozart Linhares da, *A urgência do tempo: novas tecnologias e educação contemporânea*. In: *Novas tecnologias: educação e sociedade na era da informação*./organizado por Mozart Linhares da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

SILVA, Bruna de Lima. *O Uso da Internet na Comunicação Comunitária*. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2011/expocom/EX25-01311.pdf>>. Acesso em: 02 Mai. 2013.

SILVERSTONE, Roger. *Mediação*. In: *Porque estudar a mídia?* São Paulo: Loyola, 2002.

SODRÉ, Muniz. *O ethos midiaticizado*. In: *Antropológica do espelho: por uma comunicação linear e em rede*. Petrópolis: Vozes, 2002.

_____. *Eticidade, campo comunicacional e midiaticização*. In: MORAES, Dênis (Org). *Sociedade midiaticizada*. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

SOUZA, Luciano Simões. *A Educação pela Comunicação como Estratégia de Inclusão Social: o caso da escola interativa*. Disponível em:

<<http://www.centroruibianchi.sp.gov.br/usr/share/documents/LucianoSimoedeSouza.pdf>> Acesso em: 02 Mai. 2013.

TAJRA, S. F. *Informática da educação: novas ferramentas pedagógicas para o professor na atualidade*. 3. ed. São Paulo: Érica, 2001.

THIRY-CHERQUES, Hermano Roberto. Pierre Bourdieu: a teoria na prática/Pierre Bourdieu: the theory in practice. In: *Rev. Adm. Pública* vol.40 n.1 Rio de Janeiro Jan./Fev. 2006. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-76122006000100003 Acesso em 18 Mar. 2013.

THOMPSON, John B. Para uma teoria social da comunicação de massa. In: *Ideologia e cultura moderna: teoria social na era dos meios de comunicação de massa*. Petrópolis/RJ: Vozes, 1995.

_____. *A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia*. 12. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

TIJIBOY, Ana Vilma. As novas tecnologias e a incerteza na educação. In: *Novas tecnologias: educação e sociedade na era da informação*. Mozart Linhares da Silva (org.). Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

UFPI - Universidade Federal do Piauí. Conselho de Ensino Pesquisa e Extensão. *Resolução N° 106/09*. Teresina, 09 de junho de 2009.

_____. *Pesquisa/ Núcleos Relacionados*. Disponível em: <<http://www.ufpi.br/page.php?id=56>> Acesso em: 30 Dez. 2012.

_____. *Manual dos sistemas Sig*. Disponível em: <<http://ufpi.br/nti/index/pagina/id/4941>> Acesso em: 20 Fev. 2013.

VERÓN, Eliseo. *Esquema para el análisis de La mediatización*. Diálogos de la comunicación, n. 48, Lima: FELAFACS, 1997.

WINKIN, Ives. O e-mail não é um telégrafo: NTIC e aprendizagens sociais. In: _____. *A nova comunicação: da teoria ao trabalho de campo*. Campinas-SP: Papyrus, 1998.

APÉNDICES

APÊNDICE A

ROTEIRO DE ENTREVISTA (DOCENTES / DISCENTES)

- 1- Percepções sobre a importância das redes digitais, de modo especial da Internet na sociedade em midiatização e as inovações que potencializam;
- 2- O papel da Internet na área educacional;
- 3- O contexto acadêmico do diretório dos grupos de pesquisa da UFPI e as condições concretas dos grupos ou núcleos de pesquisa do Departamento de Serviço Social para o uso da Internet na produção acadêmica;
- 4- Habilidade ou não habilidades em relação às ferramentas comunicacionais da tecnologia moderna, especialmente em relação à Internet;
- 5- Pontos positivos e negativos da Internet na interação comunicacional entre os membros dos núcleos e grupos de pesquisa e na busca de conhecimento para a produção dos trabalhos acadêmicos;
- 6- Modos efetivos e intensidade de uso da Internet na busca de conhecimento para a produção acadêmica no cotidiano das atividades dos grupos ou núcleos de pesquisa
- 7- Construções de novos conhecimentos e novas perspectivas de práticas de interação a partir da circulação dos conteúdos midiáticos da Internet

APÊNDICE B

QUESTIONÁRIO / DOCENTES

NOTA EXPLICATIVA:

Estou desenvolvendo minha pesquisa de Doutorado em Ciência da Comunicação (DINTER UFPI/UNISINOS) - cujo objetivo é aprender e analisar como ocorre a inscrição de docentes e discentes nos processos midiáticos, tencionando investigar usos e contexto, a partir dos discursos que os agentes educacionais mantêm sobre as interações construídas com a Internet na produção acadêmica, para inferir sobre as práticas. Para isso, estou aplicando com docentes do DSS da UFPI, coordenadores e subcoordenadores dos núcleos e grupos de pesquisa e discentes de Serviço Social, participantes desses núcleos ou grupos, este questionário misto. Por favor, responda todas as questões colocando X nas questões fechadas e emitindo sua opinião nas questões abertas. É importante ressaltar que seu nome não será revelado e que os dados aqui apreendidos serão utilizados apenas para fins da pesquisa.

Muito obrigada!

SEÇÃO 1 - DADOS SOBRE A CARACTERIZAÇÃO DOS SUJEITOS E DO CONTEXTO DOS NÚCLEOS E GRUPOS DE PESQUISA OBSERVADOS

1- Nome: _____

2- Idade aproximada:

() de 35 a 40 anos () de 40 a 45 anos

() de 45 a 50 anos () mais de 50 anos

3- Sexo:

() masculino () feminino

4- Qual o núcleo ou grupo de pesquisa que você participa?

5- Tipo de participação:

() coordenador () subcoordenador

6- Como vocês se organizam e qual a intensidade de encontros entre os participantes?

7 - Como é o contexto acadêmico do Diretório dos Grupos de Pesquisa da UFPI e as condições concretas dos grupos e núcleos do Departamento de Serviço Social para o uso da Internet na produção acadêmica? Ou seja, na sua percepção, quais são

condições concretas do seu núcleo (ou grupo) de pesquisa? O que tem e o que falta?

8- Aponte algumas características do seu núcleo ou grupo de pesquisa e algumas sugestões para haver mudanças na realidade do ambiente de seu núcleo ou grupo de pesquisa?

SEÇÃO 2 - DADOS SOBRE O TIPO DE INSCRIÇÃO - USOS EFETIVOS E INTERAÇÕES EM REDE.

1-Você costuma usar a Internet na produção de seus trabalhos acadêmicos

() muito () pouco () raramente () de jeito nenhum

2- Que motivações você tem para o uso da Internet?

3 – Como você usa concretamente a Internet na produção acadêmica?

4- No que se refere às habilidades necessárias para produzir trabalhos acadêmicos com a utilização corretas das diversas ferramentas da Internet você se sente:

() muito habilitado () pouco habilitado () mais ou menos () sem nenhuma habilidade

5 - Marque com 1, 2, 3,4 - por ordem de importância) - a forma como você mais utiliza a Internet:

() como instrumento de pesquisa e estudo () para obtenção de informações gerais() para entretenimento () como instrumento de comunicação

6- Dos vários recursos e serviços oferecidos pela Internet qual o mais utilizado por você? (exemplo: Google, Google acadêmico, revistas online, sites de grupos de pesquisa, outros). Por quê?

SEÇÃO 3 - DADOS SOBRE AS PERCEPÇÕES DESSES USOS E INTERAÇÕES NO AMBIENTE EDUCACIONAL E NA PRODUÇÃO ACADÊMICA

1-De forma geral, que percepções você mantém sobre o papel das redes digitais, especialmente, da Internet?

2- Que percepções você tem sobre o lugar da Internet no ambiente educacional?

3- Que importância você atribui a Internet na produção acadêmica do seu núcleo ou grupo de pesquisa?

4- Na sua percepção quais são os principais aspectos positivos e negativos que ocorreu no ambiente educacional e na produção acadêmica a partir dos usos e interações com a Internet?

5- Você acha que incentiva seus alunos a usar a Internet? Como? Por quê?

SEÇÃO 4 - DADOS SOBRE AS TRANSFORMAÇÕES QUE OCORREM A PARTIR DAS ROTINAS DE USOS E DAS PERSPECTIVAS DE NOVAS PRÁTICAS INTERACIONAIS
--

- 1- Costuma conversar, trocar informações pela Internet com os colegas e alunos participantes de seu núcleo ou grupo de pesquisa? () Por quê?
- 2- Se sim, que ferramenta você mais utiliza (exemplo: e-mail, MSN, Orkut, Facebook, etc.)?
- 3- Na sua percepção, você pode construir novos conhecimentos a partir da circulação dos conteúdos midiáticos da Internet? Por quê? Como? Até que ponto a Internet é um lugar pertinente para a produção de conhecimento para a produção acadêmica?
- 4- Concretamente, que novas práticas de interação comunicacional você aponta como decorrente principalmente dos usos e interações que você mantém com Internet na produção acadêmica?

APÊNDICE C

QUESTIONÁRIO / DISCENTES

NOTA EXPLICATIVA:

Estou desenvolvendo minha pesquisa de Doutorado em Ciência da Comunicação (DINTER UFPI/UNISINOS) - cujo objetivo é aprender e analisar como ocorre a inscrição de docentes e discentes nos processos midiáticos, tencionando investigar usos e contexto, a partir dos discursos que os agentes educacionais mantêm sobre as interações construídas com a Internet na produção acadêmica, para inferir sobre as práticas. Para isso, estou aplicando com docentes do DSS da UFPI, coordenadores e subcoordenadores dos núcleos e grupos de pesquisa e discentes de Serviço Social, participantes desses núcleos ou grupos, este questionário misto. Por favor, responda todas as questões colocando X nas questões fechadas e emitindo sua opinião nas questões abertas. É importante ressaltar que seu nome não será revelado e que os dados aqui apreendidos serão utilizados apenas para fins da pesquisa.

Muito obrigada!

SEÇÃO 1 - DADOS SOBRE A CARACTERIZAÇÃO DOS SUJEITOS E DO CONTEXTO DOS NÚCLEOS E GRUPOS DE PESQUISA OBSERVADOS

1- Nome: _____

2- Idade aproximada:

() de 35 a 40 anos () de 40 a 45 anos

() de 45 a 50 anos () mais de 50 anos

3- Sexo:

() masculino () feminino

4- Qual o núcleo ou grupo de pesquisa que você participa?

5- Tipo de participação:

() coordenador () subcoordenador

6- Como vocês se organizam e qual a intensidade de encontros entre os participantes?

7 - Como é o contexto acadêmico do Diretório dos Grupos de Pesquisa da UFPI e as condições concretas dos grupos e núcleos do Departamento de Serviço Social para

o uso da Internet na produção acadêmica? Ou seja, na sua percepção, quais são condições concretas do seu núcleo (ou grupo) de pesquisa? O que tem e o que falta?

8- Aponte algumas características do seu núcleo ou grupo de pesquisa e algumas sugestões para haver mudanças na realidade do ambiente de seu núcleo ou grupo de pesquisa?

SEÇÃO 2 - DADOS SOBRE O TIPO DE INSCRIÇÃO - USOS EFETIVOS E INTERAÇÕES EM REDE.

1-Você costuma usar a Internet na produção de seus trabalhos acadêmicos

() muito () pouco () raramente () de jeito nenhum

2- Que motivações você tem para o uso da Internet?

3 – Como você usa concretamente a Internet na produção acadêmica?

4- No que se refere às habilidades necessárias para produzir trabalhos acadêmicos com a utilização corretas das diversas ferramentas da Internet você se sente:

() muito habilitado () pouco habilitado () mais ou menos () sem nenhuma habilidade

5 - Marque com 1, 2, 3,4 - por ordem de importância) - a forma como você mais utiliza a Internet:

() como instrumento de pesquisa e estudo () para obtenção de informações gerais() para entretenimento () como instrumento de comunicação

6- Dos vários recursos e serviços oferecidos pela Internet qual o mais utilizado por você? (exemplo: Google, Google acadêmico, revistas online, sites de grupos de pesquisa, outros). Por quê?

SEÇÃO 3 - DADOS SOBRE AS PERCEPÇÕES DESSES USOS E INTERAÇÕES NO AMBIENTE EDUCACIONAL E NA PRODUÇÃO ACADÊMICA

1-De forma geral, que percepções você mantém sobre o papel das redes digitais, especialmente, da Internet?

2- Que percepções você tem sobre o lugar da Internet no ambiente educacional?

3- Que importância você atribui a Internet na produção acadêmica do seu núcleo ou grupo de pesquisa?

4- Na sua percepção quais são os principais aspectos positivos e negativos que ocorreu no ambiente educacional e na produção acadêmica a partir dos usos e interações com a Internet?

5- Você acha que os professores incentivam os alunos a utilizar a Internet? Como? Por quê?

SEÇÃO 4 - DADOS SOBRE AS TRANSFORMAÇÕES QUE OCORREM A PARTIR DAS ROTINAS DE USOS E DAS PERSPECTIVAS DE NOVAS PRÁTICAS INTERACIONAIS

1- Costuma conversar, trocar informações pela Internet com os colegas e alunos participantes de seu núcleo ou grupo de pesquisa? () Por quê?

2- Se sim, que ferramenta você mais utiliza (exemplo: e-mail, MSN, Orkut, Facebook, etc.)?

3- Na sua percepção, você pode construir novos conhecimentos a partir da circulação dos conteúdos midiáticos da Internet? Por quê? Como? Até que ponto a Internet é um lugar pertinente para a produção de conhecimento para a produção acadêmica?

4- Concretamente, que novas práticas de interação comunicacional você aponta como decorrente principalmente dos usos e interações que você mantém com Internet na produção acadêmica?

ANEXOS



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ**

Campus Universitário Ministro Petrônio Portella, Bairro Ininga, Teresina, Piauí, Brasil; CEP 64049-550
Telefones: (86) 3215-5511/3215-5513/3215-5516; Fax (86) 3237-1812/3237-1216;
Internet: www.ufpi.br

Resolução N° 106/09 – CEPEX - 02

Art. 2º. Os projetos de pesquisa elaborados no Núcleo devem passar por um parecerista especialista no assunto, oriundo do Departamento que mais se afine com o tema, antes de ser solicitado o cadastro na CGP/PRPPG.

Art. 3º. O Núcleo de Estudo ou Pesquisa aprovado nas instâncias competentes deverá ser cadastrado na Coordenação Geral de Pesquisa (CGP) da PRPPG;

I - O recredenciamento junto à CGP/PRPPG será anual após apreciação do relatório por parecerista designado pela PRPPG e ratificado pelo CEPEX;

II - O não cumprimento do disposto no inciso I deste artigo implicará no descredenciamento do Núcleo, sendo, portanto, extinto;

Art. 4º. Esta Resolução entrará em vigor na data de sua aprovação pelo Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão - CEPEX

Art. 5º. Revogam-se as disposições em contrário.

UNIDADE DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

RESOLUÇÃO 138/2012

O Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS analisou o projeto:

Projeto: Nº CEP 12/098 **Versão do Projeto:** 13/12/2012 **Versão do TCLE:** 13/12/2012

Coordenadora:


Doutoranda: Reia Sílvia Rios Magalhães e Silva (PPG em Comunicação)

Título: A Inscrição de Docentes e Discentes nos Processos Midiáticos: discursos e percepções dos sujeitos educacionais sobre usos/interações e contextos na produção acadêmica mediada pela Internet

Parecer: O projeto foi APROVADO, por estar adequado ética e metodologicamente, conforme os preceitos da Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde.

A pesquisadora deverá encaminhar relatório anual sobre o andamento do projeto, conforme o previsto na Resolução CNS 196/96, item VII.13, letra d. Somente poderão ser utilizados os Termos de Consentimento onde conste a aprovação do CEP/UNISINOS.

São Leopoldo, 13 de dezembro de 2012.


Prof. Dr. José Roque Junges
Coordenador do CEP/UNISINOS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Convidamos o(a) Sr(a) a participar como voluntário(a) da Pesquisa de Doutorado em Ciências da Comunicação (DINTER UFPI/UNISINOS), intitulada "A INSERÇÃO DE DOCENTES E DISCENTES NOS PROCESSOS MIDIÁTICOS: discursos e percepções dos sujeitos educacionais sobre usos/interações e contextos na produção acadêmica mediada pela Internet", sob a responsabilidade da pesquisadora Reia Silvia Rios Magalhães e Silva, professora efetiva do Departamento de Serviço Social da Universidade Federal do Piauí-UFPI, sob a orientação do Prof. Dr. Jairo Getúlio Ferreira, professor da UNISINOS.

A pesquisa busca refletir sobre a influência das tecnologias atuais, que vêm trazendo mudanças em todos os campos sociais. Nesse sentido, objetivamos apreender e analisar por meio das percepções e discursos sobre usos e contextos dos sujeitos educacionais como ocorre a inserção de docentes e discentes nos processos midiáticos.

A pesquisa será realizada com os agentes educacionais - professores e alunos - participantes dos núcleos e grupos de pesquisa do Departamento de Serviço Social da UFPI. Como você é um desses agentes, solicitamos sua participação para responder a um questionário e, posteriormente, participar de entrevista sobre suas percepções quanto ao papel da internet de acordo com suas vivências acadêmicas, a ser agendada conforme disponibilidade e gravada digitalmente.

Se, depois de consentir em sua participação, o(a) Sr(a) desistir de continuar participando da pesquisa, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento, independente do motivo e sem nenhum prejuízo. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas sua identidade não será divulgada. Para qualquer outra informação, o (a) Sr (a) poderá entrar em contato com a pesquisadora por e-mail (reiaros@hotmail.com) e por telefone (86)3232-7108 ou no celular 9908-1010. No caso de o(a) Sr(a) aceitar fazer parte do estudo, assine as duas vias deste documento. Uma delas é sua, e a outra ficará com a pesquisadora.

Teresina (PI), ____/____/____

Assinatura do (a) Participante

Assinatura da Pesquisadora Responsável

CEP - UNISINOS
VERSÃO APROVADA
 Em: 19 / 12 / 12
